

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

LÍLIAN MARTINS DE LIMA

**O BRASIL NA HISTORIOGRAFIA
INGLESA DOS ANOS JOANINOS**

FRANCA

2012

LÍLIAN MARTINS DE LIMA

O BRASIL NA HISTORIOGRAFIA INGLESA DOS ANOS JOANINOS

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Franca, como requisito para a obtenção do título de doutor em História. Área de Concentração: História e Cultura Social.

Orientador: Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França.

FRANCA
2012

Lima, LÍlian Martins de

O Brasil na historiografia inglesa dos anos joaninos / LÍlian Martins de Lima. –
Franca : [s.n.], 2012

165 f.

Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
Orientador: Jean Marcel Carvalho França

1. Brasil – História – D. João VI, 1808-1821. 2. Historiografia
inglesa – Período joanino – Brasil. I. Título.

CDD – 981.033

LÍLIAN MARTINS DE LIMA

O Brasil na historiografia inglesa dos anos joaninos

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Franca, como requisito para a obtenção do título de doutor em História.

Área de Concentração: História e Cultura Social.

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: _____
Dr. Jean Marcel Carvalho França

1º EXAMINADOR: _____

2º EXAMINADOR: _____

3º EXAMINADOR: _____

4º EXAMINADOR: _____

Franca, 2012.

A memória de meu pai.

A minha mãe que não deixou que
eu morresse.

“O século XIX, sobretudo em sua primeira metade, foi assim, no Brasil, o século inglês por excelência”.
Gilberto Freyre

AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese exige certo grau de isolamento e uma boa dose de disciplina. No entanto, outros ingredientes são necessários. Para o desenvolvimento da pesquisa que apresento nas páginas seguintes, contei com a generosidade de inúmeras pessoas e instituições. Sei, de antemão, que não darei conta de retribuir. Ficarei, portanto, com as palavras agradecida e grata, palavras que carregam graças. E são leves e solares.

Ao professor Jean Marcel Carvalho França, pela orientação dedicada durante todos esses anos e por me ensinar que algumas perguntas permanecerão sem respostas.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo fomento e ao parecerista *ad hoc* pelas críticas e sugestões. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida nos primeiros passos dessa pesquisa.

A Karina Anhezini e Denise Moura, pela leitura cuidadosa e pelas sugestões durante o exame geral de qualificação. Ao professor Anthony John Russell-Wood - *in memoriam* - da Johns Hopkins University, que, por ocasião do pedido de realização do estágio no exterior, avaliou meu projeto e fez observações esclarecedoras sobre o Império Britânico e seus laços com o Brasil. A Maria Castanheira, do Centro de Estudos Anglo-Portugueses, da Universidade Nova de Lisboa, pela atenção e gentileza durante minha pesquisa nos acervos portugueses.

A Lynda Pratt e Will Speck, da School of English Studies da University of Nottingham, pela imensa generosidade em sanar algumas lacunas sobre Robert Southey e a imprensa inglesa.

Aos amigos, pelas pequenas e grandes delicadezas durante todo esse período: Kátia Michelin : pela generosidade em todas as fases da escrita desse trabalho; Víncius Pires pela amizade e conversas sempre agradáveis; Laércio Tardochi, Danielle Padovani, Sabrina Rodrigues, Danielle Mércuri, Renato Mainente, João Victor Caetano, Elisa Verona, Gabriela Ventura, César Agenor e Maria Renata Duran: pelos inúmeros auxílios prestados e por me lembrar que a vida ultrapassa os limites da Academia.

Finalmente, aos meus familiares : meus pais e minha irmã por estarem sempre presentes e por me ensinarem que “para criaturas pequenas como nós, a vastidão só é suportável através do amor”.

LIMA, LÍlian Martins de. **O Brasil na Historiografia inglesa dos anos joaninos**. 2012. 165f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2012.

RESUMO

A escrita da história do Brasil foi alvo da atenção de letrados ingleses que, em meados do século XIX, redigiram narrativas intituladas *Histórias do Brasil*. Relatos de viajantes dos séculos anteriores, crônicas, entre outros, exerceram um papel crucial na escrita dessas histórias que buscavam apresentar ao leitor inglês as informações mais acuradas sobre os principais eventos de uma região que despertava cada vez mais a curiosidade europeia. A apresentação de certos episódios da história colonial, como o descobrimento e a ocupação holandesa dividem espaço com seções dedicadas à descrição das características geográficas e climáticas do extenso território brasileiro. Num período em que o conhecimento histórico não conhecia fronteiras rígidas, essas histórias oferecem ao público inglês a trajetória desde o descobrimento, com destaque para a presença holandesa, a atuação dos missionários jesuítas, até o episódio da chegada da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808. Apresenta também alguns capítulos dedicados aos territórios vizinhos, como Argentina, Paraguai e Uruguai, regiões cujos destinos estavam entrelaçados com os do Brasil. De trajetórias distintas porém com interesses comuns, as narrativas do físico Andrew Grant, do poeta Robert Southey e do diplomata James Henderson divulgam além de algumas curiosidades, uma interpretação do Brasil e de sua história. Mapear e analisar essas *Histórias do Brasil* e a compreensão divulgada nesses textos foi o eixo da presente tese de doutoramento.

Palavras – Chaves: Historiografia, Brasil, Ingleses

LIMA, LÍlian Martins de. **Le Brésil dans l'historiographie anglaise des années joanines**. 2012. 165 f. Thèse (Doctorat en Histoire) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2012.

RESUMÉ

L'écriture de l'histoire du Brésil a été but de l'attention des lettrés anglais. Vers XIX siècle, les anglais ont écrit des récits intitulés des *History of Brazil*. Récits des voyageurs des dernier siècles, chroniques, ainsi de suite, ils ont exercé un rôle crucial dans l'écriture de ces histoires qui présentaient au lecteur anglais les informations précises sur les principaux événements d'une région qu'excitait de plus en plus la curiosité européenne. La présentation de certains épisodes de l'histoire coloniale comme la découverte et l'occupation hollandaise divisent l'espace avec des sections dédiés à la description des caractéristiques géographiques et climatiques de vaste territoire brésilien. Dans une période où la connaissance historique ne connaissait pas de frontières rigides, ces histoires offrent au public anglais la trajectoire depuis la découverte, en soulignant la présence hollandaise, la performance des missionnaires jésuites, jusqu'à l'épisode de l'arrivée de la Cour Portugaise à Rio de Janeiro, en 1808. Le texte présente aussi quelques chapitres dédiés aux territoires voisins, comme Argentine, Paraguay et Uruguay, régions dont les destinations étaient entrelacées avec les territoires du Brésil. De trajectoires distinctes néanmoins avec intérêts communs, les récits du médecin Andrew Grant, du poète Robert Southey et du diplomate James Henderson divulguent en plus de certains curiosité, une interprétation du Brésil et de leur histoire. Interpréter et analyser ces *History of Brazil*, la compréhension divulguée dans ces textes a été l'essieu de présente thèse de doctorat.

Mot-clé : historiographie. Brésil, Anglais.

LIMA, Lílian Martins de. **The Brazil in the english historiography of joanino years.** 2012. 165 f. Doctoral dissertation in History- Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2012.

ABSTRACT

The writing of the history of Brazil was an object of attention of Englishmen that in the mid – nineteenth century composed narratives intitlled *History of Brazil*. Travellers narratives, chronicles and among others, had a crucial role in the writing process of this history that present to the reader the most accurate information about one of region that increasingly the European curiosity. The presentation of certain events of colonial history as the discovery and the dutch occupation share espace with the section dedicated to the description of the geographical and climatical characteristics of the extensive Brazilian territory. In a period which the historical knowledge did not know rigid borders, these historias offer to the English public the trajectory since the discovery with emphasis on dutch presence, the jesuitcs missionaries, until the episode of the transmigration of the Portuguese Court at the Rio de Janeiro, in 1808. Present too some chapters dedicated to the neighboring territories as Argentine, Paraguay and Uruguay, regions whose destiny were intertwined with those of the Brazil. From distints trajectories but common interests, the narratives of Andrew Grant’s, Robert Southey’s and James Henderson’s divulged beyond some curiosities, an interpretation of Brasil and its history. Map and analyze these *History of Brazil*, the comprehension disseminate in these texts was the purpose of this doctoral thesis.

Keywords: Historiography, Brazil, Englishman.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I A ESCRITA DA HISTÓRIA DO NOVO MUNDO: O CASO INGLÊS.....	17
1.1 O Novo Mundo e a historiografia inglesa.....	17
1.2 As Histórias Filosóficas da América.....	33
1.3 Os primeiros olhares ingleses sobre a América Portuguesa.....	48
CAPÍTULO II A PRESENÇA INGLESA NO BRASIL DO SÉCULO XIX.....	59
2.1 Portugueses, Ingleses e o Brasil.....	59
2.2 O Brasil nas publicações de língua inglesa.....	72
2.3 Uma cartografia do Brasil.....	77
CAPÍTULO III OS INGLESES E A HISTÓRIA DO BRASIL.....	101
3.1 Os autores, as trajetórias, os interesses.....	101
3.2 Como os ingleses interpretaram a história do Brasil.....	113
3.3 A repercussão das histórias do Brasil.....	134
CONCLUSÃO.....	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	149

INTRODUÇÃO

Mas inevitável é considerarmos a existência de outra categoria de pessoas dignas de nota, a tal respeito: a daqueles que, sem terem saído da Europa, em alguma medida se preocuparam com o Brasil, escreveram sobre ele e contribuíram para lhe dar diferentes colorações no campo da imaginação europeia.¹

A vasta produção escrita legada por europeus sobre os mais diversos aspectos da vida, da cultura e da história brasileira sempre chamou a atenção dos historiadores nacionais. Interessados em investigar o teor dos comentários publicados e divulgados sobre o país no estrangeiro, inúmeros foram aqueles que se dedicaram ao estudo do Brasil a partir desse *corpus documental* (panfletos, relatos de viagem, histórias gerais, etc), como o citado Pedro Moacyr Campos.

Logo no capítulo inicial do primeiro tomo da *História Geral da Civilização Brasileira*, Campos salienta que a compreensão da produção escrita sobre o Brasil legada por europeus no decorrer do século XIX ultrapassava o viés das relações econômicas e dos interesses materiais imediatos. O pesquisador que se dedicasse ao estudo das imagens do Brasil elaboradas, desde o século XVI, por europeus, segundo Campos, seria conduzido “ao mundo da imaginação, muito mais vago, movediço e fugidio, mas nem por isso menos significativo e no qual surgem, desenvolvem-se, modificam-se, interpenetram-se, sucedem-se as ideias”². Décadas antes, em 1940, Gilberto Freyre³ apresentava o projeto de escrever uma trilogia sobre a contribuição britânica para o entendimento do Brasil Oitocentista. A intenção de Freyre era produzir uma história social da influência britânica, destacando personagens até então negligenciados pelos estudiosos. É o conjunto dessas influências – materiais e, sobretudo, imateriais — que Freyre aborda em seu *Ingleses no Brasil*. O plano da trilogia, como sabemos, não foi concluído, e o sociólogo legou-nos somente ensaios, ensaios que buscavam aquilo que o pernambucano denominou “*aspectos esquecidos da influência britânica no Brasil do século dezenove*”.

Ainda que inspirado na empresa de Freyre, a presente pesquisa é bem mais limitada: buscamos aqui mapear e analisar a interpretação do Brasil, de sua cultura e de sua história proposta por três narrativas escritas por ingleses que, sob o título de

¹CAMPOS, Pedro Moacyr. Imagens do Brasil no Velho Mundo. IN: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (dir). **História Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil Monárquico- Tomo II, 1v. O processo de emancipação. São Paulo: Difel,1962, p.41.

² Ibidem, p.40.

³ FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil**. Aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948

histórias do Brasil, vieram a público na Europa ao longo das décadas iniciais do século XIX: a *History of Brazil* (1821), escrita pelo diplomata James Henderson, que residira alguns anos no Brasil; a *History of Brazil* (1809), de autoria do físico Andrew Grant; e a *History of Brazil* (1810, 1817 e 1819), do poeta laureado Robert Southey — os dois últimos escreveram sem terem nunca pisado nos trópicos. Buscamos, em resumo, estabelecer, por meio da análise de tais obras, um perfil do entendimento do Brasil pelos letrados ingleses da primeira metade do Oitocentos.

Num período em que o conhecimento histórico era alvo de enorme interesse de letrados, poetas, viajantes, diplomatas, entre outros homens de cultura, e gozava entre os europeus de grande prestígio no que tange à produção da verdade sobre outros povos, povos de além-mar, as iniciativas de Grant, Southey e Henderson podem auxiliar-nos a compreender o lento processo de construção do Brasil no repertório cultural europeu e, mesmo, de construção do Brasil no repertório cultural brasileiro, na medida em que a escrita de uma história nacional por nacionais, que se inicia nas primeiras décadas do Oitocentos, tem uma enorme dívida com os autores não nacionais. Afinal, antes do estabelecimento do Instituto Histórico e Geográfico, em 1837, marco dos estudos voltados para a escrita da história brasileira, inúmeros europeus haviam tentado registrar com sistematicidade o passado nacional.

O eixo desta pesquisa gira, pois, em torno de uma questão central: quais os contornos da interpretação do Brasil divulgadas nas páginas das *histórias do Brasil* redigida por ingleses durante o período joanino? Em última instância, nos defrontamos aqui com a construção de um entendimento do Brasil sob a perspectiva inglesa. Construção, porque partilhamos da crença de que o conhecimento histórico não é algo natural, dado, ao contrário, longe de ser uma operação natural de apreensão de uma suposta realidade, comporta procedimentos de seleção e de organização do mundo que respondem a uma determinada concepção de verdade. Os discursos historiográficos, em nossa perspectiva de análise, devem ser considerados sobre essa faceta que elucida a historicidade da escrita da história.

É verdade que abordar a história do Brasil através de autores ingleses oitocentistas não é uma novidade na historiografia brasileira. Em 1974, Maria Odila Leite Dias publicou o seu *Robert Southey, o fardo do homem branco*, onde declara

Tivemos a intenção de estudar o modo pelo qual os valores do conservadorismo inglês e do humanitarismo autoritário, que caracterizam a política colonial da primeira metade do século XIX, tornaram possível uma primeira sistematização das fontes sobre a

história colonial brasileira e uma primeira interpretação peculiar das perspectivas que oferecia o Brasil para transformar-se em nação independente, na época da sua separação de Portugal.⁴

O objetivo aqui proposto é outro; a obra de Southey será analisada e comparada com a de outros autores ingleses do período que também tiveram o Brasil como tema, não para constatar a existência de uma suposta mentalidade conservadora do inglês ou para apontar quais seriam os valores europeizantes que marcaram presença na historiografia brasileira oitocentista, mas, sim, para simplesmente descrever de que modo a história do Brasil foi interpretada e divulgada pelos ingleses nas décadas iniciais do século XIX; trata-se, em linhas gerais, de um estudo serial e comparativo entre três narrativas, que busca estabelecer um padrão no que diz respeito à construção do Brasil e ao entendimento de sua história, um estudo descritivo, sem a preocupação com conceitos como *conservadorismo inglês* ou *humanismo autoritário*, indispensáveis numa análise como a proposta pela historiadora Maria Odila Leite Dias.

Outro pesquisador nacional que também se ocupou da obra de Robert Southey foi Temístocles César⁵. O historiador, no seu *O poeta e o historiador : Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX*, procura demarcar os contornos e a dimensão da influência da obra de Southey na composição da *história* de Francisco Adolfo de Varnhagen. Interessado no exercício da escrita da história no Brasil do século XIX, César detecta uma forte presença do inglês na obra do Visconde de Porto Seguro, entre outras coisas, no uso sistemático que este faz dos recursos poéticos, tão caros a Southey: o enfoque de César, como se pode perceber, recai sobre a discussão acerca dos contornos que a experiência histórica ganhou entre os membros do IHGB, em especial na obra de Varnhagen — distantes, pois, do enfoque que propomos aqui.

Dentre as pesquisas empreendidas sobre a escrita da história no Brasil é importante destacar também a produção de Manoel Salgado Guimarães. Ao dedicar sua atenção ao papel do IHGB na construção de uma história pátria, Guimarães alertou para a historicidade da própria escrita da história nacional. Ao abordar o que denomina *textos de fundação* de história brasileira – os ensaios de Januário da Cunha Barbosa e de outros autores do Oitocentos – Guimarães pondera:

⁴ DIAS, Maria Odila Leite. **Robert Southey: o fardo do homem branco**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1974.

⁵ CEZAR, Temístocles. O poeta e o historiador: Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX. **História Unisinos**, v.11, p. 306-312, 2007.

Lê-los a partir de sua historicidade é reconhecer também as tensões, as disputas que silenciosamente os configuram, abrindo mão de vê-los como superfície sem arestas, unidades constituídas pela vontade de um autor que lhes transfere um sentido de unicidade. Repensá-los é, talvez, um exercício de historiografia”⁶.

A descrição que ora propomos não é diretamente devedora da obra de Guimarães, mas, sem dúvida, ao interrogar acerca do papel dos historiadores ingleses na construção da história local, não desconsidera as suas preocupações com a historicidade da história escrita no Brasil.

Embora voltada para o universo hispano-americano, as considerações de Jorge Canizares-Esguerra em *Como escrever a história do Novo Mundo* colaboraram em muito para que pudéssemos pensar o mundo britânico, suas possessões americanas e a escrita da história da América. Em resposta à obra de Antonello Gerbi⁷ Esguerra promove um estudo dos debates que tiveram lugar no século XVIII entre os detratores do continente novo – Cornelius de Pauw, Buffon, etc. – e os seus admiradores, como Benito Maria de Moxo y Francoli. Esguerra traz uma enorme contribuição aos estudos de história da historiografia ao reavaliar os debates travados no século XVIII e a relacioná-los com a emergência, no mundo hispano-americano, de uma historiografia patriótica no século seguinte, processo muito semelhante ao que vislumbramos em relação ao caso brasileiro.

A dívida maior deste estudo, porém, é sem dúvida com a mencionada obra de Gilberto Freyre; seus ensaios sobre os aventureiros ingleses que, no decorrer do Oitocentos, povoaram a vida e o imaginário dos brasileiros colaboraram decisivamente para que pudéssemos pensar o legado britânico no campo da escrita da história brasileira. As reflexões que bem ou mal elaboramos — todas, vale salientar uma vez mais, dirigidas para o esquadrinhamento daquele Brasil composto pelos ingleses que se ocuparam da história do país nas décadas iniciais do oitocentos — seguiram o caminho que passamos a descrever.

No capítulo I, apresentamos as linhas gerais da produção escrita em língua inglesa sobre o Novo Mundo ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII. Enquanto espanhóis e portugueses produziram crônicas, panfletos e textos de divulgação já em meados do século XVI, a hesitação em investir grandes somas numa empreitada cercada

⁶ GUIMARAES, Manoel Salgado. Uma história da história nacional: textos de fundação. In: STOLZE, Ivana; LIMA, Laura do Carmo. (org). **História social da língua nacional**. 1.ed. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 412.

⁷ GERBI, Antonello. **O Novo Mundo: história de uma polêmica**, 1790-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Publicado originalmente em italiano no ano de 1955.

por incertezas, entre outros fatores, levou os ingleses a elaborarem obras sobre essa temática somente a partir da segunda metade do século XVI. A apreciação dessa produção é um percurso não apenas necessário, como crucial para a compreensão de um componente basilar da perspectiva que propomos, a saber: a elaboração de uma identidade nacional inglesa articulada com o mundo atlântico, identidade que terá um importante papel na escrita dos livros que, séculos depois, em meados do Oitocentos, tematizaram sobre o Brasil. A produção textual inglesa sobre os territórios da Nova Inglaterra, Virgínia, dos territórios caribenhos, como procuraremos demonstrar, busca não apenas incentivar a ida de colonos para o Novo Mundo, como, também, constrói, para consumo interno e externo, uma perspectiva da participação inglesa no processo de colonização da América que será repetida durante séculos. Ao longo desse lento processo, a hesitação inicial inglesa cede lugar para uma atuação intensa, pautada na ideia de *improvement*, de compromisso com o melhoramento do cenário encontrado logo a partir dos primeiros contatos.

A construção da identidade inglesa no atlântico implicou também na avaliação da atuação ibérica, sobretudo espanhola: confrontados com os zelosos e industriais ingleses, os espanhóis pouco tinham a oferecer às suas possessões. Na sua escrita da história do Novo Mundo, os ingleses se viram forçados a se distinguirem dos demais reinos que participavam da aventura e, já no século XVIII, após produzirem uma série de narrativas que realizam um balanço das primeiras e frustradas experiências de colonização, autores como William Robertson lançam as primeiras histórias da América escritas nos moldes filosóficos ingleses. Publicada em 1777, a obra do referido Robertson, uma tentativa de compreender a história do novo continente e de integrá-la na “história universal”, será o ponto de partida para a escrita de relatos e das histórias que vieram a tona nas décadas seguintes.

O capítulo II desdobra um dos muitos aspectos mencionados no capítulo anterior e se dedica ao mapeamento e análise da produção escrita em língua inglesa dedicada ao Brasil, desde o século XVI. Detecta-se aí, como irá constatar o leitor, que boa parte das interpretações sobre o Brasil legadas por corsários, viajantes, curiosos e outros ingleses apoia-se largamente na produção escrita dedicada à Nova Inglaterra, Virgínia, Barbados ou às Bermudas, produção ao longo da qual os ingleses construíram uma interpretação da presença ibérica no Novo Mundo. A identificação dos ibéricos como povos preguiçosos, lascivos, incapazes de realizar um *melhoramento* no cenário americano será o eixo norteador das obras de John Mawe, George Gardner, Maria Graham, William

Hadfield, Charles Bunburry, entre outros. Ao utilizar esses textos procuramos destacar os múltiplos interesses que ligavam ao Brasil ingleses com trajetórias de vida variadas. Destacamos que essa série documental produzida em diferentes momentos do século XIX pode ser parcialmente vislumbrada nas *histórias do Brasil* escritas por Grant, Southey e Henderson, onde nos deparamos com trechos, por vezes imensos, de Thomas Lindley, Henry Koster, John Luccock, entre outros.

Finalmente, depois deste mapeamento de “pressupostos”, no capítulo III, busco descrever acurada e comparativamente as três narrativas, intituladas *Histórias do Brasil*, elaboradas entre os anos de 1809 e 1821 por autores ingleses (o físico Andrew Grant, o viajante e diplomata James Henderson e o poeta Robert Southey) e traçar os contornos da interpretação da história brasileira aí divulgados.

Buscamos, em primeiro lugar, apresentar, na medida do possível, a trajetória de cada autor e os contatos que eventualmente mantiveram entre si. Em seguida, procuramos responder às seguintes questões: a) quais são os episódios que mereceram destaque nas histórias do Brasil escritas em inglês? b) quais os seus pontos de divergência e de aproximação? c) é possível estabelecer um perfil para estas histórias e, em caso afirmativo, qual é o perfil da história do Brasil redigida e publicada por ingleses no limiar do século XIX?

Logo nas páginas iniciais dessas obras, os autores explicitam o crescente interesse despertado no mundo anglófono por notícias sobre o Brasil. Grant e Henderson dedicam suas narrativas aos mercadores, mas não restringem seu público leitor, ao contrário, apontam que, em muitos trechos, as descrições podem parecer enfadonhas para um leitor interessado somente nas especulações comerciais, no entanto, são de grande interesse para o leitor comum. O formato dessas publicações que contavam muitas vezes com trechos de viajantes dos séculos anteriores, apêndices com informações médicas e/ou botânicas, nos dá uma amostra das características dessas *histórias* que buscavam informar sobre a trajetória do país, mas não deixavam de inserir alguns dados e comentários curiosos sobre o clima, os costumes e a vida nos trópicos.

A incursão nessas *histórias* evidenciou uma interpretação sobre o Brasil, seus habitantes e sua cultura fortemente apoiada nos inúmeros relatos de viagem que, desde o século XVI, tematizaram sobre o país.

CAPÍTULO I

A ESCRITA DA HISTÓRIA DO NOVO MUNDO: O CASO INGLÊS

A experiência americana atribuiu uma realidade totalmente nova para a historiografia.

Antonello Gerbi⁸

1.1O Novo Mundo e a historiografia inglesa

O surgimento de uma produção escrita, em língua inglesa, acerca dos territórios do Novo Mundo data da segunda metade do século dezesseis⁹. Segundo J. H. Elliot, a partir de 1550, é possível mapear os tímidos mas constantes esforços que, no decorrer do período elisabetano, deram origem – na forma de relatos de viagem, panfletos, panegíricos, poemas, etc. – a um conjunto de escritos interessados não somente em descrever o cenário americano, mas também em avaliar as suas potencialidades¹⁰.

Depois das primeiras divulgações das *terras incógnitas* – feitas principalmente por portugueses, espanhóis e italianos –, corsários, viajantes, mercadores e aventureiros ingleses começaram a propagar suas impressões sobre o evento, que era saudado com entusiasmo por alguns e visto com receio por outros. Tal lentidão no processo de incorporação do cenário americano pelos ingleses – se comparado ao processo espanhol, por exemplo – pode ser compreendido se levarmos em conta, entre outros fatores, a sua inicial resistência dos ingleses em participar da aventura colonial. Ou melhor, a hesitação em investir grandes somas num empreendimento que suscitava muitas dúvidas quanto às suas potencialidades de lucro, como indicam os comentários

⁸ GERBI, Antonello. **O Novo Mundo**: história de uma polêmica (1750-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁹ BURKE, Peter. America and the rewriting of world history. In: KUPPERMAN, Karen. **America in European Consciousness**, 1493-1750. Chappel Hill/NC: University of North Carolina Press, 1995; ARMITAGE, David. The New World and british historical thought. In KUPPERMAN, Karen. Op. cit; ELLIOT, John H. **The Old World and the New**, 1492-1650. Cambridge: Cambridge U. Press, 1992; FULLER, Mary. **Voyages in print**: English travel America, 1576-1624. Cambridge: Cambridge U. Press, 1995.

¹⁰ De acordo com Jack Greene, essa literatura “se concentrava muito na descrição dos espaços físicos que dada colônia viria a ocupar e na formulação de propostas para um uso eficiente desse espaço. [...] Especulavam sobre que produtos então em demanda do lado oriental do Atlântico poderiam ser lá cultivados e imaginavam como aquele espaço físico específico poderia ser adaptado aos desígnios ingleses”. Cf. GREENE, Jack P. Reformulando a identidade inglesa na América Britânica colonial: adaptação cultural e experiência provincial na construção de identidades corporativas. **Almanack Braziliense**, São Paulo, n. 4, p. 12, nov. 2006

debochados de Ralph Hamor¹¹ referentes às possibilidades reais de encontrar as tão propagadas minas de ouro e prata.

Mas, apesar de disperso e discreto, o impacto dos territórios do Novo Mundo fez-se presente entre os súditos do reino inglês¹². Da primeira menção em língua inglesa à América – oriunda da tradução da obra de Sebastian Brandt, *The ship of the fools*, em 1511 – até a redação das *Histórias do Brasil*, entre os anos de 1809 a 1821, desenrolou-se um longo e contínuo processo de interpretação do mundo americano, processo que teve virtudes e vícios.

Inicialmente, são breves menções que atentam para a existência de novas terras repletas de seres e paisagens fantasiosas; aos poucos, o cenário americano, divulgado nas páginas de inúmeros viajantes, missionários e curiosos, adquire sobriedade e passa a impulsionar a realização de diversos projetos de viagens marítimas – que, no caso inglês, ganham corpo com as viagens de Giovanni Caboto, Martin Frobisher e Walter Raleigh.

A produção escrita levada a cabo nesse período é a responsável não somente pela apresentação do Novo Mundo ao público inglês, como também pela promoção da participação do mesmo nos negócios de além-mar. Tal característica é marcante nessa produção, que tem a missão de tornar familiar um mundo até aquele momento desconhecido – familiar ao ponto de ingleses, escoceses e demais súditos da Coroa embarcarem num porto inglês qualquer, como o de Bristol, por exemplo, em direção às novas terras.

Na tentativa de fornecer o maior número possível de informações e dados geográficos sobre a “América”, esses textos se esmeram na descrição das condições climáticas, da fauna e da flora do lugar, dos nativos que o habitavam e das possibilidades comerciais de artigos como peixes, madeiras, frutas, etc. É interessante notar que a menção à possível descoberta de metais preciosos é pequena e tende, com o passar dos anos – notadamente a partir do século XVII –, a perder espaço para uma

¹¹Hamor aponta em 1615 que até aquele momento os ingleses haviam se deparado apenas com recursos como alumínio .Cf .JEHLEN, Myra; WARNER, Michael .(ed) .**The English Literature of America** .1500-1800 .New York: Routledge,1997 .

¹²Numa perspectiva diversa da de Peter Burke, definida pelo próprio autor como “minimalista”, acreditamos que, a partir da segunda metade do século dezesseis a referência ao mundo americano, ainda que expressa de forma breve e indefinida, não pode ser minimizada.

espécie de listagem das *commodities* a serem comercializadas e para considerações sobre os procedimentos necessários para uma ocupação *efetiva* do Novo Mundo.¹³

O primeiro passo nesse processo é dado com a viagem de Giovanni Caboto, apontada, já no século XVI, pelo editor de relatos de viagem Richard Hakluyt¹⁴ como o marco inicial da participação inglesa na aventura em terras do Novo Mundo. Mercador de origem genovesa, Caboto realizou, a serviço do rei da Inglaterra, uma série de viagens em 1497 para a região conhecida como Newfoundland¹⁵, com o intuito de descobrir uma passagem para o oeste que permitisse uma comunicação mais eficaz dos mercadores ingleses com as Índias Orientais.

Meio século mais tarde, em 1555, Richard Éden, na tradução que fez da obra *Decades of the New World*, de Peter Martyr, além dos comentários sobre as potencialidades físicas das novas terras, salienta a urgência em ocupar os imensos territórios do Novo Mundo, territórios desprovidos de uma população cristã, que se ofereciam aos ingleses.

Yet one thing I see which enforceth me to speak and lament: that the harvest is so great and the workmen so few. The Spaniards have showed a good example to all christian nations to follow. But as God is great and wonderful in all his works, so besides the portion of land pertaining to the spaniards, being eight times bigger than Italy [...] and besides that which pertaineth to the portuguese, there yet remaineth another portion of that mainland reaching towards the northeast, thought to be as large as the other and yet known only the sea coasts, neither inhabited by any christian men.¹⁶

¹³ Tal característica será apontada pelos autores do século XVIII como um elemento de distinção da atuação inglesa no Novo Mundo. O historiador Anthony Pagden observa que “confusedly at first and then with religious, and invariably self-righteous zeal, they abandoned the vision of El Dorado and Spanish-style kingdoms overseas for that of ‘colonies’ and ‘plantations’ places, that is, which would be sources not of human or mineral but of agricultural and commercial wealth”. Cf. PAGDEN, Anthony. *The struggle for legitimacy and the image of Empire in the Atlantic to c. 1700*. In: CANNY, Nicholas. (ed) *The Oxford History of the British Empire*. Oxford: Oxford University Press, vol 1, p. 36, 2001.

¹⁴ Richard Hakluyt aponta em sua obra prima, *The Principal Navigation of the English People*, a participação de Caboto a serviço do reino inglês como um evento que concede um caráter legal as pretensões inglesas nos territórios americanos. Anos depois, as coleções de relatos de viagens organizadas por Samuel Purchas apresentam as viagens de Caboto como pioneiras e, portanto, o descobrimento era mérito deste e não de Vespúcio ou Colombo, como era amplamente divulgado, afinal. “Sir Sebastian Caboto, we have already mentioned in the former Book, as a great discover of that, which most justly should have been called Columbina, and great deal better might have been stiled Cabotiana then America, neither Vesputius nor Columbus having discovered half so much of the Continent of the new World North as he[...]”. Cf. PURCHAS, Samuel. *Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes*. Glasgow: Hakluyt Society, 1907-1910, v. 4, p. 1157.

¹⁵ Essa região corresponde atualmente à costa nordeste do Canadá.

¹⁶ “Uma coisa que vejo e considero necessário falar e lamentar: a colheita é tão grande e os trabalhadores são poucos. Os espanhóis tem mostrado um bom exemplo para todas as nações cristãs. Mas como Deus é tão grande e maravilhoso em toda a sua obra, além da porção de terra pertencente aos espanhóis, sendo oito vezes maior do que a Itália [...], e além do que pertence ao reino português, ainda resta uma outra parte deste continente em direção ao oeste, tão grande quanto às outras partes, conhecido apenas pela costa do mar e não habitado por nenhum homem cristão” Cf. EDEN, Richard. *Decades of the New*

Já em 1576, Martin Frobisher, interessado em encontrar uma passagem a noroeste para a China, realiza duas viagens, cujas agruras¹⁷ e as impressões sobre os habitantes encontrados são descritas por Christopher Hall. Sobre esses últimos, cabe notar que como boa parte de toda essa produção textual dedicada ao Novo Mundo, inclusive a descrição de seus habitantes, é pautada nos vocábulos e comparações com povos antigos, como romanos ou então com populações do Oriente¹⁸. Na viagem realizada no ano seguinte, Frobisher reavalia as dimensões físicas da região, especialmente o clima, que aparenta ser mais temperado, e uma extensa faixa de água, que sugere uma dimensão maior do que a imaginada para aqueles territórios.¹⁹

Outra personagem notável nessa aventura inglesa foi Sir Humphrey Gilbert²⁰ que, em 1578, após receber da rainha uma carta patente concedendo a autorização para “to discover, find, search out, and view such remote, heathen and barbarous lands, countries and territories not actually possessed of any christian prince or people”²¹, realiza duas viagens – da qual só temos conhecimento da última, realizada em 1583, através das anotações de Edward Hayes, que deu origem ao livro *Voyage to Newfoundland*. Esse relato atenta primeiramente para a legitimidade da empreitada, uma vez que a região havia sido descoberta por Giovanni Caboto a serviço do reino inglês²². Em seguida, destaca as inúmeras riquezas lá encontradas – como madeira, peixes, entre outras – e a ausência de habitantes ou a presença de selvagens mansos. Esperava-se que tais descrições, uma vez divulgadas entre o público inglês, estimulariam a participação nos negócios de ultramar.

World: from translation of Peter Martyr .In: JEHLLEN, Mary; WARNER, Michael (ed) .Op .cit, p . 50 . Tradução minha.

¹⁷“The seventh day of this month we had a very terrible storm, by force whereof, one of our men was blown into the sea out of our waste, but he caught hold of the foresail sheat, and there held till the Captain put him again into the ship” .Cf .BEST, George; COLLISON,Richard .**The three voyages of Martin Frobisher** .London: Haluyt Society, 1867,p . 95 .

¹⁸Cf .GREENBLATT, Stephen .**Marvelous Possessions** .The Wonder of the New World .Chicago: University of Chicago Press, 1991; CANIZARRES-ESGUERRA, Jorge .**How to write the history of theNew World .Histories, Epistemologies, and Identities in the Eighteenth-Century Atlantic World** .Stanford: StanfordUniversity Press, 2001 .

¹⁹“It seems that either here, or not far hence, the sea should have more large entrance, then in other parts within the frozen or untemperate Zone: and that some contrary tide, either from the East or West, with main force cast out that great quantity of ice, which come flot from this coast, even unto Friseland, causing that Countryseems more untemperate then others, much more Northerly then the same” .Cf .COLLISON, Richard . Op .cit, p . 178 .

²⁰GILBERT, Humphrey .**Voyage to Newfoundland** by Edward Haies .New York: Collier and Son Company, 1910 .

²¹“[...]descobrir, encontrar, procurar em remotas, pagãs e bárbaras terras, regiões e territórios ainda não tomados por algum príncipe ou povo cristão” [...]” . GILBERT, Humphrey .Op .cit, s . p .

²²Essa se constituirá em um dos tópicos da produção escrita inglesa desse período, em outras palavras, a afirmação do direito inglês de tomar posse desses territórios .

In the south parts we found no inhabitants, which by all likelihood have abandoned those coasts, the same being so much frequented by Christians; but in the north are savages altogether harmless. Touching the commodities of this country, serving either for sustentation of inhabitants or for maintenance of traffic, there are and may be made divers; so that it seems that nature hath recompensed that only defect and incommmodity of some sharp cold, by many benefits; namely, with incredible quantity, and no less variety, of kinds of fish in the sea and fresh waters, as trouts, salmons, and other fish to us unknown. We could not observe the hundredth part of creatures in those uninhabited lands; but these mentioned may induce us to glorify the magnificent God, who hath super-abundantly replenished the earth with creatures serving for the use of man, though man hath not used the fifth part of the same [...], which the more doth aggravate the fault and foolish sloth in many of our nation, choosing rather to live indirectly, and very miserably to live [...] than to adventure as become the men, to obtain an habitation in those remote lands, in which nature very prodigally doth²³

Em outro texto, Gilbert apresenta a posse desses territórios como algo que representava “um grande avanço para nosso reino, uma possibilidade maravilhosa de enriquecimento com indizíveis *commodities* para todos os habitantes da Europa”.

They found the same very temperate, but somewhat warmer then England at that season of the year, replenished with [...] Fish of sundry sort, both in the salt water, and in the fresh, in so great plenty as might suffice to an Army [...]. Voyage lately enterprised, for trade, traffique, and planting in America, is an action tending to the lawfull enlargement of her Majesties Dominions, commodious to the whole Realm in general, profitable to the adventurers in particular, beneficial to the Savages, and a matter to be attained without any great danger or difficulty. And lastly, (which is most of all) A thing likewise tending to the honour and glory of Almigh God²⁴

²³“No sul não encontramos habitantes, os quais provavelmente abandonaram essas costas, tão frequentadas por cristãos, porém, no norte, os selvagens são completamente inofensivos. No que diz respeito aos produtos dessa região, que servem tanto para o sustento dos habitantes ou para o tráfico, há muitos e diversos, parece que a natureza recompensou o frio acentuado com muitos benefícios, nomeadamente com uma inacreditável quantidade e não menor variedade de peixes de mar e de água doce, como trutas, salmões e outros peixes por nós desconhecidos[...] . Não foi possível observar a centésima parte dos animais nessas terras desabitadas mas esses podem induzir-nos a glorificar o magnífico Deus que tem abundantemente provido a terra com animais a serviço do homem, embora esses não tenham usado nem a quinta parte [...] . O que tem agravado[essa situação] é uma tola preguiça em muitos de nosso reino, ao preferir viver indiretamente e de forma miserável do que se aventurar para conseguir uma habitação nessas terras remotas nas quais a natureza muito prodigiosamente age ” . Cf .GILBERT, Humphrey .Op .cit, p . 59 .

²⁴“[...]encontraram o mesmo clima temperado, mas um pouco mais quente do que a Inglaterra nessa época do ano, repleto de peixes de diferentes sortes, tanto de água salgada como de água doce [...] que poderia ser suficiente para um exército .As viagens empreendidas recentemente para o comércio e o estabelecimento de colonos na América é uma ação que tende ao alargamento dos domínios legais de sua Majestade, cômodo para todo o Reino em geral, rentável aos aventureiros em particular, benéfica aos selvagens e uma matéria a ser executada sem grande perigo ou dificuldade .E, finalmente, acima de tudo, algo que tende igualmente à honra e glória de Todo Poderoso Deus .Ibidem, p . 121 .

Como se vê, segundo Gilbert, todo o reino seria beneficiado, mas, para tanto, não bastava apenas conhecer as condições físicas da América, era preciso ocupar efetivamente a mesma, colonizá-la. Anos mais tarde, em 1595, o meio irmão de Gilbert, Sir Walter Raleigh²⁵, realiza uma viagem para a Guiana²⁶, que resulta num relato intitulado *The Discovery of the large, rich, and beautiful Empire of Guiana*. Raleigh, conhecido por ser um dos favorecidos durante o reinado de Elizabeth²⁷, procura se defender das acusações de traição²⁸ e elucida todo seu empenho em encontrar o chamado *El Dorado*, uma região rica em metais preciosos, prometendo à rainha a posse de um império tão lucrativo quanto as possessões espanholas no México e no Peru.²⁹

Até esse momento, deparamo-nos com breves e esparsas anotações e relatos de viagem que procuram descrever os aspectos físicos, tais como o clima, a hidrografia, a fauna, etc. do Novo Mundo, e que chamam a atenção para as imensas e satisfatórias possibilidades de exploração e de ocupação do território por súditos do reino inglês. Nesse processo, coube a Richard Hakluyt o esforço de *sistematizar* de que forma os ingleses deveriam *efetivamente* proceder. Não por acaso, na história da atuação inglesa no Novo Mundo, a figura do editor Richard Hakluyt ocupa um lugar central. Altamente empenhado em promover entre os ingleses o interesse por novos territórios, Hakluyt redige, em 1584, o *Discourse of the western plantation*³⁰, texto no qual salienta as imensas e ricas oportunidades que o Novo Mundo oferecia – desde condições naturais favoráveis para uma vida mais saudável, até os inúmeros produtos cuja comercialização prometia rendimentos consideráveis. Ao longo de mais de vinte sessões, Hakluyt lista o extenso rol de produtos cuja comercialização indicava uma nova alternativa para os mercadores ingleses, preocupados que estavam com a concorrência dos franceses e espanhóis. Além dessas vantagens, o editor inglês destaca ainda mais duas razões de interesse na colonização das novas terras: a expansão da fé protestante e a urgente

²⁵ RALEIGH, Walter. **The Discovery of the large, rich, and beautiful Empire of Guiana**. London: Richard Hakluyt Society, 1848.

²⁶Corresponde atualmente à costa venezuelana.

²⁷Cf. MILLER, Shannon. **Invested with meaning**: the Raleigh circle in the New World. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1998; FULLER, Mary. **Voyages in print**: English travel to America, 1576-1624. Cambridge: Cambridge University Press, 1995; CHAMBERS, Douglas. **The Reinvention of the World**. English Writing, 1650-1750. London: Arnold/Hodder Headline Group, 1996.

²⁸Acusado no reinado de Jaime I de planejar uma conspiração, Raleigh foi condenado a treze anos de prisão, entre os anos de 1603-1616, período no qual redigiu a obra *History of the World*.

²⁹“Those commanders and chieftains that shoot at honour and abundance shall find there more rich and beautiful cities, more temples adorned with golden images, more sepulchres filled with treasure, than either Cortez found in Mexico or Pizarro in Peru. And the shining glory of this conquest will eclipse all those so far-extended beams of the Spanish nation”. RALEIGH, Walter. Op. cit, s. p.

³⁰ HAKLUYT, Richard. **Discourse of Western Planting**. Cambridge: Press of John and Wilson Son, 1877.

necessidade do reino inglês rivalizar com a Espanha no *comando* dos territórios do Novo Mundo.

[...]by what means and by whom this most godly and Christian work may be perfourmed of enlaringe the glorious gospel of Christ and reducing of infinite multitudes of these simple people that are in error into the right and perfect way of their salvation. [...]. Then it is necessary for the salvation of those poorpeople which have sit so long in darkness and in the shadow of death, that preachers could be sent unto them. [...] America cry out us, their next neightbour to come and help them and bring unto them the gospel³¹

Quanto à concretização da ideia da superioridade inglesa frente aos rivais espanhóis, Hakluyt enfatiza as inúmeras vantagens de seu reino, com destaque para a sua longa tradição na empreitada marítima, uma vez que, trezentos anos antes de Colombo, navegadores ingleses já conheciam o território que seria denominado séculos mais tarde de América. Ou seja, longe de ser ilegal, a presença inglesa ali era legítima.

We, of England, have to show very ancient an authentic chronicles written in the Welsh or British tongue [...]. [We] made two voyages out of Wales & discovered a large countries which he found in the main ocean southwestward of Ireland in the year of our lord 1170... And this is confirmed by the language of some of those people that dwell upon the continent between the bay of Mexico and the great bay of Newfoundland, whose language is said to agree with the Welsh in divers words and names of places by experience of some of our nation that have been in those parts. By this testimony it appears that the west indies were discovered and inhabited 322 years before Columbus made his first voyage which was in the year 1492[...].³²

Hakluyt não é o único a reivindicar um suposto pioneirismo inglês nas viagens marítimas, no entanto, coube a ele a redação de uma obra que apresentava um projeto de ocupação inglesa nas terras do Novo Mundo. Sua preocupação com o avanço e as fortunas adquiridas por mercadores e viajantes para a Coroa espanhola o faz esboçar uma trajetória de ação que possibilitaria reverter esse cenário para o lado inglês. No

³¹ “[...]por quais meios e por quem o mais bondoso e cristão trabalho pode ser realizado para difundir o glorioso evangelho de Cristo e reduzir a multidão desse povo simples que estão no erro para dentro do correto e perfeito estado de salvação [?] [...] .Então é necessário para a salvação desses pobres povos, que durante tanto tempo estiveram na escuridão e na sombra da morte, que pregadores sejam enviados à eles [...] .A América clama para que seus vizinhos próximos venham, ajudem e tragam à eles o evangelho .” .HAKLUYT, Richard .Op . cit, p . 11 .

³² “Nós, da Inglaterra, temos mostrado antigas e autênticas crônicas escritas em galês ou em língua britânica .[...] .Nós fizemos duas viagens fora de Gales e descobrimos extensas regiões que encontramos a sudoeste da Irlanda no ano de nosso senhor 1170 .E isso foi confirmado pelo idioma de alguns povos do continente entre a baía do México e a grande baía de Newfoundland, cujo idioma é semelhante ao gaulês em diversas palavras assim como os nomes de lugares, [o que evidencia] que alguns de nosso reino estiveram nessas partes .Por esse testemunho, parece que as Índias Ocidentais foram descobertas e desabitadas 322 anos antes de Colombo fazer sua primeira viagem que ocorreu no ano de 1492 [...] Ibidem, p .15 .

entanto, Hakluyt precisaria, antes de tudo, vencer a apatia dos seus compatriotas nesse processo.

Além do apego a uma suposta “tradição” inglesa nos negócios em alto mar, Richard Hakluyt aponta algumas deficiências da administração espanhola³³ em suas possessões americanas – como a ausência de fortificações e de qualquer aparato defensivo –, possessões que deveriam ser exploradas pelos ingleses. Afinal, “*se tomarmos as Índias [Ocidentais], apoderamo-nos da menina dos olhos [dos espanhóis]*.”³⁴ Nesse sentido, a fragilidade defensiva espanhola somada à tradição dos ingleses fornecia um cenário cada vez mais favorável para esses últimos, que no parecer de Hakluyt, estavam destinados a assumir um lugar de destaque no Novo Mundo. Com um cenário profícuo, Hakluyt não compreendia o porquê da relutância inglesa em investir nos territórios do Novo Mundo. Daí, por certo, o tom de urgência do seu *Discourse*, no qual cobra mais ação por parte dos ingleses.

But forasmuch as this a matter of great importance and a thing of so great gain as foreign prince this one thing is to be is the matter of planting [colonies] and fortification. [...] If we do procrastinate the planting (and where our men have now presently discovered and found it to be the best part of America that is left and in truth more agreeable to our natures, and more near unto us than Nova Hispania), the French, the Normans, the Britons or the dutch or some other nation will not only prevent us; of the mighty Bay of St. Lawrence where they have gotten the start of us already, though we had the same revealed to us by books published and printed in English before them [...].³⁵

A crença nas *extraordinárias oportunidades* que o estabelecimento de colonos oferecia para a expansão da fé e para o fortalecimento do reino inglês perpassa toda a produção escrita do período. Ao comparar os estabelecimentos espanhóis e portugueses, o editor inglês é enfático acerca das possibilidades de êxito dos súditos de Elizabeth, afinal “se eles [espanhóis], na sua superstição, fizeram tão grandes coisas em suas

³³ “[...] we read not of past two or three places well fortified as Santo Domingo in Hispaniola and Havana in Cuba: I may therefore conclude this matter with comparing the Spaniards to a drum or an empty vessel, which when it is smitten upon yields a great and terrible sound and that afar off, but come near and look into them, there is nothing in them [...] we shall make the Spaniards ridiculous to all Europe.” Ibidem, p. 35.

³⁴ Ibidem, p. 42.

³⁵ “[...] Antes de mais nada, nessa matéria de grande importância e de grande ganho para um príncipe estrangeiro, a única coisa a fazer é estabelecer colônias e fortificações [...] Se nós protelarmos o estabelecimento de uma colônia (e onde nossos homens descobriram e encontraram a melhor parte da América, e na verdade, a mais agradável e mais próxima da Nova Hispânia), os franceses, os normandos, os bretões ou os holandeses ou algum outro reino não irão evitar; talvez na Baía de São Lourenço onde eles já conhecem, na qual foi-nos revelado por livros publicados e impressos em inglês antes deles[...]” Ibidem, p. 75.

colônias em tão curto espaço, o que podemos esperar de nossa verdadeira e sincera religião?”.³⁶ Após relatar de forma detalhada todos os passos necessários para garantir o sucesso da empreitada – a vinda e o estabelecimento de colonos associada às trocas comerciais de produtos entre o Novo e o Velho Mundo – e listar as vantagens decorrentes dessa posse, Hakluyt destaca que o estabelecimento colonial estava aberto a todos os ingleses, que nas suas diversas ocupações seriam os protagonistas dessa elevada missão de “estabelecer uma sincera religião e prover um lugar seguro para receber pessoas de todas as partes do mundo que foram forçadas a fugir pela verdade da palavra de Deus.”³⁷

Após a redação do *Discourse* – inédito até sua publicação na segunda metade do século dezanove, em 1877 – Hakluyt dedicou-se àquela que seria sua mais conhecida obra, *The Principal Navigations, Voyages, Traffiques and Discoveries of the English Nation*³⁸, uma coletânea de narrativas de viagem compostas em três volumes, publicada pela primeira vez em 1589. Dedicada a Robert Cecil, a obra apresenta uma série de relatos que destacam o empenho inglês nas navegações, das viagens de Giovanni Caboto às aventuras de Francis Drake, passando pelas iniciativas de Martin Frobisher com o intuito de encontrar uma passagem para o noroeste; em outras palavras, o editor inglês apresentava aos seus leitores uma espécie de histórico da participação inglesa nas viagens de descobertas, ao longo da qual advoga a *propensão natural* dos ingleses para o Novo Mundo. Relatos de Sir Humphrey Gilbert, Martin Frobisher, entre outros, dividem espaço com trechos de cronistas espanhóis, como Gômara, Oviedo e Antonio de Mendoza.

Mais do que coletar, traduzir e divulgar uma série de narrativas de viagem, Richard Hakluyt buscou promover entre os ingleses o desejo de investir no Novo Mundo, pautando-se, sobretudo, em uma suposta longa tradição em viagens marítimas dos ingleses, na necessidade de propagar a fé e na expansão e soberania do reino. Tal desejo permanece com a publicação em 1625 de outra grande coleção de relatos de viagem, dessa vez sob o comando de Samuel Purchas. Intitulada *Hakluytus Posthumus or Purchas his Pilgrimes; Contayning a History of the World, in Sea Voyages and Land Travels, by Englishmen and Others*, a obra, cuja primeira edição se dividia em quatro

³⁶Apud MANCALL, Peter .Hakluyt's Promise .In: _____ .**An Elizabethan's Obsession for an English America** .Londres/N . Haven: Yale University Press, 2007, p .140 .

³⁷“Plant a sincere religion and provide a safe and a sure place to receive people from all parts of the world that are forced to flee for the truth of God's word”.HAKLUYT, Richard .Op .cit, p .82 .

³⁸HAKLUYT, Richard .**The principal navigations, voyages, trafiques and discoveries of the English people**, .Londres: Richard Hakluyt Society, 1907 .

volumes, reuniu inúmeros relatos que, assim como na obra de Hakluyt, abordam as mais diversas regiões exploradas pelos povos europeus. Pautando-se nos relatos legados por tripulantes das viagens de Caboto, Purchas, do mesmo modo que Richard Hakluyt, dedica-se a documentar e a divulgar o pioneirismo e principalmente a legalidade da posse e ocupação, pelos súditos do reino inglês, das terras americanas, além de mencionar as possibilidades de enriquecimento que essas viagens proporcionavam.

Tais argumentos fizeram eco em toda a produção escrita inglesa do século XVII interessada em relatar, entre o público, as primeiras experiências coloniais do reino, como é o caso da narrativa de John Smith, fundador da Virgínia. Publicada em 1608³⁹, *A true relation of such occurrences and accidents of note as hath happened in Virginia*, descreve as agruras dos primeiros contatos com os nativos, mas alerta em seu parecer final sobre as possibilidades de êxito, notadamente comercial, oferecidas pelas colônias.

We now remaining being in good health, we hope in a continual peace with the Indians: where we doubt not but by Gods gracious assistance in so honorable action, in after times to see our nation to enjoy a country, not onely exceeding pleasant habitation, but also very profitable for commerce in general; no doubt pleasing to almightie God, honourable to our gracious soveraigne, and commodious generally to the whole kingdom”.⁴⁰

Como vimos até aqui, houve todo um esforço na divulgação das vantagens abertas pelo Novo Mundo, divulgação que visava, em última instância, superar a apatia inglesa e impulsionar o reino a assumir um lugar de destaque entre as Coroas europeias que participavam do empreendimento colonial. Nesse sentido, a atuação de associações como a *Virginia Company*, uma companhia de promoção da colonização junto ao público inglês, é exemplar. Responsável por angariar colonos para as possessões inglesas no Novo Mundo, os textos divulgados pela *Virginia Company* procuraram rechaçar os rumores e as calúnias que envolviam o empreendimento colonizador. Tendo entre os seus membros figuras eminentes como John Hawkins, Richard Hakluyt, John Smith, entre outros, a companhia publicou, em 1620, *A Declaration of the state of the colonie and affaires in Virginia*, texto no qual procura responder aos “falsos e

³⁹SMITH, John .**A true relation of such occurrences and accidents of note as hath happened in Virginia** .Since the first planting of that colony which is now resident in the South part thereof till the last return from thence .Richmond: MacFarlane, 1845 .

⁴⁰“Estando agora com boa saúde e desejando uma contínua paz com os indígenas, não duvidamos da amável assistência de Deus em tão honorável ação, e tempos depois veremos nosso reino desfrutando nessa região, não apenas de agradáveis habitações, mas também de um proveitoso comércio em geral, sem dúvida satisfazendo o onipotente Senhor, honroso da soberania de todo o reino. SMITH, John .Op . cit, p . 78 .

maliciosos rumores⁴¹ acerca das condições naturais, dos habitantes e do desenvolvimento da colônia”.

Divulgadas especialmente em peças teatrais, as informações que a companhia procurava desmentir apontavam para as escassas possibilidades de lucro – identificado aqui com a inexistência de descoberta de ouro e prata –, para a brutalidade dos habitantes nativos e para as rigorosas condições climáticas da colônia.⁴² Anos antes, em 1610, a companhia publicara *A true and sincere declaration of the purposes and ends of the plantation begun in Virginia*⁴³, texto no qual atenta para o fato de que o estabelecimento de colonos no Novo Mundo não representava apenas um importante negócio para o comércio inglês, mas também constituía em um passo mais do que necessário para o fortalecimento de todo o reino.

Tal perspectiva é compartilhada por Robert Gray que, em 1609, redige *A Good Speech to Virginia*, trabalho no qual declara aos que se colocavam contra a colonização que “toda oposição é uma oposição a Deus, ao Rei, à Igreja e à Commonwealth” uma vez que Deus ofereceu aos ingleses a possibilidade de expandirem a verdadeira fé e de protagonizarem um dos mais edificantes e gloriosos episódios da história da humanidade. Também em resposta aos “difamadores da colonização”, o texto de 1609 atenta para as inúmeras riquezas do território, como as “melhores madeiras do mundo”, ou “os mais distintos e desejáveis peixes”, além de enfatizar o clima agradável e o enorme potencial de sucesso dos colonos nessas terras, afinal “[...] essa é uma região que nada, a não ser a ignorância e uma mente corrupta, pode difamar”.⁴⁴

Diante de tantas críticas à colonização no Novo Mundo, considerado por muitos uma aventura inútil, os relatos da *Virginia Company* procuravam, em resumo, convencer o público inglês das vantagens e do caráter honroso da colonização – nas palavras do conselho “uma nobre ação de colonizar a Virgínia com uma religião cristã e com a participação do povo inglês”. Para arrematar, na trilha das observações de

⁴¹“We have thought it necessary, for the full satisfaction of all, to make it publickly knowne, that, by diligent examination, wee have assuredly found, those Letters and Rumours to have been false and malicious; procured by practice, and suborned to evil purposes: And contrarily disavowed by the testimony, upon Oath, of the chiefe Inhabitants of all the Colony; by whom we are ascertained, that the Country is rich, spacious, and well watered. ” . Cf .WATERHOUSE, Edward A declaration of the state of the Colonie and Affaires in Virginia . In: KINGSBURY, Susan Myra . (ed) .**The Records of the Virginia Company of London** .Washington DC: U . S .Government Printing Office, 1906-1935, p .04, v .1 .

⁴²HOLLIS, Gavin .**The absence of America on the early modern stage** .2008 .358f .Dissertação .(Mestrado em Literatura Inglesa) .University of Michigan, Ann Arbor,2008 .

⁴³GARDINER, Lyon .(ed) .**First Hands Accounts of Virginia** .Nova York: Scribners, 1907 .

⁴⁴GRAY, Robert .*A Good Speed to Virginia,1609* . In: GARDINER, Lyon(ed) .Op .cit, s . p .

Richard Hakluyt, o texto lista uma variedade de profissões, desde marceneiros até vinicultores, cuja presença no Novo Mundo era bem-vinda.⁴⁵ Porém, apesar do esforço da Companhia e de seus membros, a desconfiança e a hesitação inglesa sobre o Novo Mundo perdurou por muito tempo, a ponto de em 1705, Robert Berkeley, autor de *History and Present State of Virginia* ver-se obrigado a tentar calar os boatos que então circulavam.

I have heard that this country is reproached with sudden and dangerous changes of weather, but that imputation is unjust; for tho' it be true, such winds are only cool and pleasant breezes, which serve to refresh the air, and correct those excesses of heat [...].⁴⁶

Centradas na apresentação e na descrição das condições naturais desses territórios e na análise de seu potencial, essa produção escrita inglesa ganha, sobretudo no decorrer da segunda metade do século XVII, novos contornos. Após a publicação e circulação de inúmeros relatos de viagem, panfletos, sermões e poemas empenhados em promover a colonização das possessões inglesas, deparamo-nos com o aparecimento de uma produção que, embora preocupada com a questão colonizadora e com as descrições naturais dos territórios descobertos, procura narrar mais enfaticamente os êxitos alcançados após o estabelecimento dos colonos pioneiros.

A avaliação dos primeiros resultados oscila, como notou Catherine Armstrong⁴⁷, entre a celebração dos avanços e a constatação dos limites dos mesmos. As descrições dos atrativos físicos desses territórios agora dividem espaço com a análise dos *melhoramentos* alcançados e dos obstáculos a serem superados. Obstáculos esses quase sempre identificados com a presença indígena. Boa parte dessa produção escrita dedica-se a listar os avanços obtidos e o papel crucial exercido pelos colonos nesse momento.

⁴⁵“The last provisions appointed to be made, are for the setting up, or increasing of divers principall Commodities .For Silke, there is provision to be made, of great store of Silke-worme-seede, about *Michaelmas* next: as also of men skilfull in the ordering as well of the Wormes, as of their Silke, which are to be sent away in a *Pinnace*, in *October* betimes .For Hempe and Flaxe, *Pot-ashes* and *Sope-ashes*, *Pitch* and *Tarre*, there is a Treaty already on foote, for procuring of men skilfull in those Trades from the Easterne parts: beside the *Polakers* yet remaining in *Virginia* .For *Wines*, it is also ordered, that men skilfull be procured, in the planting and dressing of Vines, out of *France* and from the *Rhene*” .WATERHOUSE, Edward .Op . cit, s . p .

⁴⁶“Ouvi dizer que este país é criticado pelas mudanças bruscas e perigosas do clima, mas tal acusação é injusta, pois na verdade, os ventos são brisas frescas e agradáveis, que servem para refrescar o ar, e corrigir os excessos de calor[...]. BERKELEY, Robert .**History and Present State of Virgin**, Londres: Printed for R .Parker,1705, p . 251 .

⁴⁷ARMSTRONG, Catherine .Contesting the meaning of America: printed representations before 1630 .In:_____ . (ed) .**America in the british imagination** .Cambridge: Cambridge Publishing, 2007 .

Ao percorrer esses textos, é notória a predominância do vocábulo *improvement* nos relatos, comentários, panfletos, cartas, sermões, histórias, etc. Esse vocábulo é central nessa produção escrita; narrar a atuação inglesa é listar e expor os melhoramentos feitos nessa paisagem. São tais avanços que possibilitaram superar o estado selvagem do território, que se encontrava abandonado pelos seus habitantes nativos. Logo, ao propiciar o *improvement* dessas terras, os súditos ingleses fazem um uso legal e legítimo das mesmas: eis aqui uma importante premissa para compreendermos a construção dessa interpretação inglesa do Novo Mundo, fortemente apoiada na ideia de legalidade. Afinal, se os silvícolas não fizeram o efetivo “bom uso” dessas regiões, os ingleses tinham todo o direito de fazê-lo. Num tom praticamente uníssono, essa é a argumentação que, desde o século XVI, se faz presente no discurso inglês, e que se manterá até a formulação das chamadas “histórias da América” no século XVIII.

Não devemos nos esquecer que, em sua maioria, esses discursos foram redigidos por colonos que exerceram importantes funções na administração dos territórios, como foram os casos de William Bradford e William Hubbard. O primeiro desempenhou o cargo de governador durante trinta e cinco anos em Plymouth, na baía de Massachussets, e em seu relato, intitulado *History of Plymouth Plantation*⁴⁸(1646), avalia anualmente os progressos ocorridos na colônia, com destaque para a conversão dos indígenas e para a superação de inúmeras adversidades naturais, como as baixas temperaturas e a presença de diversos animais selvagens. Ao evidenciar essas conquistas, o autor não deixa de mencionar que, orientados por tão nobre ideal, o êxito inglês deveria ser mais do que esperado.

that all great and honourable actions are accompanied with great difficulties, and must be both enterprised and overcome with answerable courages. It was granted the dangers were great, but not desperate ; the difficulties were many, but not invincible[...].and all of them, through the help of God, by fortitude and patience,.[...]. they might expect the blessing of God in their proceeding⁴⁹

Ao longo da produção escrita legada por colonos e viajantes dos séculos XVI e XVII é possível perceber a recorrência de excertos como o apresentado acima, nos quais a percepção dos territórios americanos passa pela crença concomitante em ao menos

⁴⁸ BRADFORD, William .**History of Plymouth Plantation** .New York: Charles Sons, 1908 .

⁴⁹“todas as grandes e honrosas ações são acompanhadas de grandes dificuldades, e ambas iniciativas devem ser respondidas com coragem .Os perigos são grandes mas não desesperadores; as dificuldades são muitas mas não invencíveis [...] .E todos eles [os colonos] com a ajuda de Deus, com firmeza e paciência [...] podem esperar pela benção de Deus nesse processo . ”BRADFORD, William .Op .cit, p . 176 .

dois outros aspectos: o de que a região é desabitada e, portanto, “aberta” para aqueles que estejam dispostos a promover melhoramentos; e a de que, uma vez em tais territórios, a probabilidade de enriquecimento é quase certa. Essas duas características, somadas a outras, são, de acordo com as análises do historiador Jack Greene, as responsáveis por fundar este traço crucial para a historiografia do século XIX de matriz norte americana.⁵⁰

Os modestos resultados da conversão dos indígenas, por sua vez, evidenciavam o grande obstáculo à colonização apontado pelos colonos. De acordo com William Hubbard, autor da *A General History of New England*, de 1650, os resultados até então eram poucos e modestos:

As for our religion, some, yet a few of them, have seemed seriously to embrace it, but until they be reduced to more civility some judicious persons have conceived no great harvest is to be expected of great converts,[...], there being little progress made that way for the present [...]⁵¹.

Se por um lado, os ingleses conheciam o fracasso no que tange à evangelização dos silvícolas, por outro, o mesmo não pode ser aplicado às lavouras de cana de açúcar ou ao cultivo de tabaco, já na segunda metade do século XVII. Richard Ligon, autor de *A True and exact history of the island of Barbados* (1657), é enfático quanto ao sucesso dos colonos ingleses na região caribenha.⁵² O melhoramento moral e material dessas terras – segundo o ponto de vista inglês – só poderia ser obtido com a efetiva ocupação do território. Diferentemente dos espanhóis e portugueses, que se acomodaram com as descobertas de ouro e prata, os ingleses se viram obrigados a extrair dos territórios os frutos desejados com o suor do seu trabalho. Nessa produção escrita, as menções à busca de metais, como o ouro, por exemplo, praticamente desaparece e, em seu lugar, os

⁵⁰ Cabe notar que não somente a produção em língua inglesa dos séculos XVIII elaborada principalmente por autores de origem escocesa fará largo uso dessas ideias como também a própria percepção da historiografia dos e sobre os Estados Unidos, através do conceito de “*american exceptionalism*”. Cf. GREENE, Jack. **The intellectual construction of the America**. Exceptionalism and Identity from 1492 to 1800. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1993.

⁵¹ “Nossa religião, poucos entre eles parecem ter seriamente abraçado-a, mas, enquanto não forem reduzidos à civilidade, algumas pessoas ponderam que não se pode esperar grandes conversões [visto] o pequeno progresso feito no presente.” HUBBARD, William. **A General History of New England**. Boston: Charles Little and James Brown, 1848, s. p.

⁵² “But, before I will begin with that, I will let you see, how much the land there hath been advanced in the profit since the work of sugar began, to the time of our landing thee, which was not above five or six years.” LIGON, Richard. *A true and exact history of the island of Barbados*. JEHLEN, Myra; WARNER, Michael. (ed). Op. Cit, p. 216.

autores enfatizam o trabalho do colono e as dificuldades encontradas como elementos que definem e diferenciam a presença⁵³ inglesa da presença dos demais povos europeus.

Anos depois, em 1705, Robert Berkeley, governador da Virginia, em sua *History of Virginia*, mostra-se preocupado com os rumos da possessão inglesa, cuja sobrevivência estava apoiada excessivamente na plantação de tabaco. Para esse autor, os ingleses deveriam investir em outros produtos, como frutas e lãs, evitando a excessiva dependência de um único artigo⁵⁴. Tal perspectiva é contemplada por outros contemporâneos que atentam para o desregramento dos hábitos e da moral nas *plantations* de cana de açúcar no Caribe – Jamaica e Barbados – e na Virginia.

De acordo com os apontamentos de Jack Greene⁵⁵ e Catherine Armstrong⁵⁶, a literatura inglesa sobre a América, após a descrição e a avaliação do continente, tende, sobretudo a partir da segunda metade do século XVII, a centrar sua atenção nos territórios caribenhos e nos resultados aí alcançados com o cultivo de cana de açúcar e do tabaco, ambos largamente mantidos pelo uso de mão de obra escrava. Apesar da grande produção de açúcar nas Antilhas, saudada por autores como Ligon, os pareceres positivos não são unânimes entre os colonos; ao contrário, funcionam como divisores. Alguns, como Ned Edward Ward, alertam para os vícios que se espalham por toda a população da Jamaica, tida como a nova Sodoma. Em seu relato de 1698, Ward apresenta ao seu leitor essa região nos seguintes termos: “[...].The receptacle of vagabonds, the sanctuary of bankrupts.As richly as a hospital, as dangerous as the plague,

⁵³ É interessante atentar para o fato de que, como mostra Patrícia Seed, a ocupação seguida da construção de habitações e jardins constitui, por excelência, o modo pelo qual os súditos ingleses tomaram a posse legal do Novo Mundo .Cf .SEED, Patrícia . **Ceremonies of Possession in Europe's Conquest of the New World**, 1492-1640; Cambridge University Press, 1995 .

⁵⁴ “What advantages do they see the neighboring plantations make of their grain and provisions, while they, who can produce them infinitely better, not only neglect the making a trade thereof, but even a necessary provision against an accidental scarcity, contenting themselves with a supply of good from hand to mouth; so that if it should please God to send them an unseasonable year, there would not be found in the country provision sufficient to support the people for three months extraordinaries . By reason of the unfortunate method of the settlement, and want of cohabitation, they cannot make a beneficial use of their flax, hemp, cotton, silk, silk grass and wool, which might otherwise supply their necessities, and leave the produce of tobacco to enrich them, when a gainful market can be found for it .[...] I should be ashamed to publish this slothful indolence of my countrymen, but that I hope it will sometimes or other rouse them out of their lethargy, and excite them to make the most of all those happy advantages which nature has given them; and if it does this, I am sure they will have the goodness to forgive me” .BERKELEY, Robert .Op .Cit, p .237 .

⁵⁵ GREENE, Jack .**Pursuits of Happiness** .The social development of early modern british colonies and the formation of American culture .Chapel Hill/ NC: University of North Carolina, 1988; GREENE, Jack; MORGAN, Phillip .(ed) .**Atlantic History: a critical appraisal** .Oxford: Oxford University Press, 2009 .

⁵⁶ AMSTRONG, Catherine .**Writing North America in Seventeenth Century** .Hampshire: Ashgate, 2007 .

as hot as hell and as wicked as the devil. Subject to tornadoes, hurricanes and earthquakes[...].”⁵⁷

A identificação de certas regiões caribenhas com a luxúria e a devassidão constitui, a propósito, numa tópica dos relatos ingleses. Em um texto de 1660, intitulado *A loving invitation to repentance and Amendment of life*, Richard Pinder aconselha aos proprietários de escravos nas Bermudas e em Barbados que não se entreguem aos vícios tão presentes nessas ilhas, assim como não cometam abusos e, por fim, que sejam pacientes com seus servos. Para concluir, ensina que somente com uma conduta moral ilibada a salvação poderia ser alcançada.

[...].Oh, all ye inhabitants of this island! Many of you are full and rich, and the sins of Sodom are found among you; fullness of bread and abundance of idleness. Oh, how is the creatures of God abused and destroyed among you, in satisfying your ungodly lust? Do you think the lord takes no notice of all your wickedness, and unchristian like practices?[...].Do you think you can escape the Lords Hand?[...]. You have spent so much precious time in rioting, feasting and drunkenness [...].⁵⁸.

Passado alguns anos, pois, os êxitos alcançados nas *plantations* suscitaram críticas e repreensões de colonos e letrados ingleses que, ou estiveram rapidamente no Novo Mundo, ou dele tiveram notícias por marinheiros, comerciantes e colonos que tinham regressado ao reino. No que tange aos indígenas, episódios como o massacre em 1622⁵⁹ e a disputa pela ocupação legal das terras geraram inúmeros escritos que, em boa parte, além de pregar a incapacidade dos nativos para o trabalho e para o progresso moral e material, advogavam o seu extermínio, como é o caso de Nathaniel Bacon.⁶⁰ Na representação do cenário americano sob a pena inglesa, as instigantes possibilidades de êxito dividem espaço com a constatação das adversidades derivadas, em grande parte,

⁵⁷“O receptáculo de vagabundos, o santuário dos falidos [...].Tão rico como um hospital, tão perigoso como uma peste, tão quente como o inferno e tão mau como o diabo .Sujeito a tornados, furações e terremotos[...] .Cf .WARD, Ned Edward .A trip to Jamaica .In: JEHLLEN, Myra; WARNER, Michael .(ed) .Op .cit, p . 300 .

⁵⁸“[...] .Oh, vós, habitantes desta ilha! Muitos de vocês são ricos, e os pecados de Sodoma são encontrados no meio de vós; plenitude de pão e abundância de ociosidade .Oh, como é que as criaturas de Deus abusam e se destroem para satisfazer sua luxúria? Vocês acham que o senhor não toma conhecimento de todas as suas maldades, e suas práticas não cristãs? Vocês acham que podem escapar da mão do Senhor? [...] .Vocês desperdiçaram um tempo precioso em tumultos, banquetes e embriaguez . [...]” . PINDER, Richard .A loving invitation to repentance and amendment of live .In: Ibidem, p.220.

⁵⁹Referência ao massacre em Jamestown, no qual mais de 300 colonos ingleses foram mortos num conflito com os indígenas.

⁶⁰“Another main article of our guilt is our design not only to ruine and extirpate all indians in general but all maners or trade and commerce with them. ”.BACON,Nathaniel .Manifesto (1676) .In:JEHLLEN, Myra; WARNER, Michael .Op .Cit, p . 226 .

do caráter do nativo americano. A partir do final do século XVII, no entanto, a produção escrita tende a se concentrar na avaliação e no questionamento do homem e da natureza do Novo Mundo, como acompanharemos a seguir.

*1.2 As histórias filosóficas da América*⁶¹

A partir do século XVIII, a produção escrita inglesa se concentra na apreensão do Novo Mundo como parte integrante de um “império inglês”; some-se a isso a publicação de obras dedicadas a compreender o lugar da América na escrita da história e as questões filosóficas que permeiam esse processo – questões tais como a natureza do homem americano – e teremos um breve panorama das temáticas às quais se dedicaram autores de destaque da historiografia setecentista inglesa, tais como Edmund Burke e William Robertson.

Até esse momento, a literatura legada pelos agentes ingleses – panfletos, relatos de viagem, cartas de colonos, peças de teatro, estatutos das companhias de colonização, entre outros –, não propaga a ideia de um império⁶². Pelo contrário, é com muita hesitação que essa produção advoga um protagonismo inglês na expansão do mundo, razão pela qual o empenho de um homem como Richard Hakluyt ou a atuação de uma *Virginia Company* ganharam, então, tanto relevo. A bem da verdade, a propagação da ideia de um império, entendido como a posse e tutela de territórios em diferentes regiões do globo, só pode ser detectada na Inglaterra do ocaso do século XVII.

Anteriormente, como esclarece o historiador Nicholas Canny, a palavra império era usada com uma conotação muito peculiar, sempre ligada à ideia de uma longa tradição inglesa de independência e autonomia frente a potentados estrangeiros, ou seja, esse conceito tem, nos séculos XVI e parte do XVII, mais relação com certo isolamento inglês diante dos demais reinos do que com uma possível supremacia sobre os mesmos.

⁶¹ Ao enfrentarem resistência no próprio território inglês, o processo de escrita da colonização inglesa viu-se obrigado a se apoiar em três eixos, a saber: a tradição em viagens marítimas, a promoção da fé e, por último, a necessidade de protagonizar e assim se sobrepor à Espanha na aventura colonial, ideias que como veremos mais adiante, far-se-ão presentes na interpretação filosófica da história da América, levada a cabo no decorrer do século dezoito. Ainda que não se apresentem como “histórias” no sentido moderno do termo, essa produção escrita, como procuramos demonstrar, constitui num dos eixos de reflexão a partir do qual, viajantes, navegadores, poetas, geógrafos, mercadores, editores, entre outros, construíram os primeiros contornos acerca do território e dos nativos americanos, cuja compreensão, ainda que limitada e oscilante, forneceu para a historiografia inglesa do século dezoito elementos para a construção de um entendimento “filosófico” da história da América.

⁶² Para uma discussão sobre a ideia de império inglês sugiro a leitura de CANNY, Nicholas. *The origins of Empire: na introduction* In: _____ . (Ed) **The Oxford history of the British Empire**. Oxford: Oxford University Press, vol. I, 2001.

É com a publicação, em 1685, por Nathaniel Crouch, de *The English Empire in America*⁶³ que surge, pela primeira vez, a ideia de um domínio inglês sobre lugares e pessoas do Novo Mundo. Atrelada a essa ideia, o estabelecimento de colonos, o uso de mão de obra escrava e o monopólio do comércio nessas regiões são tidos como os motores responsáveis pela expansão e fortalecimento do império inglês. Daí, a longa ênfase dada sobre esses aspectos nos diversos panfletos, folhas avulsas e nas obras que, em linhas gerais, procuram apresentar e definir esse mesmo império. Característico dessa literatura é o seu padrão quanto à forma e à extensão da apresentação de cada possessão, bem como quanto à advertência ao leitor acerca das informações e dados presentes nas obras, quase sempre resultantes de observações colhidas nos portos das regiões visitadas ou *in loco* pelo próprio autor.

Na verdade, essas narrativas pouco ou nada diferem entre si, ao contrário, inúmeras vezes é possível perceber uma miscelânea que agrega trechos de panfletos ou de obras anteriores que são reunidas e publicadas sob o nome de um missionário ou de um mercador inglês. A emergência dessa literatura no final do século XVII, portanto, acaba por inserir, lenta e sutilmente, os territórios e habitantes dessas possessões da América na história inglesa. Em tal processo, uma das primeiras imagens veiculadas à noção de império está relacionada com a figura do mercador e o importante papel desempenhado pelas relações comerciais nesse cenário. Em um dos mais populares periódicos de Londres, o *The Spectator*, Joseph Addison, um dos editores, sentencia:

[...]. Nature indeed furnishes us with the bare necessities of life, but traffick gives us a great bariety of what is useful and at the same time supplies us with everything that is convenient and ornamental. Nor is it the least part of this our happiness, that whilst we enjoy the remotest products of the North and South, [...]. That our eyes are refreshed with the green fields of Britain, at the same time that our palates are feasted with fruits that rise between the tropicks. For these reasons there are not more useful members in a Commonwealth than merchants. They knit mankind together in a mutual intercourse of good offices, distribute the gifts of nature, find work for the poor, add wealth to the rich, and country into Gold and exchanges his wooll for rubies.[...]. Trade, without enlarging the British territories has given us a kind of additional empire: it has multiplied the number of the rich, made our landed estates infinitely more valuable than they were formely.⁶⁴

⁶³ CROUCH, Nathaniel .**The English Empire in America** .Or a Prospect of His Majesties Dominions in West Indies .Londres: Bettesworth/J .Batley, 1728 .

⁶⁴ ,[...] A natureza certamente nos fornece o necessário da vida, mas o tráfico nos dá uma grande variedade do que é útil e ao mesmo tempo, fornece-nos tudo o que é conveniente e ornamental .Também não é menor a nossa felicidade enquanto apreciamos os mais remotos produtos do Norte e do Sul [...] .Que os nossos olhos são atualizados com os verdes campos da Inglaterra, ao mesmo tempo em que os nossos paladares são festejados com frutos que se levantam entre os trópicos .Por estas razões, não há membros

Se, por um lado, as atividades comerciais auxiliam na definição do que seja esse império, por outro lado, o domínio sob os mares, no parecer de autores como Crouch, por exemplo, é posto como um dos pilares da supremacia inglesa. Compreendida como uma vocação natural entre os súditos da *Commonwealth*, a participação em viagens marítimas, somada com o exercício do comércio eram, para o missionário John Oldmixon, o melhor e mais fácil meio de garantir um domínio efetivo sobre as possessões no Atlântico.

[...] we have no way to conveying our product and manufactures abroad by the navigation, the best and easiest of all ways, we have no way of making ourselves considerable in the world but by our trade [...].⁶⁵

A partir da publicação de *The English Empire in America*, um panorama unificado das possessões americanas e de suas relações, sobretudo comerciais, com o reino inglês torna-se o fio condutor das narrativas sobre o além-mar, que repetem exaustivamente em seus prefácios ou em suas introduções observações como as que se seguem:

Great Britain, a country of manufactures without materials; a trading nation without commodities to trade upon and a maritime power without either naval stores or sufficient materials for ship-buildings could not subsist long, as an independent state without her colonies.”⁶⁶

Na construção da ideia de império, a apresentação das vantagens comerciais obtidas tanto nas colônias do norte da América, como nas ilhas do Caribe não era apenas uma questão retórica, múltiplos interesses, que não os puramente comerciais, vinculavam os

mais úteis em uma comunidade do que comerciantes .Os homens unidos em uma relação mútua de bons ofícios, distribuem os presentes da natureza, encontram trabalho para os pobres, acrescentam riqueza para os ricos e ouro aos reinos[...] . O comércio, sem alargar o território britânico deu-nos uma espécie de império adicional: tem multiplicado o número dos ricos, os nossos territórios infinitamente tornaram-se valiosos do que eram antigamente” . Cf .ADDISON, Joseph .Spectator no . 69 .JEHLEN, Myra .(ed) .Op . cit, p . 954 .

⁶⁵ “[...] Não temos nenhuma maneira de transmitir os nossos produtos e manufaturas a não ser pela navegação, o melhor e mais fácil de todas as maneiras, não temos modo de nos fazermos consideráveis no mundo que não seja pelo nosso comércio[...]Cf .OLDMIXON, John .**The British Empire in America** .Containing the history of the discovery, settlement, progress and present state of all the british colonies on the continent and islands of America .London,J .Brotherton, J .Clarke, A .Ward, J .Clarke, C .Hitch, 1741, p . XVIII, 1v .

⁶⁶“Grã-Bretanha, um país de manufaturas sem materiais; uma nação sem comércio de commodities para o comércio e uma potência marítima, sem quaisquer lojas navais ou materiais suficientes para a construção de navios não poderia subsistir muito tempo, como um estado independente, sem suas colônias .Cf .WINTERBOTHAM, William .**An historical, geographical commercial and philosophical View of American United States and the European Settlement in America and West Indies** .Nova York: Tiebout/O’Brien, 1796, 1v, p . 380 .

súditos ingleses – viajantes, exploradores, poetas, aventureiros, etc. – ao cenário americano.

Os interesses comerciais tinham, é claro, peso nesta produção, que também não deixava de especular sobre as possibilidades de exploração dos produtos botânicos e minerais dos locais descritos. Tal temática, tendeu a ganhar cada vez mais interesse nas narrativas, a ponto de sociedades e associações científicas organizarem explorações com essa finalidade. Basta citar que, desde 1665, a *Royal Society* publicava um jornal científico denominado *Philosophical Transactions* que, através de seus membros e *fellows* em diversas partes da Europa e do Novo Mundo, divulgavam temáticas referentes à botânica, história, filosofia natural, matemática, medicina, astronomia, biologia, mineralogia, enfim, um amplo leque de assuntos que visavam suprir e superar a ausência e inexatidão do conhecimento sobre o mundo americano.⁶⁷

Quanto ao comércio e ao peso conferido a ele, não podemos nos esquecer de que, mais do que apresentar a colonização ao público e encorajá-lo a investir nessa atividade, as considerações postas nessas publicações se revestem de um caráter prático, ou seja, os valores e as estatísticas divulgados auxiliavam na avaliação das transações comerciais, temática de considerável importância para o leitor inglês, como esclarece Bryan Edwards em sua obra de 1793:

The reader of modern history must undoubtedly regard the West Indian islands, their discovery, their productions and their progress in improvement as no inconsiderable department of his inquiries; and to the political economist, it is of importance to learn the nature and extent of our commerce with so conspicuous a part of the British dominions.⁶⁸

Apresentar e narrar a história da ocupação e dos investimentos nas colônias da América do Norte e do Caribe é, para os ingleses, antes de tudo, um objeto de estudo que, em última instância, permitirá um melhor aproveitamento da colonização para todo o império. A descrição das atividades dos colonos, dos resultados obtidos, dos empecilhos encontrados, tudo isso é tema de discussão do outro lado do Atlântico. Periodistas, escritores de teatro, mercadores, membros de companhias de migração, entre tantos outros grupos, vêem parte do Novo Mundo como uma peça fundamental

⁶⁷Cf .ROWE, R . W .The Royal Society and the Empire:the colonial and Commonwealth Fellowship .**Notes of Records Royal Society**, Londres, , p . 307-332 .2002 .

⁶⁸“O leitor da história moderna, sem dúvida, deve considerar a ilhas das Índias Ocidentais, a sua descoberta, suas produções e seu progresso como investigações não negligenciáveis e para o economista, é importante aprender sobre a natureza e a extensão do nosso comércio em uma parte tão célebre dos domínios britânicos”.EDWARDS, Bryan .**The History civil and commercial of the British Colonies in the West Indies**, Londres . , John Stockdale,1807, p .XV .

para o progresso de suas sociedades. Em suma, no decorrer do século XVIII, o Atlântico desponta como o protagonista entre os ingleses.

O estudo da natureza humana também atrai a atenção de viajantes, missionários, filósofos e historiadores de língua inglesa, como William Robertson e Bryan Edwards, autores que, em diferentes momentos, lançaram questões sobre o mundo americano. Dentre elas, a origem das populações autóctones despertou amplo interesse. Acompanhemos o caso das populações nativas do Caribe, identificadas de imediato com as práticas canibais. Em sua *The History civil and commercial of the British Colonies in the West Indies* (1793), Bryan Edwards salienta as diferenças entre os habitantes nativos do Caribe: de um lado, os leewards, “povos simples e hospitaleiros”, do outro, os caraibes, “uma bárbara e bélica nação, uma raça de canibais [...] responsável pela devastação onde quer que esteja”.⁶⁹ Sem mais delongas, Edwards encerra seu parecer com um confronto com os filósofos do período, que negavam a veracidade das informações de cronistas e viajantes acerca da existência de canibais.

This fact, so disagreeable in relation was at one period strenuously denied by those philosophers Who zealous in maintaining the dignity o four nature impeached the veracity of all those asserted the discovery of cannibals. In contemplating this circumstance in their manners, we can hardly consider them as human beings, but as monsters whom it was lawful to extirpate from existence .⁷⁰

Pouco antes, em 1708, na obra de Oldmixon, há um parecer semelhante, que advoga a inabilidade e, portanto, a incapacidade dos nativos de realizarem qualquer atividade comercial, já que “os habitantes dessa ilha nunca foram grande comerciantes. Eles se contentam com o que a terra fornece para a subsistência e encontram o suficiente para a alimentação”.⁷¹

No trecho acima, os autores recuperam boa parte dos argumentos usados pelos primeiros colonos que se fixaram tanto na região caribenha quanto ao longo da baía de Cheasepeake para justificar os conflitos e o extermínio das populações autóctones. Esse argumento – que se transforma em uma constante nesses escritos – pautar-se-á, também, na ideia de que o não aproveitamento das terras, somado ao caráter selvagem e, portanto, não condizente com a natureza humana, de seus habitantes, conduz à

⁶⁹ EDWARDS, Bryan .Op . cit, p .08 .

⁷⁰ “Esse fato, tão desagradável, foi negado por aqueles filósofos que zelosos em manter a dignidade da natureza impediram a veracidade de todos aqueles que afirmaram a descoberta de canibais .Ao contemplar esta circunstância em suas maneiras, não podemos considerá-los como seres humanos, mas como monstros para quem era legal extirpar a existência” . Ibidem, p .11 .

⁷¹ Ibidem, p .447 .

legalidade da ação e da presença dos súditos do reino inglês nas possessões. Nesse cenário, não podemos deixar de citar o papel crucial desempenhado pelo pensamento de John Locke, para quem o homem só adquiriria direitos sobre a terra se empregasse nela o seu trabalho. A propósito de Locke, o historiador Anthony Pagden ressalta que, com base nas considerações do filósofo, “[...] a terra foi dada para o uso industrioso e racional do homem. Àqueles que não obedecem a essa regra, falta a racionalidade”.⁷²

Indagar sobre essa questão não era apenas um simples exercício de deleite filosófico. Ao contrário, estava em jogo não apenas como escrever a história moderna europeia – e nesse caso, como integrar o Novo Mundo às antigas tradições –, mas, também, a noção de que, para o desenvolvimento do império, era necessário mais do que alguns colonos espalhados por tais regiões, era necessário usar racionalmente o comércio e a agricultura.

Tais questionamentos e polêmicas passaram a ser alvos de especulação filosófica – no caso inglês – apenas com a publicação, em 1777, da obra *The History of America*, do escocês William Robertson. Antes dele, a produção escrita reitera as observações dos primeiros colonos e viajantes sem a preocupação de indagar sobre questões como a origem do homem americano ou a possibilidade ou não de progresso das Índias Ocidentais. Na sua *History of America*, Robertson lança as primeiras indagações filosóficas acerca do mundo americano em língua inglesa, indagações que serão propagadas nos anos seguintes por autores como William Russell e Richard Snowden, por exemplo. No decorrer de sua obra, Robertson elabora uma interpretação da América que se apoia, em linhas gerais, em três eixos de discussão: as origens e o papel exercido pelos nativos desde a chegada dos europeus; as atividades comerciais e a promoção do progresso entre os ingleses nas possessões americanas; e, por fim, uma longa especulação comparativa acerca da ação das monarquias espanhola e inglesa no Novo Mundo.

Escrita originalmente com a intenção de narrar a história de todos os estabelecimentos europeus no Novo Mundo⁷³, a *History of America*, de William Robertson, quando foi publicada em 1777, contava com oito livros, todos tendo por

⁷² PAGDEN, Anthony .Op .Cit., p . 54 .

⁷³“The original plan of my father, the late W .Robertson, with respect to the history of America comprehended not only an account of the discovery of that country and of the conquest and colonies of the Spaniards, but embraced also the history of the British and Portuguese establishments in the New World and of the settlements made by several nations of Europe in the West India Islands” .ROBERTSON, William .Advertissement .In: _____.**The History of America** .Londres: Strahall/Caden,1812, p . 127 .

objeto de análise os estabelecimentos espanhóis. A conturbada situação política das colônias inglesas fizeram-no publicar, o mais rápido possível, a sua narrativa, como declara no prefácio da obra. Ainda reticente quanto ao destino das possessões inglesas, Robertson decide trazer a público suas considerações sobre a porção espanhola da história americana e, para isso, se pauta não somente na produção cronística e nos relatos de viagem dos séculos anteriores, como conta com a colaboração de pessoas entendidas no tema, como o embaixador português na Grã Bretanha, Luis Pinto de Sousa Coutinho, e Alexander Darlymple, cuja coleção de viagens, declara a o escocês, contribuiu para a compreensão de curiosos aspectos e informações sobre o estado das colônias espanholas. Anos mais tarde, o filho de Robertson encontra os manuscritos referentes às possessões inglesas e publica, em 1796, os livros IX e X, intitulados respectivamente *The History of Virginia to the year 1688* e *The History of New England to the year 1652*. Os apontamentos acerca das possessões portuguesas, de acordo com Robertson, seriam publicados em um volume à parte, no entanto, nada se sabe acerca do destino dos manuscritos.

Um primeiro aspecto que chama a atenção na construção da interpretação filosófica da América é a apresentação das populações nativas e o questionamento acerca de seu lugar no devir da história.

[...] the original race of inhabitants as rude and indolent as ever have done nothing to open or improve a country, possessing almost every advantage of situation and climate. *As we advance towards the northern provinces of America, nature continues to wear the same uncultivated aspect and in proportion as the rigor of the climate increases, appears more desolate and horrid.*[...].We may conclude the, that the Americans seems for some people who were themselves in such an early and unimproved stage of society, as to be unacquainted with all those necessary arts, which continued to be unknown among their posterity, when firstvisited by the Spaniards⁷⁴

Para Robertson, os habitantes desses territórios se mostram a tal ponto inertes e passivos em relação a qualquer progresso que nem sequer dominam a natureza, ao contrário, são dominados por ela. A assertiva é repetida por Richard Snowden, autor de *History of North and South America*, que, por sua vez, destaca que tais características

⁷⁴”a raça de tais habitantes, tão rudes e indolentes, que nada fizeram para melhorar essas terras, se limitando às vantagens obtidas pela situação e pelo clima .Conforme avançamos nas províncias do norte da América, a natureza mantém o mesmo aspecto desgastado e na proporção que o rigor do clima aumenta, parece mais desolada e terrível .Concluimos que os americanos se apresentam em um estágio de sociedade desaproveitado assim como ignorantes em todas as artes necessárias desde quando vistos pelos espanhóis .ROBERTSON, William .Op .cit, p .33, 1v .

são responsáveis pela “falta de alegria no temperamento e pela baixeza de espírito” dos nativos⁷⁵. A única exceção seriam os impérios asteca e inca, que demonstraram avanços no que diz respeito ao domínio das artes. Quanto ao restante das populações ameríndias, Robertson sentencia: “regiões ocupadas por tais povos se assemelham àquelas que não possuem habitantes”⁷⁶. Dessa maneira, a atuação dos colonos ingleses em solo americano era tida pelo historiador de origem escocesa como um evento memorável, que rompia com um cenário apático e inaugurava, assim, uma nova época no continente, na qual o modo de viver dos selvagens daria lugar à uma sociedade virtuosa.

Ao redigir os capítulos referentes aos anos iniciais da aventura colonial, o autor da *History of America* não deixa que relembrar, em tom épico, o pioneirismo inglês na propagação de *melhoramentos* em terras americanas.

No Wonder that the colonies sent from Europe were atonished at their first entrance into the New World. It appeared to them waste, solitary and uninviting. When the English began to settle in America, they termed the countries of which they took possession, the wilderness. Nothing but their eager expectations of finding mines of gold could have induced the Spaniards to penetrate through the woods of America where, at every step, they observed the extreme difference between the uncultivated face of nature and that which it acquires under the hand of industry and art.⁷⁷

Na escrita dessa história, Robertson e os autores posteriores destacam a imperiosa necessidade de promover um melhoramento das novas terras, melhoramento que, por sua vez, se apresenta incompatível com os hábitos e valores das populações nativas, tidas como rudes e de caráter duvidoso. Um dos eixos de reflexão desloca-se, então, da vida dos indígenas – objetos de interesse dos primeiros tempos – para as ações dos colonos, cuja análise era tida como fundamental para a compreensão do futuro desses territórios. Aos colonos, como salientamos, foi concedido o papel de protagonistas na aventura colonial. A superação dos entraves do Novo Mundo só poderia ser alcançada com a presença cada vez maior de colonos que, dotados de um caráter industrioso, não se comportariam como escravos da natureza, ao contrário, se

⁷⁵ SNOWDEN, Richard. **The History of North and South America**. Philadelphia: Jacob Johnson, 1805, p. 203.

⁷⁶ ROBERTSON, William. Op. cit, p. 16.

⁷⁷ “Não é de admirar que os colonos enviados da Europa foram surpreendidos no primeiro contato com o Novo Mundo. Este apareceu mal aproveitado, solitário e pouco atraente. Quando os ingleses começaram a se estabelecer na América, eles denominaram essas regiões sob sua possessão de “the wilderness”. Nada além de uma ansiosa expectativa em encontrar minas de ouro impulsionou os espanhóis em penetrar em florestas onde, a cada passo, observaram a extrema diferença entre os traços de uma natureza não cultivada e aquela que adquiriu sob a mão da indústria e da arte”. Ibidem, p. 15.

destacariam na promoção do seu progresso material e moral⁷⁸. Em linhas gerais, na interpretação que constroem da história da América, os historiadores de língua inglesa salientam que a natureza americana, prodigiosa em seus recursos, reservava aos europeus a fortuna que suas populações nativas foram incapazes de aproveitar. E destacam que, entre os europeus, os ingleses era o povo cujas condições mostravam-se as mais favoráveis para o empreendimento, afinal, não eram dotados dos vícios e das falhas de caráter tão comuns aos seus rivais ibéricos.

Ao redigir uma história das possessões europeias no Novo Mundo, a busca pela afirmação de uma superioridade inglesa conduz à construção de uma interpretação da atuação espanhola na América que, em última instância, acusava os ibéricos por procederem na contramão do movimento da história. Ao invés de espalharem o progresso e a virtude, os súbitos das monarquias ibéricas só foram capazes de promover sentimentos e ações torpes. Eis aqui o segundo eixo de reflexão ao qual Robertson se dedica: a análise da atuação ibérica, notadamente da espanhola, e dos resultados alcançados pelos povos da península na formação do caráter de seus colonos e da paisagem natural de suas colônias.

A incapacidade espanhola no Novo Mundo é colocada em discussão não somente quando o assunto é a conversão ou o uso da mão de obra indígena; a própria produção escrita empreendida pelos espanhóis desde a conquista do Novo Mundo era tida como ilustrativa da debilidade dos seus autores. Postas, então, em xeque a partir desse momento, as narrativas produzidas pelos espanhóis, especialmente sobre os impérios astecas e incas⁷⁹, narrativas desprovidas de qualquer especulação filosófica, eram acusadas de em nada contribuir para o desenvolvimento do conhecimento sobre o local e seus habitantes, um ponto que passa a ocupar a atenção da historiografia inglesa desse período. Compreender não somente o progresso material e moral dessas sociedades, mas também o desenvolvimento da própria espécie humana estava entre os objetivos que orientavam a escrita dessas “histórias filosóficas da América”. A respeito de tal pretensão, Robertson salienta:

[...]the contemplation of the condition and character of the americans in their original state tended to complete our knowledge of the human

⁷⁸ “The effects of human ingenuity and labor are more extensive and considerable, than even our own vanity is apt at first to imagine. When we survey the face of the habitable globe, no small part of that fertility and beauty which we ascribe to the hand of nature is the work of man [...]. But in the New World, the state of mankind was ruder, and the aspect of nature extremely different”. Ibidem, p. 16.

⁷⁹ Sobre o processo de descrédito em relação à produção escrita espanhola, destaco CANIZARES-ESGUERRA, Jorge. **How to write the history of the New World: histories, epistemologies and identities in the Eighteenth Century Atlantic World**. Stanford: StanfordU Press, 2001.

species might enable us to fill up a considerable charm in the history of its progress and lead speculations no less curious than important.⁸⁰

A crítica aos espanhóis estende-se à crueldade no trato com os nativos⁸¹ e à incapacidade de convertê-los. Senhores de extensas e ricas porções do território americano, os espanhóis mostravam-se, aos olhos ingleses, incapazes de prover o aprimoramento moral do Novo Mundo; ao contrário, é o enraizamento na América dos vícios de seus rudes e ignotos colonos que parece prevalecer no decorrer de mais de um século de ocupação. Acrescente-se o desrespeito às instruções legais⁸² – notadamente no tocante à escravidão indígena – e ter-se-á, em linhas gerais, um panorama, sob o ponto de vista inglês, da atuação espanhola no novo continente.

É sobre a avaliação da atuação espanhola que, aos poucos, se constrói uma identidade para a presença inglesa no Novo Mundo, compreendida como um empreendimento zeloso das instruções legais, empenhado na conversão dos indígenas e comprometido com o aprimoramento material e moral das possessões americanas. Acrescente-se a isso, a superioridade de seus colonos, instruídos nas letras e nas artes, e teremos, na perspectiva de Robertson, os elementos que garantiam, em parte, o êxito da empreitada inglesa. Exemplar dessa assertiva era o caso constantemente citado de William Penn, fundador da Pensilvânia que, nas palavras do filósofo Edmund Burke⁸³, ao se dedicar a construção de uma sociedade pautada na liberdade civil e religiosa no decorrer do século dezessete, “preferiu se aventurar num empreendimento desconhecido a fazer sua própria fortuna”.⁸⁴ Colônias fundadas sobre tais preceitos só poderiam, na avaliação dos filósofos e historiadores ingleses, estar destinadas a um “memorável progresso”.

⁸⁰ [. . .] a contemplação da condição e do caráter dos americanos em seu estado original favorece o conhecimento completo das espécies humanas e apresenta-se como um considerável atrativo na história do progresso ao conduzir especulações não menos curiosas e importantes Cf . ”.ROBERTSON, William .Op .cit,p .54 .

⁸¹“ [...] if the natives refused to comply with this requisition, the terms of which must have been utterly incomprehensible to uninstructed Indians, then Ojeda and Nicuessa were authorised to attack them with fire and sword, to reduce them, their wives and children to a state of servitude; and to compel them by force to recognize the jurisdiction of the church and the authority of the monarch, to which they would not voluntarily subject themselves” .Ibidem, p .260 .

⁸²A esse respeito, GREENE, Jack P .By their laws shall ye know them: law and identity in Colonial British America . *Journal of Interdisciplinary History*, n .33, p .247-60 .(Autumn 2002),

⁸³ BURKE, Edmund .*An account of the european settlements in America* .Containing an accurate description of their extent, climate, productions, trade, genius and dispositions of their inhabitants, the interests of the several powers of Europe, with respect to those settlements and their political and commercial views with regard to each other .Londres: J . J .Stockdalls, 1808, 2v .

⁸⁴Ibidem, p .198 .

A rivalidade com os espanhóis é estimulada pelas novas descobertas que animaram “um apaixonado desejo de obter a glória da Espanha e conseguir algumas daquelas vantagens esperadas nesse novo campo aberto a atividade nacional”, como declara Robertson. Em face dos excessos da atuação espanhola, o autor – assim como boa parte da produção escrita desse período – procura destacar aquilo que julga um diferencial inglês em relação às possessões no Novo Mundo: a condução de um governo e de uma administração pautada por normas e condutas legais – ainda em que pese as peculiaridades locais –, incumbida de promover o *melhoramento moral e material* nos territórios ocupados, eis aí o que Robertson define como o *espírito inglês* no Novo Mundo.

Essa espécie de “missão” ao qual se dedicaram os colonos, segundo o autor, não poderia ser encontrada entre os espanhóis e os portugueses, povos cujas falhas de caráter tendiam a ser perpetuadas em solo americano. Para Robertson, além de incapazes de promover o aprimoramento dos povos indígenas, os espanhóis, ao contrário, travavam sangrentas batalhas com os nativos e sua produção escrita não dava a devida atenção ao que o Novo Mundo oferecia em termos de conhecimento e especulação filosófica.

Duas décadas antes da publicação da *History*, de Robertson, em 1757, Edmund e William Burke redigem *An Account of the european settlements in America*, obra em dois volumes, na qual alertam para os vícios dos povos ibéricos – tais como a indolência, tida como a responsável pela atmosfera luxuriosa dos estabelecimentos espanhóis e portugueses⁸⁵ – e para a pouca atenção dada para o melhoramento desses territórios, um descaso que poderia ser estendido à ausência de uma reflexão filosófica sobre os mesmos territórios. De acordo com Burke, a lentidão em aprimorar as possessões, a frieza e o desdém em relação às mesmas era parte integrante do caráter não somente dos colonos como da própria Coroa Espanhola.⁸⁶

Os ingleses, ao contrário, preocupados com o aprimoramento de suas colônias, buscaram difundir o refinamento nos costumes, na moral, na arquitetura e nas atividades comerciais. Quanto a esse último aspecto, tanto Burke como Robertson expressam

⁸⁵ Acerca do Brasil, Burke sentencia que “the portrait which the most judicious travellers give us of the manners and customs of the Portuguese in America is very far from being favourable to that people .They are represented as a people at once sunk, in the most effeminate luxury and practicing the most desperate crimes .Of a dissembling hypocritical temper, of little honesty in dealing, or sincerity in conversation, lazy, proud and cruel” .Ibidem, p .375 .

⁸⁶“ [...] it was always the character of the court of Spain to proceed very slowly, if at all, in any improvement, and to receive schemes for that purpose with coldness and disdain .” Ibidem, p .96 .

diagnósticos que apresentam o Novo Mundo como um ambiente cujas condições naturais favoreciam o intercâmbio comercial. Em tal cenário, com a construção de algumas benfeitorias, só se poderia esperar êxito e prosperidade, afinal:

Without comparison, America is that part of the world which is the best watered and that not only for the support of life, but for the convenience of trade and the intercourse of each part with the others. [...]. Many parts of our settlements are so intersected with navigable rivers and creeks that the planters may be said without exaggeration to have each a harbour at his owndoor.⁸⁷

The New World is of a form extremely favorable to commercial intercourse. [...]. In all these respects America may near a comparison with the other parts of the globe. The gulf of Mexico which flows in between North and South America may be considered as a Mediterranean sea, which opens a maritime commerce with all the fertile countries by which it is encircled.⁸⁸

Os interesses despertados pela posse de territórios tão promissores fez com que Burke redigisse capítulos dedicados à apresentação dos principais portos do Novo Mundo e à descrição dos principais produtos aí comercializados, com destaque para os portos de Acapulco e Vera Cruz, no México, Buenos Aires, na província do Prata, e Salvador e Rio de Janeiro, no Brasil, e concedesse pouca atenção para a história civil ou natural dessas colônias.⁸⁹ Seu parecer final, que traz críticas não somente às monarquias ibéricas, como também à população nativa, destaca as descobertas e a colonização como elementos que, somados à invenção da imprensa e à Reforma, entre outros fatores, inauguraram uma nova fase da própria história europeia. Aos estabelecimentos ingleses era reservado um futuro promissor, visto o respeito desse povo que Burke denomina de “lei universal”: *“o melhor Estado é aquele que obedece a uma lei universal que, em linhas gerais previne a todos da decadência através do empenho em promover e*

⁸⁷ Cf. “Sem comparação, a América é aquela parte do mundo na qual é melhor abastecida de água não apenas para a manutenção da vida mas para um vantajoso comércio e para a comunicação com outras regiões [...]. Muitas partes de nossos estabelecimentos estão integradas com rios e riachos navegáveis que os colonos podem dizer, sem exagero, possuir um porto em sua própria casa” .Ibidem, p. 248 .

⁸⁸ “O Novo Mundo é extremamente favorável ao intercâmbio comercial [...] Em todos os aspectos, a América parece comparável com as outras partes do globo .O golfo do México, que corre entre o norte e o sul da América, pode ser considerado como o mar Mediterrâneo que possibilita o comércio marítimo com todas as regiões produtivas que o cercam” .ROBERTSON, William .Op .cit, p. 05

⁸⁹ “My principal view, in treating of the several settlements was to draw everything towards their trade which is the point that concerns us the most materially; for which reason, I have little considered their civil and yet less their natural history, further than as they tended to throw some light upon the commerce of these countries . ” BURKE, Edmund .Op .cit, s . p .

difundir o melhoramento moral e material". Eis aí um elemento apontado, não apenas por Burke, como traço diferencial da presença inglesa no Novo Mundo.

Ainda que não tenha produzido uma história de moldes filosóficos, Edmund e William Burke, como se pode perceber, apresentaram algumas questões que tenderam a ganhar cada vez mais relevo entre os filósofos ingleses. Na definição de uma identidade colonial inglesa, o zelo às normas legais e o empenho na promoção do melhoramento moral e material das possessões americanas desempenharam um relevante papel. Nesse processo, diante das especificidades do cenário e da população americana, afirma-se uma identidade inglesa – e por extensão, europeia – que conduz a polêmicas que ultrapassam a historiografia europeia setecentista.

Quando Burke redige, na segunda parte de sua obra, um capítulo intitulado *The manners of the americans*, tece alguns apontamentos acerca da identidade das populações do Novo Mundo – ainda que sem a presença de uma especulação filosófica – e, por oposição, da identidade europeia (como sua forma de organização social e seu caráter) que, mais tarde, na história da América de Robertson e na produção posterior, desempenharão um papel nodal na construção da interpretação da história da humanidade e do lugar da América nessa história.

Apresentados como desprovidos de qualquer gosto pelas artes, preguiçosos, indolentes e cruéis⁹⁰, os indígenas e os crioulos, cujas origens discute, são considerados “povos irrecuperáveis”. Na perspectiva de autores como Robertson, essas populações pouco ou nada podem contribuir para a difusão do tão apregoadado ideal de *melhoramento*.

Na elaboração dessas narrativas, tal ideal mostra-se central para a compreensão da própria identidade inglesa no Novo Mundo. Ao considerarmos que um dos eixos de interpretação se apóia na ideia do melhoramento moral dos colonos e das populações autóctones, e melhoramento material dos territórios no qual se empenharam os colonos ingleses, autores como Burke e Robertson, pautados nas polêmicas sobre a origem dos povos americanos e do seu caráter supostamente indolente, elaboraram mais um eixo de diferenciação da participação inglesa, que concede um papel menor para esses povos e realça a imigração europeia. Em outras palavras, na interpretação que constroem da história das possessões europeias no Novo Mundo, os ingleses concedem aos povos

⁹⁰“Living as they do in a constant enervating heat, surfeited with wealth and giving up their whole time to loitering and inactive pleasures, they having nothing bold or manly to fit them for making a figure in active life; and few or none have any taste for the satisfaction of a learned retirement[...]” .Ibidem, p .285

ameríndios um papel quase nulo ou de pequeno peso para a compreensão da trajetória das suas colônias. E mais uma vez, a formulação da identidade inglesa se ampara numa interpretação que concentra nos povos ibéricos tudo aquilo que representa o atraso e o condenável.

Essas especulações filosóficas suscitadas pelas singularidades do Novo Mundo são compartilhadas, anos mais tarde, por Richard Snowden, autor da *The History of North and South America from its Discovery to the death of General Washington*. Publicada em 1805, essa narrativa se divide em duas partes: a primeira aborda os territórios sob o comando espanhol e português, a segunda procura, no decorrer de aproximadamente 150 páginas, narrar os progressos e as mudanças políticas vivenciadas pelas colônias inglesas. No decorrer do escrito a referência e o “empréstimo” de trechos da obra de Robertson é visível, uma característica que já é anunciada no prefácio.⁹¹ Encontramos aqui mais uma amostra do universo compartilhado pelos autores em língua inglesa acerca do cenário americano.

The character of the indians is only to be known by their circumstances through life. Constantly employed in procuring a precarious substance, by hunting wild animals and often engaged in war, it cannot be expected that they enjoy much gaiety of temper.[...] ⁹²
[...]

Snowden aponta nesse trecho uma característica que é constantemente retomada pelos filósofos: a incapacidade dessas populações de se imporem à natureza. Ao reiterar, anos depois, as assertivas de William Robertson, a obra de Snowden consagra o progresso moral e material das colônias inglesas, expresso com a declaração de independência em 1776, o ponto alto da história da América. Marco divisor de uma nova fase da história da Humanidade, a separação das antigas colônias inglesas era compreendida como o resultado natural do progresso por elas alcançado ao longo do tempo.

The states of the british colonies at the conclusion of the war in 1763 was such as attrated the attention of all the politicians in Europe. At that period, their condition was remarkable and striking : their trade had prospered and extended notwithstanding the difficulties and

⁹¹“To furnish the public with a concise history of America, from its discovery to its present state of civilization and importance is an undertaking of such general utility that he attempt, if it even fall short of complete execution has a claim to a considerable share of indulgence .This is more especially the case when the writer has to follow a historian of such great and just celebrity as Dr .Robertson in at least one half of the work” .SNOWDEN .Richard .Op .cit .p .125 .

⁹²“O caráter dos índios somente é conhecido pelas circunstâncias ao longo da vida .Constantemente preocupados com sua precária subsistência, caçando animais selvagens e frequentemente envolvidos na guerra, não se pode esperar entre eles uma alegria no temperamento .[...]” .Ibidem, p .203 .

distress of the war. Their population increase; they abounded with spirited and enterprising individuals; they were elated with the uncommon success that had attendant their commercial and military transactions.⁹³

Como podemos perceber, a *History Of America*, de Robertson, é uma obra capital da historiografia inglesa desse período, não apenas por sistematizar as questões referentes à América e seu lugar na escrita da história, como também por ser a base a partir da qual inúmeros autores, como Snowden e William Russel, por exemplo, se orientaram para compor os seus estudos. Ainda que não apresentem nenhum acréscimo em relação à narrativa de Robertson, os textos posteriores auxiliaram nesse processo de compreensão da construção de um lugar para América na história escrita em língua inglesa. Passemos os olhos por mais um caso, o do referido William Russel.

Homem erudito, Russel dedicou-se a uma ampla gama de temáticas, produzindo uma série de escritos em prosa e em verso, dois dos quais dedicados à América: uma História da América, de 1778, e um terceiro volume da *The History of Modern Europe*, de 1784, no qual concede especial atenção aos estabelecimentos coloniais. Aqui não se trata apenas de uma simples alusão à América e a seus territórios, mas da sua incorporação no processo de compreensão da própria história europeia. Nessas narrativas, o autor apresenta os melhoramentos alcançados pela humanidade no decorrer dos séculos, em um movimento sempre direcionado, nas suas palavras, para o “*refinamento das artes e do homem*”.

As descobertas, exemplares dessa nova era, para além de promoverem o refinamento dos povos selvagem, promoviam também um “extraordinário” intercâmbio comercial, “que tem feito consideráveis progressos em direção à civilização”. Toda a ação inglesa nos territórios da Virginia e da Nova Inglaterra corroborava essa tese. Semelhante à narrativa de Robertson, a de Russell apresenta uma avaliação histórica da atuação dos povos ibéricos de pesadas cores. Para além da crueldade dos conquistadores e da ignorância dos colonos ibéricos, o autor destaca o caráter corrupto dos portugueses.

but like every people who have suddenly acquired great riches, the Portuguese began to feel the effects of luxury. That hardly valour, which had subdued so many nations, existed no longer among them :

⁹³“O estado das colônias britânicas no final da guerra de 1763 era tal que atraiu a atenção de todos os políticos na Europa .Naquele momento, sua condição era notável e marcante: seu comércio prosperou e expandiu, não obstante as dificuldades e a aflição da guerra .Sua população cresceu; entre eles abunda um espírito de empreendimento individual; [por fim] estão envolvidos de um incomum sucesso em suas transações comerciais e militares” .Ibidem, p . 222 .

they were with difficulty brought to fight except where there was a prospect of plunder. Corruption prevailed in all departments of government and the spirit of rapine among all of men⁹⁴

Em suma, Russell reitera as observações e comentários de autores dos séculos anteriores que postulam a completa incapacidade dos povos ibéricos em difundir ideais nobres e em construir uma sociedade pautada nas sanções legais e no sucesso individual de seus habitantes. Tal como os autores que o antecederam, o texto de Russell centraliza sua análise na crença do aprimoramento moral da América, um aprimoramento ditado pelas leis da história e que estava intrinsecamente ligado à participação inglesa na colonização, segundo a interpretação histórica construída lentamente no decorrer do século XVIII.

1.3 Os primeiros olhares ingleses sobre a América Portuguesa

A curiosidade e o interesse inglês pelo Novo Mundo não se limitou aos territórios por ele colonizados, pelo contrário, inúmeras viagens e excursões atestam a presença inglesa em terras brasileiras desde a segunda metade do século XVI. Embora grande parte dessas narrativas sejam os resultados de observações colhidas durante um curto período de estadia, seus autores procuram fornecer uma visão mais ampla sobre as possessões portuguesas na América. Para isso, além de se servirem das descrições de outros viajantes – sobretudo franceses e holandeses – esses autores abordam desde as coordenadas geográficas e direções do vento, até a variedade de animais, peixes e pássaros encontrados nos territórios visitados, sem contar as páginas em que descrevem detalhadamente as cidades e sua arquitetura, bem como as condições dos portos locais. Movidos pela curiosidade e pelo desejo de estabelecer relações de comércio, viajantes, missionários, corsários e aventureiros ingleses vão lentamente construindo uma visão acerca da então possessão portuguesa na América.

A produção textual inglesa sobre o Brasil, de acordo com as anotações de Richard Hakluyt, tem seus primeiros registros na década de 30 do século XVI, com a publicação, em 1526, da obra *A brief summe of geographie*, que relata brevemente a

⁹⁴“Porém como todo povo que repentinamente conquista grandes riquezas, os portugueses começaram a sentir os efeitos da luxúria. Valores elevados que presidem muitas nações já não existe entre eles : dificilmente se enveredam em batalhas, exceto quando há a possibilidade de pilhagem .A corrupção prevalece no governo e o espírito de rapina entre todos os” .Cf . RUSSELL, William .**History of Modern Europe** .With an account of the decline and fall of the Roman Empire and a view of the progress of society .Philadelphia: Abraham Small,1822,p . 176 .

passagem de Sebastião Caboto pela costa brasileira. Anos mais tarde, William Hawkins realiza uma viagem ao país, ao longo da qual estabelece boas relações comerciais com os selvagens, a ponto de, na sua segunda viagem, em 1532, transportar um indígena e apresentá-lo à corte de Henrique VIII.⁹⁵ Nas suas observações, Hawkins não deixa de chamar a atenção do leitor para as excelentes condições climáticas⁹⁶ e para a grande necessidade que havia no lugar de produtos como tecidos e vinhos.⁹⁷ Semelhante comentário é partilhado, já no final do século XVII, por outro inglês, William Dampier, que em 1699 redige a narrativa *A new Voyage to New Holland*. Nela, Dampier destaca, ao lado das condições climáticas favoráveis, a existência de bons portos na Bahia, fator que possibilitaria o exercício de um comércio cada vez mais dinâmico.

A Baía de Todos os Santos, situada a 13 graus de latitude sul, é a mais importante cidade do Brasil, quer pela beleza das suas construções, pelo seu tamanho, pelo seu comércio, ou, ainda, pela sua receita. A cidade conta com as vantagens de um porto capaz de receber navios de grande tonelagem [...]. As ruas principais da cidade são largas, e, na sua maioria, pavimentadas ou cobertas com umas pedras pequenas. Há, também, praças nos locais mais nobres e muitos jardins na cidade e nos seus arredores, onde se cultivam árvores frutíferas, verduras, legumes, e grande variedade de flores, mas tudo sem grande cuidado ou nenhuma arte.⁹⁸

⁹⁵“*Old Master William Hawkins of Plymouth, a man for his wisdom, valour, experience and skill in sea causes much esteemed, and beloved of King Henry VIII, and being one of the principal sea captains in the West parts of England in his time, not contented with the short voyages commonly then made only to the known coasts of Europe, armed out a tall and goodly ship of his own of the burden of 250 tons, called the Paul of Plymouth, wherewith he made three long and famous voyages unto the coast of Brazil, a thing in those days very rare, especially to our nation*” .Em seguida: *and took of them elephants' teeth and other commodities which the place yieldeth .And so arriving on the coast of Brazil, he used there such discretion and behaved himself so wisely with those savage people that he grew into great familiarity and friendship with them .Insomuch that in his second voyage one of the savage kings of the country of Brazil was contented to take ship with him, and to be transported hither into England: whereunto Master Hawkins agreed, leaving behind in the country as a pledge for his safety and return again one Martin Cockeram of Plymouth .This Brazilian King, being arrived, was brought up to London and presented to King Henry VIII, lying as then at Whitehall: at the sight of whom the King and all the nobility did not a little marvel, and not without cause; for in his cheeks were holes made according to their savage manner, and therein small bones were planted standing an inch out from the said holes, which in his own country was reputed for a great bravery .He had also another hole in his nether lip wherein was set a precious stone about the bigness of a pea .All his apparel, behaviour and gesture were very strange to the beholders*” .Apud HUE, Sheila Moura .Inglês no Brasil: relatos de viagem (1526-1608) .**Anais da Biblioteca Nacional**, n . 146, 2006, p . 47 .

⁹⁶ A descrição e especulação acerca das condições físicas do Brasil tende, com o passar dos anos a ganhar cada vez mais destaque, ocupando longas páginas nos relatos que, a partir do século XVII passam a questionar a salubridade dos trópicos, como foi o caso de Tench que ao se pronunciar sobre a cidade do Rio de Janeiro destacou o relevo “rodeado por montanhas .Tal localização impede a livre circulação do ar e expõe os habitantes a febres intermitentes e a doenças pútridas” .Cf .FRANÇA, Jean Marcel .Op .Cit, p . 257 .

⁹⁷ HAWKINS, William, Apud HUE, Sheila .Op . cit, p . 65 .

⁹⁸ DAMPIER, William .In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho .**A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII** .Franca: Departamento de História, 2009 .Tese de Livre Docência, p .319 .

Até mesmo o mais famoso editor de viagens do reino inglês, Richard Hakluyt não deixou de notar o interesse que os territórios sob tutela portuguesa exerciam, chegando mesmo a aconselhar à rainha Elisabeth a construção de bases navais na cidade de Santos e de São Vicente.⁹⁹

O tom de entusiasmo que marca essa produção escrita não se limita à descrição física do território; se estende também às observações feitas acerca das relações entre as diversas tribos indígenas e agentes de origem inglesa, sejam viajantes ou comerciantes. Apresentadas como harmoniosas e honestas, as relações estabelecidas com os povos nativos sugeriam uma vantagem que nem mesmo os portugueses eram capazes de obter. Essa questão se mostra crucial para a compreensão da visão que, no decorrer dos séculos, os ingleses legam sobre o Brasil. Logo nos primeiros relatos elaborados no século XVI, autores como William Hawkins e Anthony Knivet contrastam as boas relações entre ingleses e nativos com os conflitos vivenciados pelos povos ibéricos, seja nas possessões espanholas, seja nas portuguesas. Acrescentam, ainda, a luxúria e a preguiça como características não dos povos indígenas, mas, sim, dos portugueses. Numa carta endereçada a Richard Slaper em 1578, John Withal alerta sobre as grandes possibilidades de riqueza no Brasil, possibilidades que eram negligenciadas pela preguiça dos portugueses. Segundo Withal, apenas a presença de povos industriais – tal como os ingleses – seria capaz de proporcionar um aproveitamento adequado dos recursos naturais e, conseqüentemente, um enriquecimento para aqueles que haviam investido nessas terras.¹⁰⁰

No que diz respeito à desaprovação do caráter português, as narrativas inglesas – desde o século XVI até o século XIX – serão unânimes em suas observações e pareceres que identificam no português o grande mal que se instalou nas novas terras. Um relato interessante que ilustra essa assertiva foi escrito por Anthony Knivet, um tripulante da frota de Thomas Cavendish que, abandonado pelo seu capitão, em 1591, no litoral paulista, relata seus infortúnios durante os dez anos de estadia no Brasil. Na sua *admirable adventures and strange fortunes*, Knivet alerta a certa altura:

O perigo de adentrar uma terra de devoradores de homens onde eu jamais tinha estado não era menor do que o valor que eu dava à minha vida. No entanto, pensei comigo mesmo que os portugueses

⁹⁹“The Island of St .Vincent is easily to be won with men, by means it is nether manned nor fortified, and being won it is to be kept with .This island [...] so abound with victual that it is able to victual infinite multitudes of people, as our people report that were there with Drake, who had oxen, hogges, hennes, citrones, lymons, oranges, etc” .Apud HUE, Sheila Moura .Op .cit, p .64 .

¹⁰⁰ Apud HUE, Sheila .Op .cit, p . 78 .

certamente me matariam pelo crime que tinha cometido e assim, mais uma vez, decidi colocar-me antes nas mãos de piedade bárbara dos selvagens devoradores de homens do que da crueldade sanguinária dos portugueses cristãos.¹⁰¹

Tamanho desprezo e aversão pelos portugueses podem ser compreendidos, em parte, pelo tratamento dispensado a Knivet pelo do governador Salvador Correia de Sá. Logo após ser abandonado por Cavendish, o tripulante inglês foi capturado por portugueses e forçado a trabalhar na residência de Sá em diversas funções, entre elas, a de captura de índios¹⁰². O mau tratamento recebido e as frustradas tentativas de fuga perpassam todo o relato, como ilustra o trecho a seguir.

[...] todas as minhas roupas ficaram em farrapos de tanto trabalhar noite e dia em uma barçaça, transportando cana-de-açúcar e madeira para a moenda. Com a vida miserável que eu levava nem me importava mais com o que fazia. Eu não recebia alimento ou roupas, mas sim mais chibatadas que um escravo das galés. [...] ¹⁰³. Depois disso o governador ordenou que prendessem grandes amarras de ferro pesando trinta libras nas minhas pernas, e tive que carregá-las pelos nove meses seguintes em que trabalhei sem parar no engenho de açúcar, como um escravo. O feitor me tratava mais como um cão do que como homem, pois tinha um ódio tão intenso de mim e de todos os estrangeiros que não houve uma só vez em que eu passasse perto dele e ele não me acertasse.¹⁰⁴

No decorrer do relato, Knivet compara a crueldade portuguesa – povo sempre associado a palavras como sanguinário e atroz – com a piedade que pode experimentar durante meses entre os puris¹⁰⁵ e outras tribos indígenas, comumente descritas como guerreiras.

As críticas aos portugueses não param por aí. Em 1789, o capitão inglês Watkin Tench adverte que o conhecimento que se tem do Brasil é incorreto e escasso, uma

¹⁰¹ KNIVET, Anthony. **As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet**: memórias de um aventureiro inglês que em 1591 saiu de seu país com o pirata Thomas Cavendish e foi abandonado no Brasil, entre índios canibais e colonos selvagens. Organização, introdução e notas de Sheila Moura Hue; tradução Vivien Kogut. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 89. Essa será uma ideia recorrente como no seguinte trecho “[...] apesar de todos esses inconvenientes, preferíamos cair nas garras de um leão ou de uma cobra do que nas terríveis mãos dos portugueses”. KNIVET, Anthony. Op. Cit, p. 85.

¹⁰² “Após dois meses em casa, meu senhor decidiu manda-me de novo até os índios para conseguir mais escravos, mas dessa vez eu sabia que nada ganharia e recusei.”. Ibidem, p. 77.

¹⁰³ Ibidem, p. 71.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 81.

¹⁰⁵ “Assim que cheguei me dirigi a uma grande cabana que julguei ser a do rei, que eles chamam de Morubixaba. Eles tinham acabado de pendurar uma bela rede entre duas estacas e disseram-me que sentasse nela. Assim que o fiz, vieram pelo menos umas vinte mulheres e, enquanto algumas deitavam a cabeça no meu ombro, outras no meu colo, começaram a chorar tão alto e de modo tão sentido que fiquei perplexo”. KNIVET, Anthony. Op. cit, p. 73.

observação que é compartilhada por outros viajantes no decorrer dos séculos XVIII e XIX.

O Brasil é um território muito mal conhecido na Europa. Os portugueses, por razões políticas, não divulgam quase nenhuma informação sobre essa sua colônia. Daí, as descrições vinculadas nas publicações geográficas inglesas serem, estou certo, terrivelmente errôneas e imperfeitas¹⁰⁶.

Dentre as várias notícias acerca da possessão portuguesa na América, nenhuma ganhou tanta atenção dos ingleses como a relativa à descoberta de reservas de ouro e diamante. Vejamos o caso do relato de Woode Rogers, publicado em 1712. Autor de *A cruising voyage round the world*, no capítulo dedicado ao Brasil, Rogers já anuncia nas páginas iniciais que “É quase impossível saber a verdade, mas não há dúvidas de que o ouro encontrado no país é abundante”.¹⁰⁷ Anos depois, em 1748, George Anson aponta a mudança do panorama econômico da então colônia portuguesa, que das *plantations* de açúcar passava gradativamente a viver da extração de ouro e diamantes.

Mas este país, que por muitos anos foi considerado apenas para a produção de suas *plantations*, descobriu recentemente que abundam aqui os dois minerais que mantêm a humanidade na maior estima, e que exercem a sua maior arte e indústria na aquisição de ouro e diamante¹⁰⁸.

Apesar das expectativas de crescimento derivadas da descoberta das minas, Anson mostra-se cauteloso quando o assunto é a atividade comercial. Segundo ele, apesar da enorme necessidade de produtos importados, a vigilância feita pela Coroa portuguesa quanto à entrada e ao comércio de produtos fabricados por outros povos europeus conduzia à uma situação absurda.

Essas críticas, já presentes nas narrativas do século XVI, tornam-se cada vez mais constantes e incisivas nos séculos seguintes, a ponto do tenente Watkin Tench concluir que a má administração portuguesa era responsável pelo lento avanço da colônia. Dotada de boas condições naturais, mas conduzido por povos cruéis e preguiçosos, eis as duas principais facetas do Brasil apontadas pelos ingleses entre os séculos XVI e XVII. Já no século seguinte, as esparsas informações sobre a colônia

¹⁰⁶ TENCH, Watkin In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho .**Visões do Rio de Janeiro Colonial** .3ª .ed . Rio de Janeiro: José Olympio,2008, p . 257 .

¹⁰⁷ ROGERS, Wood .In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho .**A construção do Brasil...** ,p . 359 .

¹⁰⁸ ANSON, George .In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho .Op .cit, p . 75-79 .

portuguesa tendem a ser superadas graças ao crescente número de viagens marítimas¹⁰⁹ realizadas no decorrer do século XVIII, entre as quais podemos citar as de James Cook, George Anson e Arthur Phillip.

Como salienta George Anson, tais viagens possibilitavam um alargamento do conhecimento científico do período com a observação e catalogação de espécies da fauna e da flora há muito descritas e que eram objeto de grande especulação. Apesar dos inúmeros perigos que rondavam essas viagens, o autor enfatiza:

A mais importante proposta de navegação, comércio e interesse nacional pode ser promovida através de cada narrativa autêntica da costa e de reinos estrangeiros que contribuirá para fins maiores na promoção da riqueza.[...]. Além do mais, uma viagem ao redor do mundo promete infundáveis informações para todos aqueles que desejam e se interessam nessas regiões [...]¹¹⁰.

No entanto, autores como James Cook não deixam de registrar que, apesar da nobreza do empreendimento, os viajantes e sábios europeus ainda deparavam com a desconfiança de autoridades coloniais¹¹¹, que punham em dúvida as suas nobres intenções. Contrariamente, Arthur Phillip¹¹² destaca, em 1787, uma relativa melhora nas relações entre os visitantes e as autoridades locais:

¹⁰⁹“European knowledge-making apparatuses had been construing the planet above all in navigational terms .These terms gave rise to two totalizing planetary projects .One was circumnavigation, a double deed that consists of sailing round the world then writing an account of it .The second planetary project, equally dependent on ink and paper was the mapping of the world’s coastlines, a collective task that was still underway in the eighteenth century, but known to be completable .Like the rise of interior exploration, the systematic surface mapping of the globe correlates with an expanding search for commercially exploitable resources, markets, and lands to colonize, just as navigational mapping is linked with the search for trade routes” .Cf .,PRATT, Mary Louise .**Imperial Eyes** : Travel Writing and Transculturation .Nova York: Routledge,1992, p .29 .

¹¹⁰ ANSON, George .*Op .Cit*, p . 77

¹¹¹ “Enquanto nos preparávamos para ancorar, um barco cheio de soldados começou a rondar o nosso navio .Pouco tempo depois, um segundo barco, que trazia a bordo vários oficiais do vice-rei, aproximou-se e um dos seus tripulantes perguntou de onde vínhamos, qual era a nossa carga, qual o objetivo da nossa viagem e qual o número de canhões e de homens que o nosso navio possuía .Eles puseram, ainda, uma série de outras questões, que respondemos sem hesitar e com sinceridade .Para justificar a detenção de meu tenente e o retorno da pinaça com um oficial português, os representantes do vice-rei alegaram que era costume do local reter em terra o primeiro oficial que desembarcasse até que o barco do governador tivesse visitado a tripulação .[...] . Aproximadamente ao meio-dia, retornei a bordo, acompanhado desse oficial .Os senhores Banks e Solander estavam impacientes à minha espera .Eles não tinham dúvidas de que o relatório, feito na véspera pelos espiões, e a minha conferência da manhã dissipariam as desconfianças do vice-rei, que acabaria por permitir que desembarcassem . Imaginem a decepção dos dois oficiais, quando lhes disse que não poderiam nem se estabelecer em terra, nem excursionar pelo campo e nem mesmo sair do navio .O vice-rei ordenara que ninguém embarcasse, exceto o capitão e os marujos necessários .Sua ordem visava, sobretudo, os passageiros, anunciados como competentes sábios que vinham fazer observações e descobertas – fins últimos, supunha-se, da nossa viagem .COOK, James .Apud FRANÇA, Jean Marcel Carvalho, *Op . cit*, p . 170-2 .

¹¹² Cabe destacar que Phillip havia prestado serviços para a Armada Portuguesa, fato que provavelmente, muito colaborou para a recepção e o tratamento cordial que recebeu das autoridades locais .

Na narrativa do capitão Cook, escrita em 1768, lê-se que, quando esse navegador chegou a essa costa, o vice-rei mostrou-se muito desconfiado a seu respeito, impôs severas restrições ao desembarque de seus homens, mesmo dos sábios que acompanhavam a expedição, e chegou até a tomar algumas atitudes violentas. A recepção que nos fez o atual vice-rei e seus oficiais foi bem diferente: polida, lisonjeira e despida de qualquer desconfiança.¹¹³

Durante sua estadia na cidade do Rio de Janeiro, Cook, incomodado com o tratamento recebido pelos agentes portugueses, redige um parecer acerca da administração da justiça na América Portuguesa. Em suas palavras:

O governo local é misto na forma, mas absoluto no exercício. Ele é composto pelo vice-rei, pelo governador da cidade e por um conselho cujo número de participantes não me foi possível saber. Nenhum ato judicial pode ser realizado sem o consentimento desse conselho, no qual o vice-rei tem voz preponderante. Contudo, tanto o vice-rei como o governador pode, segundo os seus caprichos, mandar um homem para a prisão e até para Lisboa. Casos houve em que nem os amigos nem a família do sequestrado foram informados das razões da acusação e tampouco vieram a saber do paradeiro do acusado após a detenção.¹¹⁴

Uma das muitas dificuldades enfrentadas por esses viajantes era, pois, justamente em tentar convencer as autoridades do caráter honroso da sua viagem e da necessidade da arribada em terras brasileiras.

Boa parte da atenção desses viajantes e curiosos parece dirigir-se para a observação dos costumes dos habitantes locais. Nas passagens que nos legaram acerca dos hábitos das gentes do Brasil de então, algumas temáticas são predominantes, sendo insistentemente repetidas no decorrer das narrativas como é o caso dos costumes religiosos, por exemplo. Em primeiro lugar, a presença marcante da religião, seja na construção de igrejas suntuosas, seja nos hábitos da população. Acompanhem os comentários sobre essa questão de três ingleses que, entre 1768 e 1787, passaram pela costa brasileira.

As igrejas e os conventos são numerosos e ricamente decorados. Quase todas as noites, um desses edifícios é iluminado em honra ao seu padroeiro. Esse espetáculo, quando visto do mar, causa uma excelente impressão; da primeira vez que o vimos, julgamos que era uma festa pública. Em quase todas as esquinas, há um pequeno nicho iluminado que abriga uma imagem da Virgem, diante da qual os passantes, frequentemente, param para rezar e cantar em alto e bom som. O zelo religioso, neste lugar, chega a causar algum espanto ao estrangeiro. A maioria dos habitantes parece não ter outras ocupações além de fazer visitas e frequentar igrejas. A qualquer hora do dia, é possível vê-los

¹¹³ PHILLIP, Arthur .In FRANÇA, Jean Marcel Carvalho .Op .cit, p . 239 .

¹¹⁴ COOK, James .Ibidem, p .179 .

passar pelas ruas, sempre ricamente vestidos, em chapeau bas, e enfeitados com peruca e espadim. Até mesmo garotos de seis anos de idade ostentam esses indispensáveis acessórios. Quanto às mulheres, é muito difícil encontrá-las na rua, a não ser quando vão a caminho das igrejas¹¹⁵.

As igrejas são muito bonitas e as solenidades religiosas tem mais pompa do que aquelas realizadas nos países católicos da Europa. A cada dia, uma das paróquias da cidade promove uma procissão na qual diferentes estandartes, todos muito ricos e magníficos, são ostentados. Nessas ocasiões, em todas as esquinas há mendigos recitando suas preces com grande afetação¹¹⁶.

O que nesse país mais chama a atenção de um estrangeiro, principalmente de um protestante, é a quantidade prodigiosa de imagens de santos espalhados pela cidade e a devoção de que são alvo. Essas imagens estão colocadas em quase todas as ruas e os habitantes jamais passam por elas sem fazer uma respeitosa saudação. Durante a noite, os devotos reúnem-se em torno do seu santo de eleição, recitam preces e cantam, em bom som, hinos religiosos. Os costumes dos habitantes, no entanto, segundo se comenta, não faz jus a esse excesso de fervor. Mas, é preciso dizer, em todos os países, sob todos os climas, os atos exteriores de devoção superam os atos interiores, estes bem mais essenciais¹¹⁷.

Um segundo aspecto que é reiterada vezes abordado diz respeito ao comportamento feminino, que está longe de ser lisonjeado. James Cook, por exemplo, relata em sua viagem de 1768 que:

algumas pessoas chegam a afirmar que na cidade não há uma única mulher honesta. Essa condenação é seguramente muito generalizante. O Dr. Solander, todavia, durante sua permanência na cidade, não foi capaz de elogiar a castidade dessas senhoras. Disse-me ele que, ao cair da noite, elas apareciam nas janelas, sós ou acompanhadas, e jogavam buquês de flores sobre os seus eleitos quando esses passavam pela rua. Ainda segundo o doutor, ele e mais dois ingleses que o acompanhavam receberam um número tal de distinções que, ao final de um curto passeio, os seus chapéus estavam cobertos de flores¹¹⁸.

Anos mais tarde, em 1787, Watkin Tench, tenente-capitão observa:

Para ser inteiramente justo com as damas de São Sebastião, vejo-me na obrigação de afirmar que, ao contrário do que contam o Dr. Solander e um outro senhor do navio do Capitão Cook, nem eu nem nenhum dos membros da nossa tripulação chegou a ver sequer uma senhora atirar flores sobre os estrangeiros a título de declaração amorosa. Fomos infelizes ao ponto de, todas as tardes, caminharmos

¹¹⁵TENCH, Watkin .In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho .Op .cit, p . 258 .

¹¹⁶COOK, James .Ibidem, p .178 .

¹¹⁷PHILLIP, Arthur . : Ibidem, p . 241 .

¹¹⁸COOK, James . : Ibidem, p . 180 .

sob os balcões e janelas sem sermos honrados com nenhum buquê, embora houvesse igual abundância de ninfas e flores na cidade¹¹⁹.

Outro comentário que ganha fôlego está relacionado com as condições climáticas. Diferentemente das observações dos autores dos séculos anteriores, no decorrer do século XVIII, os viajantes insistem que o clima estava longe de ser agradável, uma tendência que era reforçada especialmente no verão¹²⁰.

Por fim, a estadia, ainda que por poucos dias, nas principais cidades da colônia, como Salvador ou o Rio de Janeiro, rendeu alguns comentários e até mesmo gravuras que ilustravam a intensidade da presença e do uso da mão de obra negra em diversas atividades produtivas, desde os mais simples afazeres domésticos até a atuação maciça nas lavouras da cana de açúcar e nas minas. James Cook, por exemplo, calcula que a população escrava ultrapassava mais da metade do total da população da colônia¹²¹, enquanto Wood Rogers observa a presença de mulatos em algumas atividades de vigilância das cidades e de negros no garimpo. Na obra *A Voyage to Cochinchina*, John Barrow relata a viagem feita entre os anos de 1792 e 1793 ao redor do mundo. Acerca da colônia portuguesa na América, os comentários do inglês destacam a superioridade numérica de escravos e o seu largo uso como mão de obra.

Estima-se que a população de escravos do Brasil, entre nativos da África e descendentes, ronde os 600 mil indivíduos; enquanto a de brancos, dizem, não ultrapassa os 200 mil. No Rio de Janeiro, essa desproporção é bem maior do que no restante do país, pois a cidade

¹¹⁹TENCH, Watkin.: Ibidem, p .258-9 .

¹²⁰Acerca dessa temática, vale a pena conferir, ainda que brevemente, algumas observações dos viajantes .Para John Hunter, por exemplo, “The town is large, well built, and populous, but ill situated for the health of its inhabitants: it stands upon low ground, which was formerly swampy, and is surrounded with hills of immense height, which entirely exclude the benefit of the refreshing sea and land breezes; so that in the summer time, it is really suffocating hot, and of course very unhealthy” .Já para Tench, ao comentar sobre a cidade do Rio de Janeiro, destaca que “The city of St .Sebastian stands on the west side of the harbour, in allow unhealthysituation, surrounded on all sides by hills, which stop the free circulation of air, and subject its inhabitants to intermittents and putrid diseases .” .Anson também alerta quando narra a estadia em Santa Catarina na qual “ with regard to the climate, it must be remembered that the woods and hills which surround the harbour prevent a free circulations of the air .And the vigorous vegetation which constantly takes place there furnishes such a prodigious quantity of vapour that all the night and a great part of the morning till either the sun gathers strength to dissipate it [...] .This renders the place close and humid and probably occasioned the many fevers and fluxes we were there afflicted with .” . Para o relato de Hunter, confira em FRANÇA .Jean Marcel Carvalho .**Outras visões do Rio de Janeiro Colonial** .Antologia de Textos, 1582-1808 .Rio de Janeiro: José Olympio,2000,p . 231-234; Os relatos de Tench e de George Anson encontram-se traduzidos em FRANÇA, Jean Marcel Carvalho .Op .Cit, p . 257; p .75-79, respectivamente .

¹²¹“A população do Rio de Janeiro, que é considerável, é composta por portugueses, negros e naturais do país .Estima-se que a capitania ou província, da qual a cidade é uma pequena parte, possua 37 mil habitantes brancos e 629 mil negros, muitos deles livres, perfazendo um total de 666 mil homens” .COOK, James .In FRANÇA, Jean Marcel Carvalho . Op . cit,p . 179

não conta com mais de 3 mil brancos, sendo que o número de negros atinge facilmente a casa dos 40 mil. [...] ¹²².

Em linhas gerais, a atuação de escravos nos mais diversos afazeres rende breves comentários que incidem, como apontamos, especialmente sobre sua superioridade numérica e sobre a extensão de sua presença, seja nas províncias do Norte, seja nas do Sul do Brasil. John Barrow, que publica sua obra em 1806, mais do que apresentar breves descrições e estatísticas relacionadas ao tema, se detém na compreensão das condições de sobrevivência e nos hábitos dessa parcela da população, considerados “não tão piores como muitos poderiam pensar”. Parte da compreensão desse novo traço da escrita inglesa acerca do Brasil pode ser compreendido pelo gradativo incômodo que o tráfico negreiro passará a causar, no alvorecer do século XIX, nas relações diplomáticas entre o reino inglês e o restante do mundo.

Nessas primeiras impressões sobre o Brasil e suas gentes, os autores ingleses, em diferentes circunstâncias, elaboraram visões e pareceres que serão lentamente reforçados nos anos seguintes, sobretudo no século XIX, quando a transmigração da Corte Portuguesa e a série de medidas desencadeadas por ela permitiram e estimularam a vinda de estrangeiros para o país, estrangeiros que agora poderiam adentrar e explorar o território sem restrições. Reclamações como as de James Cook ou de Watkin Tench acerca da dos empecilhos impostos aos estrangeiros ou, então, sobre a ausência de um conhecimento exato do país e de suas riquezas naturais cedem lugar para o crescente aparecimento de novas publicações, responsáveis pela catalogação dos mais variados aspectos da colônia portuguesa. Das breves menções no século XVI, passando pelas descrições mais detalhadas dos séculos XVII e XVIII, o interesse e o conhecimento acerca das terras brasileiras e de seus habitantes ganha cada vez mais espaço entre os letrados europeus. No limiar do século XIX, a assinatura de acordos comerciais e diplomáticos põe em cena múltiplos interesses por uma região que desponta, nas palavras do físico Andrew Grant, em 1809, como “o território mais interessante daquelas partes do globo”.

¹²² BARROW, John .Ibidem, p .278 .

CAPÍTULO II

A PRESENÇA INGLESA NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Talvez não haja país algum com o qual as relações da Grã Bretanha sejam tão vastas e do qual, entretanto, conheço tão pouco, como o Império do Brasil.

John Armitage, 1831.

2.1 Portugueses, Ingleses e o Brasil

Viajantes, curiosos e sábios europeus, em diferentes períodos, dedicaram-se a registrar impressões acerca das terras situadas ao sul do continente americano. A terra, a natureza e as gentes do Brasil não passaram despercebidas nessa produção escrita que, desde o século XVI¹²³, foi responsável pela divulgação no ambiente letrado europeu de ideias e imagens sobre essa porção do globo. É, contudo, a partir do século XIX que a presença de estrangeiros em terras brasileiras tende a aumentar, graças a inúmeros fatores, especialmente às mudanças políticas e culturais desencadeadas pela presença da corte de Dom João VI. Uma série de decretos¹²⁴ possibilita, pela primeira vez, a entrada de estrangeiros na colônia, ficando para trás as inúmeras restrições que eram impostas no momento do desembarque no Brasil. As severas restrições¹²⁵, apontadas, entre outros fatores, como responsáveis pelo impreciso conhecimento que existia sobre a então colônia portuguesa cedem lugar para as cartas de permissão que autorizam a entrada e visita de estrangeiros não somente nas cidades do litoral como também pelo interior, até então praticamente inexplorado pelos europeus. O desconhecimento acerca do Brasil era tamanho que, na década de 60 do Oitocentos, o irlandês William Scully, afirma no

¹²³ Ainda que lacunar não se pode desprezar a produção escrita sobre o Brasil entre os séculos XVI e XVIII, afinal muitas das imagens dominantes dos escritos no decorrer do século XIX terá como referência a produção de cronistas, missionários e viajantes do período anterior. Sobre essa temática destaco o artigo de DOMINGUES, Ângela. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, n. 55, pp. 133-152, 2008.

¹²⁴ “Que não só os meus vassallos, mas também os sobreditos estrangeiros possam exportar para os portos que bem lhe parecer, a benefício do comércio e agricultura, que tanto desejo promover, todos e quaisquer gêneros e produções coloniais, à exceção do pau-brasil ou outros notoriamente estancados, pagando por saída os mesmos direitos já estabelecidos nas respectivas Capitanias, ficando, entretanto como em suspenso e sem vigor todas as leis, cartas-régias ou outras ordens, que até aqui proibiam neste Estado do Brasil o recíproco comércio e navegação entre os meus vassallos e estrangeiros. O que tudo assim farei executar com o zelo e atividade que de vós espero” Cf. BONAVIDES, Paulo. **Textos políticos da história do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2002.

¹²⁵ “Por motivos políticos, os vice reis, praticamente absolutos em seu modo de governar, sempre impediram os habitantes de um intercâmbio com outras nações, a tal ponto que nenhum europeu, a não ser português, jamais chegou aqui sem que um sentinela o acompanhasse, de modo que as maneiras dos aqui nascidos logicamente conservam as características originais de autêntica inocência”. O’NEIL, Thomas. **A vinda da família real portuguesa para o Brasil**. Trad: Ruth Salles, 3ª. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2008, p. 81.

prefácio de sua obra *Brazil, its provinces*, a persistência de uma vaga imagem da região que, apesar de sua crescente importância comercial, era ainda vista pela maioria do público inglês como “a semi savage, forest-covered wild produccing coffee, sugar, insects, geems, gold, snakes and precious stones.”¹²⁶

Os decretos ofereciam uma possibilidade inédita para aqueles interessados em desvendar o mundo natural americano. Agora, diferentemente das fracassadas tentativas dos séculos anteriores, das quais era exemplar a conflituosa passagem de James Cook e Joseph Banks pelo Rio de Janeiro em 1768¹²⁷, era possível percorrer as diversas regiões da então nova sede do Império Português com o aval do monarca e de sua administração.

Dentre os inúmeros viajantes e sábios europeus que por aqui passaram, os ingleses, favorecidos por diversos acordos diplomáticos e comerciais com a coroa portuguesa, predominaram. Negociantes, missionários, curiosos, botânicos, engenheiros, entre outros, formavam a ampla gama de súditos de sua Majestade Britânica que, no decorrer do século XIX, deixaram registradas e publicadas narrativas sobre os mais diferentes aspectos do Brasil. Longe de representar somente um importante auxiliar das atividades comerciais¹²⁸, essas narrativas buscaram colocar à disposição do público-leitor acuradas descrições da geografia, da história, da botânica, dos costumes e da política locais, procurando sanar a curiosidade que o Brasil despertava no reino inglês.

¹²⁶ SCULLY, William. **Brazil: its province and chief cities**; the manners and customs of the people; agricultural, commercial and other statistics taken from the latest official documents and a variety of useful and entertaining knowledge, both for merchant and emigrant. Londres: Murray, 1866, p. VIII. Scully, de origem irlandesa, era o editor do periódico *Anglo Brazilian Times*, que circulou na cidade do Rio de Janeiro entre 1865 a 1884.

¹²⁷ Durante a viagem científica de 1768, James Cook, acompanhado do naturalista Sir Joseph Banks, relata as desconfiças, dificuldades e ofensas vividas durante a estadia na cidade do Rio de Janeiro. Impedidos pelas autoridades coloniais de desembarcar e percorrer a região, Banks lamenta não poder conferir de perto a rica diversidade natural dos trópicos.

¹²⁸ Entre os estudos de cunho econômico que predominam na historiografia, destaco: MANCHESTER, Alan. **British preeminece in Brazil**. Nova York, Octagon Books, 1964; RICUPERO, Rubens; OLIVEIRA, Luiz Valente de. (org). **A abertura de portos**, São Paulo: SENAC, 2009; ALMADA, José de, **A Aliança Inglesa**. Subsídios para o seu estudo, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa / Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1946, 2 vols. ; DELAFORCE, Angela (coord.), **Portugal e o Reino Unido**. *A Aliança Revisitada* [Catálogo da exposição homônima patente na Fundação Gulbenkian entre Novembro de 1994 e Janeiro de 1995], Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994; PRESTAGE, Edgar, **A Aliança Anglo-Portuguesa**. Tradução de A. Gonçalves Rodrigues, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936; FISHER, H. E. S. , **De Methuen a Pombal**. O Comércio Anglo-Português de 1700 a 1770, Lisboa, Gradiva, col. “Construir o Passado”, nº 6, 1984 (The Portuguese Trade / A Study of Anglo-Portuguese Commerce 1700-1770, s. l. , s. ed. , 1971); SIDERI, Sandro, **Comércio e Poder**. Colonialismo informal nas relações anglo portuguesas, Lisboa, Edições Cosmos, col. “Coordenadas”, 1978 (Trade and Power - Informal Colonialism in Anglo-Portuguese Relations, Rotterdam, Rotterdam University Press, 1970).

A catalogação da natureza dos trópicos, a análise dos costumes de seus habitantes nativos e a vida dos negros e europeus que aqui se estabeleceram foram questões das quais se ocuparam os ingleses, que percorreram regiões acerca das quais os registros até aquele momento eram muito limitados; como eram os casos das regiões das Minas – sobre as quais existiam mais especulações do que necessariamente informações apuradas – e da Amazônia, o cenário por excelência das explorações de naturalistas como Henry Bates, Alfred Wallace e William Swaison. No entanto, essa expressiva presença inglesa, impulsionada pelos tratados de 1810, foi alvo de calorosas críticas entre os autores portugueses, que se mostravam alarmados com a supremacia britânica em Lisboa e que agora, com a mudança da sede da Corte, se sentiam cada vez mais ameaçados. Vários foram os panfletos publicados ao longo do século XIX que buscaram traçar um esboço do histórico das relações diplomáticas do país e de, principalmente, criticar a preponderância que tinham aí a Inglaterra. Com títulos sugestivos, essas publicações, na maioria das vezes anônimas, fornecem-nos uma pequena amostra, do ponto de vista português, acerca das tumultuadas relações com a histórica aliada Inglaterra.

A assinatura de tratados em 1810, conhecidos na historiografia brasileira sob o nome de *Tratados de aliança e amizade*, estimulou, entre outras coisas, a entrada cada vez maior de produtos ingleses no país, o que gerou, anos depois, inúmeros comentários que enfatizavam, do lado português, a humilhação e, do lado inglês, o prejuízo – acarretado pela perda de investimentos numa região cujos hábitos de consumo eram pouco ou mal conhecidos. Para os autores portugueses coetâneos, o histórico das relações diplomáticas com os ingleses era arrasador: desde o século XIII era possível atestar, no parecer de um anônimo, a humilhação sofrida pelo reino português diante das escandalosas condições impostas pelos ingleses, “os verdadeiros judeus da Idade Moderna”. O autor anônimo de *O que é e de que nos tem servido a aliança da Inglaterra*, panfleto publicado em Lisboa em 1883, destaca que:

Estes artigos do tratado de 1661 são os documentos do maior crime de lesa pátria que ainda se perpetrou em Portugal, e esse crime representa apenas uma parcela do preço monstruoso que nos tem custado a sempre inútil aliança inglesa. [...] ¹²⁹.

¹²⁹ ANÓNIMO ., A Dominação Inglesa em Portugal .O que é e de que nos tem servido a aliança de Inglaterra .Por um compatriota de Gomes Freire d’Andrade, Lisboa, Editor- João António Rodrigues Fernandes, 1883; reed .Sociedade Editora Europa, 1942, e parcialmente transcrito .CASTRO, Armando . (ed .), **A Dominação Inglesa em Portugal com 3 textos do séc .XIX em antologia**, Porto, Edições Afrontamento, 1974, p .146 .

Outro destes panfletos produzidos com o intuito de alertar a nação portuguesa para os males causados pela assinatura de tratados com os ingleses foi publicado no Porto na década de 40, sob o sugestivo título de *Memória histórica acerca da perfídia e traiçoeira amizade inglesa*. O autor, identificado como F. A. de S. C., já nomeia os acordos de 1810 como *tratados horrorosos*, responsáveis pela ruína portuguesa. Além de elaborar um esboço dos acordos diplomáticos entre a Coroa Portuguesa e o reino inglês, S. C. destaca os mecanismos utilizados pelos representantes ingleses para garantir o cumprimento dos tratados, que não se esquivam, segundo o panfletista, de lançar mão até mesmo da coerção. Ouçamos o lamento do lusitano:

A sagacidade e destreza com que se negociou tratado tão vergonhoso, cheio de termos os mais pomposos e altissonantes, fundado sobre falsas bases de reciprocidade e conveniência foi claramente com o objeto de estabelecer um modo formal as condições que fariam participar os súditos britânicos do comércio livre nos portos do Brasil.[...]. Enquanto que os ingleses manobravam para se apoderarem do comércio e recursos do Brasil, com grave prejuízo de nossos interesses e indústria, escudados com o nome de amigo e aliados, eles se introduziram em Portugal com o título de auxiliares, e então dispuseram a seu bel prazer de quanto podia saciar sua desmarcada ambição.¹³⁰

Dentre as principais queixas portuguesas, se destacam a alegação do descumprimento inglês do princípio de reciprocidade¹³¹, que permitiria um tratamento e tarifas especiais para os produtos portugueses na Inglaterra, notadamente para os vinhos. Outra questão espinhosa, que rendeu muita discussão nesse cenário, diz respeito ao fim do tráfico de escravos. A insistência inglesa em abolir essa prática desencadeou longos episódios de tensão nas relações bilaterais, com acusações entre os dois lados: os portugueses alegavam que o assunto deveria ser objeto de uma negociação entre as potências europeias, enquanto os ingleses exigiam a abolição o mais rápido possível, capturando navios negreiros¹³² e enviando representantes para a Corte de Lisboa. A resposta portuguesa pregava a abolição lenta e gradual e reivindicava o respeito inglês à

¹³⁰ **Memória histórica acerca da perfídia e traiçoeira amizade inglesa**. Porto: Tipografia Faria & Silva, 1840, p. 60.

¹³¹ “[...] queremos também que a nação inglesa prospere porque não somos invejosos mas que o consigam pelos meios legais, concedendo-nos o mesmo que exigem para si; queremos também que se lembrem que temos todo o direito a pugnar pelos nossos interesses e prosperidade sem nos devermos jamais sujeitar a seus caprichos e pertencções injuriosas.” Ibidem, p. 76.

¹³² Entre os episódios relatados pelo autor, destaco o seguinte trecho: “Duas embarcações portuguesas, o Netuno e Angorona foram metidas a pique por um brigue de guerra inglês, o Colombine, comandado por Elliot, foi atroz e covardemente insultada a bandeira portuguesa e isto a vista do paquete de Angola! Outras embarcações nossas tem sofrido iguais insultos não mais revoltantes porem mais abjetos! Desta forma são nossas embarcações assaltadas e roubadas impunemente por aqueles piratas debaixo do especioso nome de filantropia a inglesa. Ibidem, p. 260.

decisão de Lisboa, uma aliada que se auto-intitulava “fiel”, como fica evidente no trecho a seguir, redigido em agosto de 1839, pelo representante português em Londres, Visconde de Sá Bandeira.

[...] de que a determinação da época em que o tráfico da escravatura deveria cessar universalmente seria um objeto de negociação entre as potências – o que exclui toda a ideia de que se possa jamais permitir que ela se obtenha por meio da coação. É pois debaixo destas considerações que sua majestade, a rainha, confiando no espírito de justiça e de imparcialidade me ordena que reclame a sua mais benévola atenção sobre este procedimento ofensivo e inaudito do governo britânico em razão das consequências que podem seguir-se para Portugal e para toda a Europa deste novo e extraordinário exemplo do maior abuso da força para com uma soberana e uma nação independente, amiga e sempre fiel a uma aliança não interrompida de mais de quatro séculos¹³³.

E não apenas os tratados como até mesmo a decisão de transmigrar a corte para o Rio de Janeiro foi objeto de protesto nos panfletos. Tal iniciativa colaborou para tornar a situação dos súditos portugueses cada vez mais frágil; em resumo, para os autores dessas obras panfletárias, aos ingleses Portugal devia o seu fracasso no cenário internacional da segunda metade do século XIX.

Que aos ingleses deve Portugal a sua ruína, já pelos tratados que extorquiram dos governos de Portugal, uns a força de ameaças, outros por meio de enganos, e outros finalmente pelo ouro com que compraram ministros venais e desnaturalizados: arruinaram a nossa indústria e comércio, debaixo do nome de auxiliares, como já disse, durante a luta contra a França, dominaram-nos como colonos ou para melhor dizer como escravos com o pretexto de nossos protetores, e no meio de tudo isto, apoiando a Corte do Rio de Janeiro, então sede da monarquia, para nos abandonou, conservando-nos debaixo da tutela da nossa chamada amiga e aliada.¹³⁴

A produção de panfletos e ensaios cuja temática gira em torno da aliança com os ingleses pode ser detectada já em finais do século XVIII. Já aí a animosidade entre portugueses e ingleses era tema de escritos críticos, como a *Profecia Política verificada no que está sucedendo aos portugueses pela sua cega afeição aos ingleses*. Publicada em 1762, esse texto aponta para a crescente influência inglesa sobre a sociedade portuguesa, notadamente no ramo comercial, e para a inércia dos portugueses diante desse processo.

O que porém tinha mais destruído este estado no nosso século era a cega confiança que tinha numa nação ambiciosa, cobiçosa de grandeza e de poder que oferece ao princípio uma mão para socorrer e que

¹³³Ibidem, p. 265.

¹³⁴Ibidem, p. 109.

opreme depois com uma infinidade de braços. [...]Desde que a corte de Londres tomou tão grande ascendente sobre a de Lisboa, e desde que a Inglaterra se derramou (digamo-lo assim) em Portugal, não foram outra coisa os habitantes deste reino senão uns testemunhos ociosos do grande comércio que se fazia em sua própria casa e uns tranquilos espectadores que não fizeram papel algum no seu próprio teatro, contentando-se com olhar a platéia para a trágica cena da sua própria destruição.¹³⁵

Anos mais tarde, em 1800, o negociante inglês John Turnbull ao visitar por poucos dias Salvador, constata as vantagens que se obteria caso a Inglaterra tomasse de Portugal a tutela do Brasil. Uma das justificativas encontradas pelo autor reside não somente nas potencialidades comerciais, mas especialmente na má administração portuguesa que, durante séculos, em nada colaborou para o progresso de sua então colônia na América. A opinião de Turnbull é ilustrativa do crescente interesse inglês pelo Brasil.

Tudo o que vimos convenceu-nos de que, em caso de ruptura entre os dois países, esta colônia será de grande valor para o Império Britânico. Ao longo dos anos, tem se mostrado evidente que ou a França ou a Inglaterra deverão tomar o Brasil sob sua tutela, pois uma nação débil e tão carente de estima na Europa como Portugal não pode, durante muito tempo, ter o monopólio sobre um país tão extenso, país que os portugueses mal conseguem explorar e defender. A França, caso se antecipe a nós – o que certamente pode acontecer, tendo em vista que a conquista é o princípio fundamental de um governo militar –, terá ganho um espólio mais do que suficiente para compensar a perda de Malta e do Egito. Para nós, uma nação comercial, tal aquisição traria mais vantagens, vantagens reais, do que todas as conquistas da França. Se os acontecimentos permitirem que o Brasil caia em nossas mãos, creio que haverá a possibilidade de garantir uma paz honrosa¹³⁶.

A receptividade dos habitantes do Brasil não passou despercebida aos ingleses; como apontou o tenente irlandês Thomas O’Neil: “é tão grande que todos disputam a atenção a ser dada a um estrangeiro: ficam todos às ordens, com sua casa, sua mesa, seus cavalos para servir a um britânico.”¹³⁷ O bom trato com os estrangeiros, as possibilidades oferecidas pela natureza dos trópicos e, do ponto de vista inglês, a deficiente administração portuguesa, tornavam cada vez mais atrativa entre os ingleses a ideia de tomar posse ou pelos menos de estabelecer uma aproximação cada vez maior com o Brasil. Ilustrativa dessa tendência é a obra do capelão irlandês Robert Walsh,

¹³⁵ Profecia política verificada no que está sucedendo aos portugueses pela sua cega afeição aos ingleses .In: CASTRO, Armando .Op .Cit .,p .45; 53 .

¹³⁶ Apud FRANÇA, Jean Marcel Carvalho .Um visitante inglês na Bahia de 1800 .**História**: São Paulo, n .22, , p .238 .2003 .

¹³⁷ O’NEIL, Thomas .**A vinda da família real portuguesa para o Brasil** .Trad .Ruth Sylvia Miranda Salles .3a . ed, Rio de Janeiro: José Olympio,2008, p .88 .

escrita na década de 20 do Oitocentos. Ao se dedicar à descrição da cidade do Rio de Janeiro, Walsh atenta para o episódio da ocupação protestante francesa. Para Walsh, tal ocupação evidencia as vantagens oriundas de uma administração conduzida por povos protestantes, tais como ingleses e franceses.

Among the objects of great interest that struck me, as connected with historical detail was a fort on a small island lying between us and the town called Villegagnon, a name recaling to our recollection the important fact that the first colonists of this magnificent port of the new world were protestants and had the man who bore it been worthy of his trust, it would now have been peopled by a race of men who would long since have distinguished it by the industry, activity and enterprise generally supposed to be connected with the progress of Reformation.¹³⁸

Os tratados de 1810, só agravaram as críticas de portugueses às relações diplomáticas com o reino inglês. Os benefícios concedidos aos produtos e aos cidadãos ingleses era sempre um assunto espinhoso e assim permaneceu ao longo de todo o século XIX. Do lado inglês, Henry Koster, comerciante que se fixou na Bahia entre 1809 e 1820, quando faleceu, destaca que tais acordos também traziam vantagens para a promoção da civilização no Brasil.

the commercial intercourse between both parties has been placed in very favourable circumstances. Even the innovation which by these treaties have been made in the laws of Brazil in favour of Englishmen tend to the general advancement of that country -, to forward its progress towards a higher pitch of civilization.¹³⁹

John Mawe, mineralogista de Derbyshire, que permaneceu no Brasil entre 1807 a 1811, esclarece que, malgrado as queixas, os britânicos contavam com o apoio de importantes autoridades do governo português, como o Conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho; seu testemunho é ilustrativo do clima gerado pelos acordos e pela supremacia inglesa.

¹³⁸ “Entre os objetos de grande interesse que me impressionaram, relacionados com detalhes históricos estava uma fortaleza situada numa pequena ilha entre nós e uma cidade chamada Villegagnon, um nome que relembra o fato importante de que os primeiros colonos deste porto magnífico do Novo Mundo eram protestantes [...], [esse local] poderia agora ser povoado por uma raça de homens que desde há muito tempo se distinguem pela sua habilidade, atividades e organização, que geralmente se supõe relacionada com o progresso da Reforma” .WASLH, Robert . **Notices of Brazil in 1828 and 1829** .Londres, F .Westley and A .H .Davis, 1830, p .69 .

¹³⁹ “[...] o intercuro comercial entre as duas partes tem ocorrido em circunstâncias favoráveis .Até mesmo a inovação trazida por esses tratados tem sido elaborada nas leis brasileiras em favor dos ingleses tende para o adiantamento geral do país, um avanço do progresso rumo a um alto nível de civilização “ . KOSTER, Henry . **Travels in Brazil in the years from 1809 to 1815** .Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1817, p . 457 .

Surgiram, com frequência, desentendimentos entre ingleses e portugueses, quer na assinatura de contratos, quer por não cumpri-los; e estavam continuamente processando uns aos outros, por injúrias, que ambas as partes confessavam haver recebido. [...]. As reclamações dos ingleses eram sempre atendidas; tratava-se de estrangeiros a quem Sua Alteza Real protegia, e que sempre encontraram no Conde de Linhares um fiel e poderoso amigo, e no embaixador inglês um defensor sábio e prudente das suas reivindicações. Concediam-lhes privilégios especiais, similares aos desfrutados pelos nobres de Portugal.[...]. Este e muitos outros atos, favorecendo os ingleses, excitavam a inveja dos habitantes portugueses, que, frequentemente, exclamavam tornar-se necessário, para viver no Brasil, ser inglês.¹⁴⁰

Já para os autores portugueses, a aliança com a Inglaterra só colaborou para a bancarrota, tanto de suas indústrias como a de seus costumes tradicionais, contaminados pela presença cada vez mais expressiva de ingleses nos mercados de Lisboa e do Porto. Na visão portuguesa, a missão inglesa era

[...] indústria, a sua política é o comércio; se civilizam, se espalham luzes e estreitam relações é tão somente para aumentar os produtores nacionais e os consumidores estranhos.[...]. A Espanha fez guerras para impor o catolicismo, a França para propagar a liberdade, a Inglaterra tem ensanguentado o mundo, tem escravizado nações, tem devastado continentes, tem acorrentado os mares para exportar algodões crus.¹⁴¹

No entanto, ao percorrer as narrativas, panfletos e anotações dos ingleses que estiveram no Brasil no decorrer do século XIX, fica evidente que a análise dos resultados obtidos a partir do desembarque da Corte e da abertura dos portos, por exemplo, estava longe de ser consensual. Se portugueses postulam o fracasso da sua indústria, os ingleses, por seu lado, salientam o descompasso entre as expectativas de êxito e as precárias condições que se defrontaram ao desembarcar. O referido mineralogista John Mawe, autor de *Viagens ao interior do Brasil*, é um dos que destaca as consequências derivadas do desconhecimento¹⁴² dos hábitos e costumes dos habitantes dessa porção da América do Sul; segundo ele,

A experiência demonstrará, agora, plenamente a falácia daquelas esperanças douradas que, algumas pessoas conceberam pela propalada

¹⁴⁰ MAWE, John . **Travels in the interior of Brazil**, particularly in the gold and diamond districts of that country .Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1812 ., p .220 .

¹⁴¹ ANÔNIMO, A Dominação Ingleza em Portugal .O que é e de que nos tem servido a aliança de Inglaterra . In: CASTRO, Armando .Op . cit . , p .131 .

¹⁴² Na narrativa *The travels and extraordinary adventure of Henry Sidney*, publicada em 1815 em Londres, o autor destacaas expectativas que cercavam os ingleses sobre o cenário sul-americano: [...] from what I had read concerning South America, I expected to have suddenly discovered fertile egion, many people cities, magnificent temples of the Sun, females decorated with gems and gold and kings and chiefs surroanded with the insígnia of authority and the pomp of sovereignty” .Cf .SIDNEY, Henry . **The travels and extraordinary adventure of Henry Sidney** .Londres: J .Ferguson, 1815, p .63 .

riqueza da América do Sul e não ouviremos mais falar daqueles absurdos que caracterizaram as primeiras especulações comerciais do Rio do Prata.[...]. Em virtude da concorrência inacreditável ou da luta entre os nossos comerciantes que teriam enviado muitos navios e cargas a um país cuja população civilizada, excluindo-se os escravos, não ultrapassa 800 mil almas, [...] é natural presumir-se ficasse o mercado quase imediatamente abarrotado¹⁴³.

Mawe escreve, ainda, que, além do aumento no preço dos aluguéis de casas e de lojas, houve um grande tumulto provocado pela exposição de produtos como candelabros, patins, entre outros, que abarrotavam a cidade e que “alguns crioulos e estrangeiros do interior pensavam que aquelas mercadorias eram aí colocadas para seu proveito e exaltavam a bondade e a generosidade dos ingleses”.

Como se vê, as reclamações não eram exclusivas dos portugueses. Aos ingleses, os relatos, panfletos e notícias, que davam conta de um território que prometia gerar satisfatórios dividendos comerciais, não condiziam com a realidade local, onde a instrução precária dos comerciantes dividia espaço com um cenário nada animador, como advertirá, anos mais tarde, aos seus leitores Gilbert Farquhar Mathison, proprietário de lavouras de cana de açúcar na Jamaica:

[...] it is earnestly to be hoped that whatever changes may take place in the government of Brazil, the people of England will not allow themselves to be tempted by delusive promises and expectations to abandon their own comfortable homes in search of advantages uncertain at best, amidst the woods and wilderness of South America¹⁴⁴.

Já na década de 40, o incentivo à imigração recebeu a atenção especial do irlandês Daniel Kidder. Na edição norte americana de seu *Sketches of residence and travels in Brazil*, o pastor adverte que

Unpleasant as it is to make the remark, yet it is true that the presence regulations of the brazilian government upon this subject tend rather to forbid than to invite immigration. They are jealous, illiberal and degrading. The only people who can submit to them are poor, ignorant and too often vicious inhabitants of the Portuguese islands, to whose circumstances and habits they seem to be specially adapted .¹⁴⁵

¹⁴³ MAWE, John .Op .cit, p . 216 .

¹⁴⁴ “[...] é honestamente esperado que qualquer que seja a mudança que ocorra no governo do Brasil, aos ingleses não seja permitido ser tentados por falsas promessas e expectativas de abandonar seus lares confortáveis em busca de vantagens incertas, ainda que, nas brilhantes terras selvagens da América do Sul. MATHISON, Gilbert Farquhar .**Narrative of a visit toBrazil, Chile, Peru and the Sandwich Islands during the years 1821 and 1822** . Londres: C .Knight, , 1825, p . 51 .

¹⁴⁵ “Desagradavelmente do que tem sido propagado, a presença de regulações do governo brasileiro sobre essa questão tende mais a proibir do que a incentivar a imigração .[As regulações] são ciumentas, não liberais e degradantes .Os únicos povos que podem se submeter às condições são pobres, ignorantes e frequentemente antigos moradores das ilhas portuguesas, já especialmente adaptados pela circunstâncias

A decepção não se resumia às atividades comerciais, pelo contrário, até mesmo a arquitetura e o cotidiano das cidades brasileiras deixavam a desejar. Mais do que as propagadas belezas naturais, Mathison, por exemplo, alertava que a realidade era menos atraente do que o que havia sido divulgado pelas relações de viagens dos séculos anteriores. Ao se referir à cidade do Rio de Janeiro pondera que:

Like other south american cities, it has no pretensions to magnificence, nor indeed can it be expected that architecture should have yet attained any great perfection in places of which the founders were needy adventures, intent only upon the acquisition of wealth and where the common arts of civilized life are of late and still feeble growth.¹⁴⁶

O desapontamento da chegada somava-se à constatação das dificuldades de adaptação numa terra onde as cerimônias católicas eram frequentes e onde a falta de instrução – especialmente dos comerciantes e das mulheres – incomodava a ponto de render comentários como os que se seguem:

A ilha de Boa Viagem tem uma igreja muito bonita, dedicada a Santo Antonio, e todos os navegantes portugueses tem o costume de pagar um pequeno tributo aos sacerdotes dessa igreja, implorando ao santo que lhes garanta uma viagem a salvo. Para as pessoas esclarecidas e, em particular, para os protestantes, isso parece ridículo, mas os costumes dos países, especialmente dos países religiosos, embora possam parecer supersticiosos ou inúteis, deveriam pelo menos ser tratados com respeito, é o que recomendo aos navegantes britânicos. [...]. Isso acabaria com a antipatia que, só por esse motivo, as classes mais baixas dos habitantes de Espanha e Portugal tem pelos do Reino Unido; acima de tudo, isso assegura a facilidade de expandir o comércio e de ampliar o amor fraterno universal.¹⁴⁷

Houve mercadores respeitabilíssimos na sua profissão que muito nos espantaram perguntando-nos em que parte de Londres ficava a Inglaterra, qual a maior, a Madeira ou a Grã Bretanha, ou qual a mais distante do Rio. A ignorância deles não se limitava à geografia; pouco dentre eles conheciam algo mais do que os primeiros princípios da aritmética; ao lerem, soletravam as palavras, e escrever era para eles uma tremenda tarefa.¹⁴⁸

aos vícios e hábitos [dessa cultura]”. KIDDER, Daniel . **Sketches of a residence and travels in Brazil** .Philadelphia: Sorin & Ball, 1845,p . 388 .

¹⁴⁶ “Semelhante a outras cidades americanas, não há pretensão à magnificência, de fato, não é esperado que a arquitetura deva apresentar grande perfeição em locais nos quais os fundadores eram meros aventureiros em busca apenas da riqueza e onde as artes da vida civilizada estão em um tardio e ainda fraco crescimento” .Ibidem, p . 08 .

¹⁴⁷ O’NEIL, Thomas .Op .cit, p .83 .

¹⁴⁸ LUCCOCK, John .**Notas sobre o Rio de Janeiro, 1802-1822**, Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia, 1942, p .71 .

Their manners are generally coarse and vulgar and they are not only illiterate through defect of education but because they neither converse on nor take an interest in any subjects but such as are connected with their own private affairs .¹⁴⁹

Ao desembarcar em Porto Seguro em 1802, Thomas Lindley – um dos primeiros ingleses a descrever as terras brasileiras no século XIX – expressa seu espanto com a ignorância dos habitantes da terra. Diz ele:

[...] this beautiful country, one of the finest in the world, is entirely lost through want of inhabitants, of cultivation and of industry; mines of wealth being buried, far exceeding all their mineral or metallic ones. When my brig arrived the first time at Porto Seguro, I was visited by nearly all the inhabitants, who, just like monkeys, were ignorantly peeping into everything; and they no sooner observed my medicine chest and had acquired its owner, than, right or wrong, I must be a doctor, and, being a foreigner, of course, a famous one.¹⁵⁰

O cerimonialismo católico ocupa um lugar de destaque na produção escrita inglesa sobre o Brasil. Na documentação do período, a descrição das cidades é acompanhada, em geral, pela apreciação da arquitetura das igrejas e dos ritos, com destaque para observações sobre o culto de santos e a realizações de procissões. Já na segunda metade do século XIX, o naturalista Alfred Russell Wallace percorreu a região da Amazônia e, no capítulo dedicado à cidade de Belém, não deixou de observar as constantes festas religiosas, sempre acompanhadas de foguetórios, situação que rendeu muitos comentários sarcásticos dos visitantes, tais como: “música, barulho e foguetório são as três coisas essenciais para que os brasileiros se divirtam. E nós os tivemos fartamente durante mais de duas semanas”¹⁵¹. Em face de uma sociedade fortemente devota, Henry Koster mostrava-se preocupado com imagem dos ingleses entre portugueses e brasileiros. Koster recomendava que se construísse uma capela protestante no país, para que os portugueses pudessem apreciar a devoção praticada

¹⁴⁹ “Seus modos são geralmente rudes e vulgares, não são apenas iletrados em matéria de educação mas porque nas conversas não expressam nenhum interesse sobre assuntos que não estejam relacionados com a vida privada”. MATHISON, Gilbert Farquhar . Op .cit, p .164 .

¹⁵⁰ “[...] este bonito país, um dos mais interessantes do mundo, está inteiramente perdido pela falta de habitantes, do cultivo e da indústria, a riqueza desperdiçada .Quando desembarquei pela primeira vez em Porto Seguro, visitei de perto todos os habitantes, que como os macacos, são ignorantes em tudo, e como logo observaram minha mala de remédios, imaginaram que eu deveria ser um médico, e sendo um estrangeiro, obviamente, um famoso médico . LINDLEY, Thomas .Op .Cit, p . 15 .

¹⁵¹ WALLACE, Alfred Russell. **Viagens pelos rios Amazonas e Negro** .Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1979, p. 27 .

entre os súditos de sua Majestade Britânica, afinal “sem nenhuma aparência de religião, como esperamos ser lembrados pelos brasileiros? Como pagãos, animais e cavalos?”¹⁵².

A preocupação quanto à imagem de um povo devoto, tolerante e apreciador do conhecimento percorre toda a produção escrita inglesa desse período. O apreço à instrução e ao conhecimento, virtudes tidas como expressivas do caráter inglês, são postas em discussão diante do cenário pouco estimulante encontrado no Brasil, como salientou Mathison, observando a completa falta de atenção dos brasileiros com bibliotecas ou com qualquer outro meio de obtenção de cultura.¹⁵³

A linha divisória entre ingleses e portugueses residia, entre outros fatores, no apreço pelo saber e no empenho em tornar o cenário o mais industrioso e agradável possível. Daí a ênfase que missionários, engenheiros, naturalistas, governantas, entre outros agentes ingleses, dão em suas narrativas ao suposto descaso com a salubridade das ruas das principais cidades brasileiras daquele período e à inércia mental que pareciam estar destinados os habitantes do Brasil. Em seu guia de viagem, William Scully, editor da *Anglo Brazilian Times*, postula que uma vida social mais intensa, especialmente no que tange às atividades públicas, poderia colaborar para incutir novos hábitos nos brasileiros.

In fact, a great want in Brazil is the outdoor games, the debating clubs, the cheap concerts, the lectures, the periodicals and all the various appliances which the European at home has at his command to strengthen and improve both mind and body and which would be of incalculable service to the youth of both sexes in this delicious but somewhat enervating climate .¹⁵⁴

As narrativas dos séculos anteriores já traziam a imagem de um território mal explorado e mal administrado que, aos poucos, com o afluxo de estrangeiros¹⁵⁵ tendia a melhorar. Nas alusões à história do Brasil, os ingleses não deixam de mencionar 1808

¹⁵² “Without any outward appearance of religion, how we are to expect that the people of Brazil are to regard us as anything better than what we were represented to them as being in former times? – As pagans, animals and horses?” .KOSTER, Henry . Op .cit, p .400 .

¹⁵³ “Two or three librarians are always waiting and pay every suitable attention to such as wish to make use of the library .During my visits I noticed very few native Brazilians who availed themselves of this privilege .MATHISON, Gilbert Farquhar .Op .cit, p . 09 .

¹⁵⁴ “De fato, a grande necessidade no Brasil são os clubes de debates, os concertos, as leituras, os periódicos e todas as várias aplicações que entre os europeus fortalecem e melhoram a mente e o corpo, prestando um serviço incalculável a juventude de ambos os sexos nesse delicioso porém, de alguma forma, enervante clima” . SCULLY, William .Op .cit, p .07 .

¹⁵⁵ “The confluence of foreigners in the principal cities and their vicinity tended either directly or indirectly to benefit the country and their superior knowledge in every branch of the useful arts continues to have a salutary influence in promoting general improvement” .Cf .MATHISON, Gilbert Farquhar .Op .Cit, p .128 .

como um marco que prometia romper com os erros cometidos pelos ibéricos no passado, afinal, “sob uma sábia administração, é razoável esperar-se que, em vinte anos, este grande país prosperará mais do que qualquer outro no mesmo espaço de tempo”, sentenciou John Mawe. John Luccock, negociante de Leeds que permaneceu durante dez anos no país assegurava:

A rapidez com que os melhoramentos se processam no Brasil é maravilhosa, requerendo mão firme para governar a nau do Estado. Queira Deus que El-Rei possa ter bastante descortínio para evitar a escolha do encontro ao qual tantas nações se quebraram – o amor das conquistas inúteis – assim como o não menos perigoso rodado que ameaça arrastar o país ao vórtice da Revolução¹⁵⁶.

Do desconhecimento alegado por John Armitage, o Brasil tornou-se, ao longo do século XIX, objeto de panfletos, narrativas, gravuras e outros modos de representação, preenchendo cada vez mais as lacunas que se faziam presentes no imaginário europeu¹⁵⁷. No caso inglês, a euforia e o desapontamento compartilhados nos primeiros anos sob o reinado de D. João VI cedeu espaço, já na segunda metade do Oitocentos, à elaboração de narrativas que expunham predominantemente as fragilidades do mundo tropical criado pelos portugueses. Em breves visitas ou em longas estadias, os súditos de sua Majestade Britânica, com diferentes enfoques e olhares, contribuíram para a divulgação do Brasil nos mais distintos ambientes da Europa. Instituições de saber, como a *Royal Society*, patrocinavam viagens de naturalistas como Joseph Banks e Alfred Wallace; enquanto negociantes e curiosos eram informados sob os mais diversos aspectos do Brasil (sua gente, sua natureza e sua história) por meio de guias de viagem. Os interesses, como se pode ver, eram múltiplos assim como os personagens envolvidos.

¹⁵⁶ LUCCOCK, John .Op .Cit ., p .XVIII .

¹⁵⁷ Cabe atentar aqui para a figura do inglês entre os autores brasileiros do período, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX .Na peça teatral intitulada “Ingleses na Costa” de França Júnior, publicada já no final do Oitocentos, a alusão ao inglês sempre se dá com a identificação do credor inescrupuloso, como salienta o estudante Feliciano no seguinte trecho: “Já vejo que ainda não leram Balzac .Pois saibam que o espirituoso autor da Comédia Humana apelida de ingleses a essa raça desapiedada que nos persegue por todo a parte .Depois da questão anglo-brasileira, creio que não pode haver um epíteto mais apropriado para designar um credor .Os ingleses são inimigos terríveis e um credor, a meu ver, é o mais furibundo dos nossos inimigos .(Rindo-se .) Tomaram-me por um inglês!” . Cf .FRANÇA JÚNIOR, J .**Ingleses da costa** .Teatro de França Júnior .Rio de Janeiro: Funarte, 1980, p . 75-94 .

2.2 O Brasil nas publicações em língua inglesa

Dentre os ingleses que estiveram em terras brasileiras no decorrer do século XIX, a variedade de personagens e interesses envolvidos nas viagens impressionam: são comerciantes, botânicos, funcionários da diplomacia, tenentes e curiosos em geral, homens e mulheres que permaneceram no país, uns por breves, outros por longos períodos. A sua presença, como é de se esperar, concentrou-se, nos primeiros anos após o desembarque da corte portuguesa, na cidade do Rio de Janeiro, seguida por Recife e Salvador. No entanto, já a partir da década de 30 do Oitocentos, alguns exploradores dirigiram-se para regiões pouco ou mal conhecidas do país, como as províncias do Ceará, do Alagoas e de Minas Gerais.

A partir de 1850 as viagens para o Brasil são, em geral, parte integrante de viagens e excursões ao redor do mundo, viagens que tendem a se tornar cada vez mais comuns. Patrocinadas por prestigiosas instituições de saber, como a *Royal Society*, essas viagens buscam recolher o maior número de informações acerca das regiões tropicais, e isso inclui a coleta de plantas e animais, especialmente insetos, como foi o caso da expedição pela região amazônica realizada por Henry Bates em 1848, ou a viagem do naturalista George Gardner, em 1836, pelo Piauí e por Minas Gerais.

Como esclarecem nos prefácios das narrativas que resultaram dessas viagens, o objetivo era apresentar ao leitor um conhecimento mais acurado de regiões até então desconhecidas, como adverte George Gardner, ilustre naturalista, responsável pela coleta de plantas para o *Kew Gardens*:

Recaiu a escolha no Brasil, o melhor campo para minhas pesquisas, visto que as produções vegetais desse imenso império talvez fossem então menos conhecidas dos ingleses que as de qualquer outro país de igual tamanho em todo o mundo. Na verdade ele havia sido visitado antes por naturalistas alemães e ingleses, porém nenhum inglês, só a exceção de Cunningham e Bowie e do intrépido Burchell, havia penetrado o interior: províncias inteiras, especialmente ao norte, apresentavam um campo virgem às investigações de viajantes futuros.¹⁵⁸

Cabe notar que muitas dessas viagens resultaram não somente em narrativas de formato tradicional, como também em guias de viagem, guias que visavam orientar o viajante com informações sobre o clima, as doenças mais comuns, as acomodações nas

¹⁵⁸GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil** principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1975. , p.19.

principais cidades e, ainda, uma pequena tabela com os valores monetários para operações de câmbio. Esse é o caso da obra de Josiah Conder¹⁵⁹, intitulada *The Modern Traveller*, uma espécie de guia de bolso publicada em Londres em 1824 e que apresenta de forma sumária os principais atrativos das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, além de um capítulo dedicado às províncias do Rio Grande e de Santa Catarina. Pautado nas narrativas de autores como John Luccock, Maria Graham e Robert Southey, Conder elaborou um guia para os ingleses interessados em conhecer os territórios da América do Sul, territórios esses que, mesmo com o passar dos anos, ainda se mostravam desconhecidos para o leitor inglês, como indica em 1870, Arthur Drummond Carlisle, autor da narrativa *Round the world*. Ao abordar a cidade do Rio de Janeiro, a mais visitada pelos ingleses, salienta:

We cannot think that if Rio and its neighbourhood were better known in England than they seem to be, they would be more frequently visited by numbers of that great travelling public who are ever in search in all corners of Europe for ‘fresh fields and pastures new’.¹⁶⁰

Ainda na década de 20, deparamo-nos com a edição de luxo publicada também na capital inglesa sob o título de *Views and costumes of the city and neighbourhood of Rio de Janeiro, Brazil from drawings taken by Lieutenant Chamberlain, Royal Artillery during the years of 1819 and 1820 with descriptions explanations*, do tenente Henry Chamberlain. Filho mais velho do cônsul Sir Henry Chamberlain, esse tenente de artilharia elaborou, entre os anos de 1815 a 1822, uma série de 36 litografias que foram acompanhadas por breves notas explicativas. Ao contrário da produção escrita publicada até então – que se resumia a relatos de viagens ou guias de bolso – a série de gravuras de Chamberlain reproduzia a paisagem, os habitantes e os costumes cariocas, fato inédito até aquele momento, como enfatiza o editor na dedicatória:

A beleza paisagística do Rio de Janeiro e a singularidade de muitos dos costumes desta região tão interessante quão extraordinária excitaram a curiosidade do público em geral. E, como não existisse nenhum livro que as descrevesse, o editor apresenta este volume como o mais notável documento ilustrado daquelas belezas, feito no próprio

¹⁵⁹ CONDER, Josiah. **The modern traveller**. A popular description, geographical, historical and topographical of the various countries of the globe. Brazil and Buenos Ayres. Londres: James Duncan 1825.

¹⁶⁰ “Nós não podemos deixar de pensar que se o Rio e seus arredores fossem melhor conhecidos na Inglaterra do que realmente parecem ser, eles poderiam ser mais frequentados por visitantes que estão em busca de campos frescos e novas pastagens”. Cf. CARLISLE, Arthur Drummond. **Round the world in 1870**. An account of a brief tour through India, China, Japan, California and South America. Londres: H. S. King & Co, 1872, p. 399.

lugar, com as oportunidades decorrentes da longa estadia ali do tenente Chamberlain.¹⁶¹

A exuberância do cenário tropical, como a enseada de Botafogo ou o Pão de Açúcar, divide espaço na obra com o intenso tráfego de carro de bois, responsável no parecer de Chamberlain, pelo barulho da cidade. Os detalhes presentes nas vestimentas femininas e nos hábitos da população em geral não passaram despercebidos pelo olhar do aquarelista amador, que expressou em suas litografias o confinamento das cariocas nas suas casas e a simplicidade do enterro de escravos, num país onde a sua presença era expressiva.

Outro tipo de produção escrita que chama a atenção nesse período são os relatórios elaborados por representantes de religiões protestantes, como foi o caso dos quakers¹⁶² John Candler e Wilson Burgess, autores de *Narrative of a Recent Visit to Brazil*. Além de apresentar os aspectos geográficos e históricos do país, Candler e Burgess não deixaram de notar o espírito de tolerância religiosa presente nas cidades por onde passaram, nas suas palavras, “ *there is a large amount of religious as well as of civil liberty*”. Porém, o motivo da visita era convencer o Imperador da necessidade da extinção do tráfico de escravos. Após conseguirem uma audiência com Dom Pedro II, os religiosos distribuíram panfletos nas cidades do Rio de Janeiro e de Salvador, além de conseguirem anunciar a sua nobre causa nos principais jornais dessas cidades, como destacam no trecho a seguir:

We are members of the Society of Friends, in England. That society has long felt a deep sympathy for the wrongs of Africa in the existence of the slave trade in different countries and deplores also the continuance of slavery.¹⁶³

Além de religiosos e oficiais da artilharia britânica, a presença de naturalistas e médicos é relevante entre os ingleses. Diante do enorme potencial propagado séculos antes por viajantes de distintas nacionalidades, a natureza tropical prometia ser um amplo campo a ser desvendado pelos sábios europeus. O superintendente do Hospital

¹⁶¹ CHAMBERLAIN, Henry. Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1820. Kosmos: Rio de Janeiro, ., 1943 trad. Rubens Borba de Moraes, p. 15; .

¹⁶² Sobre essa questão indico a leitura de ROCHA, Antonio Penalves. **Abolicionistas brasileiros e ingleses**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

¹⁶³ “Somos membros da Society of Friends, na Inglaterra. Essa sociedade tem desde há muito tempo um profundo apreço pela temática da existência da escravidão em diferentes nações e deplora a continuação da mesma”. CANDLER, John; BURGESS, Wilson. **Narrative of a recent Voyage to Brazil**. Londres: Edward Marsh, Fried s Book and Trac Depository 1853, p. 18.

Britânico da Bahia por 23 anos, Robert Dundas produziu um *Sketches of Brazil* em 1852, no qual traça um panorama das principais enfermidades contraídas pelos europeus nos trópicos e atenta para os efeitos causados pela temperatura no comportamento das mulheres, mais suscetíveis do que os homens a adoecerem em terras brasileiras.

A partir da segunda metade do século XIX, no entanto, os naturalistas e botânicos predominam no cenário brasileiro. Ao empreenderem grandes expedições para regiões até então inexploradas, autores como Bunbury começam a especular acerca do possível uso dos recursos naturais do país. Em sua narrativa, Bunbury destaca o encantamento provocado pela natureza tropical, que, na década de 60, rendeu um comentário entusiástico de Thomas Hindliff.

E então senti que estava realmente nos trópicos e delíciei meus olhos com as estranhas e belas formas de vegetação brasileiras que mesmo desde a minha infância tinha desejado ver em seu esplendor natural. Seria difícil descrever os sentimentos de admiração e prazer despertados por esse espetáculo. A cada passo, minha atenção era atraída por alguma coisa nova, cada árvore, cada arbusto, cada flor, tinha o encanto da novidade. Em vez da uniformidade costumeira das florestas europeias, havia aqui uma variedade aparentemente infinita de árvores, cada uma notavelmente distinguível de suas vizinhas por alguma peculiaridade de forma ou de cor.¹⁶⁴

Who shall worthily describe the beauties of that which is perhaps the most beautiful place in the world? The European traveler who visits Rio for the first time if he has any appreciation of natural beauty cannot fail to be entranced with the scenery that awaits him and whatever fate may attend him in Utopia or Sirenia, he may attend be pretty sure that he will never see anything more lovely in this lower world.¹⁶⁵

Anos antes, em 1853, Alfred Russel Wallace publica o seu relato pelo rio Negro e Amazonas, no qual declara:

O ardente desejo de visitar uma região tropical, de contemplar a exuberância da vida animal e vegetal que se dizia ali existir, e de ver com meus próprios olhos todas as maravilhas cujo conhecimento, através da leitura das narrativas dos viajantes tanto me deleitavam, foram os motivos que me induziram a desfazer os compromissos

¹⁶⁴ BUNBURY, Charles James Fox .Narrativa de viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais .**Anais da Biblioteca Nacional**,Rio de Janeiro,vol . 62, p .23,1942 .

¹⁶⁵“Quem dignamente pode descrever as belezas desse que é talvez o lugar mais bonito do mundo? O viajante europeu que visita o Rio pela primeira vez, se ele tem alguma apreciação da beleza natural, não pode deixar de ficar encantado com o cenário que o aguarda e tudo o que o destino pode atendê-lo em Utopia ou Sirenia, ele pode ter certeza que ele nunca vai ver qualquer coisa mais linda nesta parte inferior do mundo .”HINCHLIFF, Thomas Woodbine .**South American Sketches or a visit to Rio de Janeiro, the Organ Mountains, La Plata and the Paraná** .Londres, 1863, p .18 .

profissionais e os vínculos familiares e partir para ‘longes terras onde impera o infinito estio’.¹⁶⁶

Com o passar do tempo, a empolgação inicial de Wallace cede espaço para o desapontamento:

Minhas anteriores excursões limitaram-se a passeios pela Inglaterra e a uma curta viagem pelo continente. No entanto, eu estava desapontado. O tempo não era tão quente, as pessoas não eram tão diferentes, a vegetação não era tão extraordinária, nada coincidia com a fantástica imagem que eu formara em minha imaginação e que ardentemente acalentava durante o tédio de uma travessia marítima. [...]. A impressão geral que a cidade [Belém] disputa em alguém recém-chegado da Europa não é das mais favoráveis. Denota-se uma tal ausência de asseio e ordem, uma tal aparência de relaxamento e decadência, tais evidências de apatia e indolência que chegam a produzir um impacto verdadeiramente chocante¹⁶⁷.

Muitas dessas produções apresentam mapas sobre as localidades visitadas e gravuras acerca dos instrumentos indígenas, como é o caso do citado relato de Wallace, que prima não somente pela descrição das cidades de Belém e Santarém, como também pelas páginas em que se dedica a apresentar os apetrechos indígenas.

O interesse comercial, tão propagado pela historiografia, também deixou sua marca nos panfletos escritos por negociantes. Esse foi o caso de *A commercial view and geographical sketch of the Brazil in South America and of the island of Madeira*, de Thomas Ashe. Publicada em Londres em 1812, esse texto apresenta, de um lado, os principais produtos das mais relevantes cidades inglesas do período e, do outro lado, os portos e mercadorias brasileiras; apresenta também um breve histórico do país, algumas observações sobre a natureza tropical e sobre as províncias brasileiras.

Entre naturalistas, missionários, botânicos, negociantes, entre outros, cabe ressaltar a presença de Sir Richard Francis Burton¹⁶⁸, intérprete, geógrafo, explorador e diplomata britânico. Cônsul na cidade de Santos entre os anos de 1865 a 1868, Burton produziu as narrativas *Explorations of the highlands of Brazil* e *Letters from the battlefield of Paraguay*, dedicou-se à tradução de Camões e do poema *O Uruguai*, de Basílio da Gama, e elaborou a introdução de uma versão inglesa das aventuras de Hans Staden, entre outras atividades. Outro que merece destaque é Thomas Cochrane, que prestou serviços para a Marinha brasileira, após servir no Chile. Convidado pelo

¹⁶⁶ WALLACE, Alfred Russell .Op .cit, p . 11 .

¹⁶⁷Ibidem, p .20 .

¹⁶⁸BURTON, Richard Francis .**Explorations of the highlands of Brazil**with a full account of the gold and diamond mines alsocanoeing down 1500 miles of the great river São Francisco from Sabará to the sea .Londres: Tinsley Brothers 1869 .

imperador Pedro I a comandar as forças navais do país, Cochrane combateu a resistência das províncias no episódio da Confederação do Equador. Uma série de intrigas, aliadas ao descumprimento das cláusulas de seu acordo com o governo brasileiro, teriam sido as responsáveis, segundo o almirante inglês, pelo descaso com que foi tratado após garantir a integridade do Império.

[...] é óbvio que fui instrumento – ainda que com inadequados meios – para livrar inteiramente o Brasil de jugo estrangeiro não só sem despesa nacional mas com positivo ganho, resultante dos vastos territórios e rendas anexadas. Até o contrair-se um empréstimo favorável na Inglaterra – o reconhecerem estados europeus a independência do Brasil – e o estabelecimento permanente da paz foram consequências diretas de meu serviço, sem os quais o Brasil poderia ainda haver apresentado o mesmo lamentável exemplo de fraqueza e anarquia que constitui as características de outros estados sul-americanos¹⁶⁹.

Como se vê, a diversidade no formato das publicações evidencia os múltiplos interesses que ligavam os ingleses ao Brasil. Promover a catalogação da flora e da fauna locais, avaliar o clima e as vicissitudes do mundo tropical, pintar os costumes dos habitantes, defender o fim do tráfico de escravos, analisar e aconselhar sobre os melhoramentos a serem realizados nos diversos campos do saber, foram algumas das temáticas que, apresentadas ao público de língua inglesa, contribuíram para a formulação de uma certa ideia daquela região cujos laços com o reino da Grã Bretanha se tornavam cada vez mais estreitos.

2.3 Uma cartografia do Brasil

A instrução, ou melhor, a carência de uma boa educação, constituiu numa espécie de *tópica* entre os ingleses que, no decorrer do século XIX, visitaram, moraram ou apenas ouviram falar do Brasil. Logo após o episódio de 1808, o tenente Thomas O'Neil já apontava para a diferença – assustadora no seu modo de ver – entre a educação das mulheres brasileiras e das inglesas. Para O'Neil, o ciúme exagerado nos trópicos impediu que se desse a devida atenção e respeito para a formação moral das mulheres, sempre enclausuradas em casa ou na igreja. Anos depois, com a publicação, em 1817, de *A narrative of the Briton's Voyage to Pitcairn's Island*, de John Shillibeer, deparamo-nos com o seguinte parecer sobre a mesma temática:

¹⁶⁹COCHRANE, Thomas. *Narrative of services in the liberation of Chile, Peru and Brazil from Spanish and Portuguese domination*. Londres, J. Ridgway, 1858-9, p. 320.

As to society among the brazilians at Rio de Janeiro, it may be said there is none for I cannot call that society from which females are excluded. [...]. His daughters are brought up in moorish exclusion and his wife is delivered over to the keeping of a train of somber slaves and domestics.¹⁷⁰

Mas a ausência de instrução não se restringia às mulheres e aos comerciantes locais: constituía numa característica que permeava toda a sociedade brasileira. Essa acusação é compartilhada pela esmagadora maioria dos ingleses que, apesar de constatar uma melhoria do cenário após 1808, deixam claro que a situação estava longe de ser a ideal. O mineralogista John Mawe, por exemplo, o primeiro estrangeiro a visitar a região das minas, foi encarregado de realizar um estudo para um melhor aproveitamento da Fazenda Real de Santa Cruz. Na sua análise, era imprescindível ensinar aos habitantes de todas as classes a fazer um uso profícuo e industrioso das riquezas naturais. No entanto, o ambiente da Corte em nada contribuía para a realização desse objetivo, afinal, a extensa e conhecida rede de intrigas que cercava o monarca acabou por fazer com que o mineralogista pedisse demissão¹⁷¹. Em seu parecer final sobre as melhorias que deveriam ser introduzidas no país, Mawe destaca:

Ensinar a moderna agricultura a homens que só se preocupam com roupas e paradas seria tarefa inútil pois quando os dirigentes ignoram por completo o que empreendem ou superintendem, não terão nunca poder para mantê-la e, muito menos, para conduzi-la a perfeição¹⁷².

A nula ou pequena disposição dos habitantes em promover uma melhoria nas condições de vida era uma característica que saltava aos olhos dos ingleses. Norteados pelo conceito de *improvement*, a apatia que reinava nos trópicos incomodava os britânicos e colaborou decisivamente para a elaboração de diagnósticos cada vez mais severos sobre os habitantes do Brasil. Publicado somente no final do século XIX, o relato de Charles Bunburry é assertivo quanto às possibilidades de melhoria no país:

¹⁷⁰ “Uma sociedade como a que existe no Rio de Janeiro não deve ser chamada como tal, onde as mulheres são excluídas [...] As filhas vivem uma exclusão mourisca e as esposas são entregues aos afazeres domésticos entre escravos” Cf . SHILLIBEER, John .**A narrative of Briton’s voyage to Pitcairn’s Island including an interesting sketch of the present state of the Brazil and of Spanish America** . Londres: J .W .Marriot, 1817, p . 151 .

¹⁷¹ “Quando voltei ao Rio de Janeiro, o príncipe chama-me e pediu-me, com insistência voltasse a Santa Cruz, contentei-me com uma simples desculpa, pois não era oportuno nem eu estava em situação de entrar em explicação .É sabido que um sistema de intrigas cerca sua Alteza real, contrapondo-se muitas vezes, as representações, em assuntos da mais alta importância . ”.Cf .MAWE, John .Op .Cit, p . 89 .

¹⁷²Ibidem, p .231 .

A abertura de boas estradas entre as grandes cidades da costa e o interior do país não só aumentaria a riqueza e o conforto material e a comodidade do povo como concorreria muito para civilizá-lo. Facilitando e tornando mais frequente o intercâmbio entre a gente das grandes cidades e a do interior, contribuiria para espalhar certo grau de conhecimento entre a última para despertar seu espírito, remover certos preconceitos e aquela letargia mental que tão facilmente se apodera de homens que vivem afastados de seus semelhantes e livres da necessidade de fazer esforços. O aumento do influxo de estrangeiros e a maior procura dos produtos do país que se seguiria a abertura das comunicações mais fáceis com os grandes mercados europeus traria provavelmente um estímulo muito vantajoso às empresas e as indústrias. Mas, certamente, nada será feito¹⁷³.

O desprezo por uma boa e útil educação estendia-se também aos nobres portugueses, que não possuíam as qualidades e os conhecimentos necessários para o exercício do poder. Tal crítica marca presença na correspondência trocada entre Maria Graham e a imperatriz Leopoldina. Em outubro de 1823, Graham – encarregada da educação da princesa Maria da Glória – assevera:

Na ocasião da chegada da Família Real ao Brasil, seguiu-se o sistema do costume entre os Braganças: os jovens príncipes foram afastados quanto possível de todo o conhecimento dos negócios públicos e casos de Estado. Passavam o tempo principalmente no apartamento da velha aia que os acompanhara de Portugal ou numa espécie de caçadas ligeiras que se permitem aos príncipes do sul da Europa ou em divertimentos dos quais o único respeitável era a música. Quando cresceram, empenharam-se em pô-los em contato com cenas de vício e deboche. Em resumo: a educação dos príncipes foi, em geral, tão desprezada que eles próprios se queixavam, quando crescidos, de mal saberem ler e escrever.¹⁷⁴

Ainda na década de 20, Gilbert Farquhar Mathison, interessado nas potencialidades de estudo que a natureza e o homem dos trópicos poderiam proporcionar, destaca que o avanço das ciências e da filosofia só seria alcançado com a ajuda de estrangeiros:

The confluence of foreigners in the principal cities and their vicinity tended either directly or indirectly to benefit the country and their superior knowledge in every branch of the useful arts continues to have a salutary influence in promoting general improvement.¹⁷⁵

¹⁷³ BUNBURY, Charles Fox .Op .cit, p .42 .

¹⁷⁴ GRAHAM, Maria .Correspondência com Imperatriz Leopoldina .**Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, vol . 60, ,1940, p . 76 .

¹⁷⁵“A confluência de estrangeiros nas principais cidades tende direta e indiretamente a beneficiar o país e o conhecimento superior em todos os campos das artes úteis continuam a ter uma salutar influência na promoção de uma melhoria geral”.MATHISON, Gilbert Farquhar .Op .cit, p .128 .

A falta de instrução, que tanto parece ter incomodado aos ingleses, convivia com outro vício igualmente nocivo aos seus olhos, a busca pelo ganho fácil. Identificado como parte integrante das monarquias ibéricas, a pouca disposição para o trabalho árduo e o desejo de alcançar êxito imediato era notável nas suas colônias. No decorrer do século XIX, as narrativas acerca do Brasil retomam a tradição em confrontar as mazelas dos reinos ibéricos com o esforço inglês em superar os cenários mais hostis do Novo Mundo. Acompanhemos, a propósito, a observação feita por John Mawe quando de sua visita ao distrito de Vila Rica, então uma região que conhecera a prosperidade graças as minas de ouro, mas que experimentava então a decadência.

[...] o senhor continua a viver na mesma negligência e na ociosidade, ou então, num estado de inatividade absoluta, não sabendo o que fazer de manhã a noite. Esta degeneração deplorável constitui o traço característico da maior parte dos descendentes dos primeiros colonos; todas as espécies de indústria estão nas mãos ou dos mulatos ou dos negros; essas duas classes de homens parecem exceder em inteligência a seus senhores porque fazem melhor uso dessa faculdade.¹⁷⁶

A maciça presença de escravos também exerceu um papel nodal na construção da imagem do Brasil sob a pena inglesa. As observações dividiam-se: há espaço para comentários como os de Turnbull, que assinalam a presença de negros industriais em oposição aos seus senhores inertes, assim como são inúmeros os comentários que atestam, com receio e preocupação, a superioridade numérica de negros e seus descendentes nas cidades mais dinâmicas desse período. Os escoceses John e William Parrish Robertson, por exemplo, autores de *Letters on Paraguay* – um estudo dedicado a descrever as comunidades jesuíticas da região do Prata –, mostraram-se escandalizados com o que eles chamaram de uma “colônia de negros e mulatos”.

Their misery, their filthy, their nakedness, their disease, their howlings as they work, the pitiless rigour with which they are treated and the premature death to which on an englishman's first arrival alternately chiel his heart with horror and melt it with compassion. Then, so great is the preponderance of the coloured population over the white that in the streets you can scarcely believe you are not in a colony of blacks and mulattoes¹⁷⁷.

¹⁷⁶ MAWE, John .Op .cit, p .129 .

¹⁷⁷“Sua miséria, sua nudez, sua luta no trabalho, o rigor com que são tratados sem piedade e a morte prematura provoca no primeiro desembarque de um inglês horror e compaixão .É tão expressiva a preponderância da população de cor sobre os brancos nas ruas que é assustador não acreditar que não está numa colônia de negros e mulatos” .ROBERTSON, William Parrish; ROBERTSON, John Parrish . **Letters from Paraguay** .Londres: Longman, 1838, vol 1, p . 162 .

Publicado no ano seguinte, a *Narrative of a journey in the interior of China*, de Clarke Abel, geólogo e recomendado por Sir Joseph Banks à *East India Company*, segue linha semelhante na apreciação das cores da população na cidade do Rio de Janeiro.

It is affirmed that three- fourths of the populations of St. Sebastian are blacks and, indeed, their visible number is so great that a stranger unacquainted with the slave trade and visiting this city might imagine that the slaves were its proper inhabitants and their masters its casual dwellers¹⁷⁸.

When a traveler first lands at Rio, his attention will be naturally attracted by the appearance of the negroes. Their colours to which the eye of an European cannot for a long time become familiarized – their savage and uncouth countenances, generally tattooed, or their naked limbs only sufficiently covered to answer purposes of bare decency – their barbarous language and noisy vociferations, and these and other peculiar emblems of barbarism and misery, all concur in exciting surprise, horror and disgust.¹⁷⁹

O naturalista George Gardner, autor de *Viagem ao interior do Brasil*, chegou à sede da monarquia portuguesa em 1837 e também não deixou de expressar seu descontentamento com a cidade e, sobretudo, com a aparência dos seus habitantes:

Sendo o aspecto do país e a natureza da vegetação tão diferentes dos da minha pátria, mais estranhos eram ainda os seres humanos que ao desembarcar me apareceram! As numerosas canoas e pequenos botes que cortam o porto são tripulados por pretos africanos; da mesma raça são os transeuntes que passam pelas ruas longas e estreitas, seminus muitos deles, suando sob pesados fardos, a exalar odor tão forte que setorna quase insuportável. Raramente se vê um rosto branco. As lojas, com portas e janelas que se abrem durante o dia pareciam servidas por mulatos e portugueses quase da mesma cor. Vista de bordo pela manhã apresentava a cidade um aspecto imponente por sua posição e pelas numerosas casas e igrejas caiadas de branco: mas, olhadas de perto, desvanecia-se a ilusão. As ruas estreitas e sórdidas, a catinga de milhares de negros, as emanações dos armazéns de provisões davam uma impressão que podia ser tudo, menos agradável.¹⁸⁰

¹⁷⁸ “É afirmado que três quartos da população de São Sebastião são negros que, de fato, sua predominância é tão grande que um estranho não familiarizado com o tráfico de escravos e visitando essa cidade imagina que os escravos são os habitantes e seus mestres são moradores ocasionais” .ABEL, Clarke .*Narrative of a journey to the interior of China and of a voyage to and from that country in the years 1816 and 1817* .Londres,Longman, 1818, p . 15 .

¹⁷⁹ “Quando um viajante desembarca no Rio, sua atenção naturalmente se volta para a aparência dos negros .Suas cores, não se tornaram familiares a um olho europeu, seus aspectos selvagens, sua linguagem bárbara e vociferações barulhentas, tudo isso e outros peculiares emblemas de barbarismo e miséria concorrem em causar surpresa, horror e desgosto” . MATHISON, Gilbert Farquhar .Op .cit, p . 13 .

¹⁸⁰ GARDNER, Georges .Op .cit, p .20 .

A bem da verdade, nenhuma outra temática ocupou tanto a atenção dos letrados ingleses quanto a presença escrava. Chocados com o uso de escravos para as mais diversas e incomuns funções e ofícios, os ingleses alertavam para o que consideravam um grande disparate. Quando desembarcou, na década de 20 do Oitocentos, em Recife, Maria Graham mostrou-se espantada com a preponderância dos negros entre a população da cidade; o mesmo expressou Bunbury na década seguinte, sobre essa mesma cidade:

Não tínhamos dado uns cinquenta passos no Recife quando ficamos inteiramente perturbados com a primeira impressão de um mercado de escravos. Era a primeira vez que tanto os rapazes quanto eu estávamos num país de escravidão, e por mais que os sentimentos sejam penosos e fortes quando em nossa terra imaginamos a servidão, não são nada em comparação com a visão de um mercado de escravos. [...]. Cerca de cinquenta jovens criaturas, rapazes e moças, com todas as aparências de moléstias e da penúria, consequência da alimentação excassa e do longo isolamento em lugares doentios, estavam sentados e deitados na rua, no meio dos mais imundos animais¹⁸¹.

A preponderância de escravos negros que compõem grande parte da população produz uma desagradável impressão a uma pessoa recentemente chegada da Inglaterra. Eles são empregados aqui para carregar fardos, puxar carroças e coisas semelhantes, mais comumente do que qualquer animal quadrúpede.[...]. Os negros carregam todos os fardos na cabeça e enquanto estão assim ocupados vão dando um gemido alto, monótono e compassado que, quando estão muitos a trabalhar juntos se ouve bem longe e é até assustador para um estrangeiro. Essa música tristonha combinada com o tagarelar incessante e a vociferação da população, o barulho dos carros sobre o calçamento irregular, o horrível ranger das rodas dos carros de boi, o latido de inúmeros cães, o toque dos sinos e as frequentes descargas de fogos de artifício tornam o Rio o lugar mais barulhento que conheço.¹⁸²

O serviço diplomático inglês atravessou todo o século XIX preocupado com a temática da escravidão. Além dos inúmeros comentários que apresentavam ao público o ambiente, costumes e os vícios gerados pelo comércio de escravos, a troca de correspondências entre o Rio, Lisboa e Londres expressa o quão conflituosas eram também as relações diplomáticas.

Após a assinatura de tratados que previam a extinção do uso da mão de obra escrava e o desrespeito ao cumprimento das cláusulas desse mesmo contrato, os súditos do reino inglês lançaram mão do aprisionamento e fiscalização de supostos navios

¹⁸¹ GRAHAM, Maria .Op .cit, p .134 .

¹⁸² BUNBURY, Charles Fox .Op .cit, p . 18 .

negreiros: tal atitude levou a uma crise diplomática e ao rompimento das relações entre Brasil e Inglaterra em 1863. A questão Christie, evidenciou os entraves que aborreciam cada vez mais as autoridades inglesas que, mesmo num cenário adverso, se empenhavam, nas palavras de Christie, em “ensinar as nações como viver”.¹⁸³ A indiferença, a ignorância e o descompromisso em cumprir os acordos enfraqueciam as esperanças inglesas em solucionar o imbróglio de modo menos coercitivo. Em 1850, em carta para Lord Palmerston, Hudson, representante britânico no Rio, destaca a falta de disposição por parte das autoridades brasileiras em resolver a questão.

A few simple measures of police on the part of the brazilian slave trade. It is absurd to say that brazilian government cannot suppress slave trade when we see them suppress a rebellion which had great ramitification and great popular in one of the wealthiest and strongest provinces of this empire .¹⁸⁴

A resposta de Palmerston é significativa; sobre o descompasso entre a assinatura dos acordos e a lentidão em cumpri-los, afirmou: *“the example of the Law of 1831 is sufficient to show that in Brazil the existence of a law is one thing and its practical inforcement another and a very different one.”* Acrescenta o cônsul que o desconhecimento, alegado por parte das autoridades brasileiras, acerca dos procedimentos usados pelos ingleses e explicitados nos acordos, entre os quais a resolução de uma comissão mista para avaliar qualquer episódio referente ao comércio de escravos, era injustificável.¹⁸⁵ O apresamento e a fiscalização de navios na costa do Brasil por autoridades inglesas, episódio que originou o caso Christie, foi assim justificado pelo cônsul:

It is certainly true, as he says, that the capturing of slavers within the brazilians waters by foreign cruisers is derogatory to the dignity of Brazil but that which has already happened shows taht this proceeding instead of forming as he represents it na obstacle to concession on the parto f the brazilian government and parliament has been, in fact, the means by which now at last, for the first time after nearly twenty years of ineffectual endeavours at persuasion, the government and parliament of Brazil have been brought to take any steps against slave

¹⁸³ “England, I trust, is not to abandon in South America the privilege which Mr .Bright freely uses in the North of ‘reaching nations how to live’ .Cf .CHRISTIE, William Dougal . **Notes on Brazilian question**, Londres/Cambridge: MacMillan and Co . ,1865, p . III .

¹⁸⁴“É um absurdo dizer que o governo brasileiro não pode suprimir o tráfico de escravos quando suprimem rebeliões onde existe uma grande participação popular nas mais ricas e fortes províncias deste império” .Ibidem, p . 189 .

¹⁸⁵ “How, then, could it be conceived that the brazilians government would think of appealing from the judgement IF the slave trade misex comission court, declared by treat to be, without appeal to the new mixed claims commissions?”: Ibidem, p . 129 .

trade and the early success which so far has attended the employment of these means can certainly afford no reason for prematurely abandoning them¹⁸⁶.

Alvo de repreensão e deboche dos funcionários da diplomacia britânica, a posição brasileira fomentou diversas cartas que, já em 1854, defendiam que o único meio eficiente para lidar com a questão era a vigilância da costa brasileira por oficiais ingleses, como confidenciou Howard para o Earl de Claredon:

the presence of her Majesty's cruisers on the coast of Brazil and the possession by them of the right of searching brazilian merchant vessels although they may not have at present the opportunity of making captures serves as most wholesome check not only upon the slave dealers but likewise upon the brazilian authorities [...].¹⁸⁷

Palmerston indica, sem rodeios, o próximo passo a ser executado pelos oficiais ingleses, já que de nada adiantaram, para solucionar a questão, a vinda de missionários, a assinatura de acordos, a elaboração de pareceres e a divulgação de análises sobre os efeitos morais, culturais e econômicos deletérios da larga presença da escravidão em terras brasileiras.

arguments and reasons have long been used in vain. If a mere sense of duty and a regard for the engagement of treaties could have swayed the conduct of the brazilian government, the brazilian slave trade would many years ago have entirely ceased.¹⁸⁸

Para Thomas Woodbine Hinchliff, interessado em conhecer os principais cenários da América do Sul, o Brasil apresentava uma faceta de prosperidade que somente era posta em xeque quando o assunto recaía sobre a escravidão. O autor de *South American Sketches*, excetuando esse elemento, finalizava sua apreciação do país até mesmo com elogios à administração de Pedro II e às realizações empreendidas pelo

¹⁸⁶ “É verdade [...] que a captura de escravos brasileiros na águas de cruzeiros estrangeiros é aviltante para a dignidade do Brasil, mas o que já aconteceu mostra que este processo [...] foi o meio pelo qual agora, finalmente, pela primeira vez após quase 20 anos de tentativas inúteis de persuasão, o governo e o parlamento do Brasil foram trazidos para tomar quaisquer medidas contra o comércio de escravos e do sucesso inicial, que até agora foi o emprego desses meios não pode certamente permitir nenhuma razão para o seu abandono prematuro”. Ibidem, p. 194.

¹⁸⁷ “a presença de cruzadores de Sua Majestade sobre a costa do Brasil e a posse por eles e o direito de buscar os navios mercantes brasileiros, embora possam não ter, atualmente, a oportunidade de fazer captura, serve para averiguar de forma saudável não só sobre os traficantes de escravos, mas igualmente sobre as autoridades brasileiras. [...] [...]”. Ibidem, p. 214.

¹⁸⁸ “Argumentos e razões tem longamente sido usado em vão. Se o senso de dever e respeito aos tratados pudessem alterar a postura do governo brasileiro, o comércio de escravos no Brasil já teria cessado inteiramente há anos”. Ibidem, p. 195.

imperador, que conduziu o adiantamento do país com tranquilidade, contando sempre com o auxílio de estrangeiros.

Brazil, may be said, have been born in disputes and grown into tranquility. [...]. The empire has been a great success and deservedly for the government being monarchical, hereditary, constitutional and representative, combines all the elements which experience has shown to be most conducive to the welfare of a State. [...]. English, French and German engineers have been carrying the skill and experience of Europe across the Atlantic, admirable roads, railways and bridges testify to their success and are yearly adding to the commercial progress of the empire.¹⁸⁹

O embate entre as riquezas naturais e a sociedade estabelecida nos domínios portugueses era a tônica das narrativas inglesas. No decorrer do texto de Clarke Abel, por exemplo, tal descompasso é notável:

The strongest efforts of the imagination cannot picture anything so heavenly as the country or so disgusting as the town. The first contains many of the noblest works of nature in their greatest freshness and beauty on a magnificent scale; the latter exhibits all the disgusting objects which pride, slavery, laziness and filth can possibly engender. When I state that the face of high mountains is often covered with a sheet of blossom, a faint apprehension may perhaps be formed of the beauties of the country but when I over that on entering some parts of the town, I almost lamented that I had an organ of smell. I give no idea of the stench which exhales from the accumulated ordure of its streets¹⁹⁰.

Ainda na década de 30, o negociante John Armitage, autor de uma história do Brasil, aponta os efeitos que a natureza pródiga dos trópicos exercia sobre a formação moral dos habitantes. Para ele, a facilidade na obtenção da subsistência conduzia a um estado de inércia mental:

¹⁸⁹ “Brasil, pode-se dizer, nasceu sob disputas e cresceu em tranquilidade [...] .O império tem sido um grande sucesso e merecidamente pois o governo monárquico, hereditário, constitucional e representativo, combina todos os elementos que a experiência tem mostrado ser mais propício para o bem-estar de um Estado [...] . Engenheiros ingleses, franceses e alemães vêm realizando com a habilidade e a experiência da Europa através do Atlântico, admirável estradas, ferrovias e pontes, testemunhando o sucesso e, no decorrer dos anos, vão contribuindo para o progresso comercial do império” . HINCHLIFF, Thomas, Op .cit, p . 236 .

¹⁹⁰ “O mais forte esforço de imaginação não pode dar uma imagem clara do quanto celestial é o país e do quanto repugnante são as cidades . O primeiro contém muitas das mais nobres obras da natureza na sua maior frescura e beleza em uma escala magnífica, o último exhibe todos os objetos repugnantes que o orgulho, a escravidão, a preguiça e a sujeira podem eventualmente gerar .Quando afirmo que o rosto de altas montanhas, é muitas vezes coberto com uma folha de flor, uma apreensão fraca talvez possa ser formada das belezas do país, mas quando entrava em algumas partes da cidade, quase lamentava possuir um órgão do olfato .É impossível dar uma ideia do odor que exala das ruas” . ABEL, Clarke .Op .cit, p .23

Mantido pelo trabalho de escravos, habitando um clima onde as produções da terra são quase espontâneas, privado do estímulo e das ciências que a livre comunicação com as nações estrangeiras teria ministrado, era pela maior parte um povo indolente e apático.¹⁹¹

Bunbury, pela mesma época, apresentou um parecer semelhante.

Num país tão favorecido pela natureza, as absolutas necessidades da vida são obtidas com facilidade e pouco trabalho, e os desejos do povo não vão muito além. [...]. É uma velha e justa observação de que a pródiga generosidade da natureza para com os países tropicais está longe de ser favorável ao desenvolvimento intelectual dos habitantes ou ao seu progresso na civilização e nas artes.¹⁹²

Para o inglês a negligência, a apatia e a aversão ao trabalho e às artes dos habitantes era tanta que não se podia esperar qualquer melhoramento do país. Lindley é outro que destaca as enormes potencialidades oferecidas pela natureza em contraste com o desleixo dos habitantes:

In short, the people here merely vegetate in a senseless apathy and unnerving indolence, increased by the equal neglect of their mind: few of the females can read and writing is an art which not many of them acquire. The same inanimate existence and constitutional idleness characterize the male sex. They lose whole days in visiting each other, yawning in flimsy conversation or playing at cards for pence while the plantations are carried on by European overseers, some favourite mulattoes or confidential slaves. Nor is the climate to be admitted as an excuse for this want of exertion: for many weeks are moderate as an European September and their winter months are generally so, even during the hot days there are intervals of cool breezes, besides some hours of every evening and morning during which the sun's rays have but little force and the ground is cool from excessive dews generally found within the tropics, and particularly here.¹⁹³

A inércia poderia ser estendida a todas as outras atividades da colônia, inclusive à produção de cana de açúcar e às minas de ouro, onde a utilização de novas técnicas e de métodos mais eficazes eram negligenciadas. Em 1816, é publicado *Travels in Brazil*, relato da autoria de Henry Koster. No capítulo dedicado à agricultura, Koster destaca

¹⁹¹ ARMITAGE, John. **História do Brasil**. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/ Itatiaia, 1981 p. 06.

¹⁹² BUNBURY, Charles Fox. Op. Cit, p. 118.

¹⁹³ “Em suma, o povo aqui simplesmente vegeta em uma apatia sem sentido e indolência enervante, que pode ser estendida a sua mente: algumas das mulheres sabem ler, e escrever é uma arte que muitas delas não possuem. A mesma existência inanimada e ociosa caracteriza o sexo masculino. Eles perdem dias inteiros em visitar uns aos outros, bocejando na conversa frágil ou no jogo de cartas, enquanto as plantações são cultivadas por alguns mulatos ou escravos. Nem o clima pode ser admitido como desculpa para essa falta de esforço: em algumas semanas parece moderado como o setembro europeu, e os meses de inverno são geralmente assim, mesmo durante os dias quentes, há intervalos de brisas frescas, além de algumas horas de cada tarde e manhã, durante o qual os raios do sol tem pouca força e o chão é frio de orvalho geralmente encontrado dentro dos trópicos, e particularmente aqui e. Cf. LINDLEY, Thomas. Op. cit, p. 220-1.

que “*they continue year after year the system which was followed by their fathers, without any wish to improve and indeed without the knowledge that any improvement could be made*”¹⁹⁴; em outro momento, dá mais um exemplo do arcaísmo presente nessa região: “*the lands in Brazil are not measured and everything is done by the eye. [...] and nothing can be more vague than this mode of computation.*”¹⁹⁵

No mesmo ano da publicação do relato de Thomas Lindley, saiu das prensas, também na cidade de Londres, o relato de James Tuckey, explorador e oficial da marinha britânica que, entre os meses de junho e julho de 1803, passou pela cidade do Rio de Janeiro. Em sua narrativa, intitulada *An account of a Voyage to establish a colony at Port Philip in Bass's strait, on the south coast of New South Wales*, as anotações referentes à cidade brasileira incidem sobre a devassidão reinante entre seus habitantes, devassidão que, aliada ao clima tropical, proporcionou, no parecer do explorador, a constituição de uma sociedade debilitada. Porém, apesar do tom sombrio da constatação, Tuckey advoga que era possível reverter esse cenário:

O Brasil, pelo curso que tem tomado os acontecimentos nacionais, deve, num tempo não muito distante, revoltar-se contra o estado de sujeição em que se encontra. A imensa região da América Espanhola certamente seguirá os mesmos passos. Essa região do globo parece, pela sua posição geográfica, talhada para abrigar poderosos estados. Suas divisões naturais e configurações também são muito favoráveis à conservação da liberdade. Embora a região, na sua maior parte, se situe na zona tórrida, suas grandes montanhas, onde o clima é temperado como no sul da Europa, garantem maior afinidade com a liberdade. Se a América do Sul tivesse sido colonizada por um povo do norte, um povo que trouxesse para cá o seu amor à liberdade, a região, hoje, teria uma aparência muito diversa da que tem.¹⁹⁶

A avaliação inglesa dos habitantes do Brasil, marcado por adjetivos sempre nada lisonjeiros, é extensiva aos portugueses que por aqui aportavam, especialmente os membros das ordens religiosas. Os súditos de sua majestade britânica, como mencionamos, legaram inúmeras passagens nos quais procuram apresentar ao seu leitor a extensão dos preceitos católicos na antiga colônia portuguesa. Após se dedicarem a descrever a estrutura das igrejas e as principais festas e hábitos religiosos, autores como a viajante Maria Graham não poupam comentários severos acerca do comportamento do clero católico. Em seu diário de viagem, Graham é categórica:

¹⁹⁴KOSTER, Henry . **Travels in Brazil** .London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1816,p . 124 .

¹⁹⁵ Ibidem, p .133 .

¹⁹⁶ Apud FRANÇA, Jean Marcel Carvalho .**Outras visões do Rio de Janeiro Colonial** .Rio de Janeiro: José Olympio, 2000, p . 285 .

Diz-se que os costumes do clero aqui são os mais depravados. Isto é provavelmente verdade. Os membros do clero romano, impedidos pelos votos de exercerem as caridades ativas da vida social só dispõem dos recursos da ciência e da literatura contra as paixões e os vícios. Mas aqui até os nomes da literatura e da ciência são quase desconhecidos.¹⁹⁷

Na década de 50, Alexander Marjoribanks, tece um comentário irônico sobre a atuação do clero no Brasil: “[...]from this it would appear that the brazilian think their clergy more usefully employed in peopling the wilderness than in preaching and praying.”¹⁹⁸. Semelhante parecer pode ser encontrado na *história* de Armitage, de 1831:

A educação havia feito mui pouco progresso; os conhecimentos dos eclesiásticos eram geralmente limitados a um mau latim; e o indivíduo feliz que reunia o conhecimento deste e do francês era olhado como um gênio tão transcendente que de grandes distâncias vinham pessoas consultá-lo.¹⁹⁹

A formação moral que tanto cobravam os autores de língua inglesa, sempre foi um assunto em pauta nessa produção escrita. A autora de *Journal of a Voyage...* salienta que “aqui o estado da educação geral é tão baixo que é preciso mais do que o talento comum e o desejo de conhecimento para alcançar um bom nível”²⁰⁰. Esse desinteresse pelo conhecimento, no parecer inglês, era, em parte, uma herança portuguesa, como sugere Graham no trecho abaixo:

Os homens portugueses tem todos aparência desprezível. Nenhum parece ter qualquer educação acima das dos escritórios comerciais e todo o tempo deles é gasto, creio eu, entre o negócio e o jogo. [...]. Não me admiro dessa tendência. Sem educação e consequentemente sem os recursos do espírito e num clima em que o exercício ao ar livre é de todo impossível, é preciso ter um estímulo. E o jogo, tanto para os civilizados quanto para o selvagem, sempre foi um recurso para tornar mais rápido o curso da vida.²⁰¹

O irlandês Daniel Kidder, em *Sketches of residence and travels in Brazil*, alerta, já na segunda metade do século XIX, para a manutenção no Brasil do cenário desolador para a divulgação do conhecimento e da educação em geral.

[...] it is to be feared that education in Brazil meets with the most serious embarrassments in the spirit and habits of large portions of the globe. They have not been trained up to appreciate the importance of

¹⁹⁷ GRAHAM, Maria .Op .cit, p . 141 .

¹⁹⁸ MAJORIBANKS, Alexander .**Travels in South and North America** .Londres: Simpkin, Marshall and Co, 1854,p . 45 .

¹⁹⁹ ARMITAGE, John .Op .cit, p . 06 .

²⁰⁰ GRAHAM, Maria .Op .cit, p . 182 .

²⁰¹ Ibidem, p .176 .

mental cultivation. Their highest ambition of intellectual enjoyment is associated with the dull excitements of the festas.²⁰²

Diante de um cenário tão desolador, não se poderia esperar qualquer empenho de portugueses e brasileiros no campo das ciências naturais, assunto do qual se ocuparam predominantemente sábios alemães, franceses e ingleses. Já nos séculos anteriores, inúmeros relatos de viagem atentam para a diversidade da fauna e da flora desses territórios que, após a fixação da corte, são alvos de inúmeras expedições científicas.

Entre os ingleses, William Swainson, botânico e ilustrador científico, foi o primeiro a visitar o país logo após a abertura dos portos. Primo do botânico Isaac Swainson, William era membro de importantes associações científicas, como a *Linnean Society* e a *Royal Society*, onde publicou diversos ensaios sobre zoologia e sobre a importância da história natural. Essa última temática foi objeto de sua atenção na obra intitulada *A preliminary discourse on the study of Natural History*, publicada em Londres no ano de 1834, mesmo ano em que publica também os seus *The Birds of Brazil*. Em *A preliminary discourse...*, Swainson atenta para o caráter benéfico de viagens e explorações científicas, cujos resultados não somente contribuíam para o avanço do conhecimento, como proporcionavam melhores condições para o exercício das atividades comerciais, para o progresso da agricultura e para o entretenimento dos povos.²⁰³

²⁰² “[...] É de se temer que a educação no Brasil encontra-se com os embaraços mais graves no espírito e nos hábitos de grande parte do globo .Eles não foram treinados a apreciar a importância do cultivo mental. Sua maior ambição de gozo intelectual está associada com as excitações maçante das festas” .KIDDER, Daniel . Op .cit, p . 393 .

²⁰³ “We need not to insist, that such knowledge, properly and judiciously made use of, will not only be useful, but lucrative .The first traders who supplied China with the furs of America, realised large fortunes; and the same results will always attend every such enterprise, however irregular it may appear, if it is only founded on knowledge, and conducted with prudence .People go on trading in the beaten track, not because there are no others, but because the traders are in general totally uninformed on those circumstances which lead to their discovery .The produce of the animal kingdom, in our commercial lists, is much more limited than that of the vegetable and the mineral .Yet how few of the valuable exotic drugs, dyes, and medicines do we know more of than their ordinary names! Some that, from being produced in small quantities, and in a limited district, bear a high price, may very possibly be abundant in adjacent countries, or might be transplanted and cultivated in other situations less remote and more convenient It is the business of the merchant, if he aims at wealth, to discover new sources of commerce, of which he can reap the first fruits ; but this will never be done, save by accident, without he is well informed respecting the productions, whether natural or artificial of other nations ; in order that he may supply their wants, or import their produce .The truth is, that the profession of commerce embraces many branches of information, and even of science, which at first sight appear totally unconnected with it: and among these, natural history holds no inconsiderable station” . SWAINSON, William .**A preliminary discourse on the study of natural history** .Londres: Longman, hurst, Rees, Orme and Brown, 1834, p .138 .

Além das anotações constantes em seus diários, Swainson produziu também uma série de gravuras publicadas, em 1841, sob o título *A selection of the birds of Brazil and México*. Durante sua estadia no país – na companhia do também inglês Henry Koster – o botânico procurou enfatizar para seu leitor todas as vantagens oferecidas pelo país que, uma vez conhecidas e estudadas, deveriam ser aproveitadas para a promoção da agricultura, da exploração de minérios, do comércio, enfim, de todo o império:

[...]natural history may be thus beneficial in the councils of the nation, still more essential is it to those who possess lands in our colonies, and who are desirous of making them profitable. We hear, for instance of the worn-out state of the West India plantations; that the soil will no longer repay the expenses of cultivation ; and that the introduction of sugar, rum, &c. from other countries, has brought ruin upon these. We know not how far these statements may be correct ; but admitting them to be so, it may be fairly enquired, what efforts have been made to remedy them ? why could not the aromatic spices of the East be equally well grown in the West Indies ?[...].²⁰⁴

A natureza tropical, os negros, a precária condição material e intelectual do Brasil, tornaram-se temas recorrentes na construção do Brasil pela historiografia inglesa. Houve, todavia, nesta literatura, uma série de temas menores, menos salientes, aos quais vale a pena dedicar alguma atenção.

Na extensa produção inglesa dedicada ao Brasil nesse período, pouco se pode encontrar sobre a parcela indígena da população brasileira. Ao contrário do negro, cuja presença rendeu descrições, análises e inúmeras gravuras e litografias, o elemento indígena não pareceu despertar igual atenção entre os viajantes e sábios ingleses. Enquanto os negros ocupam uma parte considerável das narrativas, sendo até mesmo temática de relatórios de missionários, breves e escassas são as menções às tribos indígenas. Já na década de 40 do século XX, Gilberto Freyre alertava para o descaso inglês com a figura do indígena, tão expressiva entre os românticos franceses. Ao abordar a obra de Robert Southey, Freyre comenta:

Dele o indianismo nunca se apossou de todo. Nunca foi um apóstolo do ‘primitivismo americano’. Nunca se entregou à exaltação absoluta do caboclo ou ameríndio. Não viu no índio da América, como outros

²⁰⁴ [...]a história natural pode ser benéfica, portanto, nos conselhos da nação, ainda mais essencial é para aqueles que possuem terras nas nossas colônias, e que estão desejosos de torná-los rentáveis .Nós ouvimos, por exemplo, do estado desgastado das plantações das Índias Ocidentais, que o solo não mais paga as despesas de cultivo, e que a introdução de rum, açúcar de outros países, trouxe ruína sobre estes .Nós não sabemos até que ponto estas declarações podem ser corretas, mas admitindo que elas sejam, pode ser inquirido, que têm sido feito para saná-las? Porque não poderia as especiarias aromáticas do Oriente serem igualmente bem cultivada nas Antilhas?[[...]SWAINSON,William . Op .cit, p .142 .

românticos do seu tempo, aquela figura rara de selvagem, superior em todas as virtudes ao europeu e ao negro²⁰⁵.

Tal comentário pode ser estendido para toda a produção escrita anterior à elaboração da *History* de Southey: não se constata nos viajantes, missionários, negociantes, diplomatas ingleses um empenho em tornar o indígena temática de suas narrativas, quase invariavelmente o nativo é descrito de forma sumária, sem maiores apontamentos acerca de seu estado atual²⁰⁶. Segundo Lynda Pratt, a partir de 1790, o encantamento do inglês com a figura do nativo americano cede lugar para uma postura mais discreta; Southey, por exemplo, “tornou-se politicamente conservador, começou a advogar o estabelecimento de colônias a fim de estender os benefícios do cristianismo e da civilização britânica a outros países.”²⁰⁷

No caso da produção inglesa do século XIX, apenas os naturalistas Henry Bates e Alfred Wallace dedicaram comentários e ilustrações aos costumes indígenas. Os demais autores limitam-se a destacar a existência de algumas tribos, mas sempre com referência aos anos iniciais da então colônia portuguesa. Esse é o caso de Alexander Caldcleugh, que salienta a dificuldade em mensurar a extensão da população indígena, visto que “the nature of this tribes, their hostility to the portuguese, the fear of taxation or slavery and the hidden nature of their retreats”²⁰⁸.

Empenhados em coletar amostras de insetos da região amazônica, Bates e Wallace legaram, na década de 50 do Oitocentos, os pareceres mais extensos e pontuais sobre as comunidades indígenas na região do Pará. Wallace, após os primeiros meses da expedição, já se mostrava desapontado com o cenário que era menos surpreendente do que as expectativas sugeriam. No que tange aos nativos, o autor destaca as diversas

²⁰⁵ FREYRE, Gilberto. Southey e o índio brasileiro. In: _____ . **Ingleses**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942, p. 74.

²⁰⁶ Dentre os periódicos britânicos do século XIX, cabe destacar a existência do *The Voice of Pity for South America*, responsável pela divulgação de algumas notícias acerca dos indígenas brasileiros. O tom do periódico, que circulou entre 1854 e 1863, quando se tornou *A voice for South America*, resgatava o discurso inglês do séculos XVII e XVIII e pregava a atuação de missionários britânicos. De acordo com os autores desse periódico, “we believe God is calling british christians to attend to the spiritual wants of the inhabitants of South America”. Cf. **The Voice of Pity for South America**, Londres, data desconhecida.

²⁰⁷ “Southey became more politically conservative, He began to advocate establishing colonies abroad not in defiance of the british political establishment but in order to extend the benefits of christianity and british civilization to the other countries”. PRATT, Lynda. *Family misfortunes? The posthumous editing of Robert Southey*. In: _____ . , **Robert Southey and the contexts of romanticism**, Arlington: Ashgate, 2006, p. 131.

²⁰⁸ CALDCLEUGH, Alexander. **Travels in South America during the years 1819, 1820, 1821 containing an account of the present state of Brazil, Buenos Ayres and Chile**. Londres, Murray 1825, p. 81.

tribos para, em seguida, alertar sobre a degradação derivada do contato com a civilização.

Eu próprio tive diversas oportunidades de observar os aborígenes do interior, nos locais onde eles conservem toda a pureza de seus costumes primitivos e de suas peculiaridades tribais. Poucos viajantes entraram em contato com esses índios verdadeiramente selvagens, pois só é possível encontrá-los afastando-se bastante dos domínios do homem branco e das rotas normais do comércio. Nas vizinhanças da civilização, o índio perde a maior parte de seus costumes típicos, modificando seu estilo de vida, sua arquitetura, seus hábitos e sua linguagem, adquirindo os preconceitos da civilização e adotando os ritos e cerimônia da religião católica romana. Torna-se logo um ser diferente daquele que constitui o genuíno habitante da selva.²⁰⁹

Bates, formula um parecer semelhante, enfatizando a crescente presença de imigrantes brancos na região amazônica e a incapacidade indígena de se sobressair nesse processo.

A inflexibilidade de caráter do indígena e sua total incapacidade de se adaptar as novas situações irão causar, infalivelmente, a sua extinção, a medida que forem aumentando as levas de imigrantes – todos eles dotados de uma organização mais flexível – e a civilização for avançando pela região amazônica²¹⁰.

Se os indígenas despertam um interesse modesto entre os súditos ingleses, a vida de europeus nos trópicos mereceu bem mais destaque. A ênfase dessa documentação recaia quase sempre sobre o cenário pouco estimulante da região, sobre as suas agruras climáticas e morais. Exemplar de tal preocupação são os apêndices das narrativas e panfletos, que listam as doenças mais comuns no Brasil e o tratamento mais adequado. Para o médico Robert Dundas, o clima e os hábitos eram os responsáveis pelo aparecimento de inúmeras doenças e pela indolência, tida como característica dos habitantes dos trópicos.

[...] the richer classes in Brazil, almost without exception, lead a life of easy and indolence. The mind and body are unexercised, the sensual passions are indulged and although not generally addicted to wine, the Brazilians partake often and largely of animal food and of a great variety of hot.²¹¹

Mais adiante, Dundas observa que:

²⁰⁹ WALLACE, Alfred Russell .Op .cit, p . 291 .

²¹⁰ BATES, Henry .Op .cit, p . 81 .

²¹¹ “[...] as classes mais ricas no Brasil, quase sem exceção, conduzem a vida de uma forma fácil e indolente .A mente e o corpo não são exercitados, as paixões sensuais geralmente são acompanhadas por vinhos, os brasileiros participam frequentemente e em grande parte dos alimentos de origem animal e de uma grande variedade de pratos quentes .DUNDAS, Robert .Op .cit, p . 38 .

In connection with this important subject of the decay of the system, my experience in Brazil has established a proposition which might not have been a priori expected: that the European female, specially of the upper classes feels the injurious influence of climate more sensible and at an earlier period than the male.²¹²

Apesar de tudo isso, a presença da Corte portuguesa e o afluxo cada vez maior de estrangeiros eram vistos como benéficos, uma vez que possibilitariam um refinamento nos modos. Para Maria Graham, o Rio de Janeiro já se mostrava como “a mais europeia das cidades sul americanas”.

O ar e as maneiras das famílias que visitamos, ainda que não fossem ingleses nem franceses eram de perfeita educação e os vestidos mais belos que da Europa civilizada, com a diferença que os homens usavam jaquetas de algodão em vez de casacos de casimira e estavam sem colarinho. Quando saem, porém, vestem-se como ingleses.²¹³

No entanto, em outras regiões, como na Bahia, por exemplo, Graham alerta que ainda havia um longo caminho a ser percorrido para o refinamento de seus habitantes. Esclarece, ainda, que os ingleses residentes na cidade adquiriram maus hábitos, oriundos do ambiente da cidade, “de um modo geral, a sociedade está aqui em nível muito baixo entre os ingleses.”²¹⁴ Gardner, mais minucioso em suas observações, destaca que, no caso da nova sede da Coroa Portuguesa:

The great desire of the inhabitants seems to be to give an european air to the city. This has already been accomplished to a great extent, partly from the influx of European themselves and partly by those Brazilians who have visited Europe either for their education or otherwise. [...]. Now, both ladies and gentlemen dress in the height of Parisian fashion and both are exceedingly fond of wearing jewellery.²¹⁵

A extensão da presença europeia, especialmente francesa e inglesa, estava alterando marcadamente o espaço da cidade, como bem notou o capelão de origem irlandesa Robert Walsh. Algumas ruas, devido ao expressivo número de

²¹² “Em relação a este importante tema da decadência do sistema, a minha experiência no Brasil estabeleceu uma proposição que pode não ter sido a priori esperada: que as mulheres europeias, especialmente das classes superiores sentem a influência prejudicial do clima mais sensível do que os homens”. Ibidem, p .99 .

²¹³ GRAHAM, Maria .Op .cit, p . 159 .

²¹⁴ Ibidem, p .183 .

²¹⁵ “O grande desejo dos habitantes parece dar um ar europeu para a cidade .Isso já foi feito, em grande medida, parte do afluxo de europeus e em parte por aqueles brasileiros que visitaram a Europa, quer para a sua educação ou não .[.] .Agora, senhoras e cavalheiros vestidos à moda parisiense e ambos são extremamente vaidosos ao usar jóias” . GARDNER, Georges .Op .cit, p . 07 .

estabelecimentos franceses ou ingleses tornaram-se sinônimos do refinamento, como a rua do Ouvidor, expressão do domínio francês no ramo das “modas”.

Of all strangers, the french form the most numerous population. [...] Among these were artists who were to be professors of the new academy of arts and science, then proposed to be established by Dom John. They now form a community of about fourteen hundred persons and their shops fill some of the principal streets where they are the best furnished and the most conspicuous²¹⁶.

Já sobre os ingleses, Walsh salienta que sua presença poderia ser detectada em diferentes atividades, notadamente no ensino de línguas, no comércio de artigos finos e no vestuário, onde era cada vez mais frequente o uso da moda inglesa, com destaque para os vestidos e os chapéus. Destaca ainda a circulação de romances e periódicos que eram disponibilizados para os sócios da livraria circulante, a *Rio de Janeiro Subscription Library*, fundada em 1826, com o intuito de permitir que seus membros pudessem consultar notícias, informações ou simplesmente se entreterem com os jornais, revistas e romances ingleses.²¹⁷ No final do século XIX, as modificações no hábito das gentes do Brasil eram dignas de notas entusiásticas como as elaboradas por William Hadfield em 1870:

Nothing can more forcibly illustrate the progress made in the capital of Brazil and its social advancement than the contrast presented by this ball with what was witnessed twenty years ago. At that period there was much stiffness in brazilian society and such gatherings as these were chiefly remarkable for the presence of many dowagers, not all of the purest blood, glittering with diamonds, but on this occasions there were hundreds of good-looking, handsomely-dressed young ladies”²¹⁸.

²¹⁶ “De todos os estrangeiros, os franceses formam a população mais numerosa [...] Entre eles estavam artistas que deveriam ser professores da nova academia de artes e ciência, proposta, então, a ser estabelecida por D. João. Agora, eles formam uma comunidade de cerca de cento e quatorze pessoas e suas lojas preenchem algumas das ruas principais, onde são as de melhor decoração e as mais visíveis”.

WALSH, Robert. Op. cit, p. 22.

²¹⁷ Cf. SCHAPOCHNIK, Nelson. The Rio de Janeiro British Subscription Library. **Caminhos do Romance no Brasil, séculos XVIII e XIX**. Campinas, p. 01-24, 2005.

²¹⁸ “Nada pode melhor ilustrar os progressos realizados na capital do Brasil e seu avanço social do que o que foi presenciado há vinte anos. Naquele período, houve muita rigidez na sociedade brasileira e reuniões como estas foram principalmente notáveis a presença de muitas viúvas, nem todo o sangue mais puro, brilhando com os diamantes, mas nesta ocasiões existem centenas de boa aparência, jovens generosamente vestidas. HADFIELD, William. **Brazil, the River Plate and Falkland Islands**. Londres: Longman, Brown and Green, 1854, p. 41.

O lento e gradual processo de construção de uma ideia de Brasil sob a ótica inglesa, cabe ressaltar, pautou-se nas informações acerca do Rio de Janeiro, principal referência sobre o país daquele tempo. O Rio é, sem sombra de dúvidas, a cidade brasileira mais frequentada por estrangeiros no decorrer do século XIX, ainda que, na segunda metade do século, as descrições de outras regiões tendam a ganhar cada vez mais espaço. Esse é o caso de São Paulo, que já no final do XIX, ganha cada vez mais a atenção dos letrados ingleses. É relevante constatar aqui que, se a imagem do Rio está ligada às suas belezas naturais e à devassidão dos habitantes, no caso de São Paulo, a ênfase recai primeiramente na autonomia secular de seus habitantes, deslocando-se, sobretudo a partir de 1850, para a identificação da cidade com o que existia de mais moderno no país naquele momento, as estradas de ferro, construídas com o auxílio inglês. Em *Brazil and the River Plate*, obra cujo primeiro volume foi publicado em 1868, Hadfield procura traçar um panorama do estado atual da cidade:

Looking about the city and neighbourhood I perceive many improvements since I was last here the city itself together with the streets being remarkable clean. Roads in the outskirts which were formerly quagmires have been have been nottoned with excellent material they have for road making and are now in very good order, in fact, there can be no doubt that São Paulo is destined to go ahead as the capital of the province and the central pivot of railway communication .²¹⁹

A comunicação entre as províncias, uma deficiência já apontada entre os primeiros residentes ingleses, aos poucos, passa a ser alvo de investimentos de companhias inglesas. No entanto, entre as constantes queixas inglesas, a inexistência de acomodações para viajantes atravessa todo o século XIX. Após o desembarque da Corte portuguesa, as menções à tal problema prolifera na produção escrita e é ainda alvo de comentários na década de 60, quando Hadfield realiza um ensaio comparativo entre as cidades do Rio de Janeiro e de Buenos Aires. A cidade portenha apresentava a vantagem de propiciar espaços de sociabilidades mais aprazíveis do que a rival carioca que, apesar da natureza exuberante, pouco tinha a oferecer em termos de conforto ao visitante:

²¹⁹“Olhando para a cidade, percebo muitas melhorias desde [a última vez] que passei por aqui, como as ruas limpas, um fato notável .Estradas na periferia, que antigamente eram pântanos, foram melhoradas com excelente material que eles têm para fazer estrada e estão agora em muito bom estado, de fato, não pode haver dúvida de que São Paulo está destinada a ser a capital do província e do eixo central de comunicação ferroviária” .Ibidem, p . 169 .

Rio possesses beautiful mountain scenery is admirably paved and lighted as well drained and sewered as money can make it but is extremely deficient in social comforts or those things which constitute the attractions of a large city.²²⁰

No entanto, Hadfield destaca que a situação das províncias brasileiras, em 1870, dois anos depois de sua primeira viagem ao país, indicava uma significativa melhora.

Os britânicos, como é possível notar, não cansaram de elaborar diagnósticos do Brasil e de enfatizar a possível colaboração de seus súditos no cenário tropical. Ao promover tais estudos e análises sobre as gentes, o clima e a natureza dos trópicos, os autores de língua inglesa destacavam também a necessidade de superar o estado de apatia que, por longos séculos, caracterizara a vida nos trópicos conduzida pelos povos ibéricos. Ao longo do século XIX, a persistência dessa ideia, cuja tradição no discurso historiográfico inglês remonta à obra de William Robertson (1777), reforçou a construção da identidade inglesa no Novo Mundo e exerceu um papel crucial na construção de uma interpretação sobre o Brasil, seus habitantes e sua história. A presença britânica, que não se restringe aos mercadores, legou uma produção escrita que buscou avaliar o país nos seus mais diversos aspectos e divulgou para seu público leitor uma imagem pródiga do Brasil, um rico manancial para a exploração inglesa, cuja administração, porém, estava nas mãos de homens ignorantes, imorais e inábeis. Esse dualismo, tão arraigado na documentação, foi expresso de modo lapidar e irônico por Charles Bunbury nos seguintes termos:

Aqui e ali uma altiva palmeira ou uma mangueira sombria levanta-se acima dos laranjais, e casas brancas, alegres e desgarradas entre as plantações dão ainda mais vida à cena. Os arredores do Rio também podem ser chamados o paraíso terrestre mas os habitantes, certamente, não se acham em estado de inocência²²¹.

Pouco depois dele, Charles Mansfield enunciava aquilo que muitos de seus compatriotas pensavam mas não ousavam enunciar: “*what a paradise is, or at least might be, this country if it were possessed by the english*”.²²²

Foi parte de tamanha massa de escritos sobre o Brasil – escritos majoritariamente críticos, como pudemos ver – que alimentou, em larga medida, a

²²⁰ “O Rio possui belas paisagens montanhosas, é admiravelmente pavimentado e iluminado, mas é extremamente deficiente em conforto social ou naquelas coisas que constituem as atrações de uma cidade grande”. Ibidem, p. 189.

²²¹ BUNBURY, Charles Fox. Op. Cit, p. 26.

²²² MAINSFIELD, Charles Blanchford. **Paraguay, Brazil and the Plate**. Letters written 1852-1853, Cambridge: MacMillan, 1856, p. 26.

produção de um outro gênero de documento sobre o país também saído das penas inglesas: as histórias do Brasil, aquelas narrativas que buscavam oferecer ao público de língua inglesa uma perspectiva analítica dos principais eventos ocorridos no país desde à descoberta até a chegada da corte portuguesa em 1808. Mais do que breves notas de apresentação do país, as obras de Andrew Grant, Robert Southey e James Henderson reivindicam para si o status de “histórias” e apresentam, pela primeira vez, uma detalhada narrativa de episódios que, segundo a crença dos seus autores, uma vez divulgados entre a audiência de língua inglesa, tornariam conhecida uma região que cada vez mais contava com o interesse e a presença dos ingleses.

O exercício de uma escrita da história realizado por viajantes, poetas e diplomatas, culmina, pois, na construção de uma imagem e de uma interpretação das possessões portuguesas na América que em muito irão marcar presença nas narrativas de Grant, Henderson e Southey. Esse é o caso, por exemplo, da relação de viagem legada por Henry Koster, autor de *Travels in Brazil*, obra dedicada à Robert Southey. Koster se estabeleceu no Brasil como senhor e engenho e legou uma das narrativas mais detalhadas sobre as diversas capitanias do país. Na resenha de sua obra, publicada num dos mais importantes periódicos ingleses da época, a *Quarterly Review*, o crítico do jornal escreve:

The general spirit of the book, indeed, is excellent[...]and the matter for the most part equally curious and amusing, presenting a faithful picture of a very interesting stage in a progress society²²³

Mas o relato de Koster está longe de ser o único. Muitas das informações colhidas pelos viajantes que citamos aqui foram incorporadas às *histórias do Brasil* escritas no decorrer do período joanino. A história escrita por Grant, por exemplo, menciona diversas vezes, implícita e explicitamente, a *Narrative to Voyage*, de Thomas Lindley.²²⁴ Southey, por sua vez, possuía, ao que tudo indica, uma extensa rede de informações sobre o Brasil, contando com a ajuda de um tio residente em Portugal – que lhe facultava a aquisição e o acesso a obras acerca da América Portuguesa – e de

²²³ “O espírito geral do livro, aliás, é excelente, [...] e o assunto em sua maior parte igualmente curioso e divertido, apresentando um retrato fiel de uma fase muito interessante em uma sociedade de progresso .”. **Quarterly Review**, ano 1820, p . 387 .

²²⁴ Cf . “We have already mentioned the little attention paid to literature and science in Rio, but here, if we are to rest on the authority of Mr .Lindley, who was unwarrantably detained a considerable time in Porto Seguro, the inhabitants are buried in a still greater degree of ignorance” .GRANT, Andrew .**History of Brazil**, Comprising a Geographical Account of That Country, Together with a Narrative of the Most Remarkable Events Which Have occurred there since its discovery .Londres: Colburn, 1809 . p .180 .

membros da administração portuguesa no Brasil – como o Conde de Arcos²²⁵ –, bem como de mercadores e viajantes ingleses que passaram ou fixaram residência em terras brasileiras, como John Luccock, de Theodore e de seu filho, Henry Koster.

Na longa troca de correspondências com Koster, entre os anos de 1804 e 1819, temos uma pequena amostra do intercâmbio de informações que havia e do próprio processo de escrita da história de Robert Southey.

Em primeiro lugar, tenho que lhe agradecer pelas notas sobre o Pará. Elas só chegaram quando o meu terceiro volume já tinha sido mandado à imprensa; fiquei muito aborrecido, pois traziam algumas informações que eu não possuía e, mais ainda, por ter assim perdido uma boa oportunidade de fazer um elogio ao Conde de Arcos que tanto o merece, principalmente de minha parte²²⁶.

Você provavelmente poderá corrigir alguns enganos no meu trabalho, inevitáveis apesar da maior diligência, quando faltam conhecimentos do local.²²⁷

Durante a minha ausência mandaram-me de Lisboa o Santuário Mariano, livro este que solicitava em vão há alguns anos. Os dois últimos volumes contêm muita coisa sobre a história do Brasil, sendo que a maior parte – realmente quase tudo – me chegou às mãos muito tarde para a presente edição; e que eu esteja vivo para ver uma segunda edição é coisa duvidosa ou mais que duvidosa. [...]. Encontrei menção à uma história do Brasil por Frei Vicente de Salvador. É citado como se tivesse sido impresso, entretanto em parte alguma ouvi falar desse autor. Poderá você colher algum informe sobre ele?²²⁸

O famoso mercador John Luccock, autor de *Notes on the Rio de Janeiro and southern parts of Brazil taken during a residence of ten years in that country from 1808 to 1808*, obra de 1820, também exerceu um papel relevante nesse cenário. A longa permanência em terras brasileiras habilitava-o a fornecer dados para aqueles que jamais tinham visitado o país, como era o caso de Southey. Em carta datada de novembro de 1818, Southey assim se manifesta acerca do auxílio prestado por Luccock:

[Luccock] escreveu-me há pouco tempo de Leeds para consultar-me acerca da publicação aqui na Inglaterra de uma gramática e

²²⁵ Cf. “O Conde de Arcos sabendo que eu desejava possuir a Gramática de Anchieta, mandou-me um exemplar dela, da Biblioteca Pública da Bahia onde, tinham duplicata e emprestou-me o Valeroso Lucideno. É esta talvez a única vez em que um livro foi emprestado através do Atlântico, da Bahia à Kensington”. LEÃO FILHO, Joaquim de Sousa. Robert Southey. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, jan/mar 1943, vol. 178, p. 76.

²²⁶ Apud LEÃO FILHO, Joaquim de Sousa. Cartas de Robert Southey à Theodore e Henry Koster. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, jan. março 1943, vol. 178, p. 88. Carta de 16 de novembro de 1819.

²²⁷ Ibidem, carta de 03 de junho de 1815, p. 88.

²²⁸ Ibidem, carta de 26 de agosto de 1817, p. 80.

vocabulário tupi, coisas estas, nas quais, talvez eu seja a única outra pessoa na Inglaterra que tenha um fio de interesse²²⁹.

A ausência do conhecimento *in loco* não impediu, porém, o processo de escrita de Southey; ao contrário, servindo-se das notícias legadas por outros ingleses, o poeta laureado escreveu uma história do Brasil que rapidamente se transformou numa obra incontornável para todo britânico que quisesse conhecer o país. As considerações de Maria Graham, no seu breve esboço da história do Brasil, ilustra bem tal importância:

A primeira parte da história foi quase toda extraída de Southey, embora me tivesse sido fácil basear-me em autores portugueses já que li quase todas as fontes impressas citadas pelo cronista, além de outras que ele não menciona. O senhor Southey, porém, foi tão fiel e criterioso no uso que fez desses autores que seria absurdo, senão impertinente, desprezar-lhe a orientação.²³⁰

Os ingleses acreditavam que as histórias do Brasil saídas de suas penas tinham a vantagem da imparcialidade, afinal, a narrativa de eventos contemporâneos exigia um domínio das paixões que poderia ser alcançado somente com o distanciamento que um olhar do estrangeiro proporcionava. John Armitage – autor da obra que pretendia ser a continuação do trabalho iniciado por Southey – traça um interessante comentário sobre o tema:

É possível que a história contemporânea possa, em alguns casos ser com mais acerto escrita por um estrangeiro, por isso que um estrangeiro pode associar-se a todos os partidos e penetrar-lhes sem participar de suas paixões²³¹.

Imbuídos dessa premissa, a produção em língua inglesa que se dedica a narrar a história do Brasil buscou coletar e divulgar o maior número possível de notícias sobre o país, uma característica apontada por Southey como imprescindível para garantir a credibilidade da empreitada, uma vez que

se o valor de uma obra histórica está na proporção da massa de fatos que ela incorpora, da fidelidade com que são relatados, e da adição que daí resulta para a soma de conhecimentos gerais, posso afirmar a respeito dessa história, imperfeita como é, que a tais respeito não tem ela sido muitas vezes igualada, nem facilmente excedida.²³²

Na cartografia que realizam do país, de seus habitantes e de suas características físicas e morais, a produção escrita inglesa buscou avaliar até que ponto o esplendor dos relatos da época colonial condizia com o cotidiano das cidades que, lentamente, foram

²²⁹Ibidem, p. 87. Carta de 18 de novembro de 1818.

²³⁰ GRAHAM, Maria. *Op. cit.*, p. 23.

²³¹ ARMITAGE, John. *Op. cit.*, s/p.

²³² SOUTHEY, Robert. *Op. cit.*, p. 549.

adquirindo novas facetas nesse século XIX, tão ávido de informações e tão empenhado em catalogar e empreender expedições para as partes mais desconhecidas e remotas do mundo. Os apontamentos dos ingleses acerca do Brasil desempenharão um papel crucial para aqueles que, anos mais tarde, se dedicaram à escrita de uma história, a partir da qual toda a trajetória do país, desde o descobrimento até a chegada do monarca português em meados do século XIX, será objeto de divulgação e análise. Mas de que forma o passado é posto em discussão nessas obras? Qual a interpretação legada por esses autores da história brasileira? Qual a repercussão da publicação dessas histórias nos periódicos ingleses? Essas são questões sob as quais nos debruçaremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

OS INGLESES E A HISTÓRIA DO BRASIL

A presença da cultura britânica no desenvolvimento do Brasil, no espaço, na paisagem, no conjunto da civilização do Brasil é das que não podem – ou não devem – ser ignoradas pelo brasileiro interessado na compreensão e na interpretação do Brasil.

Gilberto Freyre

3.1 Os autores, as trajetórias, os interesses.

Principal fonte de informação sobre os territórios do Novo Mundo, os relatos de viagem exerceram um papel crucial no processo de elaboração das histórias do Brasil escritas e publicadas em Londres em meados do século XIX.²³³ Autores com trajetórias bem distintas: alguns mais conhecidos do público inglês e luso-brasileiro – como é o caso de Robert Southey —, outros, no entanto, de circulação mais restrita.²³⁴ Esse é o caso de Andrew Grant, físico inglês que publica em 1809 a primeira obra em língua inglesa sob a denominação de *History of Brazil*, obra que, em 1811, ganha uma edição francesa e, em 1814, uma edição em língua alemã.²³⁵

O interesse, cada vez maior e mais extenso, entre os súditos ingleses sobre essa porção da América do Sul estimulou a produção de uma série de *histórias* sobre o país no decorrer do período joanino. Alguns, como James Henderson, visitaram por alguns meses as principais cidades do período, como o Rio de Janeiro e Recife, outros, como foram os casos de Andrew Grant e de Robert Southey, elaboraram suas narrativas sem nunca pisar em terras do Brasil. No caso de Henderson, a observação proporcionada pela visita e o contato com autoridades portuguesas e alguns notórios viajantes ingleses, resultou numa *história* que apresenta, de forma sucinta, as principais províncias e algumas características do extenso território brasileiro. Essa mesma lógica já pode ser vislumbrada quando da publicação em 1809, em Londres, da obra de Andrew Grant.

Com o subtítulo de *a narrative of the most remarkable events which have occurred there since its discovery*, Grant esclarece que pretende apresentar ao seu leitor

²³³ Cf. CEZAR, Temistocles. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relatos de viagem. **Almanack Braziliense**, v. 11, p. 26-33, 2010; ARAUJO, Valdei. Formas de ler e aprender com a História no Brasil joanino. **Acervo** Rio de Janeiro, v. 22, p. 85-98, 2009.

²³⁴ Poucas informações existem sobre a vida e obra de Andrew Grant e de James Henderson. Nos arquivos ingleses apenas encontramos referência no que diz respeito à Grant a escrita de uma história do Brasil e a menção a sua atividade como físico. James Henderson, por sua vez, era viajante e obteve em 1823 o cargo de consul em Bogotá após residir desde 1821 na cidade do Rio de Janeiro. Elaborou além da sua *History of Brazil*, alguns panfletos avaliando a situação econômica dos territórios da América Espanhola. Entrou em conflito com partidários de Simón Bolívar e foi enviando a Inglaterra em 1831.

²³⁵ GRANT, Andrew. **A history of Brazil**. op. cit.

informações úteis, especialmente instigantes para aqueles dedicados à especulação da vida comercial. Tal consideração estará presente nas narrativas que, anos mais tarde, são publicadas sob o título de *história do Brasil*. O grande interesse comercial pelas terras brasileiras, manifestado logo nas páginas iniciais dessas histórias não deve nos iludir: mais do que informar e estimular a vinda de estrangeiros e a troca comercial na porção mais interessante do império português, essas narrativas, ao ordenarem uma série de eventos vivenciados desde o *descobrimento* até o estabelecimento da Corte em 1808, contruíram uma interpretação articulada da história do Brasil.

A narrativa de Grant se empenha em apresentar informações recentes e acuradas acerca de uma região cujos registros eram breves e incompletos. Ao se dedicar a apresentar a história dos eventos mais memoráveis da antiga colônia portuguesa na América, o físico inglês faz grande uso de obras de autores dos tempos coloniais, como o holandês Johann Nieuhoff, o francês Jean de Léry, e obras de autores mais modernos como James Cook e George Staunton. O texto de Grant se estrutura em doze capítulos que abordam desde o descobrimento até a vinda da família real, com destaque para as condições climáticas, a descrição da população nativa, os episódios da ocupação holandesa e a tentativa francesa de se estabelecer no Rio de Janeiro e, por fim, apresenta um apêndice dedicado a informar sobre as principais doenças tropicais adquiridas por europeus e o tratamento usualmente empregado para a sua cura.

Escrever uma história implicou aqui em organizar as informações recolhidas em relatos de viagens com textos de autores modernos como o abade Raynal, outra relevante referência para a escrita dessas *histórias*. Quando comenta sobre a diversidade entre as tribos indígenas, Grant se apoia amplamente nas observações de Raynal. No exercício de escrita de sua história, a recorrência - implícita ou explícita - a autores diversos é uma constante que legitima a obra e lhe confere respeitabilidade.

Every colony of this vast continent, says the abbé Raynal, had its own idioms, but not one of them had any words to convey general or abstract ideas. [...].

Nieuhoff who resided long in the country affirms that the bodies of their still born children were devoured by the parents as the greatest delicaty.²³⁶

²³⁶ “Cada colônia deste vasto continente, disse o abade Raynal, tem o seu idioma, mas não possuem as palavras para transmitir ideias abstratas e gerais”; “Niehoff, que residiu muito tempo no país, afirma que os corpos dos recém-nascidos são devorados pelos familiares com grande delicadeza”. Cf. GRANT, Andrew .Op .cit, p .16, 23 .

Os capítulos dedicados a Porto Seguro, por exemplo, são amplamente amparados nas observações legadas por Thomas Lindley:

We have already mentioned the little attention paid to literature and science in Rio, but here, if we are to trust on the authority of Mr. Lindley, who was unwarrantably detained a considerable time in Porto Seguro, the inhabitants are buried in a still greater degree of ignorance.²³⁷

A bem da verdade, é possível, no decorrer da leitura da *história*, encontrar trechos imensos emprestados do relato de Lindley. Mais um exemplo de tão larga utilização retorna, quando Grant descreve a vida pública, ou melhor, os limitados espaços de sociabilidade dos tempos coloniais, quando reproduz o seguinte trecho da *Narrative of a Voyage to Brazil*.

The same inanimate existence and constitutional idleness characterize the male sex. They lose whole days in visiting each other, [...] or playing cards for pence; [...]. Nor is the climate to be admitted as an excuse for want of exertion: for many weeks are moderate as an European September and their winter months are generally so.²³⁸

Caso semelhante ocorre nas obras de James Henderson e Robert Southey. Esse último destaca, em carta endereçada a John May, as leituras que auxiliaram na escrita de sua história. Além da menção a Henry Koster, o poeta laureado destaca a obra do francês Andre Thevet, obras de jesuítas no Paraguai e a história de Sebastião da Rocha Pita, aguardada ansiosamente.

I know not whether they will reach him in time for the next convoy, but I expect Rocha Pita's *America Portuguesa* by that convoy and some other books to come by way of Koster [...].²³⁹

I am searching of two books, a latin history of Paraguai by P. Nicholas del Techo of which there is a mutilated translation in Churchill and the *France Antartique* of Thevet²⁴⁰.

²³⁷“Já mencionamos a pouca atenção dada a literatura e a ciência no Rio de Janeiro, mas aqui, se quisermos confiar na autoridade do Sr. Lindley, que foi juridicamente detido um tempo considerável em Porto Seguro, os habitantes estão enterrados em um grau ainda maior de ignorância”. Ibidem, p. XX.

²³⁸“A mesma existência inanimada e ociosidade constitucional caracterizam o sexo masculino. Eles perdem dias inteiros em visitar uns aos outros, [...] ou jogando cartas, [...]. Nem mesmo o clima pode ser admitido como desculpa pela falta de esforço: muitas semanas são moderadas como o setembro europeu e os meses de inverno são geralmente assim”. Trecho de Lindley presente na obra de GRANT, Andrew. Op. Cit, p. 181.

²³⁹“Eu não sei se chegará a tempo para o próximo comboio, mas espero a [História da] *América Portuguesa* de Rocha Pita por esse comboio e alguns outros livros de Koster [...]”. WARTER, John Wood (ed) . **Selections from the letters of Robert Southey** .Londres: Longman,1856, v . 2, p . 10 .(Carta de 17 . 05 . 1807 para John May) .

²⁴⁰“Estou a procura de dois livros, uma história latina do Paraguai por p. Nicholas del Techo que é uma tradução mutilada em Churchill e a França Antártica de Thevet Ibidem, p .13 .(Carta de 17 . 06 . 1807 endereçada a William Wynn .)

Uma coleção de manuscritos não menos copiosa do que interessante e tal, como na Inglaterra se não acharia outra, permite-me suprir esta lacuna na história. A coleção a que me refiro foi formada por meu tio e amigo, o reverendo Herbert Hill, durante uma residência de mais de trinta anos em Portugal. Sem o auxílio que dele tive, vã teria sido a empresa e impossível levá-la ao cabo²⁴¹.

James Henderson²⁴², por sua vez, apresenta uma particularidade em relação à Grant e Southey. O diplomata conheceu, além do Brasil, a Colômbia, país no qual foi cônsul no período de 1823 a 1831²⁴³. Em *Notice to the reader* agradece “the friendly assistance I experienced from many persons in South America, as well as from some governors and ex- governors of provinces has furnished a portion of authentic materials of the work.”²⁴⁴. Menciona ainda a utilização da obra de Manuel Aires de Casal, que lhe rendeu anos mais tarde a acusação de plágio e, por fim, remete à obra de Southey. Em 1819, interessado na possibilidade de obter o cargo de cônsul, embarca em Londres e, mesmo desapontado com a negativa de Henry Chamberlain²⁴⁵, decide permanecer no Brasil. A estadia no país se prolonga até 1823 quando é nomeado cônsul em Bogotá.

Além da utilização da obra de viajantes, sábios locais, entre outros, Henderson incrementa sua história com a experiência pessoal. Apresenta, nas páginas iniciais de sua obra, uma descrição de sua viagem da Inglaterra para o Brasil e as impressões oriundas de sua estadia em cidades como o Rio de Janeiro e Recife. No entanto, quanto à estrutura do texto, as narrativas de Henderson e Grant se assemelham. Consideradas por alguns como exemplares de um relato de viagem, são compreendidas aqui como uma tentativa de ordenar as informações sobre o passado brasileiro, ainda que de forma incipiente. A intenção de narrar a história do Brasil fica evidente quando afirma que “The object of this work is to describe the state of the Brazil from its first discovery down to the present times [...]”²⁴⁶.”Todavia, similar a uma narrativa de viagem Grant e Henderson apresentam no final, um apêndice com curiosas informações sobre o tratamento para as moléstias tropicais.

²⁴¹Ibidem, p .04 .

²⁴²HENDERSON, James .**A history of Brazil** .Comprising its Geography, Commerce, Colonization, Aboriginal Inhabitants etc . , Londres, Longman, 1821,p . 11 .

²⁴³ Henderson é nomeado consul em Bogotá em 1823 .Entre as suas atribuições estava o reconhecimento da independência da Colômbia .Após se envolver em conflitos com os aliados de Símon Bolívar e desentendimentos com Patrick Campbell, representante diplomático, retorna, em 1831 a Londres .

²⁴⁴ HENDERSON, James .Op .Cit, p .05-6 .

²⁴⁵ “I waited upon Henri Chamberlain, with a letter of introduction from a nobleman and discovered at that interview that my expectations of entering actively upon the functions of a public situations were not likely top be realizes .

²⁴⁶ Ibidem, p .V .

Traço bastante comum nessa produção escrita, a elaboração de uma história contava sempre com trechos de viajantes, informações de botânicos, geógrafos, entre outros, material que era disposto “de acordo com as possibilidades de pesquisa, funções do relato e talento do autor”²⁴⁷. A reprodução de trechos de outros autores também é característica dessa produção escrita, atitude que, longe de ser concebida como um plágio, conferia uma faceta testemunhal aos escritos.

Ao lado dos relatos de viagens, o auxílio prestado por amigos e autoridades colaborou imensamente para a elaboração dessas histórias. Southey se gabava da facilidade em obter obras sobre as colônias espanholas e portuguesas na América através da biblioteca de seu tio, Herbert Hill, em Lisboa, e do contato com mercadores ingleses como Henry Koster e John Luccock. Em carta endereçada a seu agente em Londres em dezembro de 1806, John Rickman, o poeta assegura que

[...] my account of Brazil, instead of being the last work in the series, must be the first. [...]. Those papers contain more information respecting South America than his majesty's agents have been able to obtain at Lisbon, more, in all probability, than any other person in Europe possesses except one Frenchman²⁴⁸.

A reunião do maior número possível de informações sobre uma região que despontava como “interessante e de grande potencial comercial” não se apresentava como uma tarefa fácil para os ingleses do limiar do Oitocentos. Os dados que existiam na Inglaterra, por exemplo, eram escassos e/ou inexatos, sendo necessária a consulta em outros lugares, notadamente em Portugal. Essa foi a trajetória de pesquisa e escrita daquele que buscava ser reconhecido como o historiador do Brasil, Robert Southey²⁴⁹. Expressivo nome do Romantismo inglês, Southey se dedicou a uma variedade de temáticas: no campo literário, redigiu alguns poemas sobre o Oriente, como *Thabata the*

²⁴⁷ ARAÚJO, Valdei Lopes de. Op. Cit, p. 87.

²⁴⁸ “Minha narrativa do Brasil, ao invés de ser o último trabalho da série, deve ser o primeiro. [...]. Aqueles papéis contém mais informação referente a América do Sul do que os agentes de sua Majestade são capazes de obter em Lisboa, mais, com toda a probabilidade, do que qualquer pessoa na Europa possui, com exceção de um francês”. SOUTHEY, Cuthbert (ed). **The Life and Correspondence of Robert Southey**. Nova York: Harper & Brothers Publishers, 1851, p. 212. Em 1820, o editor Longman alerta para a reimpressão de cerca de 170 cópias do segundo volume. Já no caso da edição brasileira, o estudioso Laurence Hallewell destaca que a obra, publicada em seis volumes com a tradução de Luiz Joaquim de Oliveira e Castro em 1862, só foi esgotada após vinte anos, dada ao alto custo para a publicação e o minúsculo círculo possível de leitores em língua portuguesa.

²⁴⁹ SOUTHEY, Robert. **The History of Brazil**. London: Longman, Hurst, Rees, and Orme, Paternoster-row, 1810, 3v; SOUTHEY, Roberto. **História do Brasil**. Traduzida do inglês pelo Dr. Luís Joaquim de Oliveira e Castro; anotada por J. C. Fernandes Pinheiro. Vol. IV. Rio de Janeiro: Garnier, 1862; SOUTHEY, Roberto. **História do Brasil**. Traduzida do inglês pelo Dr. Luís Joaquim de Oliveira e Castro; anotada por J. C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi e Leonardo Arroyo. Prefácio de Brasil Bandecchi. Vol. I. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

destroyer (1801) e *The Curse of Kehama* (1810), ensaios sobre política, religião, costumes e relatos de viagem. Conforme indicam seus estudiosos²⁵⁰, Southey passou, a partir de 1800, a nutrir um interesse especial pela história, candidatando-se ao cargo de historiógrafo real em 1812. Em agosto de 1800, o poeta já esclarece sua intenção de dedicar-se à escrita da história portuguesa moderna.

In your course of history, Gibbon must be read: it is the link that connects ancient with modern history. For the history of Portugal you must wait, there is none but that universal history. It is a fine subject and you will see on my return, a skeleton, I hope half musiled.²⁵¹

A dedicação voltada para esse projeto pode ser acompanhada na série de cartas destinadas ao seu agente em Londres, Rickman, ao seu irmão Thomas, ao bibliófilo Richard Heber, e ao seu principal colaborador nessa empreitada, o tio Hill, possuidor de vasta biblioteca, cujos exemplares, no momento da invasão napoleônica, foram enviados para a residência de Southey, em Keswick. Na biblioteca²⁵² e Southey, podemos destacar as seguintes obras que o auxiliaram na obtenção de informações e no processo de escrita da história: obras de cronistas como Fernão Lopes, José de Acosta, obras de franceses sobre o Brasil como a história de Alphonse de Beauchamp, viajantes ingleses como William Dampier, além de clássicos da literatura europeia, como Luís de Camões.

Em resposta aos exíguos rendimentos que a atividade de homem de letras lhe oferecia, redigiu várias resenhas para inúmeros periódicos, como a *Monthly Magazine*, *Critical Review* e a *Annual Review*. Na imensa correspondência que legou, confessa que “necessity sends some men to the gallows, some to prisons, it always sends me to the press”. No entanto, além da necessidade de obter recursos, a imprensa possibilitava a ele alcançar um público mais amplo e discutir temas tidos como vitais para o melhoramento da sociedade, como declarou, certa vez em 1825:

²⁵⁰SPECK, W. A. **Robert Southey**. Entire Man of Letters. New Haven: Yale University Press, 2006; PRATT, Lynda (ed) **Robert Southey and the contexts of English Romanticism**. Londres: Ashgate, 2006. ; FULFORD, Tim (ed) **Robert Southey: Poetical Works**. Londres: Pickering & Chatto, 2004, 5v. ; BOLTON, Carol. **Writing the Empire**. Robert Southey and Romantic Colonialism. Londres: Pickering & Chatto, 2007.

²⁵¹“ No seu curso de história, Gibbon deve ser lido: é o que une a história antiga a moderna. Para a História de Portugal, você deve esperar, não há nada além de uma história universal. É um assunto interessante e você verá na minha volta, um rascunho, espero”. SOUTHEY, Cuthbert. Op. Cit, p. 135. Carta endereçada ao amigo Harry que iniciava seus estudos de história.

²⁵²**Catalogue of the valuable library of the late Robert Southey**, esq., poet laureate, which will be sold by auction by order of the executors, by Messrs. S Leigh Sotheby and Co. Auctioneers of literary property and works illustrative of the fine arts. Documento gentilmente cedido pela pesquisadora Lynda Pratt.

I desire to act upon my fellow creatures now and hereafter according to the light which I possess and the principles which I know to be effectual for the happiness of individuals and for the public wealth. And to this object all my prose writings are primarily directed.²⁵³

Os conhecimentos adquiridos durante as estadias em Portugal garantiam pedidos de relatos de viagem e resenhas sobre clássicos da literatura ibérica. Como observou Castanheira²⁵⁴, “Portugal não foi para Southey apenas um espaço pitoresco, exótico que satisfazia plenamente o seu gosto romântico pelo passado medieval, mas um sério objeto de estudo”²⁵⁵. Além de resenhar obras e publicar versos, Southey se dedicou também a escrita de narrativas de viagem. Em *Letters written during a short residence in Spain and Portugal*, obra encomendada pelo editor Rickman em 1796, o inglês lançou seus primeiros comentários sobre a cultura ibérica que, anos mais tarde, reaparecem nas notas que legou sobre a administração portuguesa no Brasil. Na visita à Espanha, o tom de desapontamento predomina.

Todas as nossas primeiras impressões [isto é, as dos ingleses não viajados] tendem a influenciar-nos a favor da Espanha. As primeiras novelas que lemos enchem-nos de sublimes ideias de grandeza e da dignidade do caráter nacional [dos espanhóis], ao percorrer seus feitos no Novo Mundo quase os supomos uma raça diferente do resto da humanidade, tanto pelo esplendor de suas façanhas como pela crueldade com que as maculavam. Pequena observação breve destrói, porém, esta predisposição a seu favor”²⁵⁶.

Dias depois, Southey embarcou para Lisboa, cidade cujos habitantes e costumes pouco agradou. As críticas, como eram de se esperar de um inglês, residiam na sujeira da cidade e, principalmente, nos costumes religiosos. Na segunda viagem feita a Portugal, essas críticas permanecem. Em maio de 1800, alerta que

Religion is kept alive by these images like a perpetually supplied with fuel. They have a saint for everything. One saint preserves from lightning, another from fire, a third clears the clouds, and so on a salve for every sore²⁵⁷.

²⁵³ “Desejo agir sobre os companheiros agora e daqui em diante, de acordo com a luz que possuo e os princípios que sei para ser eficaz para a felicidade das pessoas e para a riqueza pública. E para este objeto todos os meus escritos em prosa são principalmente direcionados”.Apud CRAIG, David M. Subservient talents? Robert Southey as a political moralist. In: PRATT, Lynda. *Op. cit.*, p. 107.

²⁵⁴ CASTANHEIRA, Maria Z. Robert Southey, o primeiro lusófilo inglês. **Revista de Estudos Anglo-Portugueses**, Lisboa, n. 05, 1996.

²⁵⁵ Ibidem, p. 19.

²⁵⁶ CABRAL, Adolfo de Oliveira. **Southey e Portugal**. 1774-1801. Lisboa: P. Fernandes, 1959, p. 125.

²⁵⁷ “Religião é mantida viva por essas imagens como um suprimento perpétuo. Eles têm um santo para tudo. Preservam um santo do relâmpago, outro de fogo, um terceiro limpa as nuvens e assim por diante, um restaurador para cada dor”. SOUTHEY, Robert. **Letters written during a short residence in Spain and Portugal**. Printed by Biggs and Cottle, for T. N. Longman and O. Reeves, London, 1799, p. 126.

Como observou Castanheira, “para Southey, como para os outros ingleses que também nos visitaram, catolicismo e superstição confundiam-se e eram responsáveis pelo estado de atraso e ignorância existente²⁵⁸”. Na segunda viagem que realiza para Lisboa, em 1801, aí permanecendo até 1802, o estranhamento em relação à cultura portuguesa mantém-se, no entanto, Southey admite que se considerava mais apto a relatar sobre a literatura e a história desse povo, pois se sentia cada vez mais familiarizado com o idioma.

Na tentativa de compreensão de sua obra, devemos observar que, apesar da acusação de apostasia e das polêmicas em que se envolveu, que lhe valeram a fama de radical, “his cause has ever been the cause of pure religion and of liberty, of national independence and of national illumination”.²⁵⁹

As viagens realizadas a Portugal despertaram o desejo de redigir uma monumental história do império português, com volumes dedicados à Ásia, à América, à atuação dos jesuítas no Japão e à literatura espanhola e portuguesa. Nunca é demais lembrar que, as três histórias do Brasil citadas, englobam os territórios do Paraguai, da Argentina, do Uruguai e da Guiana em seus textos. Na apreciação da trajetória do país, os autores salientavam que os laços do país com outros espaços geográficos colaboravam para a compreensão do que, com o passar dos anos, ficou conhecido como Brasil. James Henderson, por exemplo, apresenta como capítulo final de sua narrativa um texto dedicado à Guiana, enquanto Southey narra a atuação dos missionários jesuítas em terras paraguaias e a fundação de Buenos Aires. O entendimento da história do Brasil ultrapassava as frágeis fronteiras geográficas.

Compreende esta obra alguma coisa mais do que o seu título promete. Relata a fundação e progresso das províncias espanholas adjacentes, cujos negócios veremos nos últimos tempos inseparavelmente entrelaçados com a do Brasil.²⁶⁰

Enquanto nas províncias do norte andavam envolvidos nesta longa e renhida luta contra os holandeses, fundavam os jesuítas no Paraguai esse domínio cuja nascença, progresso e ruína se acham inseparavelmente ligados à história do Brasil.²⁶¹

A elaboração de uma narrativa sobre uma região remota, como representava o Brasil para os ingleses, encontrava algumas dificuldades que já eram previstas pelos

²⁵⁸ CASTANHEIRA, Maria .Op .cit, p . 83

²⁵⁹Cf .CRAIG, David M .Op .cit, 101 .

²⁶⁰ SOUTHEY, Robert .Op .Cit, nota 17, p . 03 .

²⁶¹Ibidem, p .343 .

seus autores. Sem exceção, apontavam que a descrição rigorosa e detalhista de alguns eventos e hábitos do país poderia não agradar aos leitores unicamente interessados nas vantagens comerciais que poderiam advir após o desembarque da Corte Portuguesa em 1808. Tal tendência é explicitamente apontada nos prefácios e avisos ao leitor.

The general reader may not be peculiarly interested with that portion of this publication which details the towns and their productions, and in which monotony is unavoidable, although they will be valuable as references for the merchant and many others as with the evidently growing commerce of this fine country. [...] ²⁶².

Popular não pode ela ser no país em que a escrevo, tão remoto o assunto e tão extensa a obra, mas leitores competentes sei que há de encontrá-los. [...] ²⁶³.

O rigor em divulgar informações acuradas acompanha todas as narrativas; além da menção a obras de viajantes e sábios europeus, os autores destacam o esforço em confrontar edições, apurar dados, confrontar autores que abordaram uma mesma temática, Southey confia que,

I made an important discovery relative to De Lery, one of my best printed authorities this morning. This author, [...], translated his own French into latin and I used latin edition in De Boy collection, you remember the book with those hideous prints of the savages at their cannibal feasts. [...] and I, in transcribing with my usual scrupulous accuracy constantly referred to this original because I knew that when an author translates his own book, he often alters it and therefore it was probable that I might sometimes find a difference worthy of notice.

[...] Upon examination it appeared that a whole chapter and that chapter the most important as to the historical part of the volume had been omitted by De Boy because he was a catholic, De Lery a Huguenot and this chapter exposed the villainy of Villegagnon who went to Brazil expressly to establish an asylum for the Huguenots ²⁶⁴.

O diplomata Henderson, ao fazer a menção à obra de Aires de Casal, uma espécie de

²⁶² “O leitor geral pode não estar particularmente interessado com a parte da presente publicação que detalha as cidades e suas produções, e na qual a monotonia é inevitável, embora elas serão valiosas como referências para o comerciante e muitos outros como evidência do crescente comércio deste país”. HENDERSON, James .Op .cit, p .VIII .

²⁶³ SOUTHEY, Robert .Op .cit, 6v, p . 540 .

²⁶⁴ “Fiz uma descoberta importante relativa a De Lery, uma das minhas melhores autoridades impressas esta manhã. Este autor, [...], traduziu sua obra para o latim e eu usei a edição latina da coleção de De Boy., você se lembra do livro com essas impressões hediondas de selvagens em suas festas canibais[...] e eu, em transcrever com minha habitual precisão escrupulosa constantemente referida neste original porque sabia que quando um autor traduz seu próprio livro, ele muitas vezes altera e, portanto, era provável que eu poderia, por vezes, encontrar uma diferença digna de nota”; “[...]Após análise verifiquei que um capítulo inteiro, e desse capítulo, importantes partes históricas do volume tinham sido omitidos por De Boy porque ele era um católico, De Lery um huguenote e este capítulo expõe a vilania de Villegagnon, que foi para o Brasil expressamente para estabelecer um asilo para os huguenotes”. Ibidem, p .250 .

“modelo” para a redação de sua *History*, não deixa de observar que “ in the many instances wherein I have had opportunities of putting the veracity of his statements to the text I have found them correct and impartial”.²⁶⁵ Já o poeta laureado, após dedicar inúmeras páginas a atuação dos jesuítas no Brasil e no Paraguai sentencia que “é dever sagrado do historiador destas épocas relatar com escrupulosa imparcialidade o bem e o mal dos jesuítas, sem deprimir-lhes as virtudes nem disfarçar-lhes as imposturas.”²⁶⁶ Ainda com relação a produção escrita legada pelos padres discípulos de Loyola, Southey menciona o cuidado com a leitura desse material pois “ é difícil as vezes nas suas crônicas distinguir os feitos de credulidade e imaginação dos da falsidade deliberada: é que jamais lhes parecia reprovado o engano que devia produzir um fim pio ou causar uma impressão boa segundo as ideias deles”²⁶⁷.

Além do confronto entre as edições e a verificação da informação divulgadas nas missivas, relatos, panfletos e outras obras, a coleta da documentação foi, sem dúvida, uma tarefa de grande esforço para os três historiadores citados, se dermos crédito aos constantes desabafos quanto as dificuldades para se obter qualquer informação sobre o Brasil. Exageros à parte, o vaidoso Southey confia a seu tio, o capelão Hill que

Some of the portuguese, I hear, spoke of my “Brazil” with great interest, wondering how the materials could possibly have been collected and expressing a great desire that it should be finished. They will wonder much more when they see the last volume.²⁶⁸

Diferentemente de Grant e Henderson, cujas menções a trajetória de elaboração podem ser encontradas em alguns trechos de suas obras, Robert Southey legou uma imensa correspondência na qual explicita em detalhes a elaboração de sua história do Brasil. Se James Henderson aproveitou a estadia para registrar suas impressões acerca dos costumes e da história brasileira, Southey, que nunca chegou a visitar o país, aproveitou-se das facilidades e do conhecimento adquirido durante as duas viagens que realizou pela Península Ibérica para obter livros e dados precisos sobre o Brasil. A primeira viagem, realizada a contragosto em 1796, deu origem a *Letters*

²⁶⁵ HENDERSON, James .Op .cit, p . 06 .

²⁶⁶ SOUTHEY, Robert .Op .cit,3v, p . 344 .

²⁶⁷ Ibidem, p .377, 3v .

²⁶⁸ “Alguns dos portugueses, eu ouço, falaram do meu “Brasil” com grande interesse, querendo saber como os materiais foram recolhidos e expressando um grande desejo que ele deve ser concluído. Perguntarão muito mais quando verem o último volume”.SOUTHEY, Robert .Cutchbert .Op .cit, p . 125 .Carta de 22/03/1819 .

during a short residence in Portugal and Spain, um relato marcado por uma ácida crítica aos costumes portugueses. Em 1800, retorna a Lisboa por motivos de saúde e publica um *Journal of a residence* no qual o tom de desapontamento permanece. Para Southey,

The History of Portugal, if I live to execute it, will be my best historical work. There, as in the Brazil, industry in collecting materials and skill in connecting them may be manifested [...] and will be deemed of no little interest in the history of European society and of the humankind.²⁶⁹

A permanência em Portugal, mais do que auxiliar no domínio da língua e na obtenção de materiais para a construção de sua história, teve um papel decisivo na sua compreensão do caráter ibérico, tema que será recorrente nas páginas de sua história do Brasil. As narrativas de Grant e Henderson, também não se limitam a narrar os principais eventos da história do país, apresentando igualmente uma tentativa de compreensão e avaliação da presença ibérica nos territórios do Novo Mundo. Ao classificar Lisboa como uma cidade barulhenta e repleta de pessoas preguiçosas – “laziness os the influenza of the country”²⁷⁰ — Southey reitera um discurso inglês que detecta o enraizamento dos vícios ibéricos no Novo Mundo. Tal trajetória de interpretação é compartilhada por Henderson e Grant. Para exemplificar, destaquemos dois pequenos trechos, um de Southey, outro de Grant, que tratam da salubridade das ruas lisboetas (Southey) e baianas (Grant).

A capital é um lugar curioso de planta errática, construída sobre o terreno extremamente acidentado com pilhas de escombros pelo meio e vastas zonas em aberto. As ruas, porcas para além de todos os conceitos ingleses de sujidade, pois que tudo é lançado para elas e nada é removido. A toda esquina se é empecilhado por animais diferentes, e tal é a indolência e a imundície dos portugueses que creio firmemente que assim também se deixariam apodrecer uns aos outros se os padres não lucrassem com os enterros.²⁷¹

The streets are narrow which perhaps in a climate like that of Brazil is rather an advantage, but they are ill-pared and kept extremely dirty.²⁷²

Além de apresentarem considerações semelhantes, esses ingleses trocaram

²⁶⁹ “A história de Portugal, se eu viver para executá-la, será meu melhor trabalho histórico. Lá, como no Brasil, a indústria na recolha de materiais e a habilidade em conectá-los pode ser constatada e [...] não será considerada de pouco interesse na história da sociedade europeia e da humanidade”. SOUTHEY, Cutchbert .Op .cit, p . 510

²⁷⁰ SOUTHEY, Cutchbert, Op .cit, p . 128 .

²⁷¹ SOUTHEY, Robert .Journal, p .XX .

²⁷² “As ruas são estreitas que talvez em um clima como do Brasil é um pouco uma vantagem, mas elas são mal preparadas e mantidas extremamente sujas “.GRANT, Andrew .Op .Cit, p .307 .

alguma correspondência, como fora o caso de Henderson e Southey. Certa vez, o diplomata expressou o desejo de que sua obra fosse resenhada por Southey. Esse, em tom áspero, manifestou-se da seguinte maneira a seu editor, Longman:

This proposed work of Mr. Henderson is the book which I mentioned to you when I was last in Paternost Row. The author says, in his proposals that little authentic intelligence (concerning Brazil) has hitherto been published and the accounts we have of its discovery colonization, divisions, government productions are vague and frequently contradictory". He therefore promises to give 'a genuine and well authenticated history from original documents'. Now, if when he wrote these proposals. He knew nothing of my work, it is plain that he must have known little of what has been written concerning Brazil and lived little with persons who take any interest concerning its history. If he did know of my history, or if knowing it as he now does, he continues to circulate the same proposals, the language which it contains is exactly that which plagiarist would use who meant to make up his own book by pillaging mine. These remarks only affect the respectability of the author, but as for it, his works interfering with mine,, it can do so no more than an abridgment would do [...]. In fact there is no other connected history of Brazil than mine, either printed or in manuscript, [...].²⁷³

Nesse processo de escrita e divulgação dessas histórias, deparamo-nos constantemente com disputas para impor aquela que, supostamente, seria a mais acurada narrativa acerca do Brasil. Grant, cujos registros são fragmentados, legou uma *história* que, como mencionamos, semelhante a um relato de viajante, procurou, logo no ano seguinte ao desembarque da Corte joanina, fornecer dados relevantes para seus coetâneos, mercadores ávidos de informações sobre o lugar e os hábitos desse novo e promissor mercado da América do Sul. Henderson, anos após a publicação dos primeiros volumes da *História* de Southey, procurou, por sua vez, "communicate new information respecting a portion of South America, now, more than ever interesting to

²⁷³ "Esta proposta de trabalho do Sr. Henderson é o livro que eu mencionei a você quando eu tinha passado em Row Paternost. O autor diz, em suas propostas que pouca inteligência autêntica (relativa ao Brasil) até à data foram publicadas e as narrativas de sua colonização de descoberta, divisões, produções de governo são vagas e freqüentemente contraditórias". Por conseguinte, ele promete dar 'uma história verdadeira e bem autenticada de documentos originais'. Agora, se quando ele escreveu estas propostas. ele não sabia nada do meu trabalho, fica claro que ele deve ter conhecido pouco do que tem sido escrito sobre Brasil e viveu pouco com pessoas que tem qualquer interesse relativo à sua história. Se ele sabia da minha história, ou se saber como ele faz agora, ele continua a circular as mesmas propostas, a linguagem que ele contém é exatamente a que um plagiador usaria para compor seu próprio livro por pilhagem das minhas. Estas observações afetam somente a respeitabilidade do autor, mas para ele, como suas obras a interferir com a minha, poderá fazê-lo não mais do que um resumo faria [...]. Na verdade não há nenhuma outra história conectada do Brasil do que a minha, seja impressa ou manuscrita [...]. SOUTHEY, Cutchbert .Op .Cit, p .202 .

the commercial, political and scientific worlds”.²⁷⁴

A narração de eventos, a apresentação das características naturais e das diferentes populações espalhadas pelo imenso território não bastava para Robert Southey. Era preciso dar um sentido, uma coesão aos eventos, aos personagens, enfim, ao mundo com o qual se deparava. A história de Andrew Grant, primeira publicação em língua inglesa no século XIX sobre a história brasileira, selecionou os episódios, apresentou uma compreensão, ainda que incipiente, da trajetória da antiga colônia portuguesa para um público que tinha muitas dúvidas sobre as reais potencialidades do território. Henderson, empenhado em divulgar detalhadamente cada província do país e cada aspecto da sociedade brasileira, produziu também uma série de gravuras que seriam publicadas na sua história. Já Southey declarava que gostaria de ser “*regarded there as the first person who ever attempted to give a consistent form to its crude, unconnected and neglect history*”²⁷⁵. De trajetórias distintas e interesses comuns, cabe aqui examinar o perfil da interpretação do país divulgada no decorrer do século XIX por esses ingleses.

3.2 Como os ingleses interpretaram a história do Brasil?

Ao narrar o período inicial da história do Brasil, Robert Southey alertou ao seu leitor acerca da singularidade do cenário e dos personagens que lhes seriam apresentados. Em tom épico, anuncia o que o leitor deveria esperar nas páginas seguintes.

A série pois das suas aventuras, a descoberta de extensas regiões, os hábitos e superstições de tribos não civilizadas, os esforços dos missionários em que a mais fria política dirigia o zelo mais fanático, o crescimento e a queda do extraordinário domínio que eles estabeleceram, e o progresso do Brasil desde os seus mesquinhos princípios até à importância que atualmente atinge, tudo isto são tópicos de não vulgar interesse.²⁷⁶

Em Andrew Grant o tom é mais sombrio. Aos seus olhos, o cenário que iria descrever mostrava-se desolador: tratava-se de uma sociedade onde a vida era regulada pelos caprichos e necessidades imediatas, e os habitantes, “a tractable and ingenious

²⁷⁴ HENDERSON, James .Op .Cit, p .IV .

²⁷⁵ SOUTHEY, Cutchbert .Op .cit, p . 17 .

²⁷⁶ SOUTHEY, Robert .Op .Cit, p .XXX .

people, ready to learn any art or science”²⁷⁷. De qualquer modo, a narração dos eventos em terras do Novo Mundo se mostrava uma tarefa complicada: os personagens, longe de se comportarem como grandes heróis, eram indígenas que possuíam estranhos hábitos; o cenário tropical, cenário paradisíaco, para alguns viajantes dos séculos anteriores, era berço também de inúmeras moléstias e, por fim, a administração de um território tão extenso e precário conduzia a disputas pouco nobres, que se arrastavam por décadas. Ao se debruçar sobre a ocupação holandesa, por exemplo, o poeta laureado recorre ao relato de Johann Niehoff, não sem antes advertir o seu leitor de que:

Vivia este sincero escritor num século em que poucos professavam sentimentos de humanidade e nenhum fazia alarde deles; além disso, eram-lhe familiar não só os sucessos ordinários da guerra mas também as crueldades que endurecem o coração.²⁷⁸

A crítica à atuação portuguesa também pode ser encontrada nos primeiros parágrafos dessas narrativas. Em Grant, por exemplo, a incapacidade portuguesa em estabelecer relações amigáveis com os indígenas é contrastada com a aliança exitosa entre estes e os franceses²⁷⁹. A sociedade da América Portuguesa, igualmente, não deixou de suscitar críticas entre os historiadores ingleses. As considerações tecidas pelos visitantes dos séculos anteriores são reiteradas pelo discurso de Grant que, tal como os autores ingleses dos séculos XVIII, apontam a má administração portuguesa como um elemento chave para se compreender o estado de apatia e atraso que reinava nos trópicos.

During the short period that the French possessed this settlement, they established a more friendly correspondence with the natives than the portuguese had been able to effect in fifty years. This may be partly accounted for from the more conciating manners of the French and partly from a ship from Normandy having been lost on that coast about twenty years before, when a few of crew having reach the shore and being well eceived, had intermarried with the natives and these men were of the greatest service to the colony²⁸⁰.

But such was the inhumanity of theses conquerors of the New World, that no sooner had they gained a secure footing in Brazil, than they seized upon the Indians whom they sold in the public markets and

²⁷⁷ GRANT, Andrew .Op .Cit, p .31 .

²⁷⁸ SOUTHEY, Robert .Op .cit, p261, v . 3 .

²⁷⁹ Cf. SOUTHEY, GRANT e Henderson.

²⁸⁰ “Durante o curto período que os franceses possuíam este povoamento, eles estabeleceram uma correspondência mais amigável com os nativos do que os portugueses foram capazes em cinqüenta anos. Isso pode ser parcialmente observado na maneira conciliadora dos franceses ,a partir de um navio da Normandia, perdido na costa há vinte anos antes, quando alguns dos tripulantes tentaram alcançar a beira mar e sendo bem recebidos, casaram com os nativos e esses homens foram de grande serventia para a colônia”.GRANT,Andrew .Op .cit, p . 42-3 .

compelled to work like slaves on the different plantations.²⁸¹

Grant, depois de retratar com cores fortes a sociedade e o cotidiano de Salvador, volta sua atenção para o Rio de Janeiro. O tom, mais uma vez, é de desolação.

In Rio, not only science but literature of everykind is neglected as a proof of which it is only necessary to mention that, in this large and opulent city, there are but two or three booksellers's shops and that theses contain little besides a few obsolete works on theology and medicine. [...]. Though literature and science are yet in their infancy in this extensive country, the native powers of the human mind have of late begun to unfold themselves.²⁸²

Among the ports on the coast of Brazil, Rio de Janeiro is that most frequented by such vessels. Hence, from their more frequent intercourse with strangers, the inhabitants of that city have acquired a greater degree of urbanity than those of St. Salvador and likewise display superior intelligence²⁸³.

Empenhado em divulgar informações precisas sobre os territórios americanos, Grant recupera uma reclamação que, como temos buscado destacar, atravessou os séculos, a saber, a dificuldade em obter informações da administração portuguesa; segundo o autor,

In no part of the world, China and Japan excepted, is there so much jealousy evinced on the approach of foreign ships or are there so many obstacles to overcome before permission can be obtained to land, as at Brazil.²⁸⁴

É importante destacar que a *history* de Grant, primeira publicação em língua inglesa totalmente dedicada à história do Brasil no século XIX, ao organizar, em pequenos capítulos uma série de “episódios e curiosidades” relativas às províncias que formavam a América Portuguesa, lançou um modelo para as publicações seguintes, um modelo com, pelo menos, quatro características: 1) toma os episódios de forte presença estrangeira (franceses, holandeses e judeus), como momentos de ruptura com os hábitos pouco industriais oriundos dos povos ibéricos; 2) é fortemente crítico em relação ao

²⁸¹“Mas tal era a desumanidade dos conquistadores no Novo Mundo, que assim que sentiam-se seguros no Brasil, o que eles aprenderam com os índios vendiam nos mercados públicos e obrigaram a trabalhar como escravos nas diferentes plantações”. Ibidem, p. 114.

²⁸²“No Rio de Janeiro, não só a ciência como a literatura é negligenciada como uma prova de que é apenas necessário mencionar que, nesta cidade grande e opulenta, existem de duas ou três livrarias e que teses contêm pouco além de algumas obras obsoletas em teologia e medicina. [...] Apesar de literatura e ciência estarem ainda na sua infância neste país extenso, os poderes da mente humana nativos começaram a desdobrar-se”. GRANT, Andrew. Op. cit, p. 143.

²⁸³“Entre os portos da costa do Brasil, o Rio de Janeiro é o mais frequentado por esses navios. Daí, do frequentes intercurso com estranhos, os habitantes dessa cidade adquiriram um maior grau de urbanidade que aqueles de São Salvador e da mesma forma exibem inteligência superior”. Ibidem, p. 229.

²⁸⁴“Em nenhuma parte do mundo, China e Japão, exceto, há tanta inveja demonstrada na abordagem de navios estrangeiros ou existem tantos obstáculos a superar antes da permissão ser obtida para desembarcar, como em Brasil”. Ibidem, p. 122.

modo como a Coroa portuguesa administrava os seus territórios no além-mar; 3) destaca o efeito benéfico da atuação de jesuítas na colonização; 4) e, finalmente, destaca a transmigração da Corte portuguesa, em 1808, como um evento que inaugurava uma nova fase na vida do país.

Na narrativa de Southey, cujos volumes foram publicados em 1810, 1817 e 1819, inúmeras são as passagens em que o procedimento dos colonos portugueses é alvo de severas críticas. Os comentários acerca do exercício da atividade pública e da administração da justiça são ilustrativos. Ouçamos o historiador:

Em toda a história da América portuguesa e espanhola, nada surpreende tanto como a manifesta insuficiência dos esforços envidados e meios empregados para os fins a que se visava e os resultados que se colhiam.²⁸⁵

É na verdade fora de dúvida terem sido os funcionários públicos tão venais quanto corrompidos, brilhantes exceções se davam, mas, em geral, andava até o último ponto o princípio da moralidade parecendo o da honra na vida privada ter sido aviltado por peguilhos e pervertido até tornar-se motivo ou pretexto nos mais negros crimes²⁸⁶.

Assim se tornava pior no Brasil a administração da justiça que em Portugal era infamemente ruim, crescendo o mal com as dificuldades e delongas da apelação para um tribunal da outra banda do Atlântico.²⁸⁷

Ao apresentar as condições naturais do mundo brasileiro, Grant destaca, no capítulo inaugural de sua obra, que o descobrimento de um território imenso contrasta com a tímida e precária ocupação portuguesa. Tanto Grant quanto Southey são taxativos ao afirmar que os melhoramentos de que a colônia necessitava sempre dependeram não do poder público organizado, mas de uns poucos homens, uns “desafortunados”, aventureiros, que, com o passar dos anos, acabaram por garantir a preservação do território:

Descoberto ao acaso e ao acaso abandonado por muito tempo, tem sido com a indústria individual e cometimentos particulares, que tem crescido este império, tão vasto como já é, e tão poderoso como um dia virá a ser. [...].²⁸⁸

[...] the government contented itself with sending thirther condemned criminals [...] and two ships were freighted annually from Portugal to

²⁸⁵ SOUTHEY, Robert .Op .cit, p . 54, v . 01 .

²⁸⁶ Ibidem, p . 452 .

²⁸⁷ Ibidem, p . 453 .

²⁸⁸ SOUTHEY, Robert .Op .cit, p .XXV .

carry these unfortunate beings to the New World²⁸⁹.

It is obvious that at present these numerous provinces each of which might when thus improved constitute a kingdom are mainly in a primeval state and hitherto the religious bigotry, the ignorance, the unsocial manners, the commercial defects, the narrow, civil and ecclesiastical polity have for centuries checked the natural growth of everything that adorns and gives power to an empire.²⁹⁰

Na obra de James Henderson, essa questão é abordada quando o autor decide apresentar as condições atuais na província do Rio de Janeiro. O retrato que traça do aproveitamento das terras ilustra o contraste entre as potencialidades naturais e a mau aproveitamento que faz dela o colono português.

An English agriculturist would regard with astonishment and regret the extensive tracts of land lying waste in the Brazil, and particularly in the vicinity of the capital and principals towns. On accompanying a party with Mr. McKeand, from whom I experienced much attention to Campinha, only 18 miles from Rio, my surprise was more forcibly excited to see that very fine champaign and extensive valley almost in a wild state and with its primitive and verdant woods. It is a most inviting situation and its self-production vegetation reflects shame upon the indolence it has contributed to create.²⁹¹

Os rumos de tal história somente se alteram, segundo os ingleses, quando da atuação de homens como Maurício de Nassau, Padre Antonio Vieira, entre outros. Esse último despertou tamanha admiração em Southey, que o definiu como um “homem extraordinário, não só na eloquência mas em todas as coisas”.²⁹² Já sobre Nassau, observa que “nele respeitavam o elevado nascimento, as qualidades pessoais e a magnificência de príncipe que tanto contrastava com esse espírito sordidamente ávaro de dinheiro que, na opinião deles [os portugueses] caracterizava a nação holandesa.”²⁹³

Na narrativa de James Henderson, os episódios de descobrimento e

²⁸⁹“ O governo contentou-se em enviar uns trintas criminosos [...] e dois navios foram enviados anualmente de Portugal para transportar estes seres infelizes para o Novo Mundo”. GRANT, Andrew .Op .cit, p . 03-4 .

²⁹⁰“ É óbvio que neste momento essas numerosas províncias, cada uma delas pode ao melhorar constituir um reino, estão em um estado primitivo e até então, o fanatismo religioso, a ignorância, os costumes anti-sociais os defeitos comerciais, a estreita política, civil e eclesiástica que têm há séculos controlado o crescimento natural de tudo o que adorna e dá poder para um Império”. HENDERSON, James .Op .cit, p . 498 .

²⁹¹“Um agrônomo inglês consideraria com espanto e lamento as extensões de terras desperdiçadas no Brasil e particularmente nas proximidades das capitais e principais cidades. Se tomarmos em conta a opinião do Sr. McKeand, de quem eu observei com muita atenção em Campinha, apenas 18 km do Rio de Janeiro, minha surpresa foi ver esse extenso e fino vale quase em estado selvagem e com seus bosques verdejantes e primitivos. É uma situação convidativa e sua vegetação reflete a vergonha sobre a indolência que tem contribuído para criar [tal cenário]”. Ibidem, p .85 .

²⁹²SOUTHEY, Robert .Op .cit, p . 264 .

²⁹³Ibidem, p .79 .

colonização portuguesa eram confrontados com a atuação inglesa. Ao recuperar uma interpretação que, já nos séculos XVII e XVIII, ganhara força no mundo letrado inglês, Henderson explicita que

Had this best and richest region of America fallen to the share of the English, French or Dutch, it would no doubt have assumed a very different appearance, compared with its actual state. That this would have been the case is evident from the present immensely superior condition of the anglo American states, the territory of which was colonized at a later period than Brazil and whose soil is in general so inferior to the later country. The occasion of the difference may be mainly attributed to the very opposite genius of the governments and religion under the English and Portuguese, the free and wise character of the former giving every facility to talent and industry of all descriptions, while the ignorant and oppressive nature of the latter, especially in relation to the commercial restrictions which, till the arrival of the king, had unfortunately existed and in the domination of the priesthood over the consciences and property of the people, operating as a paralysis on agricultural, commercial and scientific enterprise and upon all the beneficial pursuits of mind²⁹⁴.

A atuação de povos industriais, tais como os ingleses, os franceses e os holandeses, era anunciada como uma possibilidade de ruptura com o desgoverno dos ibéricos. Tradição estabelecida lentamente no decorrer dos séculos anteriores, a identificação dos ibéricos como povos arcaicos e na contramão do progresso ganha paulatinamente espaço na obra de Henderson, que aponta a possibilidade da adoção de uma carta constitucional pelo governo do Rio de Janeiro, na década de 20 do Oitocentos, como indicativo de um *renascimento* do país.

[...] if the constitution is adopted with stability and energy for liberty civil and religious is richly productive of everything that is honourable and beneficial to mankind and those have been the most truly glorious [...], when wisely tempered an open and happy countenance and heart and a firm and erect attitude, step and character. Such has been Greece in ancient and such is Britain in modern times.²⁹⁵

²⁹⁴“Tivesse a melhor e mais rica região da América caído nas mãos de ingleses, franceses ou holandeses, , sem dúvida, teria assumido uma aparência muito diferente, em comparação com seu estado atual. Que isso teria sido o caso é evidente a partir da atual condição superior dos estados anglo americanos, um território que foi colonizado mais tarde do que o Brasil e cujo solo é, em geral, tão inferior à esse último [país]. A ocasião da diferença pode ser atribuída principalmente ao gênio distinto dos governos e da religião inglesa e portuguesa, o caráter livre e sábio dando todas as facilidades para o talento e a indústria de todas as descrições, enquanto a natureza opressiva e ignorante deste último, especialmente em relação às restrições comerciais que, até a chegada do rei, infelizmente já existiam e a dominação do sacerdócio sobre as consciências e propriedade do povo, operou como uma paralisia na empresa agrícola, comercial e científica e sobre todas as perseguições benéficas da mente”. HENDERSON, James .Op .cit, p . 23 .

²⁹⁵“[...]se a constituição é adotada com estabilidade e energia para a liberdade civil e religiosa, [seu efeito] é produtivo sobre tudo o que é benéfico para a humanidade e isso tem sido verdadeiramente glorioso[...] quando [se constata] uma sábia e feliz expressão, uma firme e correta atitude e caráter. Tal foi o caso da Grécia nos tempos antigos e da Grã Bretanha nos tempos modernos. Ibidem, p .499 .

Ao contrário, para Robert Southey, dificilmente os rumos seriam diferentes, afinal, o caráter de rapacidade dominara os conquistadores; era preciso que “os homens tenham constantemente consciência de uma justiça que tudo vê e tudo retribuiu”. Logo,

Ainda que melhor espírito houvesse dirigido o governo, o proceder dos seus subalternos o teriam inutilizado. Desgraçadamente é por demais sabido em séculos mais humanos e entre mais humanos povos quão abomináveis exemplos de rapacidade, crueldade e opressão ocorrem na administração de colônias remotas e mormente nas conquistas²⁹⁶.

Nessa perspectiva, o compromisso dos indivíduos com o *melhoramento*, outra temática amplamente debatida pelos autores dos séculos XVII e XVIII, era crucial para a interpretação do processo colonizador que foi ganhando forma com o passar do tempo.

Os particulares, porém, entregues a si mesmo, se estabeleciam pelos portos e ilhas ao longo da costa, e vilas e aldeias iam surgindo. Por cerca de 30 anos ainda depois da sua descoberta foi assim descuidado o país, durante este tempo adquiriu ele importância bastante para merecer alguma consideração à corte [...].²⁹⁷

Atraídos muitas vezes por notícias repletas de fantasias, divulgadas em crônicas e panfletos, o confronto dos aventureiros com os obstáculos, como a enorme distância entre as povoações, a presença de insetos e animais desconhecidos ou as variações das condições climáticas, conferia um caráter heróico ao evento. Southey salienta, a propósito, que iludir os possíveis colonos era muito recorrente na produção escrita das metrópoles, não sendo, pois, uma exclusividade dos ibéricos propagar imensas vantagens acerca de suas possessões americanas. Ao abordar a crônica de Herrera, o poeta laureado argumenta que

[...] a verdade é que, tendo, como Raleigh achado um país que julgou digno de conquistar-se e colonizar-se, inventou a seu respeito as falsidades que melhor poderiam tentar os aventureiros a acompanhá-los na projetada empresa.²⁹⁸

Na história de Grant, a ocupação holandesa é vista como a mais bem sucedida tentativa de colonização da América dita portuguesa, êxito compreensível, em parte, pelo caráter industrioso dos batavos. Southey recupera essa interpretação de Grant e discorre sobre a inevitabilidade da vitória portuguesa nas terras do Brasil. Acompanhemos:

²⁹⁶SOUTHEY, Robert .Op .cit, p . 76 .

²⁹⁷ Ibidem, p .58 .

²⁹⁸ Ibidem, p .117, vol .1 .

Que era a Holanda então um país mais ditoso do que Portugal não é uma coisa de que se duvide; mais industrioso e mais ilustrado vivia o povo debaixo de um governo livre e de uma religião tolerante, gozando da regular administração de leis boas. Mas raro sucede pode uma nação ampliar as próprias vantagens às suas conquistas estrangeiras. Se os holandeses tivessem projetado a conquista do Brasil para lhe melhorarem a condição dos moradores e neste intuito modelado a administração das províncias conquistadas, ainda assim não o conseguiram: a língua, a religião, os costumes o caráter e o orgulho nacional dos portugueses eram outros tantos obstáculos, fortes em si mesmo, e na sua união, insuperáveis.²⁹⁹

Ao abordar a temática, o poeta laureado observa que os holandeses

Espalhavam-se proclamações oferecendo liberdade, gozo pleno de seus bens e livre comércio de sua religião a todos que se submetessem, atraiu isto muitos negros, muitos indígenas e obra de duzentos cristãos-novos que trabalhavam por persuadir outros a seguirem-lhes o exemplo. Expostos como andaram aos insultos dum povo supersticioso e beguino, e sempre com o medo da inquisição diante dos olhos, nada lhes podia ser mais bem vindo do que esta mudança de senhores.³⁰⁰

O enraizamento dos costumes e da língua portuguesa impedia que princípios mais elevados ganhassem espaço no Brasil. Em Grant, a vitória portuguesa sobre os holandeses e, tempos depois, a expulsão dos jesuítas, constituíam eventos decisivos para a compreensão da trajetória do país. É verdade que interpretação foi melhor esmiuçada por Southey, que, embora nunca mencione a obra de Grant em suas cartas, compartilha do veredicto dado por este acerca da presença dos missionários da companhia de Loyola. Mas escutemos o pioneiro, Andrew Grant:

Breathing only sentiments of peace and charity, these missionaries at length succeeded in gaining the confidence of the natives. [...]. Uniting the most consummate knowledge of human nature to the greatest skill and prudence, they did not attempt forcibly to destroy the deep-rooted prejudices of the natives; or to oppose their superstitions.[...].³⁰¹

If anyone still doubts the happy effects of kindness and humanity over savage tribes, let him compare the progress made by the Jesuits in a very short space of time in South America, with what the arms of Spain and Portugal have been able to achieve during the lapse of two

²⁹⁹ Ibidem, p .75 .

³⁰⁰ Ibidem, p .114 .

³⁰¹“ Possuindo apenas sentimentos de paz e caridade, estes missionários conseguiram ganhar a confiança dos nativos.[...]Unindo o conhecimento mais consumado da natureza humana para a maior habilidade e prudência, eles não tentam destruir os preconceitos enraizados dos nativos; ou se opor à suas superstições [...]”.GRANT,Andrew .Op .cit, p . 37 .

centuries.³⁰²

Em consequência da expulsão dos missionários, assevera Grant, “the Brazilians remain at the present day as unenlightened as at the period their country was discovered by the Portuguese”.³⁰³

Em Southey, a ênfase recai, mais uma vez, sobre o desempenho dos indivíduos, e o caso dos jesuítas era exemplar, uma vez que

Por sobre todos estes males tinham os missionários de suportar muitas vezes o extremo da fadiga e da fome ao atravessarem matos e charnecas, e quando vencidos todos estes obstáculos, encontravam os selvagens que buscavam, caíam frequentemente eles e os seus companheiros, vítimas da ferocidade, capricho ou desconfiança daqueles mesmos por amor dos quais tanto haviam sofrido.³⁰⁴[...].

Ao discorrer sobre a atuação dos jesuítas, o poeta destaca o estado de abandono, não só material como espiritual dos colonos; abandono acrescido do uso moralmente deletério do trabalho forçado dos selvagens, alvo de severas críticas de outro dos escolhidos de Southey, Vieira, cujos trechos de diversos sermões são reproduzidos na narrativa.

Depressa conheceu Vieira o estado corrupto do país quanto a moral e religião. Cristãos e pagãos viviam em igual cegueira por falta de instrução, não havendo ali, diz ele, ninguém que catequize, ninguém que administre os sacramentos, não faltando aliás quem escravize, quem tire, nem o que é pior, quem aprove tudo isto de modo que portugueses e índios vão indo todos pelo caminho do inferno.³⁰⁵

O texto de Henderson traz uma apreciação sucinta da participação dos jesuítas na história do Brasil, sucinta mas igualmente positiva; sem muitas delongas, afirma o diplomata:

The jesuits were undoubtedly the best class of ecclesiastics who have hitherto visited the Brazil, not only as has been observed in initiating the indians into christianity but in general pursuit and encouragement of literature³⁰⁶.

Também na sua compreensão da história do Brasil, o peso das decisões e ações

³⁰²“Se alguém duvida ainda dos felizes efeitos da bondade e humanidade sobre as tribos selvagens, permita comparar os progressos realizados pelos jesuítas em um curto espaço de tempo na América do Sul, com o que as armas da Espanha e Portugal conseguiram alcançar durante o lapso de dois séculos”. Ibidem, p. 36.

³⁰³Ibidem, p. 37.

³⁰⁴SOUTHEY, Robert. Op. cit, p. 45.

³⁰⁵Ibidem, p. 177.

³⁰⁶“Os jesuítas foram, sem dúvida, a melhor classe de eclesiásticos que até agora visitaram o Brasil, não só como tem sido observado ao iniciar os índios no cristianismo, mas na busca geral e no incentivo à literatura”. HENDERSON, James. Op. cit, p. 30.

individuais compensava a apática administração portuguesa. Logo, apesar de “todas as imagináveis circunstâncias de desgoverno”, a coroa portuguesa manteve, a custa dos indivíduos, a posse do país.

Na obra de 1809, a de Grant, a participação portuguesa, definida como *inhumanity and impolicy, jealous and illiberal*, somente era digna de aprovação quando a temática girava em torno da ação dos jesuítas. No decorrer da leitura dessas obras, fica evidente que o único momento no qual a trajetória dos portugueses em terras brasileiras é louvada se dá justamente na apreciação das reduções jesuíticas. Essa apreciação, contudo, era repleta de nuances. Os textos de Grant e Henderson, avaliam somente a atuação missionária jesuítica, — propósitos de evangelização e organização das missões.

The middle and eastern parts were the conquests of the jesuits by the introduction of christianity amongst their possessors, the guaranis. These priests, knowing from experience the relaxation of European morals and how much it prevailed amongst the American colonists, determine to catechize only those Indians who were at a distance from the Europeans, in order that the proselytes should not know practices contrary to the precepts to be taught. The perfection with which they soon spoke the guaranatic idiom and the docility of this tribe of Indians concurred equally to carry into effect this wished for object³⁰⁷.

Já na *história* de Southey, a análise vai um pouco mais longe e os limites da ação dos membros da Companhia de Jesus ganham algum destaque.

Tudo quanto podia torná-los bons servos e felizes na servidão, eles ensinavam cuidadosamente, mas além disso, nada, nada que pudesse conduzí-los a emancipação política e intelectual. [...]. Apreciando porém o bem que fizeram os jesuítas, cumpre recordar que os espanhóis no Paraguai se iam desempenhando nesse estado que com propriedade se não pode chamar nem selvagem nem bárbaro mas que de todas as condições em que jamais tem existido o homem, é talvez aquela em que menos virtudes se desenvolvem.³⁰⁸

Tão grande parte tomaram os jesuítas na história da América do Sul que estes primeiros nomes se tornam dignos de memória . [sobre

³⁰⁷“As partes centrais e orientais foram conquistas dos jesuítas com a introdução do cristianismo entre seus possuidores, os guaranis. Estes sacerdotes, sabendo da experiência do relaxamento da moral europeia e quanto prevaleceu entre os colonos americanos, determinaram catequizar apenas esses índios que estavam a uma distância entre os europeus, a fim de que os prosélitos não desvessem saber práticas contrárias aos preceitos ensinados. A perfeição com que eles logo falavam o idioma guarani e a docilidade desta tribo de índios concorreu igualmente para alcançar com vigor esse objetivo”.Ibidem,p.135 .

³⁰⁸SOUTHEY, Robert .Op .cit,p . 64 .

Manuel de Nóbrega]³⁰⁹.

Vale salientar que, na edição em língua portuguesa, traduzida pelo cônego Fernandes Pinheiro e publicada em 1862, uma breve nota de esclarecimento ao público luso-brasileiro recomendava que as considerações do autor acerca da fé e dos costumes católicos nada mais representavam do que o exagero de um protestante. Tal como os viajantes, Southey se incomodava com a profusão de ritos, cerimoniais e especialmente, com o hábito de recorrer à intervenção divina para explicar tudo o que ocorria na colônia, hábito que denominava frequentemente de “superstições católicas”. Southey, no entanto, nunca deixou de reconhecer a nobreza de algumas das ações dos religiosos, como o costume de amparar os doentes, por exemplo.

É em visitas como esta que os religiosos da igreja romana procedem com uma caridade heróica que lhes dá o direito tanto a admiração como gratidão da humanidade. Podem então esquecer-se e perdoar-se-lhes as loucuras, os erros, e os males de que suas instituições são causa, o espírito da religião que em outras épocas se esconde entre momices ou perverte.³¹⁰

Fernandes Pinheiro, tradutor, interrompe nesse momento a leitura da narrativa para pedir ao leitor que “tome nota desta sincera homenagem que à nossa santa religião rende um protestante, cujas injustiças para com ela temos tido por vezes ocasião de verificar”.³¹¹

Ao lado dos jesuítas, as narrativas desses ingleses destacam, como referimos de passagem, a presença holandesa no Nordeste como um episódio central para a compreensão dos eventos posteriores. Os batavos eram saudados como povos mais habilidosos do que os ibéricos. As medidas tomadas por aqueles nas cidades que ocuparam no nordeste brasileiro, por exemplo, não passaram despercebidas ao poeta, que sentenciou:

Suas pontes, seus palácios e suas cidades ai ficaram como monumentos de sua administração sábia e magnífica mas ainda estes não são os mais duradouros. Levava ele [Nassau] consigo escolares, naturalistas e ilustradores³¹².

Alguns melhoramentos introduziram os conquistadores enquanto senhoreavam o país. Um povo acostumado a tão grande limpeza na pátria não podia tolerar a imundice de uma cidade portuguesa, e assim

³⁰⁹ Ibidem, p. 313.

³¹⁰ Ibidem, p. 287.

³¹¹ Ibidem, p. 288.

³¹² Ibidem, p. 416.

eram as ruas do Recife regularmente varridas.³¹³

Mais uma vez, de certo modo, deparamo-nos com resquícios dos relatos que Southey produziu durante suas viagens pela península ibérica.

A apreciação dos indígenas também ocupou um lugar de relevo nas três narrativas produzidas durante os anos joaninos. Reforçando as imagens divulgadas nos séculos anteriores pelas narrativas de viagem, Grant sentenciava que os silvícolas

[...]were a tractable and ingenious people, ready to learn any art or science. [...] They were, it is true, not much disposed to labour, for their desires were few and easily gratified. While they were treated with kindness, they offered no objections to the occupation of lands by the strangers,³¹⁴.

O poeta laureado, por sua vez, destacava a singularidade do comportamento indígena quando comparado ao dos europeus. O historiador narrou com detalhes –o que lhe valeu severas críticas de resenhistas, como destacaremos mais adiante – e com estranhamento que os silvícolas preferiam morrer a viver com os colonos portugueses.

[...] querendo os portugueses comprar uma mulher, disse o cacique, em casa de cujos filhos ela se estava divertindo, estar aquela índia destinada para uma grande festa, pelo que não se havia de querer deixar resgatar. Deixou-se porém a coisa à escolha dela, a quem seria livre seguir os portugueses, querendo. A resposta foi que preferia ela ser sepultada nas barrigas de seus senhores, a quem amava por se ter criado com eles. Nestes casos fundava-se especialmente na crença religiosa a preferência à morte a escravidão³¹⁵.

Malgrado ser um expressivo nome do dito Romantismo inglês, Southey, nas páginas dedicadas ao universo dos indígenas, está longe de criar uma figura “idealizada”, longe de apresentar os nativos como exemplares do bom selvagem. O seu selvagem é um personagem dotado de instintos tão cruéis quanto o daqueles europeus envolvidos na descoberta e ocupação dos territórios do Novo Mundo.

São tão raros entre os selvagens os exemplos de virtude que quando se dão cumpre memorá-los por amor da natureza humana desonrada nas particularidades da vida selvática.³¹⁶

Narrar a história do Brasil, conduz, inevitavelmente, na perspectiva de

³¹³ Ibidem, p. 418.

³¹⁴ “[...] eram um povo tratável e engenhoso, pronto para aprender qualquer arte ou ciência. [...] Eles, na verdade, não apresentam muita disposição para o trabalho, é verdade, seus desejos são poucos e facilmente satisfeitos.. Enquanto eles foram tratados com bondade, eles não ofereceram qualquer objeção à ocupação de terras por estranhos.”. GRANT, Andrew .Op .cit, p. 32.

³¹⁵ SOUTHEY, Robert .Op .cit, p. 401.

³¹⁶ Ibidem, p. 86.

Southey, em se defrontar com os instintos sanguinários dos selvagens, que eram compartilhados pelos primeiros conquistadores, “os mais robustos e esforçados dos homens, assim como eram também os mais desumanos.”³¹⁷. O empenho em retratar da forma mais verossímil possível rendeu trechos como esse, dedicado aos goiatacazes:

Raça valente, não se batiam nas selvas nem de emboscada mas em campo raso. A nado se atiravam ao mar, levando na mão um pau curto, agudo em ambas as pontas; com esta arma atacavam um tubarão, metiam-lhe na guela, sufocavam-no, puxavam-no para terra, comiam-lhes a carne e dos dentes faziam ponteiras para as suas setas.³¹⁸

Henderson, interessado em relatar as condições de vida após a transmigração da Corte e estimular a vinda de seus conterrâneos, explica ao leitor que, apesar dos novos ares de civilidade, o vasto território era habitado por indígenas que

More or less numerous and generally divided into tribes or hordes wandering about in a state of nudity, the principal part of their time employed in hunting gathering honey and such fruits as nature spontaneously produces.³¹⁹

Tão cruéis quanto os indígenas, os paulistas mereceram capítulos a parte nessas narrativas. A mesclagem do sangue indígena com o português conduziu a singularidade desses povos, pois “com este cruzamento melhorou a raça, desenvolvendo-se o espírito de empresa europeu em constituições adaptadas ao país”³²⁰. Para o diplomata Henderson

The paulistas are at present esteemed the best people of the state although various account would warrant the belieif of their being formely of a very different character but this representation must be received with caution.³²¹

A autonomia de que gozaram junto à autoridade real despertava admiração entre os autores, que cogitavam: “se tivessem tornado os paulistas um povo independente, em breve seria o mais formidável da América do Sul”. No entanto, a caça aos indígenas e a dedicação à extração de ouro nas minas abriu um capítulo trágico na história do Brasil. Os efeitos funestos que já eram visualizados nos territórios sob a

³¹⁷ Ibidem, p .405 .

³¹⁸ Ibidem,p . 62 .

³¹⁹ “Mais ou menos numerosos e geralmente divididos em tribos ou hordas vagando sobre em um estado de nudez, a parte principal do seu tempo empregado na caça, na recolha do mel e essas frutas que a natureza espontaneamente produz”. HENDERSON, James .Op .cit, p . 28 .

³²⁰ SOUTHEY, Robert .Op .cit, p . 414 .

³²¹ “Os paulistas são atualmente estimados como as melhores pessoas do estado, embora várias narrativas garantam se tratar de um personagem muito diferente, mas essa representação deve ser recebida com cautela”. HENDERSON, James .Op .cit, p . 174 .

tutela espanhola, fizeram-se sentir, anos mais tarde, na região das minas. Ao contrário do esperado:

Nenhum melhoramento moral trouxe consigo, nenhum aumento de felicidade podendo entrar em dúvida se promoveu ou retardou ela o progresso das colônias, mas produziu grande mudança no sistema da administração e na condição e ocupações do povo.³²²

Mais uma vez, o poeta laureado destaca o papel dos indivíduos, de homens como Fernão Dias e Paes Lemes:

Verdade seja que os fundadores como este de Minas Gerais nem praticaram ações brilhantes nem se guiavam por motivos que os enobrecessem, contudo eram homens de indômita coragem e sofrimento a toda prova.[...]. Homens conhecidos por prudentes e até por apertados enquanto se não deixam induzir a tentar a sorte das minas adquirem logo novo caráter, arrastando a cobiça a mesma avareza a prodigalidade. [...]. Desde a hora em que se atiram a esta empresa, é a sua vida um contínuo sonhar de esperanças.³²³

Era de se esperar, pois, os comportamentos viciosos dos homens que, de distantes regiões, se dirigiram para as minas recém-descobertas. E a aventura espanhola no México e no Peru só vinha corroborar a tese de Southey acerca da atuação ibérica:

Ninguém jamais se mostrara tão insaciavelmente sedento de ouro como os primeiros descobridores da América. Os conquistadores espanhóis buscavam minas, e somente minas, não as achando na Flórida não quiseram ali estabelecer-se, que não haviam eles deixado, diziam, o seu próprio país tão belo e tão fértil para vir arar a terra, nem o haviam abandonado como os antigos bárbaros do norte por não poder ele sustentá-los. Era a avareza tão notoriamente a paixão dominante que os movia.³²⁴

O quadro final que retrata das Minas não é nada animador, com destaque para a crescente presença de aventureiros e criminosos na região, o mais turbulento distrito do Brasil. A especificidade da história que relata ganha, então, contornos definitivos. Ao realizar um balanço do século XVIII, Southey sentencia:

Achavam-se os sertanejos num curioso estado a que o velho mundo nem na história antiga nem na moderna ofereceu paralelo pois que nas passadas eras da barbaridade se fomaram as instituições e costumes de todos os países com referência a guerra, sendo esta quem associava os homens. Já lá vão os males desses séculos mas os sentimentos e virtudes que eles no seu turbulento correr chamaram a existência devem as mais nobres nações da Europa as suas melhores e mais altivas características. Mostrará o futuro qual há de ser o caráter das

³²²SOUTHEY, Robert .Op .cit, p . 52 .

³²³Ibidem, p .80 .

³²⁴Ibidem, p .86 .

nações que não passaram por esta depuração mas o que até agora se tem visto não permite aguardar grandes coisas.³²⁵

E as limitações da sociedade ficavam mais fortes com o passar dos anos. O estado de apatia dos colonos, a ausência ou incompetência das instituições, a permanência de traços pouco civilizados, enfim, o dito barbarismo escandalizava os autores ingleses.

Mas no Maranhão e Pará achava-se o povo quase na condição de matutos, afastado da vida civilizada nos seus hábitos e costumes, e mais ainda nos sentimentos, aproximando-se em tudo do estado selvagem.³²⁶

A enorme extensão territorial colaborava em muito para a perpetuação dos barbarismo e para o caráter desigual e imaturo da sociedade. Ao comparar as sociedades do Velho e Novo Mundo, Southey destacava:

No Velho Mundo fora também a tendência dos sucessos para reunir os homens em Estados ou em tribos quando a sociedade se achava na sua condição mais rude, mas ligando-os por toda a parte com laços de mútua dependência: no Novo Mundo, pelo contrário, tem sido a tendência para a separação e para uma espécie de selvagem independência.³²⁷

Território mal governado, cercado por indígenas — cujos costumes se mostravam tão cruéis quanto os dos colonos ibéricos e entregue às iniciativas (poucas) individuais; eis a interpretação elaborada e divulgada nas páginas dessas histórias do Brasil escritas em língua inglesa no início do Oitocentos. Acrescente à esse cenário, a presença de escravos que, como demonstramos no capítulo anterior, horrorizavam os estrangeiros que por aqui desembarcavam. A apreciação de tal presença não será diferente entre os historiadores. A descrição da marcada presença de escravos nas cidades brasileiras rendeu observações como as de Grant:

Whatever may be the rising prosperity or increasing riches of Rio, it is with pain that we behold this city disgraced by an establishment originating in the sufferings and misfortunes of an unoffering race of our fellow-men³²⁸.

Na apreciação que nos legou da população da província do Rio de Janeiro, Henderson informou aos seus leitores que cerca de dois terços da população era

³²⁵Ibidem, p .410 .

³²⁶Ibidem,152 .

³²⁷Ibidem, p .XXX .

³²⁸“Qualquer que seja a prosperidade crescente ou crescentes riquezas do Rio de Janeiro, é com dor que está a cidade desonrada por um estabelecimento originário dos sofrimentos e infortúnios de uma raça dos nossos homens”.GRANT, Andrew .Op .cit, p . 152 .

constituída por negros e mulatos, cujas atividades garantiam as rendas de seus senhores. A figura do *negro de ganho* causava horror entre os estrangeiros que, como Henderson, não se cansaram de complementar as suas abordagens com descrições da chegada de navios negreiros nos portos brasileiros e dos frequentes castigos físicos que eram impingidos aos negros e podiam ser contemplados em qualquer cidade brasileira do período.

The mulattoes are a portion of the population much of the most healthy and robust, their mixture of african and brazilian constitution appearing exactly adapted to the climate. The negroes are probably not used with more inhumanity here than in other colonies. [...]. The slave ships arriving at the Brazil present a terrible picture of human wretchedness, the decks being crowded with beings as closely stowed as it is possible, whose melancholy black faces and gaunt naked bodies are of themselves sufficient to transfix with horror an individual unused to such scenes, [...].³²⁹

A forte presença de escravos, o fascínio exercido pela descoberta de ouro, o caráter preguiçoso dos ibéricos, tudo isso conduziu ao estado deplorável em que, segundo os ingleses, se encontrava a colônia. Reiterando as ideias já divulgadas nos séculos anteriores sobre essa temática, Southey afirma:

um dos efeitos perniciosos da escravidão, sistema de que são perniciosos todos os efeitos (talvez mais pernicioso ainda para o senhor do que para o escravo) é que onde quer que ela exista passa o trabalho por aviltar o homem livre.³³⁰

Para o inglês, a escravidão marcou profundamente o caráter nacional, uma vez que: “ao povo não faltava indústria, a indolência é o vício dos brasileiros procede ela não do caráter nacional mas de algum baixo prejuízo relativo a escravidão”.³³¹

Ao discorrer sobre os paulistas, Southey toca num ponto decisivo da sua interpretação do Brasil, a mistura de raças, traço que, como alerta mais adiante, foi crucial para a formação do país. Para Southey, além da herança portuguesa, aí residia o grande traço distintivo do brasileiro em relação aos demais povos da América do Sul:

Não tinha ali semeado os germens da guerra civil a fatal distinção de

³²⁹ “Os mulatos são uma parcela da população muito mais saudável e robusta, sua mistura na constituição brasileira e africana parece exatamente adaptada ao clima. OS negros provavelmente não são usados com desumanidade mais aqui do que em outras colônias. [...]. Os navios negreiros que chegam no Brasil apresentam uma imagem terrível da miséria humana, os pavimentos sendo lotados com seres tão estreitamente arrumados como é possível, cuja melancolia nas faces e os corpos nus são suficientes para com horror atestar tais cenas, [...]”. HENDERSON, James. Op. cit, p. 174.

³³⁰ SOUTHEY, Robert. Op. cit, p. 407.

³³¹ Ibidem, p. 402.

castas, que tanto mal produziu na América Espanhola e por força há de causar onde quer que prevalece. Era isso porém o resultado da necessidade, não demais são os conselhos. Com o seu limitado território e excassa população não podia Portugal seguir a injusta e ciumenta política dos espanhóis, deprimindo os criolos para tê-los mais sujeitos. Tão respeitado, tão elegível para todos os cargos era o mameluco como o homem de sangue inteiro, como o natural da mãe pátria. Nenhuma lei degradava o mulato ou o negro livre, nem tão pouco a opinião pública o fazia. E assim se ia operando silenciosamente essa amalgamação de castas e cores que quaisquer que sejam as convulsões porque tiver que passar o Brasil, o livrará da mais cruel das guerras civis.³³²

[...] no Brasil estava ainda em todo o seu viço o ardor das empresas e não só se haviam aclimatado aqui no decurso do tempo os portugueses mas graças a grande mistura de sangue indígena, tinham as constituições de nascença adaptadas ao clima em que nasciam: contudo o costume os tornava dependentes dos seus escravos a ponto de não poderem viver sem eles.³³³

Narrativa mais otimista quanto às possibilidades de melhorias futuras, a história de Henderson apontava:

Permits us also to indulge the hope that the blessings of civilization will be carried with jesuitical earnestness among the numerous indians and that [...] will give place to the customs of social life, thereby converting their native wilds into scenes of fertility such as formely beautified the mission of Paraguay where groves of fruits trees where sweetest plants and flowers, plantations of roots, of rice and indian corn, numerous useful animals, together with a mild paternal government ensured plenty and prosperity to the inhabitants.³³⁴

Em linhas gerais, é a tentativa de compreensão dos impactos da transmigração da corte sobre os destinos do país que arremata essas narrativas. Após a descrição das vicissitudes que, desde o descobrimento se fizeram presentes, os autores, pautados nos testemunhos de viajantes e autoridades portuguesas do período, apontavam para aquela que poderia corresponder a uma nova fase da história do Brasil. A crença no comércio como instrumento de civilização e progresso, fortemente arraigado na história da Grant, fez com que ele concedesse um enorme destaque as

³³² Ibidem, p .471 .

³³³ Ibidem, p .405 .

³³⁴ “Permite-nos também saciar a esperança de que as bênçãos da civilização serão conduzidas com a seriedade jesuíticas entre os numerosos índios, e que suas características darão lugar aos costumes da vida social, convertendo sua selvageria em cenas da fertilidade, tão embelezada quanto a missão do Paraguai onde pomares de frutos de árvores mais doces, plantas e flores, plantações de raízes, de arroz e milho, inúmeros animais úteis, juntamente com um governo paterno assegura a abundância e prosperidade aos habitantes”. HENDERSON, James .Op .cit, p . 500 .

medidas comerciais adotadas pelo governo português, agora sediado na cidade do Rio de Janeiro. Logo após apresentar os principais acontecimentos que marcaram a história do país e as singularidades que marcavam cada uma das províncias, Grant pondera:

[...] should a wise and liberal policy be adopted by the new government of Brazil, an increased demand for european manufactures must flow as a consequence from the prosperity of that colony and ultimately produce the most beneficial effects on the commercial and trading interests of this country.³³⁵

Ideias como civilização e comércio andavam juntas nessas histórias, a ponto de Robert Southey considerar que Pernambuco devia sua posição de destaque entre os territórios da América do Sul graças ao comércio.

Em Pernambuco teria esta tendência tornado cada geração mais bárbara do que a anterior, se a civilizada influência do comércio estendendo-se da costa para todas as partes não houvesse contrabalançado este natural processo. Graças a esta influência encontravam-se nas fazendas desta província as decências e até os cômodos da vida que, debalde se buscariam entre os miseráveis semiselvagens do Paraguai e do Prata.³³⁶

Sinônimos do que era entendido na época como moderno e industrial, a prática de uma vida comercial sem restrições e o exercício da governabilidade pautado por uma carta constitucional, medidas que o Brasil vinha adotando depois de 1808, foram celebrados por esse autores como indícios inequívocos da emergência de uma nova civilidade. Para o entusiasmado James Henderson:

The adoption by the brazilians of the free constitution govenment recently determined upon by the mother country and sanctioned by the beneficent disposition of their monarch, as well as by the highly honourable, judicious and decided approbation of the prince royal, will, it be hoped, rouze the latent energies of this fine country and produce an immediate advance towards that flourishing and distinguished state we have been contemplating.³³⁷

Enquanto as narrativas de Grant e Henderson saudam a presença da Corte no país, Southey é mais ponderado. Primeiramente, destaca, mais uma vez, a enorme incapacidade portuguesa de governar e administrar tão extenso e heterogêneo território,

³³⁵ “[...] deve ser adotada uma política sábia e liberal pelo novo governo do Brasil, uma maior procura de fabricantes europeus deve fluir em consequência da prosperidade nessa colônia e, finalmente, produzir os efeitos mais benéficos para os interesses comerciais deste país “.GRANT,Andrew .Op .cit, p . 294 .

³³⁶ SOUTHEY,Robert .Op .cit, p . 411 .

³³⁷ “A adoção recente pelos brasileiros de um governo sob a forma constitucional determinada e sancionada pela disposição beneficente do seu monarca, bem como sua aprovação altamente honrosa, judiciousa e decidida do príncipe real, produzirá um avanço imediato para esse estado próspero e distinto que estamos contemplando”.HENDERSON, James .Op .cit, p . 499 .

em seguida, faz o seu prognóstico.

A maior restrição sob o qual laborava o Brasil era o monopólio do seu comércio em que tão rigorosa se mostava a mãe pátria. Este mal cessou como de necessidade havia de cessar com a mudança da sede da Corte. Introduziu-se a imprensa, perceberam-se logo alguns erros da antiga política e outros poucos mais duraram. Os agravos do povo fáceis são de remediar: a abolição do tráfico de escravos se seguirá a abolição da escravidão; os selvagens ainda que restam não tardariam a civilizar-se, e índios, negros e portugueses se iam fundindo gradualmente num só povo que terá por herança uma das mais formosas porções da terra.³³⁸

Em suas observações conclusivas, Henderson convoca os interessados da Inglaterra a explorarem o Brasil, agora “aberto às nações amigas”. A sua narrativa - que buscou dar conta dos principais eventos e das principais características dessa “nova” parte do globo que se abria à curiosidade de todos – é arrematada, em tom de euforia, com um convite.

The philosopher, the man of business and the philanthropist already exult in the change and are felicitated by the prospect so richly and grandly opening before them. To the first, improved facilities will be afforded in one of the most magnificent and varied fields in the world, for his delightful pursuits in natural history. To the british merchant particularly an immense augmentation of his commercial dealings will be opened by a wiser administration of the Brazilian government relative to the exchange of commodities with other countries and by the increased industry and prosperity of the Brazilian people.³³⁹

O poeta laureado, por sua vez, adverte que, se o país conseguisse escapar “dos flagelos da Revolução” – uma referência aos acontecimentos que conduziram a fragmentação da América Espanhola —, era de se esperar tempos vindouros gloriosos.

Bela perspectiva e um futuro de glória se abre para os brasileiros, se escaparem ao flagelo da Revolução que destruiria a felicidade de toda a geração atual, arrastando consigo a anarquia e a guerra civil e acabando por dividir o país numa multidão de Estados mesquinhos e hostis que teriam que atravessar séculos de miséria e de sangue derramado antes que pudessem reerguer-se da condição de barbarismo em que se veriam mergulhados.

Por volta de 1820, Southey já era conhecido como a principal referência no

³³⁸ SOUTHEY, Robert .Op .cit, p . 539, v .6 .

³³⁹ “O filósofo, o homem de negócios e o filantropista já exaltam as mudanças e felicitam a rica perspectiva que vislumbram. Ao primeiro, a melhoria das facilidades em um dos campos mais magníficos e variados do mundo possibilitará deliciosas investigações em história natural. Ao mercador britânico, o aumento em suas transações comerciais será possível por meio de uma administração mais sábia do governo brasileiro referente ao intercâmbio de produtos com outros países e pelo crescimento da indústria e prosperidade do povo brasileiro. HENDERSON, James .Op .cit, p . 500 .

mundo anglofóno sobre a cultura e história portuguesa. No decorrer do processo de elaboração de sua história do Brasil, o inglês alertou seu editor sobre a necessidade de escrever um terceiro volume, visto que a temática ultrapassava o seu plano inicial de dois volumes. Em maio de 1819, declara:

I can neither sit from home, nor do anything else till the Brazil is finished and surely never did any task so grow under the workman's hands. The reason of this is that was utterly impossible to estimate the extent because there existed no previous work by which I could measure my scale and see what lay before me. It was travelling in an undiscovered country. But I have the satisfaction of knowing, now the task is so nearly completed that there does not exist, in this or in any other language, so full an account of any country from the earliest times, of this rise, progress, geography, the manner of its aboriginies and its actual state [...] a country of which less was known than any other which will soon be of the greatest commercial importance to Great Britain and is in a fair way of becoming the greatest country of the New World.³⁴⁰

Durante a redação do último volume, Southey confidenciou a seu tio Hill o plano da obra, que deveria ter como epílogo um capítulo dedicado a vinda da família real portuguesa. Para tanto, o inglês conta, mais uma vez, com o auxílio do tio e de amigos, como o comerciante John May. Ao tio Hill, Southey interroga sobre a existência de imprensa nos domínios brasileiros; a May questiona sobre o estado atual do país, tumultuado pelas revoltas regenciais, como podemos averiguar nos trechos a seguir, respectivamente:

You have extracts from some Rio Almanacks. Where were those almanacks printed. Is is said in the Correio Braziliense that there are no printing press in Brazil, til one was sent from England in 1808.[...]. My concluding chapter must be a summary view of Brazil at time of the removal and I shall get it in the course of a week³⁴¹.

³⁴⁰“Não posso fazer qualquer outra coisa até que o [trabalho de escrita sobre] Brasil esteja terminado e certamente não houve uma tarefa que cresceu tanto sob as mãos de um trabalhador.. A razão disto é que era absolutamente impossível estimar a extensão porque não existia nenhum trabalho anterior pelo qual eu poderia medir minha escala e ver o que existia antes de mim. Eu viajava em um país a ser descoberto. Mas tenho a satisfação de saber, agora que a tarefa está quase concluída que não existe, nesta ou em qualquer outra língua, tão completa narrativa sobre esse país, desde os tempos mais antigos, seu nascimento, progresso, geografia, o modo de seus aborígenes e seu estado atual [...] um país que era menos conhecido do que qualquer outro e que em breve será da maior importância comercial à Grã-Bretanha e é um modo justo de se tornar o maior país do Novo Mundo”.WARTER, John Wood (ed) . **Sellections from the letters of Robert Southey** .Londres: Longman, 1859, v .3, p . 130 .

³⁴¹“Você têm extratos de alguns Almanacks do Rio. Onde os almanacks foram impressos. É dito no Correio Braziliense que não há nenhuma tipografia no Brasil, até que uma foi enviada da Inglaterra em 1808.[...]Meu capítulo final deve ser uma exibição em resumo do Brasil no momento da remoção [da corte portuguesa] e devo obtê-lo no curso de uma semana”.Ibidem,, p . 126 .

The public news from Brazil has made me look daily, with much anxiety fortiding concerning you in what manner these revolucionary movements may have affected your interests.³⁴²

Mesmo depois de dedicar décadas de sua vida à escrita da história de um lugar que nunca chegou a conhecer, Southey mantinha seu interesse pelo Brasil. Após a publicação, em 1819, do terceiro e último volume sobre o Brasil, o poeta ainda demonstrava contínuo interesse por notícias e informações sobre o lugar. No decorrer da década de 20 do Oitocentos, inúmeras cartas atestam que o escritor sempre indagava a John May sobre as novas do país. Os conflituosos anos que se seguiram à Independência renderam comentários e observações de Southey nos jornais ingleses, que viam nele a pessoa mais bem informada sobre tal temática. Em março de 1821, por exemplo, o poeta laureado observou em carta a Rickman.:

Today's paper bring news of the explosion at Pará. The sure effect of revolution in Brazil will be to divide that country among as many Artigases and Aguirres as have ability to keep a regiment of ruffians together.[...]The end of these things I shall not live to see, but I have [...] to say upon the prospects of society which I shall bring forward in my colloquies³⁴³.

A análise dos recentes eventos da história do Brasil não deixou de ser incluída também na narrativa de James Henderson. Após vinte detalhados capítulos sobre as diferentes províncias do país, o cônsul apresenta algumas observações conclusivas, nas quais destaca a adoção da monarquia constitucional, fato tido como um indício dos possíveis melhoramentos que os habitantes desfrutariam.³⁴⁴

A compreensão da história do Brasil delineada nas páginas dessas narrativas apresenta semelhanças com o discurso inglês sobre o Novo Mundo elaborado no decorrer dos séculos XVII e XVIII. A identificação da atuação portuguesa, e por extensão, ibérica, como inábil, ausente e inerte, quando comparada ao ideal de *improvement* propagado pelos colonos e viajantes ingleses, faz-se presente na

³⁴²“A notícias do Brasil me fazem olhar diariamente, com muita ansiedade sobre você e de que maneira esses movimentos revolucionários podem ter afetado seus interesses”. Ibidem, s .p .

³⁴³“O jornal de hoje traz notícias da explosão no Pará. O efeito da revolução no Brasil será dividir esse país entre tantas Artigases e Aguirres que têm capacidade de manter um regimento de rufiões juntos [...]o final dessas coisas não devo viver para ver, mas eu tenho [...] perspectivas da sociedade que devo apresentar em meus colóquios”. Ibidem, p .237 .

³⁴⁴ “It is obvious that at present these numerous provinces, each of which might when thus improved, constitute a kingdom are mainly in a primeval state and hitherto the religious bigotry, the unlettered ignorance, the unsocial manners, the commercial defects, the narrow, civil and ecclesiastical polity have for centuries checked the nature growth of everything that adorns and gives power to an empire HENDERSON, James .Op .cit, p . 498 .

interpretação da trajetória brasileira descrita pelos ingleses. As potencialidades de exploração dos territórios esbarravam numa administração frágil, sendo superadas apenas pela persistência de indivíduos como os conquistadores holandeses, os audazes paulistas e os empenhados padres da Companhia de Jesus. Grande exceção na produção escrita inglesa sobre o Brasil, a atuação dos missionários era enaltecida e entendida como um esforço no sentido de abrandar o estado de selvageria em que se encontravam os nativos. Logo, a conhecida expulsão levada a cabo pelo marquês de Pombal mereceu a reprovação dos ingleses, que a consideraram responsável pelo despovoamento em certas regiões do país. Em contraste com o ineficaz governo português, as tentativas de ocupação e colonização dos holandeses renderam capítulos expressivos nessas *histórias*. Identificados como povos industriais e mais adiantados que os ibéricos, os holandeses legaram mais do que uma arquitetura e um ar de civilidade aos lugares que ocuparam, legaram também registros e estudos que possibilitaram um conhecimento sobre o Brasil que os ibéricos eram incapazes de propiciar.

Elogios comedidos ao Brasil somente aparecem nas *histórias* quando os autores tratam do período posterior a 1808. A introdução da imprensa, o estabelecimento de instituições de ensino, a possibilidade de conhecer o território do país sem as restrições das épocas anteriores, os acordos comerciais e a adoção, a partir da década de 20, de um governo constitucional pareceram indícios de um novo período histórico. Tal *alvorecer* derivava da postura renovada do monarca português, em acordo com aquilo que os ingleses acreditavam ser apanágios das nações modernas. Cercado de expectativas, os tempos vindouros prometiam “*a state of beauty, prosperity and happiness not to be surpassed by any other portions of the globe and equally but by few*”.³⁴⁵ Tratava-se, em suma, de uma história conduzida por *mesquinhos princípios*, que esboçava, graças a uma maior proximidade com o mundo europeu não ibérico, sinais de melhora em meados do século XIX.

3.3 A repercussão das histórias do Brasil

Anunciadas nas seções de lançamento e de resenhas, as narrativas inglesas sobre o Brasil mereceram a análise de inúmeros periódicos londrinos e escoceses. Compreender a divulgação dessas histórias auxilia-nos a entender um pouco melhor os limites da escrita de uma história do Brasil no mundo anglófono do século XIX. Cabe

³⁴⁵ HENDERSON, James. Op. cit, p. 498.

destacar aqui que as obras de Andrew Grant e James Henderson obtiveram uma divulgação muito limitada na imprensa inglesa. A bem da verdade, tal divulgação constituiu basicamente num mero anúncio na seção de lançamentos e de vendas. A narrativa de Southey conquistou uma atenção bem maior, em parte devido à fama do poeta no meio letrado. Colaborador frequente de diversos periódicos - dentre eles, a *Monthly Magazine*, a *Critical Review*, a *Quarterly Review*, e a *Annual Review* – Southey sempre gostava de afirmar que, mais do que entreter o público, a atividade de resenhista “*allowed him to enter public debate and write not just to please and to entertain but to enlighten and to counter dangerous politics*”.³⁴⁶ O tom polêmico de seus escritos, contudo, desagradava aos editores que, muitas vezes, modificaram trechos inteiros de seus ensaios. Inúmeros ensaios sobre política e religião de Southey causaram desconforto entre os letrados, em razão do seu radicalismo: “*the extremism of his religious and political views ensured that whigs, liberals and radicals viewed him as a relic, but a dangerous one*”.³⁴⁷ Ciente, porém, da importância dessa sua relação com o público, em fevereiro de 1813, escrevia a seu tio Hill:

The review gives me (and shame it is that it should be so) more repute than than anything else which I could do and because there is no channel through which so much effect can be given to what I may wish to impress upon the opinion of the public.³⁴⁸

A produção escrita de Southey também mereceu a atenção de resenhistas em Londres e em Edimburgo, cidades que, na época, eram o centro da cultura inglesa. Dentre os mais expressivos periódicos do século XIX inglês que lhe dedicaram espaço, destacam-se a *Edinburgh Review*, fundada em 1802, cuja circulação permaneceu até 1929, e a *Quarterly Review*, cujo primeiro número apareceu em 1809. Esses dois periódicos contaram com a colaboração de nomes expressivos do Romantismo inglês, como William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge, entre outros, nomes que se dedicavam a elaboração de artigos e resenhas.

A seção de resenhas ocupava um número considerável de páginas destes periódicos, a ponto de John Hayden, em seu estudo intitulado *The Romantic Reviewers*, enfatizar que essas produções “*were often dissertation based on the subject of a book*

³⁴⁶ Apud CRAIG, David. Op. Cit, p.105.

³⁴⁷ Ibidem, p .114 .

³⁴⁸ “As resenhas dão (e vergonha é que deveria ser assim) mais reputação do que do que qualquer outra coisa que eu poderia fazer e porque não há nenhum modo de transmitir o pensamento que tenha tanto efeito que pode impressionar a opinião do público”. CRAIG, David; p . 124.

rather than strictly critical reviews of the book themselves”³⁴⁹. Ao contrário das obras de Grant e Henderson, que aparecem frequentemente na seção de divulgação, mas sem suscitarem avaliações, a narrativa de Southey foi objeto de um número considerado de resenhas durante o século XIX.

Em 1818, Southey se auto definia como aquele que “*shall be regarded there as the first person who ever attempted to give a consistent form to its crude, unconnected and neglect history*”³⁵⁰. Tal opinião, no entanto, não era compartilhada por aqueles que, no decorrer do século XIX resenharam a sua obra nos principais jornais e revistas inglesas. Uma boa parte dos resenhistas acusam Southey de construir uma narrativa exageradamente detalhista, enfadonha e sem pretensões filosóficas. A descrição de minúcias do cenário brasileiro, a utilização de termos indígenas requeria, na opinião de alguns letrados, um leitor tão especializado quanto o próprio autor das narrativas. Outra característica que chamou a atenção dos ingleses foi a vastidão da obra, afinal três grossos volumes dedicados ao Brasil, pareceu para alguns, um exagero ou, então, um exercício de vaidade do autor que, naquela época, já era reconhecido por seus coetâneos como a pessoa mais bem informada sobre temáticas luso-brasileiras da Inglaterra. O afincamento com o qual se dedicou à escrita da história do Brasil mereceu elogios dos letrados, mas, a bem da verdade, a divulgação da obra no século XIX inglês mais suscitou polêmicas do que o reconhecimento — reconhecimento que durante tanto tempo Southey buscou. Passemos os olhos pelo modo como se deu a divulgação da *História do Brasil* de Southey no ambiente letrado inglês oitocentista.

A primeira resenha dedicada a *History* de Southey foi publicada em setembro de 1810, na *Eclectic Review*. O comentarista anônimo destaca o tom monótono da narrativa e a excessiva preocupação com a descrição de detalhes, como as menções ao modo de vida dos nativos, ou o demorado relato dos conflitos entre colonos, selvagens e invasores. O resenhista destaca que, na língua inglesa, não existia pessoa mais qualificada para escrever sobre tal temática do que Robert Southey, mas lamenta a ausência de uma reflexão filosófica no seu escrito, como explicita no trecho abaixo:

That no one among his countrymen was nearly so well qualified as Mr. Southey by an acquaintance with the Portuguese language and literature for writing a History of Brazil. [...].The comprehensive

³⁴⁹ HAYDEN, John O . **The Romantic Reviewers** .1802-1824 .Chicago: University of Chicago Press, 1968 .

³⁵⁰ SOUTHEY, Robert .Op .cit, p . 17 .

views of the great philosopher do not appear to predominate in his mind. We are far from presuming to say that he is not intitled to rank and rank highly among enlightened men.[...].To sum up our opinion of this book, we do not think it is either a very splendid or very profound production. The state of knowledge respecting the regions and the history of the American continent is, it must be confessed, so imperfect that there is scarcely any man who will not derive instructions from a perusal of the present work³⁵¹.

Apesar do talento de Southey para as belas letras, o responsável pela resenha na *Eclectic Review* aponta que os “detalhes monotónos” retiravam a atenção do leitor. Ao finalizar a resenha, o autor anônimo pondera que “with his good intentions, with his industry and his talent for composition, we could wish that his depth and originality of thinking were still more conspicuous.”³⁵²

Em dezembro de 1812 surge, na *Monthly Review*, a segunda resenha dedicada à narrativa de Southey. Nela, o autor, Joseph Lowe – que era colaborador da *Edinburg Review* e da *Athenaeum* –, mantém as críticas presentes na *Eclectic Review*:

Our readers will by this time be enable to form an idea of Mr. Southey’s peculiar manner of writing history. His plan is [...] to relate with scrupulous accuracy and minuteness the occurrence of detached events, observing generally the order of their date.[...] Without entering into any general discussion of the best mode of writing history, we must say that Mr. Southey has gone greatly too far into particular detail for the taste of the present generation which expects something more than a sucession of objects and occurences, clearly and specifically described, but not brought together so as to produce effect by combination³⁵³.

Lowe—que logo nos primeiros parágrafos afirma que “we have no hesitation in saying that we like him much better as a historian than as a poet”— mostra-se decepcionado com a escrita prolixa de Southey: “has gone greatly too far into particular

³⁵¹ “Que ninguém entre seus compatriotas estava tão bem qualificado como Sr. Southey por uma familiaridade com a língua e literatura portuguesa para escrever uma história do Brasil. [...].As compreensivas observações dos grandes filósofos não parecem predominar em sua mente.. Estamos longe de presumir que ele não é está entre os homens mais iluminados.[...]. Para resumir nossa opinião deste livro, não pensamos que seja uma produção muito excelente ou muito profunda. O estado de conhecimento relativo as regiões e a história do continente americano é, ele deve ser confessado, tão imperfeito que não há um homem que não obtenha as instruções de leitura do presente trabalho”.MADDEN, Lionel (ed) .**Robert Southey: the critical heritage** . Londres: Routledge,1972, p . 150 .

³⁵²Ibidem, p .149 .

³⁵³“Nossos leitores serão capazes de formar uma idéia da peculiar forma da história escrita do Sr. Southey. Seu plano é relatar com precisão escrupulosa e minúcia a ocorrência detalhada de eventos, observando a ordem das datas. [...]. Sem entrar numa discussão geral sobre o melhor modo de escrever a história, devemos dizer que o Sr. Southey, foi longe demais nos detalhes para o gosto da geração atual que espera algo mais do que a sucessão de objetos e ocorrências, clara e especificamente descritas mas que não produziram juntas o efeito combinado.”Ibidem, p .151 .

detail for the taste of the present generation”.

A descrição minuciosa de eventos foi, sem dúvida, a principal crítica recebida por Southey nas primeiras resenhas publicadas. O rigor em descrever conflitos pareceu, ao público inglês, um exercício enfadonho e inútil. Acrescente-se a isso, a ausência de uma reflexão filosófica, uma característica que era esperada pelos eventuais leitores. O resenhista da *Monthly Review* sugere que, na publicação dos próximos volumes, seja incorporado à obra um mapa, fato que auxiliaria o leitor.

Apesar dessas ressalvas, no entanto, os críticos destacam a preferência pelo Southey prosador — o poeta parece ter agradado a poucos. Logo após a publicação do primeiro volume de sua *History*, o próprio Southey confia a Landor: “*I have an ominous feeling that there are poets enough in the world without me and that my best chance of being remembered will be as historian.*”³⁵⁴

A crítica mais contundente feita a narrativa sobre o Brasil de Southey foi redigida por John Lockhart. Publicada na *Blackwood's Edinburgh Magazine* em fevereiro de 1824, o texto de Lockhart tinha como objetivo avaliar a obra *Life of Wesley*. No entanto, no decorrer da resenha nos deparamos com apontamentos sobre a história do Brasil. Em tom áspero, Lockhart declarava que “his history of Brazil is the most unreadable production of our time”.

Two or three elephant quartos about a single portuguese colony!
Every little colonel, captain, bishop, friar, discussed at as much length
as if they were so many Cronwell or Loyolas and why, just for this
one simple reason that Dr. Southey is an excellent Portuguese library.
The whole affairs breakes of one sentiment and but one, behold, oh,
british public! What a fine thing it is to understand this tongue [...].³⁵⁵

Somente a vaidade, na opinião de Lockhart, justificaria tamanha empreitada, considerada uma excentricidade — o resenhista ironizava tamanho interesse pelo Brasil e pela cultura portuguesa.

Tempos depois, em dezembro de 1850, Lockhart escreve para a *Quarterly Review* um texto dedicado aos volumes de Southey sobre o Brasil. Os comentários

³⁵⁴SOUTHEY, Robert .Op .cit, p . 15 .

³⁵⁵“ Dois ou três quartos sobre uma única colônia portuguesa! Cada pequeno coronel, capitão, bispo, frade, discutido durante tanto tempo como se fossem tantos Cronwell ou Loyolas e por que razão, apenas por uma razão muito simples : que Dr. Southey é uma excelente biblioteca portuguesa. Todos os assuntos conduzem a um , e apenas um, eis que, ah, público britânico! Que coisa fina é compreender esta língua.[...]”.HAYDEN, John .Op .cit, p . 281 .

feitos em 1824 são reiterados. O resenhista, que considerada a narrativa monótona, argumentava que faltava à obra a grandeza de um romance, que poderia conferir vivacidade às cenas, aos personagens e aos episódios relatados.

He broke up a history, already too disjointed by want on episodes and persisted in congregating facts without significance and enterprises without results.[...]There is little animation in the narrative to enliven the dullness of the materials and no luminous deductions of policy and science to add to their importance.³⁵⁶

A *História do Brasil* também suscitou resenhas elogiosas, resenhas que destacavam o empenho do poeta laureado. Esse foi o caso de William Bodham Donne, colaborador da *Edinburgh Review*. Em abril de 1851, ao discorrer sobre *Life and Correspondence*, Donne observou:

His whole heart was in this book. It was an episode in his long cherished History of Portugal and the labour of love was discharged with unwonted vigour and alacrity. In his account of the Brazils no political antipathies disturb the genial current of his fancy.³⁵⁷

Diferentemente do perfil das resenhas até então publicadas sobre a *history*, Donne mostra-se interessado na leitura de uma obra dedicada “of the marvels of tropical nature, the picturesque features of savage life and the chivalrous adventures of the europeans settlers.”³⁵⁸ Semelhante opinião pode ser encontrada na *Quarterly Review*, logo após a publicação do primeiro volume. As detalhadas descrições, tomadas por outros resenhistas como enfadonha, eram vistas por Donne como uma característica comum de todas as histórias dos avanços da civilização no mundo. A apreciação é arrematada com os seguintes termos:

Our readers cannot but perceive, we think, even from the short and imperfect sketch to which our limits have confined us, that the history of Brazil is a subject of no common interest and that the powers of its historian are such, as will place him in a rank with the most considerable names in the department he has chosen. To the second volume we look forward with increased expectations both from the augmented importance of Brazil as connected with the rest of the world, and from valuable manuscript sources of information which the author announces himself to possess, and which have enable him to supply a period in the history of his rising empire as utterly unknown

³⁵⁶“Ele fragmentou uma história, há muito desconexa e persistiu em congregar fatos sem significância e iniciativas sem resultado. [...]. Há pouca animação na narrativa para interessar a [leitura] e sem deduções esclareedoras da política e da ciência para adicionar a sua importância.”Ibidem, p .432 .

³⁵⁷“Todo o seu coração estava neste livro. Foi um episódio em sua estimada história de Portugal e o trabalho de amor foi descarregado com entusiasmo e vigor. Em sua narrativa do Brasil nenhuma antipatia política perturba seu sofisticado gênio”.Ibidem, p .447 .

³⁵⁸Ibidem, p . 447 .

to Europeans readers as the Annals of China or Japan.³⁵⁹

Na apreciação dos resenhistas da *Quarterly*, entretanto, a escrita de uma história filosófica, a exemplo de William Robertson, também é cobrada do poeta,.

Robertson wrote only for effect [...]: the result was inaccurate indeed, but will always continue popular. Mr. Southey gives the items carefully and leaves the reader to cast them up himself.³⁶⁰

Apesar dos laços que mantinha com a *Quarterly Review*, Southey não foi poupado nem mesmo pelos seus críticos, que o apontaram como um continuador menor de William Robertson, um continuador com pouca densidade filosófica e graves vícios de linguagem. A sua narrativa é tida como desconexa e repleta de termos cuja compreensão necessitava de um glossário. Nas palavras de um crítico anônimo:

No author could be fixed upon to continue with greater prospect of success, the task of American history which Robertson left unfinished, and none is better adapted to correct and supply by superior minuteness, zealous research and lively painting of nature and manners, [...]. In comparing, as everyone who reads his work will naturally more or less compare, Mr. Southey with Robertson, the most obvious, though certainly not the most importance difference, is [...] the style of antiquity, which we shortly noticed in the beginning of the present structures and which are very opposite indeed to the unfailing polish, the sweetness and the other ‘dulcia vitia’ of his elegant predecessor.³⁶¹

Em 1817, com a publicação do segundo volume, a obra volta a ser objeto de análise entre os letrados ingleses. O detalhismo era mais uma vez apontado como um vício do autor. A crítica às instituições brasileiras também desperta a atenção do resenhista, que sugere que as informações divulgadas por Southey seriam devidamente

³⁵⁹“Nossos leitores não podem deixar de perceber, pensamos, até mesmo do esboço curto e imperfeito que nossos limites estão confinados, que a história do Brasil é um assunto de incomum interesse e que os poderes de seu historiador são tais, que o colocaremos em um ranking com os nomes mais consideráveis no departamento que tenha escolhido. Para o segundo volume estamos ansiosos com as expectativas da crescente importância do Brasil conectada com o resto do mundo, tanto de valiosas fontes manuscritas e de informações que o autor anuncia possuir, e que o habilita a fornecer um período da história deste nascente império tão desconhecido para os leitores europeus como os anais da China ou Japão” *Quarterly Review*. Londres: John Murray, vol. 04, n. 08, novembro de 1810, p. 470.

³⁶⁰“Robertson escreveu apenas para efeito [...] o resultado foi, de fato, impreciso, mas sempre continuará popular. O Sr. Southey dá cuidadosamente os detalhes e deixa ao leitor a tarefa de organizá-los.” Ibidem, p. 473.

³⁶¹“Nenhum autor poderia corrigir com uma perspectiva maior de sucesso, a tarefa da [escrita] da história americana que Robertson deixou inacabado e nenhum é melhor adaptado para corrigir e fornecer um trabalho superior, uma investigação zelosa, a pintura da natureza e dos costumes [...]. Comparando, como todos os que lêem seu trabalho irão naturalmente fazê-lo, mais ou menos, Sr. Southey com Robertson, o mais óbvio, ainda que não seja a mais importante diferença, é a afetação do estilo da antiguidade, que percebemos logo no início e que são, de fato, opostas ao ‘dulcia vita’ de seu elegante predecessor. Ibidem, P. 471-2.

valorizadas num futuro não distante:

A pure faith and a more efficient system of education; when liberty shall flourish in Brazil, these pages of Mr. Southey may furnish their warrious and statesman with national precedents of valour and patriotism with reasons for an ingeneous pride and with landmarks against those errors which enslaved then illustrious ancestors. In these details, Mr. Southey may not have written for present popularity or present interest but he has not written in vain³⁶².

De acordo com o colaborador da *Quarterly Review*, com o passar dos anos a obra de Southey ganharia cada vez mais destaque no ambiente letrado inglês; aquilo que, a princípio, soava como uma vaidade, seria alvo de consideração, na medida em que o império do Brasil se alinharia com as demais nações modernas e seria alvo de grande interesse. O detalhismo, traço que marcou boa parte das resenhas publicadas ao longo do século XIX, foi, desta vez, considerado não apenas necessário como apropriado. Discordando da opinião da maioria dos resenhistas, o crítico da *Quarterly* louvava o sucesso do poeta laureado como historiador. Ao comentar sobre os capítulos dedicados às reduções jesuíticas, o resenhista alertava:

It is here, too, that, Mr. Southey has, in our opinion, most succeed as an historian. In the account of these strange establishments, his usual minuteness of detail is not only necessary but agreeable and appropriate.³⁶³

A divulgação dos volumes acerca da história do Brasil, como se vê, dividiu os letrados ingleses. Todavia, para a maioria dos que se interessaram pela obra e se dignaram a escrever sobre ela, essa região ainda obscura do globo que abordava, região habitada por selvagens e colonos de caráter duvidoso, pouco interesse despertava. Acrescente-se a isso, o fato de Southey, com seu gosto por minúcias, ter contado a sua história numa narrativa monótona. A tentativa em apresentar ao seu leitor um quadro vivo do Brasil, de sua história e de sua cultura soou aos para muitos resenhistas ingleses como um simples exercício de vaidade. A obra, em suma, teve uma recepção bem pouco positiva e foi acusada por muitos resenhistas de não atender às exigência que se impunham então aos historiadores tidos como de qualidade. O grande conhecimento e

³⁶²“Uma fé pura e um sistema mais eficaz de educação; quando a liberdade florescer no Brasil, estas páginas do Sr. Southey apresentarão aos estadistas razões para um orgulho não ingênuo e um marco contra esses erros que escravizaram seus ilustres antepassados. Nesses detalhes, Sr. Southey não pode ter escrito para popularidade presente ou interesse presente mas não escreveu em vão”. HAYDEN, John .Op .cit, p . 105 .

³⁶³“Aqui, também, é que, Sr. Southey tem, em nossa opinião, a maior êxito como um historiador. Na narrativa desses estranhos estabelecimentos, seu trabalho habitual de detalhar não é só necessário, mas agradável e adequado”.Ibidem, p .110 .

domínio de temáticas referentes ao mundo ibérico que Southey detinha acabou por ser tomado pelos seus compatriotas e contemporâneos como uma excentricidade.

Uns poucos críticos, porém, reconheceram o empenho de Southey em redigir volumes tão extensos, e cogitaram que sua obra, provavelmente, seria melhor apreciada no futuro, quando o Brasil não seria mais visto como uma região exótica, mas, sim, como um império poderoso da América do Sul. Personagem mais conhecido do processo de elaboração de *Histórias do Brasil* que teve lugar ao longo do período joanino, Southey não se mostrava surpreso com o conteúdo daquelas resenhas que, bem ou mal, divulgavam a sua obra para o público inglês. Em resposta às acusações de vaidade, de prolixidade e de excesso de minúcias na descrição dos eventos e do cenário brasileiro, o letrado, em carta datada de 1818, comentou:

What I have done is in many parts very imperfect, it is nevertheless even now a great achievement...and centuries hence, when Brazil shall have become the great and prosperous country which one day it must be. I shall be regarded there as the first person who ever attempted to give a consistent form to its crude, unconnected and neglected history.[...]. It would be read in the heart of South America and communicate to the Brazilians much of their own history which would otherwise have perished and be to them what the work of Herodotus is to Europe.³⁶⁴

Southey alertava para aquilo que julgava ser das maiores virtudes do historiador, o apreço pela descrição detalhada e pela seleção rigorosa da documentação, como explica em carta de dezembro de 1803: “*the three requisites for an historian: industry, judgment, genius, the patience to investigate, the discrimination to select, the power to infer and to enliven*”³⁶⁵. De acordo com o bardo inglês, até aquele momento da elaboração do seu primeiro volume, não existia uma história coesa do Brasil, uma história que apresentasse a trajetória da antiga colônia portuguesa, e tal observação poderia ser estendida para a moderna história portuguesa. Na opinião de Southey, o que havia eram somente histórias universais que concediam pouco espaço para os feitos portugueses.

³⁶⁴“O que tenho feito está, em vários pontos, muito imperfeito; é, apesar disso, já agora, uma grande obra que durante toda a minha vida hei de cuidadosamente corrigir e aumentar com o auxílio de quaisquer documentos escritos ou impressos que logre conseguir, e daqui há séculos, quando o Brasil se tornar um grande e próspero país que fatalmente há de ser, serei ali considerado como a primeira pessoa que procurou dar uma forma consistente à sua história, até então, rudimentar, desconexa e desprezada.[...] Será lido no coração da América do Sul e comunicará aos brasileiros muito da sua história que, caso contrário, pereceria, e serei para eles o que a obra de Heródoto é para a Europa.”. SOUTHEY, Cuthbert, Op. cit p .17 .

³⁶⁵ SOUTHEY, Cuthbert .Op .Cit, p .168 .

Antes dele, porém, como vimos, outros ingleses, entusiasmados com a transmigração da corte Portuguesa para o Rio de Janeiro e com as expectativas de obterem inúmeras vantagens, valeram-se das relações de viagem dos séculos anteriores para apresentar de maneira minimamente sistemática e sob o título de *histórias do Brasil* o que existia de informações e curiosidades sobre essa região do globo. Ao apresentar, pela primeira vez em língua inglesa, uma *history*, Andrew Grant lançou o modelo para as publicações posteriores. Ainda que similar a um relato de viagem, o modesto texto de Grant, suas descrições, a escolhas dos episódios e personagens a serem colocados em relevo, foi incorporado e ampliado nas narrativas de Robert Southey e James Henderson. Esse último publicou sua narrativa em 1821, quando as transformações na cidade e nos homens do Rio de Janeiro remetiam suas descrições para o passado, e a perspectiva de adoção de um governo constitucional no Brasil era saudada como um indicativo da modernização e civilização do Brasil.

Essas obras, que tiveram uma divulgação muito limitada nos periódicos ingleses oitocentistas, não passaram despercebidas para aquele que buscava ser reconhecido como o historiador do Brasil. Southey incomodava-se com os pedidos de Henderson para que resenhasse sua obra, considerada pelo poeta incompleta, imperfeita e, em certos trechos, demasiado devedora dos seus esforços de pesquisa, iniciados em 1790. Por inúmeras razões, a trajetória de escrita e divulgação da história de Southey pode ser mais bem avaliada, do que as de Grant e Henderson, que ainda contam com informações muito lacunares. Do que pudemos ver aqui, porém, é possível asseverar que uma interpretação muito semelhante da história do Brasil foi compartilhada pelos três autores que analisamos aqui, três autores que, em diferentes momentos, trouxeram a público aquilo que consideravam ser a mais acurada narrativa acerca da história de um território pouco conhecido e cercado de dúvidas, expectativas e promessas: o Brasil.

CONCLUSÃO

A produção escrita sobre o Brasil em meados do século XIX não se limitou a panfletos comerciais que propagavam eufóricas perspectivas para um território que, sede do Império Português desde 1808, atraía cada vez mais a atenção de estrangeiros. Tal produção escrita, que procurou apresentar o país em seus mais diversos aspectos, saiu da pena de naturalistas, botânicos, desenhistas, geólogos, geógrafos, curiosos e aventureiros que visitaram o país ou dele tiveram notícias em determinado momento de suas vidas. Dentre esses inúmeros visitantes europeus que conheceram o Brasil – seja por meio de uma breve estadia ou da leitura de obras de outros autores —, os visitantes ingleses tinham interesses, quando comparada à perspectiva de outros povos europeus, bem mais amplos do que a mera assinatura de tratados de aliança comercial e de amizade. A natureza, a cultura, o cotidiano das cidades brasileiras e a própria história do país mereceram a atenção dos escritores e, conseqüentemente, do público inglês no decorrer do século XIX.

A elaboração de um conjunto de discursos intitulados *histórias do Brasil*, publicadas durante os anos joaninos, é, sem dúvida, um dos índices maiores da extensão de tão expressivo interesse. Andrew Grant e Robert Southey, sem nunca terem estado no país, empenharam-se em recolher e divulgar as “mais exatas” informações sobre o Brasil; James Henderson, por sua vez, procurou aliar o conhecimento das obras de autores dos séculos anteriores com as impressões que havia recolhido durante sua estadia, entre 1821 e 1823.

Compreender o perfil dessa historiografia inglesa significou, num primeiro momento, avaliar o papel desempenhado pelas narrativas de viagem no processo de elaboração dessas histórias. Mais do que suprir as lacunas que a falta de conhecimento proporcionava, as informações divulgadas durante muito tempo, enraizaram-se na compreensão do país. Frequentes são as menções ao descaso da administração portuguesa, a corrupção entre os funcionários públicos, ávidos em obter vantagens pessoais, assim como também a referência à alguns poucos indivíduos que, diante de um cenário hostil, empreendiam algum melhoramento. Tais menções, que exercem um papel fundamental na compreensão da história do Brasil divulgadas nessas narrativas, foram, em larga medida, obtidas através da leitura de viajantes. Grant, Southey e

Henderson confessam ao seu leitor o empréstimo e a dívida com essa produção escrita. Outro caso exemplar sobre esse ponto, pode ser observado com relação as tentativas francesas e, principalmente, holandesa, de ocupação do território brasileiro. Identificados como povos industriais e comprometidos com o *melhoramento* do Novo Mundo, os holandeses eram apresentados nessas narrativas tais como os relatos ingleses dos séculos XVII sobre o território americano: em confronto com os povos ibéricos, o caráter da atuação de holandeses, franceses e ingleses era orientado por elevados ideais. No entanto, a desaprovação da presença ibérica no Novo Mundo apresentava algumas nuances. As *histórias* compartilhavam o parecer positivo acerca da ação dos membros da Companhia de Jesus. É bem verdade que, no decorrer das narrativas, apenas essa ressalva pode ser encontrada e, ainda nesse caso, há espaço para pequenas críticas.

Num período em que as informações sobre o país estavam disseminadas em publicações de formatos diversos, a reunião, a seleção e a divulgação dos *eventos mais memoráveis vivenciados* até 1808, culminou na elaboração de *histórias* que apresentam também as características gerais do território, com ênfase para as diversas províncias, informações detalhadas sobre a natureza tropical e seus efeitos no corpo e na mente dos europeus que aqui desembarcavam. Como se procurou demonstrar, semelhante à estrutura de um relato de viajante, essas *histórias* evidenciam as tentativas de escrita de uma narrativa que buscava ser coesa e precisa. Escrever uma história nesse período contemplava o uso de diversas fontes de informação, entre as quais, os relatos de viagem que dividiram espaços com informações geográficas, comentários pessoais, trechos de crônicas, entre outros. No entanto, tal recurso não era aleatório e, em alguns momentos dessas narrativas, nos deparamos com observações dos autores acerca do processo de cotejamento dessas fontes. Ainda que não possam ser considerados historiadores de ofício – Grant era físico, Southey, poeta e Henderson, diplomata- , o empenho em confrontar edições, averiguar traduções e inferir sobre os episódios narrados evidencia os contornos desse processo de escrita da história. Andrew Grant, o primeiro a publicar em língua inglesa uma *história do Brasil*, se ampara na obra de Thomas Lindley para redigir boa parte dos capítulos dedicados às cidades e aos costumes locais. Obras de viajantes e cronistas dos séculos anteriores como Hans Staden, Johan Niehoff e as considerações filosóficas do abade de Raynal compõem essa primeira tentativa de divulgação entre o público inglês da história brasileira, publicada em Londres no ano seguinte ao desembarque da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro.

Dedicada aos mercadores ingleses, a *história* de Grant se encerra com um capítulo dedicado as especulações sobre as prováveis mudanças que o episódio de 1808 proporcionaria. Semelhante lógica pode ser constatada nas *histórias* que foram posteriormente publicadas. O diplomata James Henderson e o poeta Robert Southey reiteram as considerações apresentadas no texto de Grant, ao enfatizar as vicissitudes da administração ibérica e o protagonismo de alguns indivíduos num cenário de apatia.

Como foi interpretada a nossa história? Há um perfil dos autores ingleses sobre o país? Na tentativa de responder a essas questões, confrontamos as narrativas e nos deparamos com pareceres semelhantes. A apreciação do Novo Mundo, desde a segunda metade do século XVI foi, com algumas alterações, reiterada no discurso inglês sobre o Brasil. A identificação dos povos ibéricos como portadores de vícios e privados de virtudes – exceção feita apenas para a atuação dos missionários da Companhia de Jesus – foi o fio condutor dessas narrativas. Outro aspecto fundamental para a compreensão da nossa história sob a perspectiva inglesa esteve relacionada com o papel dos indivíduos. O cenário de apatia, gerado pela incapacidade portuguesa, sofria uma ruptura quando, indivíduos, orientados pelo ideal de *improvement*, espalhavam benesses e virtudes. Tal fora o caso dos jesuítas, que rendeu páginas consideráveis nessas histórias e/ou a tentativa holandesa de se estabelecer no Nordeste, no século XVII. No entanto, esses eventos e personagens se mostravam como a exceção de uma trajetória onde a rapacidade dos europeus, a crueldade dos selvagens e um cenário hostil se fazia presente e ganhara força com o passar dos anos.

A presença da corte portuguesa, a paulatina adoção de medidas liberais, a condução do governo pautada por uma carta constitucional, temáticas que finalizavam essas obras, representavam o clímax de uma história: o tom ácido dos capítulos iniciais cede espaço para capítulos entusiasmados, como as observações conclusivas de James Henderson, enquanto Grant saudava, em 1809, o fim das restrições que, por tanto tempo, se fizeram presentes no Brasil. Southey, mais comedido, vislumbrava boas possibilidades se a trajetória brasileira seguisse um rumo distinto dos territórios vizinhos. O *renascimento*, expressão usada por James Henderson em referência à história do Brasil após 1808, consagra um lugar de relevo para o país que, de acordo com os prognósticos, estava destinado a figurar entre as nações ditas modernas, a exemplo da Inglaterra. Território que, durante anos, não recebera a atenção devida da administração portuguesa, passava cada vez mais a fazer parte dos assuntos debatidos

na imprensa inglesa do período. Nesse sentido, é possível averiguar a divulgação dessas narrativas entre o público ao qual ela foi, primeiramente, destinada? Em caso afirmativo, qual o teor dessa divulgação?

Para as obras de Grant e Henderson, se constata uma divulgação muito limitada no meio letrado inglês; quase exclusivamente consiste no anúncio na seção de lançamentos ou no espaço dedicado às vendas. Em contrapartida, os três volumes de Southey estimularam a escrita de algumas resenhas que, durante o século XIX, evidenciaram os limites de uma escrita da história do Brasil voltada ao universo anglófono. Concebida originalmente como parte de um projeto maior - a escrita da história do império português -, a *história do Brasil* de Robert Southey, publicada originalmente em três volumes durante os anos de 1810, 1817 e 1819 se tornou, por diversos motivos, a mais conhecida e comentada dentre as *histórias* produzidas pelos ingleses.

A descrição de detalhes acerca dos eventos e dos personagens pareceu, para alguns colaboradores de periódicos como a *Eclectic Review* ou a *Edinburgh Review* um exercício enfadonho ou então mera demonstração da vaidade do autor, naquela época, já reconhecido na Inglaterra como um *expert* sobre a cultura e história luso-brasileira. Outros, no entanto, não deixaram de ressaltar o rigor com os dados, a coleta de documentação, o empenho na escrita de um assunto que ainda causara certa estranheza: no parecer de um crítico, a *história* de Southey foi escrita para ser apreciada pelas gerações futuras.

Ainda que sua divulgação tenha sido limitada e a maneira como orquestrou sua narrativa tenha sido alvo de várias críticas, a obra de Southey tornou-se uma referência para àqueles que tiveram o Brasil como temática. Para alguns membros do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, a contribuição inglesa na escrita da história do Brasil era digna de elogios, como confessara o cônego Fernandes Pinheiro, tradutor da primeira versão para a língua portuguesa da *história* de Southey. Para Pinheiro, “o trabalho que ora verto para a língua nacional passa por ser a melhor história do Brasil; mas não disputo preferências, fale ela por si mesma. Em todo o caso é um escrito importante para a história pátria”. Francisco Adolfo de Varnhagen, por sua vez, confessa que “de Southey, injustiça de nossa parte fora não confessar, que são

*preciosíssimos os três volumes que deixou, pelas muitas notícias que encerram, e das quais praticamente tentamos por vezes indicar com várias remissões à essa obra.*³⁶⁶

Com trajetórias distintas, os autores ingleses que, entre 1808 a 1821, redigiram e publicaram uma *história do Brasil*, compreenderam a trajetória desde os *mesquinhos princípios* (Southey) até o *renascimento* (Henderson) onde as virtudes de alguns poucos indivíduos entravam em confronto com os vícios ibéricos, manifestados na prática da governabilidade. Na perspectiva inglesa, a compreensão da história brasileira ancorava-se no empenho individual que manteve

a posse de uma das mais extensas e favorecidas regiões do mundo, de um império que em todas as imagináveis circunstâncias de desgoverno tem continuado a crescer [...], que agora progride rapidamente e que, sejam quais forem as revoluções porque esteja destinado a passar, ficará sempre sendo o patrimônio de um povo português [...].³⁶⁷

³⁶⁶ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História Geral do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1962, 5v, p.212.

³⁶⁷ SOUTHEY, Robert. Op. Cit, p.342.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HISTÓRIAS DO BRASIL

GRANT, Andrew. **History of Brazil**. London: Henry Colburn, 1809.

GRANT, Andrew. **Histoire du Brésil**: contenant un précis des événemens les plus remarquables, depuis sa découverte, la description des mœurs, des coutumes et de la religion des habitans; des observations sur la nature du sol, du climat, des productions naturelles et des cultures coloniales. São Petersburgo, 1811.

HENDERSON, James. **A History of Brazil**. comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants. London : Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1821.

SOUTHEY, Robert. **History of Brazil**. London : Longman, Hurst, Rees, and Orme, 1810-1819.

SOUTHEY, Robert. **História do Brasil** ; traduzida do inglês pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro ; anotada por J. C. Fernandes Pinheiro, Brasil Bandecchi e Leonardo Arroyo, São Paulo : Obelisco, 1965, 6v.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História Geral do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1962, 5v.

PRODUÇÃO TEXTUAL INGLESA SOBRE A AMÉRICA

BERKELEY, Robert. **History and Present State of Virgin**, Londres: Printed for R. Parker, 1705.

BRADFORD, William. **History of Plymouth Plantation**. New York: Charles Sons, 1908.

BURKE, Edmund. **An account of the european settlements in America**. Containing an accurate description of their extent, climate, productions, trade, genius and dispositions of their inhabitants, the interests of the several powers of Europe, with respect to those settlements and their political and commercial views with regard to each other. Londres: J.J. Stockdalls, 1808, 2v

CROUCH, Nathaniel. **The English Empire in America**. Or a Prospect of His Majesties Dominions in West Indies. Londres: Bettesworth/J. Batley, 1728.

EDWARDS, Bryan. **The History civil and commercial of the British Colonies in the West Indies**, Londres., John Stockdale, 1807.

GILBERT, Humprey. **Voyage to Newfoundland** by Edward Haies. New York: Collier and Son Company, 1910.

HAKLUYT, Richard. **Discourse of Western Planting**. Cambridge: Press of John and Wilson Son, 1877.

HAKLUYT, Richard. **The principal navigations, voyages, trafiques and discoveries of the English people**,. Londres: Richard Hakluyt Society, 1907.

HUBBARD, William. **A General History of New England**. Boston: Charles Little and James Brown, 1848.

OLDMIXON, John. **The British Empire in America**. Containing the history of the discovery, settlement, progress and present state of all the british colonies on the continent and islands of America. London, J. Brotherton, J. Clarke, A. Ward, J. Clarke, C. Hitch, 1741.

PURCHAS, Samuel. **Hakluytus Posthumus or Purchas his pilgrimes**. Glasgow: Hakluyt Society, 1907-1910, v.4

RALEIGH, Walter. **The Discovery of the large, rich, and beautiful Empire of Guiana**. London: Richard Hakluyt Society, 1848.

ROBERTSON, William. **The history of America**. Philadelphia: Printed from the London ed. by J. Humphreys, 1777.

RUSSEL, William. **The History of America from its discovery by Columbus to the conclusion of the late war**. Londres: J. Cookie, 1778.

RUSSELL, William. **History of Modern Europe**. With an account of the decline and fall of the Roman Empire and a view of the progress of society. Philadelphia: Abraham Small, 1822

SMITH, John. **A true relation of such occurences and accidents of note as hath happened in Virginia**. Since the first planting of that colony which is now resident in the South part thereof till the last return from thence. Richmond: MacFarlane, 1845.

SNOWDEN, Richard. **The History of the North and South America from its discovery to the death of General Washington**. Philadelphia: Pub. by Benjamin Warner, and for sale at his book stores in Philadelphia, and Richmond, Virginia, William Greer, printer, 1817.

WINTERBOTHAM, William. **An historical, geographical commercial and philosophical View of American United States and the European Settlement in America and West Indies**. Nova York: Tiebout/O'Brien, 1796, 1v.

PRODUÇÃO TEXTUAL INGLESA SOBRE O BRASIL

ABEL, Clarke. **Narrative of a journey to the interior of China and of a voyage to and from that country in the years 1816 and 1817**. Londres, Longman, 1818.

ARMITAGE, João. **História do Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1972

BUNBURY, Charles. **Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais(1833-1835)**. São Paulo: Edusp/Belo Horizonte: Itatiaia,1981.

BURTON, Richard. **Viagens aos planaltos do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1983, 3v.

BURTON, Richard Francis. **Explorations of the highlands of Brazil** with a full account of the gold and diamond mines also canoeing down 1500 miles of the great river São Francisco from Sabará to the sea. Londres: Tinsley Brothers 1869.

CALDCLEUGH, Alexander. **Travels in South America during the years 1819,1820, 1821 containing an account of the present state of Brazil, Buenos Ayres and Chile**. Londres:Murray 1825.

CHAMBERLAIN, Henry. **Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1820**. Rio de Janeiro: Kosmos,1943. trad. Rubens Borba de Moraes.

CANDLER, John; BURGESS, Wilson. **Narrative of a recent Voyage to Brazil**.Londres: Edward Marsh, Fried s Book and Trac Depositary,1853.

CHRISTIE, William Dougal. **Notes on Brazilian question**, Londres/Cambridge: MacMillan and Co.,1865.

CONDER, Josiah. **The modern traveller**. A popular description, geographical, historical and topographical of the various countries of the globe. Brazil and Buenos Ayres.Londres: James Duncan 1825.

COCHRANE, Thomas. **Narrative of services in the liberation of Chile, Peru and Brazil from Spanish and Portuguese domination**.Londres,: J. Ridgway, 1858-9.

GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil** principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia,1975

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. São Paulo: Edusp/Belo Horizonte: Itatiaia, 1990. (1824).

HADFIELD, William. **Brazil, the River Plate and Falkland Islands**. Londres: Longman, Brown and Green, 1854.

HINCHLIFF, Thomas Woodbine. **South American Sketches or a visit to Rio de Janeiro, the Organ Mountains, La Plata and the Paraná**. Londres, 1863

KIDDER, Daniel.**Sketches of a residence and travels in Brazil**. Philadelphia: Sorin & Ball, 1845.

KOSTER, Henry.**Travels in Brazil in the years from 1809 to 1815**. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1817.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. São Paulo: Edusp/Belo Horizonte: Itatiaia, 1975 (1820).

MAINSFIELD, Charles Blanchford. **Paraguay, Brazil and the Plate**. Letters written 1852-1853, Cambridge: MacMillan, 1856.

MAJORIBANKS, Alexander. **Travels in South and North America**. Londres: Simpkin, Marshall and Co, 1854.

MATHISON, Gilbert Farquhar. **Narrative of a visit to Brazil, Chile, Peru and the Sandwich Islands during the years 1821 and 1822**. Londres: C. Knight, , 1825.

MAWE, John. **Viagens ao interior do Brasil**. São Paulo: Edusp/ Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. (1812).

MAWE, John. **Travels in the interior of Brazil**, particularly in the gold and diamond districts of that country. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1812.

O'NEIL, Thomas. **A vinda da família real portuguesa para o Brasil**. Trad: Ruth Salles, 3ª.ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2008.

ROBERTSON, William Parrish; ROBERTSON, John Parrish. **Letters from Paraguay**. Londres: Longman, 1838.

SCULLY, William. **Brazil: its province and chief cities**; the manners and customs of the people; agricultural, commercial and other statistics taken from the latest official documents and a variety of useful and entertaining knowledge, both for merchant and emigrant. Londres: Murray, 1866.

SIDNEY, Henry. **The travels and extraordinary adventure of Henry Sidney**. Londres: J. Ferguson, 1815.

SHILLIBEER, John. **A narrative of Briton's voyage to Pitcain's Island including an interesting sketch of the present state of the Brazil and of Spanish America**. Londres: J.W. Marriot, 1817.

SWAINSON, William. **A preliminary discourse on the study of natural history**. Londres: Longman, hurst, Rees, Orme and Brown, 1834.

WALSH, Robert. **Notícias do Brasil**. São Paulo: Edusp/Belo Horizonte: Itatiaia, 1985. (1830).

WASLH, Robert. **Notices of Brazil in 1828 and 1829**. Londres, F. Westley and A. H. Davis, 1830.

RELATOS DE VIAGEM DE ROBERT SOUTHEY

SOUTHEY, Robert. **Journals of a residence in Portugal**, 1800-1801 and a visit to France 1838. Supplemented by extracts from his correspondence. Organizado por Adolfo Cabral. Oxford: Claredon Press, 1960.

SOUTHEY, Robert. **Letters written during a short residence in Spain and Portugal.** With some account of Spanish and Portuguese poetry. Bristol: Bulgin and Rosser, for Joseph Cottle, Bristol and GG and J. Robinson, and Cadell and Davies. Londres, 1797.

SOUTHEY, Robert. **Letters from England.** Edited and introduction by Jack Simmons. Gloucester: Alan Sutton, 1984.

ESTUDOS

ALMADA, José de. **A Aliança Inglesa. Subsídios para o seu estudo.** Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa / Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1946, 2 vols.

ARAUJO, Valdei. Formas de ler e aprender com a História no Brasil joanino. **Acervo** (Rio de Janeiro), v. 22, p. 85-98, 2009.

ARAUJO, Valdei. **A experiência do tempo.** São Paulo: Hucitec, 2007.

ARMITAGE, David. **The ideological origins of the British Empire.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ARMSTRONG, Catherine.(ed). **America in the british imagination.** Cambridge: Cambridge Publishing, 2007.

ANKERSMIT, Frank. **Historical representations.** Stanford: Stanford University Press, 2002.

ARX, Jeffrey Paul Van. **Progress and pessimism** : religion, politics and history in late nineteenth century Britain. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BANN, Stephen. **Romanticism and the rise of history.** Nova York: Twayne Publications, 1995.

BARNES, Harry Elmer. **History of historical writing.** New York: Dover Publications, 1962.

BARBOSA, Rubens Antonio et all (org). **O Brasil dos Brazilianistas.** Um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BERGER, Paulo. **Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e autores estrangeiros: 1531-1900.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1964.

BETHELL, Leslie. **Brazil by british and irish authors.** Oxford: Centre of Brazilian Studies, 2003.

BETHELL, Leslie. **The british contribution to the study of Brazil.** Oxford: Centre of Brazilian Studies, 1999.

BOLTON, Carol. **Writing the Empire.** Robert Southey and Romantic Colonialism. Londres: Pickering & Chatto, 2007.

- BOXER, Charles. **O império marítimo português**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BOXER, Charles. **A idade de Ouro no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRADLEY, Peter. **Navegantes Britânicos**. Madrid: MAPFRE Editorial, 1992.
- BREISACH, Ernst. **Historiography**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- BROWN, Stewart J. (ed). **William Robertson and the expansion of empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- CABRAL, Adolfo de Oliveira. **Southey e Portugal**. 1774-1801. Lisboa: P. Fernandes, 1959.
- CAMPOS, Pedro Moacyr. Esboço da historiografia brasileira nos séculos XIX e XX. In GLENISSON, Jean. **Iniciação em estudos históricos**. São Paulo: Difel, 1961.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Momentos decisivos: 1750-1836. 8.ed. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Itatiaia, 1997, 2v.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CANIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a história do Novo Mundo**. São Paulo: Edusp, 2011.
- CANIZARES-ESGUERRA, Jorge. **How to write the history of the New World. Histories, Epistemologies, and Identities in the Eighteenth-Century Atlantic World**. Stanford: Stanford University Press, 2001 .
- CANNY, Nicholas.(ed).**The Oxford history of the British Empire**. Oxford University Press, vol.I, 2001.
- CASTRO, Armando (ed.), **A Dominação Inglesa em Portugal com 3 textos do séc. XIX em antologia**, Porto, Edições Afrontamento, 1974.
- CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem: a elite política imperial. In: CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem/O teatro de sombras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTANHEIRA, Maria Z. Robert Southey, o primeiro lusófilo inglês. **Revista de Estudos Anglo-Portugueses**, Lisboa, n.05,1996.
- CASTANHEIRA, Maria Z. A literatura inglesa na imprensa periódica portuguesa do Romantismo. **Revista de Estudos Anglo – Portugueses**, Lisboa, n. 17, 2008.
- CASTANHEIRA, Maria Z. A Grã – Bretanha nos anúncios da imprensa periódica do

Romantismo português: ‘ fiéis thermômetros que marcam a mudança de costumes’. **Revista de Estudos Anglo – Portugueses**, n. 19, 2010.

CEZAR, Temístocles. O poeta e o historiador. Southey e Varnhagen e a experiência histórica no Brasil do século XIX. **História Unisinos**. vol.11, n.3, p.306-312, set.dez 2007.

CEZAR, Temístocles. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relatos de viagem. **Almanack Braziliense**, v. 11, p. 26-33, 2010.

CEZAR, Temístocles. Thevet e Léry: visão, crença e história no Brasil do século XVI. Ensaio sobre historiografia e relatos de viagem. **Ciências e Letras**. Porto Alegre, v. 37, p. 27-43, 2005.

CEZAR, Temístocles. Lição sobre a escrita da história. Historiografia e nação no Brasil do século XIX. **Diálogos** Maringá - Paraná, v. 8, p. 11-29, 2004.

CEZAR, Temístocles. Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX. **História Unisinos**, São Leopoldo - RS, v. 08, n. 10, p. 11-34, 2004.

CEZAR, Temístocles. Presentismo, memória e poesia: noções de escrita sobre a História no Brasil oitocentista. In: PESAVENTO, Sandra. (org). **Escrita, linguagem, objeto: leituras de história cultural**. Bauru: Edusc,2004.

CHAMBERS, Douglas. **The Reinvention of the World**. English Writing, 1650-1750. London: Arnold/Hodder Headline Group, 1996.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação In: **Revista do Instituto de Estudos Avançados**. São Paulo: USP, v.5, n.11, p.173-191, 1991.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**:entre práticas e representações. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1990.

CLIVE, John. **Not by fact alone** . Essays on the writing and reading of History. Nova York: Alfred Knopf, 1989.

CRAIG, David M. Subservient talents? Robert Southey as a political moralist. In: PRATT, Lynda. **Robert Southey and the contexts of English romanticism**. Nova York, Ashagte,2008, p.107.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense,1983.

CHIAPELLI, Fredo. (ed). **First Images of America**. The impact of the New World on

the Old. Berkeley: University of California Press, 1976, 2v.

COLLINI, Stefan. **English Pasts**. Essays in history and culture. Oxford: Oxford University Press, 1999.

COSTA, Lucília Verdelho da. D. João VI e as artes. **Revista Portuguesa de História**, Coimbra, t.XXXII, p.345-365, 1997-1998.

CURRY, Kenneth. **Robert Southey**. Nova York: Routledge, 1975.

DELAFORCE, Angela (coord.), **Portugal e o Reino Unido. A Aliança Revisitada**[Catálogo da exposição homónima patente na Fundação Gulbenkian entre Novembro de 1994 e Janeiro de 1995], Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

DIAS, Maria Odila da Silva. **O fardo do homem branco**: Southey, historiador do Brasil. São Paulo: CEN, 1974.

DIAS, Maria Odila da Silva. O Brasil Na Historiografia Romântica Inglesa: Robert Southey e Walter Scott. **Anais do Museu Paulista**, v. 21, p. 2-108, 1967.

DIEHL, Astor. **A cultura historiográfica brasileira** : Do IHGB aos anos 1930. Passo Fundo: Ed.UPF, 1998.

DOMINGUES, Ângela. O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.28, n.55, pp.133-152, 2008.

DOMINGUES, Angela. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. **História, Ciências, Saúde . Mangueiras**, vol. VIII (suplemento), 823-38, 2001.

DOMINGUES, Angela. Notícias do Brasil colonial: a imprensa científica e política ao serviço das elites (Portugal, Brasil e Inglaterra). In: **Vária História**, vol. 22, nº 35, Janeiro-Junho de 2006, pp. 150-174.

DOMINGUES, Angela. Marinheiros, flibusteiros e cientistas: discursos europeus sobre o Brasil no século XVIII. In: **Revista de História. Revista da Biblioteca Nacional** (Rio de Janeiro) (no prelo).

DUTRA, Francis. **A guide to the history of Brazil, 1500-1822**. Santa Bárbara: Clio, 1980.

EDMUNDO, Luiz. **A Corte de D. João VI no Rio de Janeiro: 1808-1821**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939-40 (3 vols).

ELLIOT, John H. **The Old World and the New, 1492-1650**. Cambridge: Cambridge U. Press, 1992;

FISHER, H. E. S., **De Methuen a Pombal. O Comércio Anglo-Português de 1700 a**

1770, Lisboa, Gradiva, col. “Construir o Passado”, nº 6, 1984 (The Portuguese Trade /A Study of Anglo-Portuguese Commerce 1700-1770, s. l., s. ed., 1971

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista**. Lisboa: Imprensa nacional – Casa da Moeda, 1999.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. Franca: Departamento de História, 2009. Tese de Livre Docência, p. 319.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro Colonial**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FRANÇA. Jean Marcel Carvalho. **Outras visões do Rio de Janeiro Colonial**. Antologia de Textos, 1582-1808. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Um visitante inglês na Bahia de 1800. **História**: São Paulo, n. 22, 2003.

FRANÇA JUNIOR, J. **Inglese da costa**. Teatro de França Júnior. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

FREYRE, Gilberto. **Inglese no Brasil**: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. 12.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. 2ª. Ed, Rio de Janeiro, Ed. Artenova, 1977.

FULFORD, Tim (ed). **Robert Southey: Poetical Works**. Londres: Pickering & Chatto, 2004, 5v.

FULLER, Mary. **Voyages in print**: English travel America, 1576-1624. Cambridge: Cambridge U. Press, 1995.

GARDINER, Lyon. (ed). **First Hands Accounts of Virginia**. Nova York: Scribners, 1907.

GERBI, Antonello. **O Novo Mundo**: história de uma polêmica (1750-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GOODMAN, Edward J. **The exploration of South America**. An Annotated bibliography. Nova York: Garland, 1983.

GRAHAM, Richard. **Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

GREENBLATT, Stephen. **Representing the english renaissance**. Berkeley: Califórnia University Press, 1988.

GREENE, Jack P. Reformulando a identidade inglesa na América Britânica colonial: adaptação cultural e experiência provincial na construção de identidades corporativas. In **Almanack Braziliense**, n.4, Nov.2006.

GREENE, Jack. **The intellectual construction of the America**. Exceptionalism and Identity from 1492 to 1800. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1993.

GREENE, Jack. **Pursuits of Happiness**. The social development of early modern british colonies and the formation of American culture. Chapel Hill/ NC: University of North Carolina, 1988

GREENE, Jack; MORGAN, Phillip. (ed). **Atlantic History**: a critical appraisal. Oxford: Oxford University Press, 2009.

GREENE, Jack P. By their laws shall ye know them: law and identity in Colonial British America. **Journal of Interdisciplinary History**, 33 (Autumn 2002).

GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado .Uma história da história nacional: textos de fundação. In: Ivana Stolze Lima; Laura do Carmo. (Org.). **História social da língua nacional**. 1 ed. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, v. , p. 393-413.

GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. Textos de fundação: o passado em escrita. In: **XXIV Simpósio Nacional de História**, 2007, São Leopoldo-RS. História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo : Oikos, 2007. v. 1. p. 380-380. rita da História. 1 ed. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2006, v. 1, p. 68-85.

GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. (org). **Estudos sobre a escrita da história**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2006.

HADFIELD, Andrew. **Literature, Travel and Colonial Writing in the English Renaissance, 1545-1625**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HAYDEN, John O. **The Romantic Reviewers**. 1802-1824. Chicago: University of Chicago Press, 1968.

HELGERSON, Richard. **Forms of Nationhood**: the Elisabethan writing of England. Chicago: Chicago University Press, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). **História geral da civilização brasileira**. O Brasil monárquico. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 2 ed., 2t,3v, 1967.

HOLLIS, Gavin. **The absence of America on the early modern stage**. 2008. 358f. Dissertação. (Mestrado em Literatura Inglesa). University of Michigan, 2008

HORCH, R. E. **Álbuns de viajantes que estiveram no Brasil na primeira metade do século XIX**. São Paulo: IEB/USP, 1988.

HUE, Sheila Moura. Ingleses no Brasil: relatos de viagem (1526-1608). **Anais da Biblioteca Nacional**, n.146,2006.

HULME, Peter. YOUNGS, Tim. (ed). **The Cambridge Companion to Travel Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

JANCSÓ, István; PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem Incompleta: experiência brasileira (1500-2000)**. São Paulo: SENAC, 2000, p.129-175.

JEHLEN, Myra; WARNER, Michael. (ed). **The English Literature of America**.1500-1800. New York: Routledge,1997.

KANTOR, Iris. **Esquecidos & Renascidos: Historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)**. 1. ed. São Paulo: HUCITEC/Centro Estudos Baianos, 2004.

KNAPP, Jeffrey. **An empire nowhere: England, America and literature from Utopia to the Tempest**. Berkeley: Califórnia University Press,1992.

KUPPERMAN, Karen. **America in European Consciousness, 1493-1750**. Chappel Hill/NC: University of North Carolina Press, 1995

LAHMEYER, Eulália Maria. **História do Rio de Janeiro: do capital comercial ao capital industrial e financeiro**. Rio de Janeiro: IBMEC, 2.v., 1978.

LEAO FILHO, Joaquim de Sousa. Robert Southey. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, jan/mar 1943, vol. 178, p.76

LEAO FILHO, Joaquim de Sousa. Cartas de Robert Southey à Theodore e Henry Koster. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro,jan.março 1943, vol, 178, p.88. Carta de 16 de novembro de 1819.

LE GOFF, Jacques, Documento/Monumento. In:LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. B. Leitão, 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996, p.535-553.

LE GOFF, Jacques .História In: LE GOFF, J. **Historia e Memória**. LeGOFF, Trad. B. Leitão, 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996, p.17-171.

LIMA, Manuel de Oliveira. **O Império Brasileiro**. São Paulo: Edusp/ Belo Horizonte: Itatiaia,1989

LIMA, Manuel de Oliveira. **D João VI no Brasil**.3ª. ed. Rio de Janeiro: Topbooks,1996.

LIMA, Manuel de Oliveira. **Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira**. 2ª. Ed, Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

LIMA, Manuel de Oliveira. **Aspectos da história e da cultura do Brasil**. Conferências inaugurais. Lisboa: Livraria Clássica, 1923.

LISBOA, Karen Macknow. Olhares estrangeiros sobre o Brasil no século XIX. In: MOTA, Carlos Guilherme. (dir). **Viagem incompleta: a experiência brasileira**. Formação: Histórias. São Paulo: Senac São Paulo, 1999.

MACHADO, Humberto Fernandes, NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. **O Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MADDEN, Lionel (ed). **Robert Southey: the critical heritage**. Londres, 1972

MALERBA, Jurandir. **A corte no exílio**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

MANCALL, Peter. Hakluyt's Promise. **An Elizabethan's Obsession for an English America**. Londres/New Haven: Yale University Press, 2007.

MANCHESTER, Alan. **Preeminência inglesa no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. São Paulo: Anhambi, 1957.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência brasileira**. v.2 (1794-1855). São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1977-78.

MELMAN, Billie. **The Culture of History**. English uses of the past. Oxford: Oxford University Press, 2006.

MILLER, Shannon. **Invested with meaning** : the Raleigh circle in the New World. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1998

MORAES, Rubens Borba de. **Bibliographia brasiliana**, Los Angeles : Ucla, 1983.

MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia brasileira do período colonial** : catálogo comentado nas obras dos autores nascidos no Brasil e publicadas..., São Paulo : Ieb/usp, 1969.

MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. **O Rio de Janeiro Imperial**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

MOTA, Carlos Guilherme (org.). **1822: dimensões**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PAGDEN, Anthony. The struggle for legitimacy and the image of Empire in the Atlantic to c. 1700. In: CANNY, Nicholas. (ed). **The Oxford History of the British Empire**. Oxford: Oxford University Press, vol I.

PANTALEAO, Olga. A presença inglesa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo II. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

PARKS, George Bruner. **Richard Hakluyt and the English voyages**. New York: American Geographical Society, 1930.

PEARLON, Thomas Preston. **The transition in English historical writing, 1760-1830**. New York: Columbia University Press, 1933.

PENROSE, Boies. **Travel and discovery in the renaissance, 1420-1620**. Cambridge: Harvard University Press, 1963.

PHILLIPS, Mark Salber. **Society and Sentiment: genres of historical writing in Britain, 1740-1820**. Princeton: Princeton University Press, 2000.

PORTER, Andrew. Introduction. In _____. **The Oxford History of the British Empire**. Vol. 03 : The Nineteenth Century. Oxford: Oxford University Press, 1999.

PRATT, Mary Louise. **Imperial Eyes : Travel Writing and Transculturation**. New York: Routledge, 1992.

PRATT, Lynda. **Robert Southey and the contexts of romanticism**. Londres: Ashgate, 2007.

PRATT, Lynda; and PACKER, Ian (eds.) **The Collected Letters of Robert Southey: Part 2: 1798-1803**. Romantic Circles. 2011.

PRATT, Lynda, PACKER, Ian (eds). **The Collected Letters of Robert Southey. Part 4: 1810-1815**. Romantic Circles. (In Press.) 2012.

PRATT, LYNDA, His Days Among the Dead are No Longer Passed: Editing Robert Southey. **Literature Compass**. 7(2), 72-81, 2010.

PRATT, Lynda, FULFORD, Tim .Editing Robert Southey for the twenty-first century. **European Romantic Review**. 19(2), 187-197, 2008.

PRATT, Lynda. Introduction: Robert Southey and the Contexts of English Romanticism. In: PRATT, Lynda. **Robert Southey and the Contexts of English Romanticism** .Aldershot : Ashgate, p. XVII-XXIX, 2006.

PRATT, Lynda . Family misfortunes: the posthumous editing of Robert Southey. In: PRATT, Lynda . **Robert Southey and the Contexts of English Romanticism**. Aldershot : Ashgate. 219-238, 2006.

PRATT, Lynda .Introduction.Robert Southey, writing and Romanticism .**Romanticism on the Net**, 2006.

PRATT, Lynda , DENISON, D.The Language of Southey and His Circle. In: **Culture, Style and Language in Eighteenth-Century England**, 2000, p. 401-10.

PRATT, Lynda. Revising the Romantic National Epic: Coleridge, Southey and Madoc **Romanticism**. 2(2), 1996, p.149-63.

PRESTAGE, Edgar, **A Aliança Anglo-Portuguesa**. Tradução de A. Gonçalves Rodrigues, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.

RICOUER, Paul. **História e Verdade**. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

RICUPERO, Rubens; OLIVEIRA, Luiz Valente de. (org). **A abertura de portos**, São Paulo: SENAC, 2009.

RUSSELL-WOOD, Anthony John. Sulcando os mares: um historiador do império português enfrenta a “Atlantic History”. **História**, São Paulo, Unesp, v.28, n.01, 2009.

RUSSELL-WOOD, Anthony John. An Agenda and a Bibliography for the History of Colonial Brazil”. **The Americas**, 38:3, (January 1982), p. 405-11.

RUSSELL-WOOD, Anthony John. U.S. Scholarly Contributions to the Historiography of Colonial Brazil. **Hispanic American Historical Review**, 65:4 (November 1985), p.683-723.

RUSSELL-WOOD, Anthony John. Latin American Historiography. In: CANNON, John et al. **The Blackwell Dictionary of Historians** (Oxford, 1988), p. 233-236.

RUSSELL-WOOD, Anthony John. Brazilian Archives and Recent Historiography on Colonial Brazil. **Latin American Research Review**, 36:1 (2001), p. 75-105.

RUSSELL-WOOD, Anthony John. Portuguese Atlantic World, c.1650-c.1760. In CANNY, Nicholas; MORGAN, Philip (ed). **The Oxford Handbook on the Atlantic World, c.1450-1820**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

ROCHA, Antonio Penalves. **Abolicionistas brasileiros e ingleses**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

ROWE, R.W. The Royal Society and the Empire: the colonial and Commonwealth Fellowship. **Notes of Records Royal Society**, London, 2002.

SCHAPOCHNIK, Nelson. The Rio de Janeiro British Subscription Library. In: **Caminhos do Romance no Brasil, séculos XVIII e XIX**. Campinas, 2005.

SEED, Patrícia. **Ceremonies of Possession in Europe's Conquest of the New World, 1492-1640**; Cambridge University Press, 1995

SIDERI, Sandro. **Comércio e Poder**. Colonialismo informal nas relações anglo portuguesas, Lisboa, Edições Cosmos, col. “Coordenadas”, 1978 (Trade and Power - Informal Colonialism in Anglo-Portuguese Relations, Rotterdam, Rotterdam University Press, 1970

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura e sociedade no Rio de Janeiro: 1808-1821**. 2.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

SPECK, William A. **Robert Southey. Entire Man of Letters**. New Haven: Yale University Press, 2006.

STEIN, Stanley. The historiography of Brazil, 1808-1889. **Hispanic American Historical Review**, 40: 2, maio, 1960.

VAINFAS, Ronaldo . (Org.) ; NEVES, Lucia. Bastos P. (Org.) **.Dicionário do Brasil Joanino (1808-1821)**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4.ed. Brasília: UNB, 1998.

WARTER, John Wood (ed). **Sellections from the letters of Robert Southey**. Londres: Longman, 1859, 3v.

WINKS, Robin W. (ed). **The Oxford History of the British Empire**. Oxford: Oxford University Press, 2011, 5v.

WOOLF, Daniel. **Social circulation of the past : english historical culture**. Oxford: OxfordUniversity Press, 2003.

WOOLF, Daniel. **Reading History in Early Modern England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

WOOLF, Daniel. **The idea of History in early stuart England**. Toronto: Toronto University Press, 1990.

WOOLF, Daniel. Of Nations, Nationalism, and National Identity: Reflections on the Historiographic Organization of the Past. In: WANG, Edward; FILLAFER, Franz. (ed). **The Many faces of Clio. Cross- Cultural Approaches to Historiography**. Nova York: Berghahn Books, 2006.

CORRESPONDÊNCIAS

CURTY, Kenneth. **New Letters of Robert Southey**. Nova York: Columbia University Press, 1965, 2v;

CUTCHBERT, Charles. **The life and correspondence of Robert Southey**. Londres: Longmans, 1850, 6v.

PRATT, Lynda. (ed). **The Collected Letters of Robert Southey. Part 1: 1791-1797**, 2009.

PRATT, Lynda; PACKER, Ian (eds.) **The Collected Letters of Robert Southey: Part 2: 1798-1803**. Romantic Circles. 2011.

PRATT, Lynda, PACKER, Ian (eds). **The Collected Letters of Robert Southey. Part 4: 1810-1815**. Romantic Circles. 2012.

WALTER, J. B. **Selections from de letters of Robert Southey**. Londres: Longman, 1856, 4v.

CATÁLOGOS

CATALOGUE of the valuable library of the late Robert Southey, esq., poet laureate, which will be sold by auction by order of the executors, by Messrs. S Leigh Sotheby and Co. Auctioneers of literary property and works illustrative of the fine arts.

CATALOGUE of the Spanish and Portuguese portion of the library of the late Robert Southey. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, vol. 178, pp. 91-155.

PERIÓDICOS INGLESES E ESCOCESSES

Edinburgh Review. Edinburgo, abril de 1851.

The Blackwood's Edinburgh Magazine. Edimburgo: W. Blackwood fevereiro de 1824.

The Eclectic Review. Londres: , n. 06, setembro de 1810.

The Monthly Review. Londres: Printed for R. Phillips, n. 09, dezembro de 1812.

The Quarterly Review. Londres: John Murray, vol .04, n .08, novembro de 1810

The Quarterly Review. Londres: John Murray, dezembro de 1850.

PANFLETOS PORTUGUESES

ANÔNIMO, **A Dominação Ingleza em Portugal** .O que é e de que nos tem servido a aliança de Inglaterra .Por um compatriota de Gomes Freire d'Andrade, Lisboa, Editor-João António Rodrigues Fernandes, 1883; reed .Sociedade Editora Europa, 1942, e parcialmente transcrito .CASTRO, Armando . (ed), **A Dominação Inglesa em Portugal com 3 textos do séc .XIX em antologia**, Porto, Edições Afrontamento, 1974.

S.C, F. A. **Memória histórica acerca da perfídia e traiçoeira amizade inglesa** .Porto: Tipografia Faria & Silva, 1840.

ANÔNIMO. Profecia política verificada no que está sucedendo aos portugueses pela sua cega afeição aos ingleses. CASTRO, Armando . (ed .), **A Dominação Inglesa em Portugal com 3 textos do séc .XIX em antologia**, Porto, Edições Afrontamento, 1974

